

**Instituto Politécnico de Lisboa**



**As Instituições de Ensino Superior enquanto agentes formadores para  
uma sociedade ambientalmente sustentável**

**Alessandra Ferreira Meireles**

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA COMO REQUISITO PARCIAL PARA  
OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM PUBLICIDADE E MARKETING

**Orientadora:**

Prof.<sup>a</sup> Doutora Sandra Marisa Lopes Miranda

Escola Superior de Comunicação Social – Instituto Politécnico de Lisboa

**Outubro, 2021**

**“O ser humano mal reconhece  
os demônios de sua criação.”**

(Schweitzer,s.d., citado por Carson, 2019, p.23)

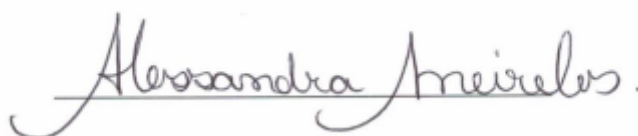
## Declaração anti plágio

Declaro que a presente dissertação, parte integrante dos requisitos obrigatórios exigidos para a obtenção do grau de Mestre em Publicidade e Marketing da Escola Superior de Comunicação Social – Instituto Politécnico de Lisboa, é de minha autoria.

Assim como, declaro que este é um trabalho original, nunca antes submetido, parcial ou integral, a uma instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou outra habilitação qualquer.

Reitero que todas as citações estão devidamente identificadas, tendo a plena consciência de que na presença de plágio o trabalho poderá ser anulado.

Lisboa, 19 de outubro de 2021

A handwritten signature in cursive script that reads "Alessandra Meireles." The signature is written in dark ink and is positioned above a horizontal line.

Alessandra Meireles

## **Agradecimentos**

Desenvolver esta dissertação foi, até então, o maior desafio enfrentado. Uma jornada longa e árdua, por isso, agradeço todas as pessoas que estiveram comigo nesta caminhada.

Agradeço em especial a professora Sandra Miranda que, para além do seu profissionalismo, foi muito mais do que uma amiga nas horas de desatino. A conclusão deste trabalho jamais teria sido possível sem ela.

A minha família, Luís Silva e Artur Costa, agradeço a compreensão e apatia nas horas de maior tensão, assim como peço desculpas pela minha ausência, e pelos anos de dieta prática.

Agradeço também a professora Ana Machado que desde o primeiro ano deste mestrado, de uma forma ou de outra, sempre muito atenciosa, contribuiu para este momento.

Agradeço ainda as minhas amigas, Cátia Valente, Géssica Carmo e Susana Costa, que colaboraram com os seus conhecimentos, tornando possível a conclusão deste objetivo.

Aos meus pais e familiares obrigada, e às minhas desculpas pelo meu distanciamento.

## Resumo

As preocupações com a sustentabilidade do Planeta vêm, nas últimas décadas, estimulando várias iniciativas com vista a diminuição da degradação ambiental. Da mais importante, a Comissão Brundtland, 1987, originou o conceito de Desenvolvimento Sustentável (DS), assente na visão de que os recursos naturais são limitados e devem ser considerados e geridos diante do crescimento económico. Diante disto, desenvolver sustentavelmente surge como um dos maiores desafios para as mais distintas organizações.

Neste sentido, e devido ao importante papel que as Instituições de Ensino Superior (IES) assumem na formação de indivíduos, os especialistas vêm apontando a responsabilidade destas na construção de um futuro ambientalmente mais sustentável. Consequentemente, têm o dever de propagar a alfabetização ambiental.

Assim, com a presente investigação procurou-se contribuir para um maior conhecimento sobre como as IES têm vindo a cumprir com os seus papéis na construção de comportamentos ambientalmente mais sustentáveis, procurando compreender, junto de duas IES (a Universidade Nova de Lisboa -UNL e a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG no Brasil), como as metodologias ministradas na área da Sustentabilidade Ambiental (SA) são percebidas e assimiladas pelos alunos e, em que medida, estas instituições estão orientadas com a Agenda 2030.

Para tal, recorreu-se a uma metodologia mista, operacionalizada pela aplicação de um inquérito por questionário a 271 estudantes e ex-alunos e 2 entrevistas a profissionais especialistas da área da SA, das duas IES. Os resultados postos em evidência para além de esclarecerem as estratégias que estas IES têm adotado para cumprir com os seus deveres nesta temática, alertam para a necessidade de formação do corpo docente no contexto da SA, bem como, para a necessidade de aproximar a grelha curricular dos ODS.

**Palavras-Chave:** Sustentabilidade Ambiental; Ensino Superior; Desenvolvimento Sustentável; Geração Z; Triple Bottom Line.

## Abstract

The concerns with the planet's sustainability have, in the last decades, stimulated several initiatives aiming at reducing environmental degradation. The most important one, the Brundtland Commission, 1987, originated the concept of Sustainable Development (SD), sustained by the view that natural resources are limited and must be considered and managed before economic growth. In view of this, sustainable development emerges as one of the greatest challenges for the most distinct organizations.

In this sense, and due to the important role that Higher Education Institutions (HEI) assume in the formation of individuals, experts have been pointing out their responsibility in building a more environmentally sustainable future. Consequently, they have the duty to propagate environmental literacy.

The aim of this research is to contribute to a greater knowledge about how HEI have been fulfilling their roles in the construction of more environmentally sustainable behaviors, seeking to understand, with two HEI (Universidade Nova de Lisboa - UNL in Portugal and Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG in Brazil), how the methodologies taught in the area of SA are perceived and assimilated by students and, to what extent, these institutions are oriented with the 2030 Agenda.

A mixed methodology was used, operationalized by the application of a questionnaire to 271 students and *alumni* of these HEI. The results show the strategies that these HEI have adopted to fulfill their duties in this theme, alert to the need for faculty training in the context of SA, as well as, to the need to bring the curriculum grid closer to the SDG.

**Key words:** Environmental Sustainability; Higher Education; Sustainable Development; Generation Z; Triple Bottom Line.

## ÍNDICE

<b>DECLARAÇÃO ANTI PLÁGIO</b> .....	<b>II</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>III</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>IV</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>V</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	<b>3</b>
<b>1.1. SUSTENTABILIDADE - DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: EVOLUÇÃO DOS CONCEITOS</b> .....	<b>3</b>
<b>1.2. PRINCÍPIOS DO TRIPLE BOTTOM LINE</b> .....	<b>6</b>
1.2.1. Dimensão Ambiental .....	7
1.2.2. Dimensão Económica .....	8
1.2.3. Dimensão Social .....	8
<b>1.3. MARKETING E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL</b> .....	<b>9</b>
<b>1.4. A CONSCIÊNCIA E ATITUDE AMBIENTAL</b> .....	<b>11</b>
<b>1.5. O COMPORTAMENTO AMBIENTALMENTE RESPONSÁVEL, O CONSUMO CONSCIENTE</b> .....	<b>13</b>
<b>1.6. O IMPACTO DA SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL NOS COMPORTAMENTOS DE COMPRA</b> .....	<b>15</b>
<b>1.7. A SUSTENTABILIDADE NA ÓTICA DO CONSUMIDOR Z</b> .....	<b>20</b>
<b>1.8. A INCLUSÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NA PROBLEMÁTICA SOCIOAMBIENTAL: O ÂMBITO INTERNACIONAL</b> .....	<b>22</b>
1.8.1. A inclusão das IES na problemática socioambiental: Brasil .....	23
1.8.2. A inclusão das IES na problemática socioambiental: Portugal .....	25
<b>1.9. O PAPEL DAS IES NA FORMAÇÃO DE CIDADÃOS SENSÍVEIS À SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL</b> .....	<b>26</b>
<b>1.10. O IMPACTO DAS AÇÕES SUSTENTÁVEIS DAS IES NO COMPORTAMENTO AMBIENTALMENTE RESPONSÁVEL DOS DISCENTES</b> .....	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO II – MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO</b> .....	<b>33</b>
<b>2.1. OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO</b> .....	<b>33</b>
<b>2.2. APRESENTAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG) E UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (UNL)</b> .....	<b>34</b>
2.2.1. A Universidade Federal de Minas Gerais .....	34
2.2.2. A Universidade Nova de Lisboa.....	37
<b>2.3. MÉTODOS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS</b> .....	<b>39</b>
2.3.1. Entrevistas semiestruturadas.....	41
2.3.2. Inquérito por questionário.....	42
2.3.3. Estrutura e construção do Questionário .....	43
<b>2.4. PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NA RECOLHA E NA ANÁLISE DE DADOS</b> .....	<b>45</b>
2.4.1 Entrevistas Semiestruturadas .....	45
2.4.2 Inquérito por Questionário.....	46
<b>2.5. AMOSTRA: CARACTERIZAÇÃO</b> .....	<b>48</b>

2.5.1 Entrevistas Semiestruturadas .....	48
3.5.2 Inquérito por questionário.....	48
<b>CAPÍTULO III – RESULTADOS: INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>54</b>
<b>3.1. CONSISTÊNCIA INTERNA DAS ESCALAS.....</b>	<b>54</b>
<b>3.2. AS IES E A EDUCAÇÃO PARA AS CAUSAS AMBIENTAIS .....</b>	<b>54</b>
<b>3.3. FAMILIARIZAÇÃO COM OS CONCEITOS: .....</b>	<b>55</b>
3.3.1. Sustentabilidade Ambiental .....	55
3.3.3. Comportamento Ambientalmente Responsável .....	56
3.3.4. Conhecimento da Agenda 2030.....	57
<b>3.4. ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS COM AS INICIATIVAS DE CARÁTER AMBIENTAL DAS IES:.....</b>	<b>57</b>
3.4.1. Tem conhecimento das iniciativas ambientalmente responsáveis que a sua IE promove? 57	
3.4.2. Costuma participar nas iniciativas ambientalmente responsáveis que a sua Instituição de Ensino promove? .....	58
3.4.3. Considera que as iniciativas ambientalmente responsáveis, adotadas na IES que frequenta, têm alguma importância para o comportamento pró-ambiental dos alunos/sociedade? 59	
3.4.4. No curso que frequenta existe alguma unidade curricular/ disciplina voltada para a problemática ambiental? .....	60
3.4.5. Gostaria que a sua IE desenvolvesse, mais, iniciativas ambientalmente responsáveis? ..	61
<b>3.5. ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS COM AS INICIATIVAS DE CARÁTER AMBIENTAL DAS IES .....</b>	<b>62</b>
<b>3.6. COMO DEVE SER A RELAÇÃO DAS IES COM A SA NA ÓTICA DO DISCENTE (SA_IES_DISCENTES).....</b>	<b>63</b>
<b>3.7. COMO OS ALUNOS CONSIDERAM SER A RELAÇÃO DAS IES COM A SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL (PRÁTICAS DE SA NAS IES) .....</b>	<b>64</b>
<b>3.8. ENSINO DA SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL NAS IES NA ÓTICA DOS DISCENTES (ENSINO_SA_IES_DISCENTES) .....</b>	<b>66</b>
<b>3.9. COMPORTAMENTO INDIVIDUAL FACE À SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL (COMPORTAMENTO_INDIVIDUAL_SA) .....</b>	<b>67</b>
<b>3.10. ANÁLISE DA VARIÂNCIA .....</b>	<b>69</b>
3.10.1. Envolvimento dos alunos com as iniciativas de carácter ambiental das IES ("Capacitação_empenho_docente_SA") .....	69
3.10.2. Como deve ser a relação das IES com a SA na ótica do discente (SA_IES_Discentes)	70
3.10.3. Como os alunos consideram ser a relação das IES com a sustentabilidade ambiental (Práticas de SA nas IES).....	71
3.10.4. Ensino da sustentabilidade ambiental nas IES na ótica dos discentes (Ensino_SA_IES_discentes).....	71

3.10.5. Comportamento individual face à sustentabilidade ambiental (Comportamento_individual_SA) .....	72
<b>CAPÍTULO IV- RESULTADOS: ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS .....</b>	<b>74</b>
<b>4.1. SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL .....</b>	<b>74</b>
4.1.1. Familiarização com os conceitos .....	75
4.1.2. Dimensões do DS no contexto das IES .....	75
4.1.3. O DS e a localização geográfica da Instituição de Ensino (IE).....	76
4.1.4. O DS e a natureza jurídica da IE .....	77
<b>4.2. GOVERNAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR .....</b>	<b>77</b>
4.2.1. Definir obrigações das IES .....	78
4.2.2. A identidade corporativa e a sua implementação .....	78
4.2.3. Relevância da governação da IES na promoção de práticas de DS.....	80
4.2.4. Cumprimento da Declaração de Talloires, 1990 .....	80
4.2.5. Estratégia da IE no âmbito dos ODS .....	81
<b>4.3. DESAFIOS ESTRATÉGICOS E OPERACIONAIS DA IE .....</b>	<b>81</b>
4.3.1. Tendências do ES .....	82
4.3.2. Relacionar as políticas da tutela no contexto dos ODS .....	83
4.3.3. A contribuição do ES para a minimização dos problemas socioambientais .....	84
<b>4.4. PRÁTICAS DE SA E DS NA IES.....</b>	<b>84</b>
4.4.1. Efeitos das práticas de SA na IES.....	85
4.4.2. Iniciativas de SA e de DS promovidas pela IE.....	86
4.4.3. Vantagens internas e externas na adoção de práticas de SA e DS.....	89
<b>CAPÍTULO V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>90</b>
<b>CAPÍTULO VI – CONCLUSÕES GERAIS.....</b>	<b>98</b>
<b>CAPÍTULO VII – BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>115</b>
<b>ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO COMPLETO .....</b>	<b>115</b>
<b>ANEXO 2 – GUIÃO DE ENTREVISTAS .....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXO 3 - PREPARAÇÃO E PLANIFICAÇÃO DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXO 4 - PRIMEIRO CONTACTO PARA PEDIDO DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>127</b>
<b>ANEXO 5 - PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO INFORMADO - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....</b>	<b>128</b>
<b>ANEXO 6 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>129</b>
Anexo 6a – Transcrição das entrevistas Ana Marques .....	129
Anexo 6b - Transcrição da entrevista João Loureiro Rodrigues. ....	137
<b>ANEXO 8 - PERFIL DE ALUNO DA UNL NA REDE SOCIAL INSTAGRAM .....</b>	<b>149</b>
.....	150
<b>ANEXOS - TABELAS COM RESULTADOS DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>150</b>

<b>TABELA 8 – DISTRIBUIÇÃO POR CURSOS.....</b>	<b>151</b>
<b>TABELA 46 – SA_IES_DISCENTES.....</b>	<b>152</b>
<b>TABELA 36 – NOMES DAS UC/DISCIPLINA.....</b>	<b>153</b>
<b>TABELA 37 – OPÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NAS UC/DISCIPLINA DE ÂMBITO AMBIENTAL .....</b>	<b>154</b>
<b>TABELA 38 – FOCO DAS UC/DISCIPLINA.....</b>	<b>155</b>
<b>TABELA 39 – DISTRIBUIÇÃO DE UC/DISCIPLINA POR IE.....</b>	<b>156</b>
<b>TABELA 48 – PRÁTICAS DE SA NAS IES.....</b>	<b>157</b>
<b>TABELA 50 – ENSINO_SA_IES_DISCENTES .....</b>	<b>157</b>
<b>TABELA 52 – COMPORTAMENTO_INDIVIDUAL_SA.....</b>	<b>158</b>
<b>TABELA 54 – MOTIVAÇÕES PESSOAIS POR IE.....</b>	<b>159</b>
<b>TABELA 73 – PRÁTICAS ELECADAS.....</b>	<b>160</b>

## Introdução

Os desequilíbrios ambientais que inquietam a sociedade moderna requerem transformações no sistema social, tanto a nível do Estado, como do meio empresarial e sociedade civil. Tais modificações, focadas nas carências do homem e seu compromisso diante do meio ambiente, passam por reformas comportamentais de modo a garantir a continuidade da vida na Terra. O foco é satisfazer a presente geração sem pôr em causa as necessidades das gerações futuras (Mantilla-Falcón et al., 2020; Royer & Petik, 2019).

Neste sentido, desenvolver sustentavelmente surge como um dos maiores desafios para as mais distintas organizações. Requer o aprendizado e a implementação de novas estratégias que permitam o crescimento económico, em paralelo com a preservação dos recursos naturais. É neste contexto que considerando o papel influenciador das Instituições de Ensino Superior (IES), e a importância que estas têm na formação de futuros líderes, os especialistas vêm apontando, constantemente, as responsabilidades que estas organizações têm na edificação de um futuro ambientalmente mais sustentável.

Dessa forma, a partir de 1990 as universidades começaram por assumir, em diversos tratados internacionais e nacionais, as responsabilidades que têm diante das questões socioambientais, nomeadamente, na Declaração de Talloires, 1990, na qual participaram mais de 500 líderes universitários. Em Portugal, apenas a Universidade Nova de Lisboa (UNL) subscreveu este documento, que é também assinado por 52 universidades brasileiras, incluindo a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ademais, os próprios países decretaram leis com vista a implementação da educação ambiental no ensino académico.

No entanto, a crítica defende que para que estas instituições possam cumprir com os compromissos assumidos e contribuir para um futuro mais sustentável é, primeiramente, necessário implementar mudanças no meio académico, tanto na formação dos docentes, quanto na adaptação dos currículos e práticas adotadas de modo a formar cidadãos sensíveis às questões socioambientais (Bottega et al., 2020; Mesquita et al., 2020; Royer & Petik, 2019).

É com base no exposto que surgiu a seguinte questão que deu início a esta investigação: **“Como as Instituições de Ensino Superior têm cumprido com os seus papéis na edificação de comportamentos ambientalmente sustentáveis?”**

Assim, os objetivos gerais desta pesquisa passam por identificar as ações que as IES têm praticado de modo a trabalhar a consciencialização das comunidades, internas e externas, e fomentar

um comportamento mais sustentável, nesta sociedade de consumo descontrolado e em constante crescimento, identificar como os alunos percebem e assimilam as ações e os conteúdos de Sustentabilidade Ambiental (SA) ministradas nas IES, e, ainda, compreender em que medida, estas organizações estão orientadas com a Agenda 2030.

Para atingir estes objetivos e responder à pergunta em aberto, adotou-se como estudo de caso a UNL e a UFMG. Sendo que a escolha destas instituições se baseou, primeiramente, no facto de serem ambas signatárias da Declaração de Talloires, 1990, e segundo, por terem ocupado a mesma posição no ranking da Times Higher Education, em 2020.

Posto isto, para levar a cabo esta investigação, optou-se por utilizar uma metodologia mista, agrupando assim, as vantagens do método qualitativo às do método quantitativo. Neste sentido, foram realizadas entrevistas semiestruturadas a dois especialistas na temática da sustentabilidade e assuntos educacionais, sendo um da UNL e outro da UFMG, e um inquérito por questionário online, aplicado a uma amostra não probabilística por conveniência (N=271), composta apenas por alunos, e ex-alunos, das IES mencionadas.

Esta dissertação encontra-se dividida em 7 capítulos, sendo que ao longo de 6 deles, foi possível analisar a temática em estudo a partir de diversos pontos de vista. No primeiro capítulo efetuou-se a exploração da literatura científica acerca da temática, procurando desenvolver o enquadramento teórico, analisando os vários conceitos e os efeitos da sustentabilidade nos comportamentos de compra, interpretando a sustentabilidade na ótica do consumidor Z, bem como a inclusão e o papel das IES na problemática em estudo. Ainda com suporte na literatura especializada, o segundo capítulo destaca o tipo do estudo, a metodologia utilizada, os instrumentos adotados para recolha dos dados, os processos aplicados na recolha e análise dos dados, e encerra com a caracterização das amostras. Os dois capítulos seguintes, terceiro e quarto, são constituídos pela análise e a apresentação dos resultados alcançados através das entrevistas e do questionário. No quinto capítulo são discutidos os resultados, confrontando então os testemunhos dos entrevistados com os dados do questionário, com suporte à literatura científica explorada no enquadramento teórico. No sexto capítulo, é apresentada as principais conclusões desta investigação, respondendo, assim, à questão e aos objetivos definidos, identificando as implicações do estudo para a área, as limitações do trabalho, bem como sugestões para pesquisas futuras. Por fim, o sétimo capítulo é composto pela bibliografia utilizada.

# Capítulo I – Enquadramento teórico

## 1.1. Sustentabilidade - Desenvolvimento Sustentável: evolução dos conceitos

As preocupações ambientais, nomeadamente com a preservação das florestas, estiveram presentes nas agendas governamentais para além da nossa sociedade. Foram também temáticas marcantes das sociedades pré-modernas, muito antes do início da Revolução Industrial. Segundo Costa et al. (2017), a origem do termo sustentabilidade se encontra na essência de "Nachhaltigkeit" do jurista Hans Carlowitz, em 1713. Sublinham, que o alemão Carlowitz, inquieto com o uso intensivo da floresta adotou a teoria referente a utilização adequada desta, pois a mata era, naquela época, a origem fundamental da energia.

Contudo, as revoluções industriais e tecnológicas que marcaram os últimos séculos suscitaram novas formas de produzir e consumir. O aumento da população trouxe o anseio da riqueza influenciando a produção e o consumo em massa. Por consequente, para satisfazer as demandas da modernidade os recursos naturais passaram a ser utilizados de forma excessiva (Sousa & Abdala, 2020).

Sobretudo, a partir do século XVIII, o capitalismo deu origem às práticas de produções voltadas para a abundância e multiplicidade de mercadorias destinadas ao consumo individual, valorizando-se o consumo fútil como benéfico. Resultante do sistema capitalista surgiu o subproduto do consumo, o lixo, que, ao não ser tratado corretamente, tornou-se no responsável pela poluição ambiental, representando perigo para a saúde pública. Adicionalmente, a humanidade começou a enfrentar outros problemas ambientais, desde o enfraquecimento do solo, as desigualdades sociais, alterações climáticas, escassez da água, perda da biodiversidade, entre outros. Tais fatores suscitaram, a partir dos anos 60, as preocupações e alertas dos especialistas para os danos ambientais (Andriato & Castilho, 2020; Pozzetti & Caldas, 2019; Sousa & Abdala, 2020).

Em 1968, foi criado o Clube de Roma para debater as temáticas relacionadas ao meio ambiente, economia e política. Porém, somente em 1972 surgiu, por meio deste clube, o relatório “Os Limites do Crescimento”. Neste relatório, concluiu-se que os limites de crescimento seriam atingidos em 100 anos, se os métodos de produção continuassem no mesmo ritmo que seguia na altura do estudo (Oliveira et al., 2012).

Em 1972 adotou-se o conceito “Ecodesenvolvimento” pelo francês Maurice Strong e lançado oficialmente em 1973 por Strong como uma estratégia optativa para o desenvolvimento. Nos princípios desse conceito estaria um modelo de desenvolvimento baseado nas soluções inerentes às dificuldades de cada região. Procurava atender as necessidades do presente e do futuro considerando

os vínculos ambientais e culturais. Tal modelo seria, essencialmente, ajustado às zonas rurais do terceiro mundo (Oliveira et al., 2012; Sousa & Abdala, 2020).

Desde então, surgiram outras iniciativas ambientais por meio de intelectuais e da Organização das Nações Unidas (ONU), como a conferência de 1972 em Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano, que resultou em 26 princípios com foco na proteção do meio ambiente. Assim como, a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) e o Programa de Meio Ambiente (UNEP), que deram origem à Declaração de Cocoyok, em 1973 (Massuga et al., 2019; Oliveira et al., 2012).

Nos anos 80 novos temas como as políticas de segregação racial do Apartheid e o Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH) deram origem a organização da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), da ONU, em 1987. Sob direção de Gro Harlem Brundtland, ex-primeira-ministra da Noruega, a CMMAD adotou o conceito de Sustentabilidade para referir a necessidade de melhorar o bem-estar da humanidade sem danificar o meio ambiente (Massuga et al., 2019).

Mais especificamente, esta comissão recorreu à expressão de sustentabilidade para referir que:

A humanidade tem a capacidade de tornar o desenvolvimento sustentável para assegurar que este satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades. [Salientando que] o desenvolvimento sustentável requer satisfazer as necessidades básicas de todos e alargar a todos a oportunidade de satisfazer as suas aspirações de uma vida melhor (Brundtland, 1987, seção “3. Sustainable Development”, par. 1).

Voltado para a conjuntura da política na intervenção das questões ambientais, o termo sustentabilidade foi aprovado e adotado como prioridade pela maioria dos países presentes na Comissão Brundtland (Costa et al., 2013; Massuga et al., 2019; Oliveira et al., 2012). No entanto, falar de sustentabilidade é, numa primeira instância, falar de algo que tenha a particularidade do que é sustentável, ou seja, é a capacidade que um sistema tem de sustentar-se (Oliveira et al., 2018).

Santos et al. (2020) acreditam que a definição de sustentabilidade vai para além da responsabilidade coletiva dos países. Para estes autores o conceito envolve também as responsabilidades individuais de cada membro da sociedade diante da problemática ambiental. Por sua vez, Massuga et al. (2019) definem a sustentabilidade como a competência que a humanidade tem para sobreviver em sociedade, incluindo as estratégias organizacionais de modo a assegurar que as necessidades das gerações, presentes e futuras, sejam atendidas. Por outro lado, para Bataglin e

Ferreira (2020), este conceito está direcionado para as consequências das atividades do homem no meio ambiente.

No entanto, a noção de sustentabilidade propõe medidas preventivas e fornece uma ideia clara das diversidades, dificuldades e da particularidade das condições do tempo e do espaço a que se refere. Requer comportamentos e objetivos que englobam o curto, o médio e o longo prazo e não apenas ganhos imediatos. É um objetivo final a ser pretendido. No que lhe diz respeito, o Desenvolvimento Sustentável (DS) evidencia uma metodologia, ou orientação, com vista ao futuro, na direção do objetivo, de modo a não descuidar do presente. Deste modo, o DS aparece como um processo contínuo e a sustentabilidade como um fim (Morioka & Carvalho, 2016; Sousa & Abdala, 2020).

Ao produzir e divulgar o Relatório Brundtland, a ONU teria como propósito tornar o termo sustentabilidade num guião orientador que possibilitasse o desenvolvimento das nações em consonância com a proteção ambiental. E, para melhor consolidação do conceito, foi organizada a Agenda XXI, a ECO-92, Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento em 1992. Nesta conferência estabeleceu-se a noção de DS como sendo a obrigação de todos os países garantir a sustentabilidade do seu crescimento (Costa et al., 2017).

Deste modo, desenvolver sustentavelmente é crescer assente no lucro, financeiro ou não, estima para com a natureza e comprometimento comunitário (Aloise, 2017). Mais sucintamente, é planejar o desenvolvimento considerando a possibilidade de os recursos naturais acabarem. Pelo que, a sustentabilidade do desenvolvimento surge nos atributos deste e não na quantidade que é produzida, dá destaque a necessidade de redução do uso da matéria-prima, bem como da produção, aumento da reutilização e métodos de reciclagem, controlo da emissão de agentes poluidores, manutenção e preservação da biodiversidade, conservação da fauna e da flora e da saúde humana (Jugend & Figueiredo, 2017; Pozzetti & Caldas, 2019).

Conforme Toledo e Santiago (2019), para conquistar o DS os países precisam adotar medidas, duráveis e constantes, que incluam a sociedade. Medidas estas que devem ser inovadoras, proporcionar um ambiente cuidado baseado na ética e eficiência de modo a assegurar o direito ao bem-estar. Salientam ainda que, é necessário criar possibilidades para superar a pobreza através de um crescimento económico aliado aos cuidados dos recursos naturais de modo a proporcionar mais sustentabilidade às situações de vida no Planeta. Dentro desse quadro, em 2015, a ONU e os líderes mundiais discutiram novas medidas de promoção à sustentabilidade e à eliminação da pobreza, o que resultou no Relatório Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, com um conjunto de 169 metas e 17 objetivos que os países devem cumprir até 2030 (Massuga et al., 2019).

Como revela a literatura, as expressões sustentabilidade e desenvolvimento sustentável estão presentes nas mais diversas áreas do conhecimento científico. Aplicadas às mais diversas temáticas da sociedade são uns dos assuntos mais debatidos e discutidos da atualidade (Oliveira et al., 2018). Fator possível, desde que o conceito passou a englobar, com a adoção do termo *Triple Bottom Line*, o que será tratado no próximo tópico, os três eixos da sustentabilidade que possibilitam às empresas aplicar o conceito nos seus mais distintos processos sociais de forma a obter vantagem competitiva (Morioka & Carvalho, 2016).

## 1.2. Princípios do Triple Bottom Line

Embora o termo Desenvolvimento Sustentável (DS) tenha obtido aprovação de quase todos os países presentes na conferência da ONU, foi alvo de críticas por parte de alguns intelectuais que o consideraram impreciso, pouco claro para as empresas. Para outros, estaria focado apenas no meio ambiental, sem mencionar a vertente social da sustentabilidade (Aloise, 2017; Oliveira et al., 2012).

Deste modo, com o objetivo de o tornar mais atrativo para o meio empresarial, surgiu o modelo *Triple-Bottom Line* (TBL), num estudo levado a cabo por John Elkington, em 1994, como uma matriz de sustentabilidade para ajudar as empresas avaliarem os seus impactos sociais, ambientais e económicos, uma vez que todas as suas dinâmicas, direta ou indiretamente, causam danos no meio ambiente (Elkington, 2018). Assim, nesta abordagem as organizações, para além de visar o lucro, devem comprometer-se com as preocupações da sociedade e os problemas ambientais (Bataglin & Ferreira, 2020; Kouaib et al., 2020).

Desde então que o conceito de sustentabilidade, com a interpretação de DS, se disseminou no campo empresarial (Oliveira et al., 2012). Podendo ser aplicado nos mais diversos segmentos de uma organização, sempre com foco em ações sustentáveis (Loviscek, 2021). Além disso, seguir a lógica da teoria de John Elkington pode resultar em benefícios económicos para a empresa através da redução de custos, obtenção de vantagens competitivas e aumento da própria sustentabilidade (Bataglin & Ferreira, 2020). Por outro lado, investir no meio ambiente e na sociedade pode favorecer a reputação da organização e levar que os *stakeholders* construam relações a longo prazo com esta (Walker et al., 2020).

Ainda assim, vale salientar que, recentemente, John Elkington avaliou o êxito, mas também o fracasso da sua teoria. Acredita que o capitalismo não conseguiu conciliar os três pilares da matriz de acordo com o principal objetivo desta. Ressalta, que o modelo foi disperso se tornando num instrumento de contabilidade empresarial e partes interessadas, quando foi concebido para induzir a uma reflexão mais profunda sobre o capitalismo e seu impacto no meio social e ambiental (Elkington, 2018).

Diante dos desafios da atualidade, Elkington reconhece a necessidade de uma interpretação TBL como padrão de sustentabilidade no meio empresarial e não apenas para um nicho. No entanto, se mostra esperançoso, uma vez que muitas empresas têm vindo a conquistar o certificado “*B Corporation*”, dedicadas a “ser não apenas a melhor do mundo, mas ser melhor para o mundo” (Elkington, 2018, p. 4). Com esta visão, as empresas vêm, aos poucos, adotando o conceito TBL, o que este autor acredita em não ser satisfatório. Refere que se faltar ritmo e escalas adequadas, nenhum modelo de sustentabilidade será suficiente para alcançar os objetivos da Agenda 2030 (Elkington, 2018).

Conforme expõe a literatura, a teoria TBL, desde a sua criação, não perdeu importância, permanece relevante e apresenta forte aliança nos empenhos com vista ao DS no meio empresarial. No entanto, o seu fracasso foi assinalado por Loviscek (2021) como sendo o hábito de a maioria das empresas usar apenas dois dos seus pilares e não os três em simultâneo. O que corrobora com Oliveira et al. (2012) que defendem que os três eixos desta teoria estão de tal modo relacionados que ao adotar dois deles obtém-se o viável, justo e visível, e a aplicação dos três alcançaria a sustentabilidade.

No entanto, para compreender as dimensões deste modelo, na ótica de Costa et al. (2013), é necessário a consciência da humanidade. Propõem que é preciso aprender a socializar, proteger a natureza, aprender economia - como ganhar e gastar o dinheiro -, a consumir e é preciso também aprender a cuidar dos animais. Contudo, segundo Oliveira et al. (2016), o equilíbrio entre as três dimensões da teoria TBL e a sua natureza multidimensional revelam a falta de precisão do conceito, impossibilitando até ao momento, a sua correta definição. Posto isto, para melhor compreensão desta teoria, procede-se uma breve análise das suas dimensões.

### **1.2.1. Dimensão Ambiental**

Referente à dimensão Planeta, ou Ambiental, da sustentabilidade, o foco é investigar a relação de práticas com o meio ambiente de modo a evitar ou amenizar os impactos negativos. Requer a adoção de práticas sustentáveis no dia-a-dia (Lima et al., 2018; Oliveira et al., 2012; Santos et al., 2020).

O desenvolvimento assente nos princípios desta dimensão considera os seguintes requisitos:

Produzir respeitando os ciclos ecológicos dos ecossistemas; Prudência no uso de recursos naturais não renováveis; Prioridade à produção de biomassa e à industrialização de insumos naturais renováveis; Redução do consumo de energia e aumento da sua conservação; Tecnologias e processos produtivos de baixo índice de resíduos; Melhoria da qualidade do Meio

Ambiente e preservação das fontes de recursos energéticos e naturais para as próximas Gerações. (Sousa & Abdala 2020, p. 151).

Conforme Costa et al. (2017), a dimensão ambiental refere a capacidade que o Planeta tem em suportar as diferentes gerações. Lembram que esta capacidade carece de uma eficaz harmonização do avanço do uso dos recursos naturais com a competência do meio ambiente em renová-los e reciclar seus resíduos. Mais concretamente, esta dimensão preocupa-se com o uso dos recursos naturais, renováveis ou não, e o consumo da energia, bem como, com a emissão dos gases com efeito de estufa e a poluição atmosférica (Oliveira et al., 2016; Smith et al., 2020).

### **1.2.2. Dimensão Económica**

Relativamente à vertente económica da sustentabilidade sob a teoria TBL o objetivo principal visa a obtenção de lucro, uma vez que é o lucro a fonte da sustentabilidade de qualquer empresa (Bataglin & Ferreira, 2020). Esta dimensão, trata da movimentação de todos os investimentos financeiros, públicos ou privados, e da gestão eficiente dos recursos, despesas ambientais ou despesas internas, de modo a obter maior produção, maior riqueza social sem depender tanto do meio externo (Sousa & Abdala 2020).

Ou ainda, a sustentabilidade económica refere aos impactos económicos das atividades da empresa, tanto no valor dos produtos ou serviços ponderados face aos investimentos públicos ou privados, quanto da distribuição dos custos e benefícios por toda a comunidade onde se encontra inserida (Smith et al., 2020).

Mais concretamente, a economia da sustentabilidade tem como propósito criar iniciativas viáveis e atrativas para os investidores (Oliveira et al., 2012). Ou seja, trata da eficiência económica de um sistema, para que este possa obter maior ganho e desembolsar financeiramente o mínimo possível. No entanto, segundo Bataglin e Ferreira (2020), esta dimensão é considerada a mais polémica do modelo TBL, quando analisada à luz do meio ambiente. Para estes autores, o crescimento económico normalmente direciona ao desgaste, fim, dos recursos e leva à destruição de partes do meio ambiente, logo, conforme sublinham, não há margem para o crescimento economicamente sustentável.

### **1.2.3. Dimensão Social**

Na Comissão Brundtland, ao propor estratégias de equilíbrio entre o bem-estar humano e a preservação do meio ambiente,

nasce, a noção da dimensão (...) social da sustentabilidade, que passa a compreender que a pobreza está relacionada aos impactos ambientais e, devido a isso, a sustentabilidade deve envolver questões de equidade social e qualidade de vida para as atuais e futuras gerações. (Massuga et al., 2019, p. 201).

Pelo que, esta dimensão, mais que um processo de adoção de liberdades concretas, é uma extensão de competências balizadas na ética, onde a importância da responsabilidade individual e coletiva se faz necessária para orientar o mundo globalizado (Costa et al., 2017). Este pilar aborda os recursos promotores da equidade na partilha de bens e rendimentos, a fim de melhorar os direitos e as condições de vida das pessoas (Bataglin & Ferreira, 2020; Massuga et al., 2019). Basicamente, refere-se a competência de uma nação para atender as necessidades da sua população (Smith et al., 2020).

Deste modo, a sustentabilidade social demanda a promoção de ações e critérios que visem assegurar o bem-estar da comunidade em comum. O que implica, criar trabalho com retorno salarial justo, produzir bens e serviços, como melhorias na saúde pública e na educação, focados nas necessidades principais da comunidade e a atenuação das discrepâncias sociais, onde a organização/empresa se encontra inserida (Santos et al., 2020).

Contudo, para além dos pilares citados, Oliveira et al. (2012) mencionam a dimensão cultural como sendo o eixo mais recente agrupado a esta teoria. No entanto, salientam que as organizações ainda não adotaram esta dimensão como um método de análise da sustentabilidade. Costa et al. (2017) acreditam que outras dimensões podem ser agrupadas ao conceito, uma vez que novas questões pertinentes podem surgir na sociedade. O que corrobora com o próprio criador da teoria TBL, Elkington, que em 2018 enfatizou a necessidade de reformas no modelo de forma a atender outras questões socioambientais.

No presente ponto adotou-se uma análise da teoria TBL no contexto organizacional. No passo seguinte tentar-se-á averiguar como o marketing, enquanto elo entre as partes envolvidas no processo de produção e consumo, inseriu a temática da SA nas suas estratégias.

### **1.3. Marketing e Sustentabilidade Ambiental**

O marketing que se dedica à gestão do produto, cliente e marca, foi, nos primórdios, explicado pelos 4 Ps de McCarthy: desenvolvimento do Produto, determinação do Preço, realização da Promoção e definição do Ponto de distribuição. No entanto, com o impulso das tecnologias surgiram a globalização e o empoderamento do consumidor, levando a que fosse agrupado a este novos Ps: Pessoas, Processo, Provas físicas, Opinião Pública e Poder Político (Kotler & Kartajaya, 2010). Além

disso, na conjuntura das crises e preocupações ambientais surge o marketing sustentável (Lima et al., 2018), basicamente, como resposta à necessidade de o marketing tradicional contribuir para com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) (Bergel et al., 2015).

Conforme Loiola et al. (2021) a evolução do marketing em torno das questões ambientais pode ser resumida em três estágios: no primeiro surgiu o marketing ecológico, nos anos 60 e 70, com foco apenas na dependência dos consumidores diante dos produtos considerados prejudiciais ao meio ambiente; o marketing ambiental que aparece na segunda metade da década de 80, com uma visão mais ampla, cujo foco principal foi reduzir os impactos negativos no meio ambiente e obter vantagens competitivas; o contemporâneo, o marketing sustentável. Este que é designado também como: eco marketing, marketing ecológico, marketing verde ou marketing ambiental, apresenta uma visão mais completa, objetivando o levantamento de todos os custos ambientais da produção e do consumo, na busca do alcance de uma economia e uma sociedade ambientalmente mais sustentável.

O marketing sustentável distingue do tradicional pela forma que se dirige ao consumidor preocupado com o impacto das suas condutas na saúde e no meio ambiente, e, consciente disso, procura melhor qualidade de vida. É, basicamente, uma estratégia do marketing tradicional que busca responder às eminentes necessidades de planejamento e práticas de ações das organizações que se preocupam com a problemática socioambiental, ou que trabalhem produtos verdes (Bergel et al., 2015; Kraus et al. 2018).

Corroborando, Neto et al. (2020) caracterizam esta vertente do marketing como aquela que, se devidamente implementada, aborda as questões socioambientais sendo benéfico para os consumidores, o ambiente e as organizações. “Assim, (...) [o marketing sustentável é] a aplicação das diversas ferramentas de marketing que visam abordar de modo eficiente as necessidades dos clientes, satisfazendo metas individuais e organizacionais, de tal forma que a preservação, proteção e conservação do meio ambiente sejam consideradas e respeitadas” (Bogdzevicius et al., 2019, p. 101).

Neste sentido, segundo Lima et al. (2018), o marketing incorpora um conjunto de alternativas de intercomunicação entre consumidor e produto/organização, pelo que, pode beneficiar o consumo acelerado e causar danos ao bem-estar das sociedades. Partindo desta premissa, o marketing sustentável surge como ferramenta importante para a evolução de mentalidades mais favoráveis à SA e a imposição crescente de um consumo mais consciente e mais sustentável (Headley & Souza, 2020).

Por outro lado, por desempenhar papéis importantes na sociedade, as empresas devem apostar na mudança de padrões e integrar hábitos de SA nas estratégias de marketing, de modo a firmar a própria responsabilidade socioambiental (White et al., 2019). Assim sendo, o marketing estratégico – plano que engloba o médio e longo prazo - nos últimos anos tende a afastar as organizações dos

objetivos exclusivos com vista financeiro, procurando orientá-las a seguir a lógica da teoria TBL (Headley & Souza, 2020).

No entanto, praticar na íntegra o marketing sustentável é apostar na redução de desperdícios, embalagens recicláveis e num processo de produção e distribuição mais limpo, mais positivo para o meio ambiente (Loiola et al., 2021). É adaptar as características do produto ou serviço à demanda do consumidor consciente que procura produtos ou serviços que correspondam à legislação ambiental e as suas próprias expectativas acerca desta temática. Assim como, apostar na comunicação eficaz destas características para o público-alvo e impulsionar, neste, uma imagem sustentável dos produtos como da empresa, dando ênfase às práticas, materiais e convicções sustentáveis que asseguram os processos produtivos (Neto et al., 2020).

Apostar nesta estratégia favorece a empresa, através do aumento de vendas, enquanto viabiliza o meio ambiente e a sustentabilidade social (Bogdezevicius et al., 2019; Neto et al., 2020). Neste âmbito, a SA nas políticas, cultura e tomada de decisão empresarial apresenta-se como fator crucial para estas organizações que pretendem sobressair nos distintos mercados (Headley & Souza, 2020).

A partir dessas explanações pode-se aferir que o marketing sustentável visa assegurar o DS das organizações e produtos. Assim, desempenha papel importante diante dos ODS, uma vez que promove o crescimento de um nicho de consumidores conscientes global e transmite para os consumidores a imagem de uma organização empenhada e comprometida com a SA (Neto et al., 2020). Além de que, as organizações estão sendo desafiadas a integrar a SA nas suas políticas, cultura e tomada de decisão, sob risco de ver fragilizada a sua reputação e perder a sua própria capacidade de sustentar-se (Headley & Souza, 2020; Lima et al., 2018).

Após analisar como o marketing tem vindo a incorporar os valores da SA nas suas estratégias e a sua importância para o firmamento de uma cultura de consumo mais consciente, vamos, nas etapas seguintes, tentar caracterizar a consciência e atitude ambiental. Bem como, procurar demonstrar como estes construtos se relacionam com o consumo consciente, assim como, averiguar a conscientização da geração Z para com as questões da SA diante dos Objetivos da Agenda 2030.

#### **1.4. A Consciência e Atitude Ambiental**

A consciência ambiental é a vontade ou espontaneidade de um sujeito de comportar-se, de maneira contrária ou favorável, perante a temática ambiental (Afonso et al., 2016). De igual modo, Paiva et. al. (2020) também compreendem esta consciência como a predisposição do indivíduo em adotar comportamentos, favoráveis ou contra, ao meio ambiente.

No entanto, Silva et al. (2016) supõem que a consciência ambiental é o comportamento, positivo ou negativo, do sujeito em relação ao consumo ambientalmente correto. Corroborando, Teloken et al. (2017) sublinham que a consciência ambiental refere a fase de aquisição, onde o consumidor apresenta preferências por produtos ou serviços, organizações e líderes que são ecológicos.

De acordo com Paiva et al. (2020) a consciência ambiental é constituída pelas dimensões cognitivas, atitudinais e comportamentais, e o grau desta pode ser medido em quatro proporções:

(i) fornecendo opções entre proteção ambiental e interesses políticos e econômicos [sic] futuros, como aumento na taxa de emprego e crescimento econômico [sic]; (ii) fazendo questionamentos a respeito da percepção dos indivíduos sobre a poluição do meio ambiente; (iii) descobrindo o nível de engajamento com atividades em prol do meio ambiente; e (iv) fazendo perguntas abstratas sobre danos globais ao meio ambiente (pp. 27-28).

Deste modo, quanto maior for o grau da consciência ambiental do sujeito, maior tende a ser a sua propensão em considerar os seus impactos ambientais na tomada de decisões relacionadas ao meio ambiente (Paiva et al., 2020). No entanto, Afonso et al. (2016) lembram que, apesar de haver ações individuais ou grupais que se tornam consumidores ecológicos, não há medida concreta para firmar a consciência ambiental em massa. Isto porque, acreditam que os indivíduos estão cada vez mais informados e conhecem os problemas ambientais, bem como as práticas corretas e a importância destas para a sustentabilidade do Planeta. Porém, sublinham que este conhecimento não se traduz em comportamentos favoráveis ao DS por si só, uma vez que, ao conhecimento estão associados outros fatores, externos ou internos à pessoa, que determinam como esta transpõe o conhecimento para a prática.

Quanto à atitude, esta acontece num contexto e mostra a intensidade da influência da componente afetiva, a consciência sustentável, no comportamento do sujeito. Esta atitude demonstra a relação da percepção que o sujeito tem dele próprio e como ele se vê no ambiente que o rodeia. Assim, a consciência ambiental está relacionada com os princípios e opiniões do sujeito acerca das causas ambientais e marca o seu posicionamento através das formas de agir e comportar-se demonstrando atitudes favoráveis ao meio ambiente (Silva et al., 2016).

No entanto, e considerando que a atitude é uma exposição do interesse que parte dos valores individuais, a consciência ambiental é construída com base nos conhecimentos que o indivíduo tem sobre os fenómenos ambientais (Afonso et al., 2016; Silva et al., 2016). Posto isto, a conscientização ambiental é uma modificação das atitudes ou aspetos da vida individual ou social em prol do meio ambiente. É fazer com que ocorram princípios ecológicos individuais ou organizacionais e surge como um pressuposto relevante para a resolução das questões ambientais (Beuron et al., 2020).

Conforme a literatura, a consciência ambiental tende a impactar as atitudes individuais, que por sua vez impactam positivamente o meio ambiente. Podem traduzir em soluções minimizantes dos resíduos poluentes de modo a favorecer diretamente à preservação ambiental através do consumo consciente e colaborar com os ODS (Paiva et al., 2020). De seguida, vamos tentar correlacionar esta consciência com o comportamento ambientalmente responsável.

## **1.5. O comportamento ambientalmente responsável, o consumo consciente**

Referente ao comportamento ambientalmente responsável, este é definido como aquele cuja decisão é tomada com base na proteção do meio ambiente. Ou seja, é o comportamento do indivíduo enquanto parte integrante da sociedade (Afonso et al., 2016). Ou ainda, as opções que são tomadas com vista reduzir a degradação do meio ambiente, com especial atenção para a promoção de soluções para as questões socioambientais (Paiva et al., 2018).

Este comportamento está relacionado aos estilos de vida que valorizem a responsabilidade do consumidor para com o meio ambiente, considerando os impactos do bem consumível sobre este e apresenta ligação com a preservação e manutenção de melhor qualidade de vida da sociedade (Telocken et al., 2017). Nessa perspetiva, Afonso et al. (2016) consideram a consciência como um pré-requisito do comportamento ambientalmente responsável.

No que toca ao consumo consciente, considerado também de consumo sustentável, é adotado quando o consumidor dá preferência aos bens ecológicos, naturais ou recicláveis, que causam menos prejuízos à saúde e ao meio ambiente (Damázio et al., 2020). Por sua vez, Araújo et al. (2021) argumentam que consumir sustentavelmente é adquirir e usar produtos e serviços apenas para atender as necessidades essenciais, com retorno de melhorias na qualidade de vida individual e social.

No entender de Loiola et al. (2021) o consumo sustentável está presente em diversas práticas, desde a escolha e consumo de produtos e serviços ambientalmente corretos, na economia dos recursos naturais - água e energia - bem como no uso que se dá ao produto durante o seu ciclo de vida. Mais concretamente, o consumo consciente minimiza a utilização dos recursos naturais e produtos tóxicos, assim como, procura reduzir os resíduos poluentes no ciclo de vida do bem consumível, tendo em conta as necessidades presentes sem pôr em causa o comprometimento de as futuras gerações atenderem, também, às suas necessidades (Araújo et al., 2021). Deste modo, Boca (2021) assegura que o consumo sustentável tem natureza ambiental, social e económica.

Segundo Silva, et al. (2016) tem surgido novos padrões de consumo que revelam comportamentos sustentáveis e preocupações com a preservação e conservação ambiental, que segundo estes, aumentam significativamente chegando aos 70% numa escala global. Consentindo,

Loiola et al. (2021) vêem este tipo de consumo como uma nova tendência no comportamento de compra e acreditam que o consumidor atual tem mais consciência de que os seus atos de consumo têm reações no meio ambiente. No entanto, sublinham que:

o consumo consciente, conectado às práticas de sustentabilidade, deve estar ligado às ações cotidianas, que geram impacto efetivo para o meio ambiente, a economia, o bem-estar pessoal e a sociedade como um todo, buscando uma mudança considerável nos padrões de comportamento (p. 58).

Todavia, é importante considerar as diferenças dos padrões de consumo, (subconsumo, consumo sustentável e superconsumo), que ocorrem de acordo com a posição económica de cada região. O padrão subconsumo é característico dos países em desenvolvimento e ocorre através do consumo não sustentável. Neste, no ato do consumo, o sujeito não apresenta consideração para com o meio ambiente por possuir nível económico baixo (Silva et al., 2016).

Já o consumo sustentável e o superconsumo acontecem, com maior propensão, nos países desenvolvidos. Dado as melhores condições económicas, na hora das escolhas, as pessoas dão importância ao consumo consciente e ao valor deste para a preservação ambiental, e tendem a colaborar mais para a conservação dos recursos. Portanto, os níveis de consumo definem o relacionamento dos sujeitos com os recursos, naturais ou não (Silva et al., 2016).

No entanto, um estudo levado a cabo por Afonso et al. (2016) concluiu que o grau de consciência ambiental do indivíduo influencia positivamente no seu comportamento pró-ambiental. E, que o comportamento ambientalmente responsável influencia positivamente na gestão dos resíduos poluentes. De igual modo Silva et al. (2016) também encontraram relação entre a consciência ambiental e o comportamento ambientalmente responsável.

Segundo Silva et al. (2016) os indivíduos que apresentam um nível de consciência maior são os mais propensos a adotar um comportamento amigo do ambiente. Porém, ambos os estudos alertam para o facto de que, ao haver consciência ambiental, não confirmará, por si só, a correta gestão dos resíduos e o consumo consciente, dado que, outras variáveis, como por exemplo as leis e normas, burocracias e restrições de recursos, têm influências na consciência e tomada de decisão do indivíduo.

Silva et al. (2016) afirmam que os valores ambientais também influenciam os valores pessoais. Isto é, ter consciência favorável ambientalmente não quer dizer que o indivíduo irá agir em conformidade com este, uma vez que os determinantes individuais e pessoais, mais os efeitos do meio envolvente, podem surgir como barreira diante das escolhas de consumo e da gestão residual sustentável.

Por outro lado, Royer e Petik (2019) concluíram que há falta de planejamentos de campanhas e ações de sensibilização educativas capazes de construir o entendimento de que, para alcançar a sustentabilidade ambiental, é preciso que todos os atores, individuais ou coletivos, adotem comportamentos mais responsáveis. Diante deste contexto para alcançar o DS, de acordo com Afonso et al. (2016) é necessário criar projetos que forneçam capacidades contínuas para a correta gestão dos resíduos poluentes, bem como criar leis e normas reguladoras desta gestão e ainda excluir as burocracias e aumentar os recursos necessários para tal.

De igual modo, Teloken et al. (2017) atestam que há necessidade de definir estratégias e meios que impulsionam a sustentabilidade em todas as dimensões da sociedade. Pelo que, no âmbito da sustentabilidade ambiental, acreditam ser necessário alterar muitos comportamentos, somente assim serão alcançadas mudanças bem-sucedidas, uma vez que ter consciência ambiental/intenção, não apresenta relação direta com a qualidade de gestão dos resíduos e do consumo sustentável com a ação do indivíduo.

No presente ponto demonstramos que o comportamento ambientalmente responsável são as ações realizadas com foco na proteção do meio ambiente. E, que o consumo sustentável se resume em três dimensões principais: preservação da qualidade de vida das pessoas e demais espécies; preservação do meio ambiente e salvaguarda das condições de sobrevivência das gerações futuras (Araújo et al., 2021). Vamos, de seguida, tentar demonstrar como a sustentabilidade ambiental interfere nos comportamentos de compra.

## **1.6. O impacto da Sustentabilidade Ambiental nos comportamentos de compra**

A produção e o consumo são apontados como sendo os principais responsáveis pela degradação ambiental devido ao desgaste excessivo dos recursos naturais, e por vezes, o incorreto tratamento dos resíduos gerados. Estão incluídos na Agenda 2030, como um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), delineado no ponto 12 como o objetivo de garantir modos de produção e consumo sustentáveis a fim de reduzir os danos ambientais (Araújo et al., 2021).

Por outro lado, os consumidores estão mais exigentes quanto à qualidade dos produtos que adquirem (Groot, 2020) e estão cada vez mais preocupados e interessados com o DS (Damázio et al., 2020). Portanto, estes especialistas acreditam ser necessário repensar acerca do consumo e seu impacto no meio ambiente e na sociedade, e incrementar na cultura consumista a relação entre o bem-estar e o consumo sustentável. Neste sentido, nos últimos anos especialistas como: Araújo et al. (2021); Damázio et al. (2020); Loiola (2021); Groot (2020); Headley e Souza (2020); Paiva et al. (2020); Pinheiro (2020) têm se debruçado sobre esta temática, com o objetivo de descobrir novos padrões consumistas e favorecer a conscientização ambiental.

Num estudo de Revisão Sistemática da literatura para identificar fatores influenciadores no comportamento do consumidor, atributos e percepção, diante da SA, Damázio et al. (2020) identificaram onze fatores: ambiente; idade; nível educacional; classe econômica; gênero; consciência; preocupação com a própria imagem; emoção; acesso à informação; confiança e hábito.

**Fator ambiente:** “o ambiente se dá tanto de forma macro quanto micro. Instituições como a sociedade, a comunidade e a família têm seus conjuntos de normas, crenças, valores e hábitos e, desse modo, um papel influenciador no comportamento do indivíduo” (Damázio et al., 2020, p. 382). Neste campo, estes autores incluem ainda os fatores ocasionais como, ponto de disponibilidade do produto, reputação da marca e legislação em vigor. Salientam que, para além da necessidade de alterar a legislação, as empresas também podem ser influenciadoras do processo legal que visa uma sociedade mais sustentável.

Referente a **idade**, Damázio et al. (2020) salientam que são os consumidores mais novos que tendem a adotar comportamentos de maior consciência socioambiental. Já na **educação**, o mesmo estudo apontou que esta tem forte influência no consumo consciente. Uma vez que, os indivíduos com nível de formação mais alto tendem a ter consciência mais elevada e mais responsabilidades nos seus comportamentos ambientais. Fator coincidente com conclusões de Groot (2020), que analisou as preferências de diferentes segmentos de consumidores na cidade de Dracena, em São Paulo, Brasil, consoante aos quatro selos de qualidade que o país dispõe: Selo de produto orgânico do Brasil (Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003), selo de FairTrade (de âmbito internacional), o Sipaf ou Agricultura Familiar (Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006) e Selo Quilombo do Brasil, e verificou que os indivíduos que desconhecem tais selos possuem o nível básico de estudos e quase não os valorizam.

Quanto à classe **econômica**, esta tem grande relevância, visto que as pessoas com mais rendimentos têm possibilidades de pagar mais por um produto ou serviço sustentável. E, por outro lado, os consumidores com baixo poder aquisitivo tendem a reutilizar mais (Damázio et al., 2020). Corroborando, Headley e Souza (2020) apontam o preço premium como barreira às escolhas e aquisição de produtos ambientalmente corretos.

No fator **gênero**, Damázio et al. (2020) encontraram indícios de que a mulher tem mais propensão para adquirir produtos sustentáveis.

Quanto a **consciência**, Damázio et al. (2020, p. 382) afirmaram que

apesar de muitas vezes haver um distanciamento entre consciência e atitude, é inegável que a consciência tem forte influência sobre as práticas sustentáveis. Indivíduos que apresentam maior apelo à causa sustentável (...) e que praticam valores como autorrespeito, autorrealização

e relacionamento caloroso com seus próximos, estão mais próximos do comportamento sustentável.

De igual modo, Pinheiro et al. (2020) afirmam que o comportamento de compra sustentável é influenciado diretamente pelos valores e crenças ambientais.

Respeitante a **preocupação com a própria imagem**, esta surge como um fator inspirador no consumo sustentável. Além de revelar preocupação de autoconceito, satisfação das necessidades perante o reconhecimento social, nota-se ainda neste atributo a existência de benefícios mútuos por reforçar tais comportamentos tornando-os em padrões sociais e comunitários (Damázio et al., 2020). O que vai ao encontro dos achados de Pinheiro et al. (2020) ao afirmarem que o sentimento de obrigação moral é, também, um fator importante por exercer forte influência nos comportamentos favoráveis ao meio ambiente.

Por outro lado, as **emoções** têm impacto direto na intenção de compra sustentável, quando têm intensidade e valência positiva diante das questões ambientais (Damázio et al., 2020).

Relativo ao **acesso à informação** Damázio et al. (2020) considera ser um fator determinante para moldar padrões de comportamento sustentáveis. Conforme asseguram, a comunicação em massa, e por diferentes canais, que destaca o compromisso da organização para com as questões socioambientais, pode influenciar a compra da maioria dos consumidores. O que corrobora com Groot (2020, p.101) que revelou que “o conhecimento influencia na disposição a pagar, uma vez que o consumidor é consciente dos benefícios do produto à sua saúde e à qualidade do meio ambiente”. De igual modo, Loiola et al. (2021) identificaram que os indivíduos que procuram informações sobre o meio ambiente apresentam maior nível de conscientização e tendem a adotar mais comportamentos sustentáveis.

Relacionado à **confiança do consumidor**, essa foi considerada por Damázio et al. (2020) como um dos influenciadores mais importantes na prática do comportamento sustentável. Essa confiança que é indispensável nas diferentes relações sociais e de mercado (Headley & Souza, 2020), está associada à confiança do consumidor para com o fornecedor. E, é medida pela reputação, transparência e lembrança das condutas que as empresas adotam e transmitem (Damázio et al., 2020).

Na condição de **hábito**, a intenção de compra pode ser um prenunciador para moldar os hábitos no comportamento do consumidor. Este, quando reforçado por experiências positivas, tende a fomentar a repetição da ação (Damázio et al., 2020). Por sua vez, Loiola et al. (2021) enfatizam que são visíveis as mudanças nos hábitos de compra e que os consumidores estão, cada vez mais, a adotar um consumo consciente, ao optarem por produtos identificados como não, ou minimamente, agressivos ao meio ambiente.

Relacionado aos **atributos sustentáveis** e a **percepção do consumidor** o estudo de Damázio et al. (2020) descreveu as características de sustentabilidade dos produtos e o impacto que estas têm na percepção do consumidor, e destacou sete atributos: eco-friendly; garantia de origem; saúde do consumidor; fair trade; teste em animais; recicláveis e ingredientes naturais.

A qualidade **eco-friendly** remete para ingredientes sem adição de corantes, aromatizantes ou outros artificiais. O termo eco-friendly é compreendido como o produto ou serviço que fornece menor dano ao meio ambiente e apresentam melhores condições de fabrico. Os consumidores desta qualidade são chamados de LOHAS (*Lifestyles of Health and Sustainability*) por compreenderem a importância da ligação entre saúde e preservação ambiental (Damázio et al., 2020).

Quanto à garantia **de origem** está relacionada com as origens do produto e indica qualidade, trabalho justo, emissão de menos carbono e contribuição para a economia local e nacional. Por sua vez, no atributo **saúde do consumidor** estão os consumidores conhecidos como *naturalites*, os que apostam em hábitos alimentares mais saudáveis procurando ingerir menos químicos (Damázio et al., 2020).

Conforme Damázio et al. (2020, p. 385), a categoria “*fair trade*, ou comércio justo, (...), é a prática legal da empresa oferecer melhores condições de trabalho aos seus funcionários”. Por sua vez, Groot (2020, p. 88) descreve que “o *fair trade* ou comércio justo é um movimento de economia alternativa que promove a produção responsável e o consumo ético”. Deste modo, o consumidor *fair trade* considera ser uma questão de ética pagar valor justo por um produto e consumir produtos provenientes de fabricantes que respeitem os direitos humanos e os funcionários (Damázio et al., 2020; Groot 2020).

Quanto ao fator **sem testes em animais**, de acordo com Damázio et al. (2020) é o fator que apresenta maior impacto na intenção de compra, uma vez que os consumidores se preocupam com os cuidados e o bem-estar animal. Desse modo, se identificam e têm propensão a consumir a marca que defendem a mesma visão.

Referente ao fator **reciclagem**, é considerado como “o grupo de consumidores mais afeito ao consumo desses produtos é o *conventionals* (...), ou seja, aqueles que têm consciência das questões ambientais, reciclam e reutilizam produtos na tentativa de economizar dinheiro” (Damázio et al., 2020, p. 386). Estes consumidores, conforme Loiola et al. (2021) são fortemente influenciados pelo método de produção, como embalagens recicláveis e materiais não poluidores que respeitam os recursos naturais.

Alusivo ao fator **ingrediente natural** refere-se aos produtos orgânicos, isentos de químicos, alterações genéticas ou radiações ionizantes. Sendo que, o consumo de produtos orgânicos é mais adotado por indivíduos com maior poder de compra, dado o preço elevado em que são praticados (Damázio et al., 2020; Groot, 2020).

Neste contexto, vale ressaltar as barreiras para a massificação do consumo sustentável. As quais Araújo et al. (2021) consideram que estão relacionadas com as características da própria sociedade consumista, bem como, com as dificuldades que abrangem as demandas das transformações pessoais. Desta forma, afirmam que “além do mais, percebe-se que há uma ausência de comprometimento com estratégias direcionadas ao consumo sustentável, devido a uma falha na governança global e de interesses conflitantes para o processo de mudança requerido” (Araújo et al., 2021, pp. 143-144). Conforme estes autores, para mudar os hábitos de consumo requer o comprometimento individual e coletivo, o que deve ser um ato de cidadania que considere os impactos do consumo na sociedade, economia e meio ambiente.

No entanto, a sociedade tem adotado algumas iniciativas favoráveis ao consumo sustentável, como as inovações sociais. Este movimento visa solucionar os problemas das sociedades por meio de alternativas que não são contempladas nas agendas governamentais. Como exemplo as cooperativas de alimentos, a agricultura orgânica, as moedas sociais, a energia eólica, a prática de partilha de carros, plataformas de negócios e trocas. Assim, as inovações sociais favorecem a todos os atores envolvidos e ao meio ambiente (Araújo et al., 2021).

De igual modo, Paiva et al. (2020) mencionam a economia compartilhada e o Consumo Colaborativo, onde os indivíduos consomem algo com o propósito de associar-se em ações conjuntas a favor do bem social. Como exemplo, as trocas simples e os serviços de compartilhamento de espaços, conhecimentos e habilidades. O que, conforme sublinham, se tornaram mais impulsionadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's), e representam benefícios para o DS por reduzir os poluentes resultantes do consumo.

Como demonstra a literatura, o comportamento de consumo sustentável é complexo, sendo influenciado por diversos fatores (Pinheiro et al., 2020). Longe de ser considerado um hábito comum, massificado, carece do comprometimento de todos os atores sociais, individuais e coletivos (Araújo et al., 2021). No entanto, Damázio et al. (2020) apontam que “sem a produção sustentável, será cada vez mais difícil atender às expectativas e aspirações dos consumidores. E, mesmo se não quiserem, os consumidores terão de viver de forma mais sustentável nas próximas décadas” (p. 388).

Deste modo, no tópico seguinte tentar-se-á demonstrar como o Consumidor Z, amostra considerada para o presente estudo, percebe a temática da SA.

## **1.7. A sustentabilidade na ótica do consumidor Z**

Com base no contexto socioambiental e conforme verifica-se na literatura especializada, há necessidade de fomentar a mudança de consciência e incutir na sociedade a compreensão de que o atual nível de consumo se encontra desproporcional com a capacidade suportada pelo Planeta. Por outro lado, a Geração Z, indivíduos nascidos a partir de 1989, correspondem à maior parte da mão de obra disponível. Estes indivíduos são, ainda, caracterizados pelos seus comportamentos assentes no anseio à liderança, à inovação e à colaboração, perfil de trabalho diferenciado das anteriores gerações (Santos et al., 2020).

Designada ainda por geração online, conectada, silenciosa, digital ou pontocom, a Geração Z possui as competências tecnológicas, a vantagem competitiva dominante (Santos et al., 2020). Além disso, de acordo com estes autores, esta geração é exigente com as relações funcionais e procura por reformas concretas dos sistemas. É com base no perfil inovador desta população e na urgente necessidade de mudança de comportamentos insustentáveis, que consideramos pertinente uma análise acerca da SA sob o ponto de vista desta geração.

Estudos como o de Antunes et al. (2020); Bottega et al. (2020); Faria et al. (2018); Fernandes et al. (2018); Headley e Souza (2020); Royer e Petik (2019) e Silva et al. (2019) procuraram identificar o nível de conhecimento dos estudantes do Ensino Superior (ES) sobre a temática da SA. Mainginski et al. (2017) analisaram, através da percepção dos estudantes, como a sustentabilidade é trabalhada no decorrer da formação profissional destes alunos. Beuron et al. (2020) verificaram a diferença de preocupação referente ao meio ambiente com base no perfil de indivíduos que frequentam o meio académico.

Côrtes et al. (2016), num estudo comparativo, analisaram as semelhanças e diferenças no comportamento ambiental dos alunos do ES no Brasil e Portugal e concluíram que há tendência para o desenvolvimento das preocupações e atitudes ambientais nestes. No entanto, segundo os mesmos autores, os discentes portugueses apresentaram nível de preocupações ambientais inferiores diante dos brasileiros.

Conforme os resultados do estudo de Antunes et al. (2020), a maioria dos alunos inquiridos por estes compreendem a sustentabilidade como fator ambiental, onde há a necessidade de redução dos impactos ambientais e do consumo, sem considerar as outras questões da sustentabilidade, e, apenas uma minoria da amostra compreende a sustentabilidade enquanto questão social. De forma geral, este

estudo concluiu, que a compreensão dos eixos da SA não se mostra coesa, o que impede a consolidação de um conhecimento na íntegra e mais próximo da realidade do conceito.

Ao avaliar a compreensão da consciência ambiental na construção civil de um grupo de estudantes de Engenharia, Bottega et al. (2020) encontraram fragilidades no domínio sobre o tema pelos estudantes. Segundo os autores, apenas 36,23% dos finalistas do curso demonstraram conhecimento aprofundado sobre o assunto. Mainginski et al. (2017) também pesquisaram a percepção dos alunos de Engenharia sobre a sustentabilidade ao longo da formação destes. Estes notaram que os cursos desta área têm dado preferências por itens da sustentabilidade que pertencem aos objetivos dos próprios cursos, quando os outros assuntos da temática deveriam ser abordados de igual modo na formação. Relatam que este fator não proporciona uma compreensão aprofundada do tema, tornando-o disperso.

Quanto à preocupação com a sustentabilidade, Beuron et al. (2020) procuraram diferenças na preocupação ambiental com base no perfil de indivíduos que compõem o meio acadêmico, alunos, funcionários e docentes. Concluíram que são os alunos a apresentarem menor preocupação ambiental. O que os levaram a inferir que quanto mais elevada for a formação acadêmica de um indivíduo, maior tende a ser a sua preocupação com o meio ambiente. Concluíram ainda, que o tema tem sido pouco desenvolvido nos planos de ensino e que o resultado tem sido visível, através da baixa compreensão do mesmo pelos estudantes.

Porém, num estudo dentro do mesmo contexto, Silva et al. (2019) entenderam que os universitários da amostra adotada possuem, no geral, percepção ambiental e caracterizaram-nos como possíveis futuros consumidores ambientalmente sustentáveis. Numa investigação implementada por Faria et al. (2018) inferiu-se que os educandos compreendem o método de abordagem da temática socioambiental e o ensino desta. Contudo, salientam que o tema da sustentabilidade tem sido difundido na IES, onde decorreu o estudo, de uma forma transversal e fragmentada pelas disciplinas.

Royer e Petik (2019) também estudaram os hábitos de consumo e atitudes dos estudantes de Biologia, de uma IES pública do Paraná, Brasil e constataram que para suportar o estilo consumista de um grupo dos inquiridos serão necessários três planetas Terra. Afirmaram que referente à análise dos inquiridos do 4º ano de Biologia, nenhum deles apresentou um estilo de vida sustentável. Portanto, foram considerados consumistas, pouco sensíveis à problemática ambiental. Achados que corroboram com Headley e Souza (2020). Segundo estes, os jovens universitários, que estudaram, não se mostraram interessados pela problemática ambiental no momento da escolha dos bens que consomem.

De igual modo, Fernandes et al. (2018) estudaram a consciência ambiental e as práticas sustentáveis com base na percepção de um grupo de universitários e provaram que o conhecimento sobre as práticas sustentáveis, pelos mesmos, é considerado bom. No entanto, afirmaram que a consciência ambiental é um estágio mais avançado do desenvolvimento que tem influência nos atos comportamentais dos alunos. Portanto, segundo estes investigadores, praticar os conhecimentos da sustentabilidade é uma decisão que requer contínua sensibilização da consciência ambiental.

De acordo com a literatura, a compreensão da sustentabilidade no seu inteiro teor ainda está muito fragmentada, não coesa e pouco trabalhada, no meio académico. Embora se verifique uma tendência para o desenvolvimento da consciência ambiental, é possível inferir que esta comunidade carece de mais ações coletivas em prol de uma sociedade mais sustentável (Fernandes et al., 2018). Sob esta perspetiva nos seguintes tópicos vamos dissertar acerca de como as IES têm sido responsabilizadas pela formação de cidadãos conscientes.

## **1.8. A inclusão das Instituições de Ensino Superior (IES) na problemática socioambiental: o âmbito internacional**

Considerando as bases de fundamentos das IES, estas têm como missão educar o indivíduo para atuar na sociedade. O que, no entendimento de Petrelli e Colossi (2006),

além desta função, as IES têm ainda a nobre missão de educar o homem em sua totalidade, promovendo sua cidadania e estimulando-lhe valores éticos, em tudo o que diz respeito à sobrevivência e às condições da vida humana individual ou associada (p. 71).

Diante deste contexto, os movimentos ambientalistas fomentaram a inclusão destas instituições na temática da SA, sobretudo a partir dos anos 90, atribuindo-lhes grande parte da responsabilidade para a educação pró-ambiental. Inspirada na Declaração de Talloires e Halifax a Agenda 21 surge como o terceiro documento internacional a introduzir as IES no contexto da SA (Pessini & Sganzerla, 2016; Rohrich & Takahashi, 2019).

No capítulo 36 deste tratado foi elencado a promoção da educação, a capacitação e a consciencialização como estratégias essenciais para o DS. Este documento referenciou a formação académica como ferramenta necessária para a SA. No entanto, foi na Declaração de Talloires de 1990, França, assinada por mais de 500 dirigentes universitários de mais de 50 países, que se formalizou a obrigação do ensino superior (ES) para com as questões socioambientais. Principalmente sobre o papel fundamental que as IES devem assumir relativamente à prática e divulgação da SA (Association of University Leaders for a Sustainable Future [AULSF], 2015; Farinha et al., 2019; Rohrich & Takahashi, 2019).

O segundo encontro internacional neste âmbito aconteceu no Canadá, Halifax, 1991, resultando na Declaração de Halifax. Nesta declaração atribuiu-se às IES a responsabilidade para a construção de governança e práticas para a SA (Rohrich & Takahashi, 2019). Em 1993 os responsáveis universitários de mais de 46 países e mais de 400 universidades reuniram-se em Swansea, País de Gales, para debater a temática das IES e a SA. Desta conferência resultou a Declaração de Swansea. De acordo com Rohrich e Takahashi (2019) e Lozano, et al. (2011) este encontro terá ocorrido como forma de apaziguar a baixa participação dos líderes universitários na conferência da CNUMAD, Agenda 21 de 1992.

Rohrich e Takahashi (2019) referenciam ainda, dentro do contexto documental introdutório das IES na temática ambiental, a Organização Internacional de Universidades pelo Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente, 1995, São José, Costa Rica e a iniciativa Principles for Responsible Management Education, 2007, por meio do Pacto Global das Nações Unidas e instituições acadêmicas mais importantes do mundo, entre outras conferências. Tais acordos internacionais, segundo Rohrich e Takahashi (2019), terão alavancado a responsabilização acadêmica no âmbito da SA.

Bronzeri e Cunha (2020) também implementaram um levantamento dos registos que consideram importantes neste âmbito e apontaram, entre outros, a Declaração de Kyoto, Japão, em 1993, assinada por vários chefes universitários e a Resolução nº 57/254 que definiu 2005 a 2014 como a Década da Educação das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável. No ponto de vista de Farinha et al. (2019) e Lozano et al. (2011) a declaração de COPERNICUS University Charter, Conference of European Rectors (CRE) de 1993, também é um documento importante no âmbito da SA no ES. Segundo estes autores, esta declaração foi um compromisso das IES para com o DS e foi assinada por dirigentes de seis universidades portuguesas.

Para além destes movimentos, destaca-se os mais recentes: a Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável realizada em 2012 no Rio de Janeiro, Brasil, a conhecida Rio+20 que resultou no Relatório “*O futuro que queremos*”, bem como, a Conferência de 2015, da ONU, que delineou a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, elencando os 17 ODS e as 169 metas (Pessini & Sganzerla, 2016; Nações Unidas [NU], 2021; United Nations [UN], 2021).

### **1.8.1. A inclusão das IES na problemática socioambiental: Brasil**

O Brasil, palco de duas das mais importantes conferências da ONU sobre o meio ambiente, Rio 92 e Rio+20, é, segundo a United Nations (UN, 1945), um dos 51 países membros originais desta organização, tem 52 universidades signatárias da Declaração de Talloires (ULSF, 2021), e segundo

consta na página oficial do Ministério das Relações Exteriores assume-se empenhado na promoção da Agenda 2030, tanto no desenvolvimento interno centrado nos três eixos da sustentabilidade quanto pela participação do país nas conferências internacionais sobre a temática (Gov.Br. MRE. 2020).

Ademais, “o Brasil defende que a participação da sociedade seja incorporada, por cada país e pelas Nações Unidas, como parte integrante dos esforços de implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável” (Gov.Br. 2014, pp. 13-14). De acordo com o 9º parágrafo do ponto 6º deste documento, o Brasil busca “reconhecer a educação ambiental como processo continuado, permanente, formal e não formal, crítico, participativo e focado na formação de uma cidadania ativa em favor da sustentabilidade e da justiça social” (p. 20).

Segundo as informações disponíveis na página oficial do MRE, o Governo Federal brasileiro vem, ao longo das últimas décadas, a adotar medidas na busca do DS e tem incutido a educação sustentável no ensino. Assim, em 1981, decretou-se a Lei 6938/81, Lei de Política Nacional do Meio Ambiente (Jusbrasil [JB], 2021).

Posteriormente a Constituição Federal, 1988, no ponto VI do § 1º do artigo 225, assentou que o Governo deve “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (Rodrigues et al., s.d.; Senado Federal [SF], 2021, Art. 225).

Com o objetivo de implementar a educação ambiental no ensino brasileiro, a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, regulada pelo Decreto Lei nº 4.281, de 25 de junho de 2002, estabeleceu a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), cujo art. 20, do capítulo 1, explana que: “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal” (JB, 2021; Rodrigues et al., s.d.; Telocken et al., 2017).

Segundo Rodrigues et al. (s.d.) o Conselho Nacional de Educação (CNE) estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental a partir da Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012. E, o Plano Nacional de Educação (PNE) determinou através da Lei nº 13.005/2014 que as IES devem promover a SA.

A par com a política voltada para a Educação Ambiental algumas universidades começaram a implementar a temática ambiental, como exemplo, surgiu a Rede Universitária de Programas de Educação Ambiental (RUPEA). Em 1997, dirigentes de três IES iniciaram este projeto a fim de implantar a educação ambiental nas respectivas instituições. Este projeto consolidou-se em 2001 com a aderência de outras IES do país, que em conjunto, definiram a Carta de Princípios cuja missão seria contribuir para a formação de sociedades sustentáveis através do envolvimento com as universidades

(Bronzeri & Cunha, 2020; Rede Universitária de Programas de Educação Ambiental [RUPEA], 2021).

Posto isto, considera-se que a temática da SA se encontra inserida no meio universitário deste país (Rodrigues et al., s.d.). No entanto, Telocken et al. (2017) alertam para a necessidade de adequação da política PNEA em todos os cursos, nas diferentes áreas do ES no Brasil.

### **1.8.2. A inclusão das IES na problemática socioambiental: Portugal**

Portugal aderiu à Organização das Nações Unidas em 1955 (UN, 1945) e apenas uma universidade do país, a Universidade Nova de Lisboa, assinou a Declaração de Talloires (ULSF, 2021). De acordo com Farinha et al. (2019) em Portugal catorze universidades fazem parte do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, mas apenas seis destas assinaram a declaração COPERNICUS, Geneva, 1994.

Segundo Aleixo et al. (2020) a Lei n.º 46/86 - Lei de Bases do Sistema Educativo, no Diário da República n.º 237/1986, define que a formação académica portuguesa deve ser orientada pela constante promoção à investigação, gerar conhecimento, capaz de garantir preparação científica e cultural sólida. Conforme Farinha et al. (2019) de modo a contribuir para com A Década da Educação para o Desenvolvimento, o Governo português aprovou em 2007 o Decreto-lei 242/2007, transpondo a Diretiva 2001/42/CE, que visa promover a autonomia das IES diante das questões ambientais.

Assim como, para apoiar a Agenda 2030, o Governo português assumiu compromissos publicamente em 2017. Comprometeu-se em adotar estratégias com vista à “educação de qualidade, igualdade de género, indústria, inovação e infraestruturas, redução das desigualdades, ação climática e proteção da vida marinha são áreas estratégicas para Portugal” (Aleixo et al., 2020, p. 10).

De acordo com Tauchen (2007) algumas IES portuguesas caminham isoladamente neste processo, ora estimulando os alunos a efetuarem levantamento ambiental delas próprias, como no caso da Universidade do Algarve e da Universidade Técnica de Lisboa que promoveram, segundo este autor, uma auditoria ambiental. E, a Universidade Nova de Lisboa que promoveu a Carta de Princípios de Ambiente. Incorporando as principais atividades desta instituição sobre o tema, esta carta, considerada a Carta Verde, foi assinada a 25 de outubro de 2002, e formalizou o compromisso dos signatários com os princípios associados em três objetivos: “Desenvolvimento e disseminação de conhecimento ambiental; Melhoria contínua do desempenho ambiental e Promoção do desenvolvimento sustentável” (Tauchen, 2007, p. 48). No entanto, este autor salienta que o projeto Campus Verde não foi fomentado e perpetuado pela instituição como foi premeditado na sua implantação.

Todavia, num estudo para identificar como a sustentabilidade tem sido integrada nas catorze universidades públicas do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, Farinha et al. (2019) salientam que em comparação com os restantes países da Europa e embora tenham assinado algumas declarações no contexto, certas IES públicas em Portugal podem estar aquém na implementação do DS. No entanto, consideram, que quatro das universidades que estudaram têm fomentado várias ações de cunho ambientalmente sustentável e todas as restantes demonstram algum envolvimento na temática.

Por outro lado, Aleixo et al. (2020) examinaram 2556 cursos de graduação e mestrado de 33 IES públicas em Portugal para avaliar como os ODS estão a ser integrados nestas instituições de modo a responder o apelo da Nações Unidas à Agenda 2030. Concluíram que embora estas instituições reconheçam a importância dos ODS ainda não integram a totalidade da política da sustentabilidade ambiental nos sistemas educativos e nas práticas diárias. Ou seja, até então, segundo estes autores, estas IES não consideram a implementação do DS como uma prioridade.

## **1.9. O papel das IES na formação de cidadãos sensíveis à sustentabilidade ambiental**

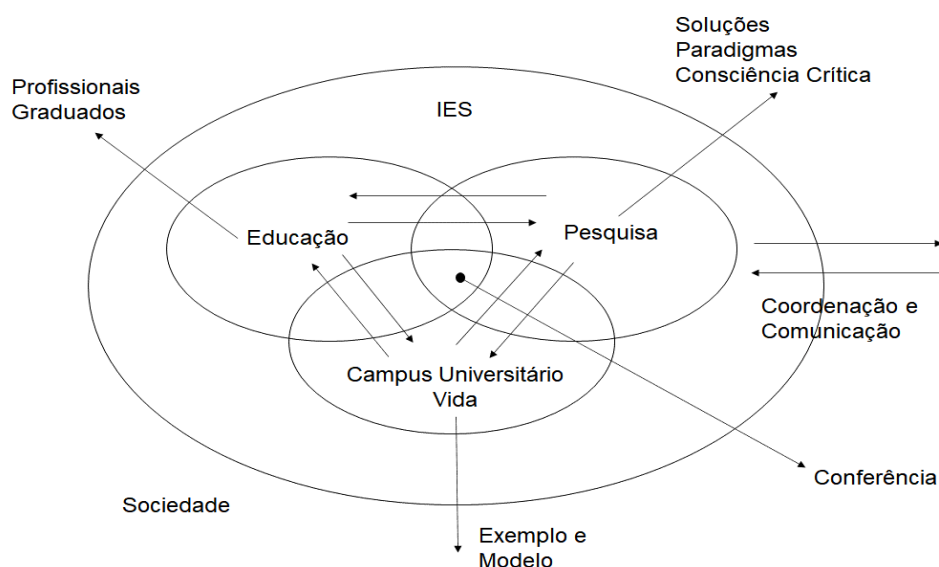
Como constatado na literatura, o papel das IES no processo do DS foi proposto, acordado e assinado pelas próprias em diversos tratados. Por outro lado, muitos especialistas acreditam que as IES têm responsabilidade e obrigação moral de garantir que os educandos adquiram o conhecimento necessário para a promoção do bem-estar da presente e futuras gerações (Aleixo et al. 2020; Batista et al., 2020; Bronzeri & Cunha, 2020; Rohrich & Takahashi, 2019; Telocken et al., 2017).

A propósito, a Agenda 21, no capítulo 36, refere a importância do estímulo da educação para a qualificação e a consciencialização no processo do DS. Diante disto, as IES não devem, nem podem, ficar de fora das questões socioambientais, pois têm a responsabilidade de formar profissionais e educadores, e por isso, retratam um universo indispensável para o ensino e sensibilização diante dos ODS. São um meio crucial para as práticas ambientais, de modo a formalizar a educação e ser um espelho para a sociedade. Ademais, por possuírem grande responsabilidade social, devem formar cidadãos capazes de aplicar o saber, não apenas para o benefício próprio, mas sim para a construção da sociedade no seu todo (Bronzeri & Cunha, 2020; Rodríguez et al., 2021; Salgado, 2006).

Contudo, as IES são confrontadas com dois desafios diante do DS: um académico, de carácter educativo que ocorre através da difusão do conhecimento e da formação de cidadãos capacitados e consciencializados para atuar numa sociedade de acordo com as necessidades desta; o segundo, o operacional, onde as IES devem adotar Sistema de Gestão Ambiental (SGA). Estratégias assentes em

práticas responsáveis, ações físicas, não apenas teóricas, ligadas à SA direcionadas à sociedade interna e externa. Devem posicionar-se como modelo de exemplo, uma vez que a sociedade tende a repercutir os hábitos adquiridos na vida acadêmica (Bronzeri & Cunha, 2020; Lara, 2012; Rohrich & Takahashi, 2019; Tauchen, 2007).

Referente ao SGA, Tauchen (2007, p. 20) disserta que a “gestão ambiental é o sistema que inclui a estrutura organizacional, atividades de planejamento, responsabilidades, práticas, procedimentos, processos e de recursos para desenvolver, implementar, atingir, analisar criticamente e manter a política ambiental”. Conforme o mesmo afirma, e como se pode observar na figura abaixo, no campus universitário acontecem diferentes relações. Pelo que, a educação, a pesquisa e a vida são um conjunto de interações interligadas que abrangem todos os *stakeholders* da instituição e retratam a importância do papel destas organizações na sociedade (Tauchen, 2007).



Fonte: Adaptado de Fouto (2002) citado por Tauchen (2007, p. 38).

Figura 1 - O papel das IES na sociedade, diante dos ODS.

No entanto, na ótica de Rodríguez et al. (2021) o aprendizado não acontece apenas dentro do campus, mas também dentro da sociedade. Por isso, assinalam o processo de ensino como uma construção social, onde o verdadeiro aprendizado é aquele que ocorre através da experiência de inter-relação com os diferentes ambientes. De igual modo, Aleixo et al. (2020) apontam o desenvolvimento do ensino, em todos os níveis e áreas, como um mecanismo importante para a construção de sociedades mais sustentáveis.

No entendimento de Farinha et al. (2019) as IES podem empreender a educação para o DS através de seis dimensões: Compromissos do quadro institucional; Operações no campus; Educação por meio de várias ações sobre o DS, bem como através da formação do corpo docente na temática; Investigação, divulgação e colaboração; Experiências práticas no campus; Avaliação, preparação e divulgação dos relatórios de sustentabilidade.

Por sua vez, a Carta Universitária para o DS, Geneva, 1994, afirma que as IES, e instituições equivalentes de ensino por terem experiências em todas as áreas de investigação e formar as próximas gerações de cidadãos,

é conseqüentemente seu dever propagar a alfabetização ambiental e promover a prática da ética ambiental na sociedade, de acordo com os princípios estabelecidos na Carta Magna das Universidades Europeias e subsequentes declarações universitárias, e de acordo com as recomendações da UNCED [United Nations Conference on Environment and Development] para a educação ambiental e de desenvolvimento (The University Charter for Sustainable Development [COPERNICUS], 1994, par. 4).

Assim, diante das políticas internacionais e nacionais com foco nas causas socioambientais, as IES, para além da tríade em que são fundadas - Ensino, Pesquisa e Extensão -, devem perspectivar um ensino mais à frente do método tradicional. O que no entender de Petrelli e Colossi (2006) e Batista et al. (2020) as universidades devem empreender uma nova dimensão, a dimensão da responsabilidade socioambiental. Por sua vez, Rodríguez et al. (2021) afirmam que o ES carece de reformas, as quais devem começar por superar os métodos tradicionais de ensino, atualizar e renovar os currículos. Bem como, redefinir o corpo docente e apostar na transição do ensino tradicional à flexibilidade dos formadores, tornando-os mais interconectados e diversificados.

Por outro lado, Aleixo et al. (2020) abordam a implementação do DS no ES por duas vias: a primeira, a vertical onde se dá a integração da sustentabilidade através de cursos específicos relacionados à temática; a segunda, a horizontal que deve incluir a sustentabilidade em todos os cursos regulares do plano de ensino. Deste modo, e conforme estes autores, a Agenda 2030 surge como duas oportunidades para confirmar a missão do ES. Primeiro, instiga as IES a reiterarem a importância e o compromisso que possuem para com a comunidade interna e externa, e segundo, encorajam-nas a preparar um plano curricular assentes nos ODS.

## **1.10. O impacto das ações sustentáveis das IES no comportamento ambientalmente responsável dos discentes**

Nas últimas décadas realizaram-se algumas investigações relevantes sobre o impacto das ações sustentáveis das IES no comportamento dos estudantes, como por exemplo Batista et al. (2020); Bronzeri e Cunha (2020); Garlet et al. (2018); Sacramento (2019); Silva e Melo (2012); Silveira et al. (2018); Paiva et al. (2018); Rodríguez et al. (2021); Rotta et al. (2017).

Como a literatura demonstra, as IES têm um papel importante diante dos desafios dos ODS, desde a produção e divulgação do conhecimento à motivação na mudança de hábitos e práticas em direção à sustentabilidade (Aleixo et al., 2016). De acordo com estes autores, os alunos são a parte mais importante no processo do DS e as ações ambientalmente responsáveis das IES podem incentivá-los, e este incentivo, por sua vez, reflete-se na influência e adesão destes cidadãos nos programas ambientais.

Sacramento (2019) defende que quando as IES desenvolvem o tema da SA tendem a levar os estudantes a refletirem acerca das suas próprias ações, e deste modo, propicia o aumento do contributo institucional no processo do DS. De igual modo, Silva e Melo (2012), num estudo cujo objetivo seria averiguar se as práticas socioambientais das organizações têm reflexos sobre as atitudes individuais, concluíram que há predisposição positiva para estas questões socioambientais, principalmente no que refere às ações deste cunho desenvolvidas pela instituição.

De acordo com Silva e Melo (2012) a sociedade valoriza as práticas pró-ambientais da instituição até certo ponto. Consideram que na maioria das vezes as organizações não praticam na realidade as ações ambientais que promovem e ao divulgar tais ações sem as pôr em prática buscam apenas trabalhar a imagem da instituição. Contudo, constataram que os indivíduos acreditam que as ações abraçadas nos projetos organizacionais são estimulantes das suas ações pessoais.

No entanto, Garlet et al. (2018) analisaram as perspetivas da sustentabilidade em diferentes faculdades de uma universidade no Brasil e descobriram que o construto campus verde apresentou como sendo um dos diferenciais da instituição por induzir vivências, interna e externa, culturalmente assente na SA. Demonstraram também, a importância do plano de ensino em consonância à temática ambiental, uma vez que o currículo permite reformular o pensamento dos discentes e criar compromisso com estas questões. Concluíram, ainda, que o facto de as IES estarem abertas às questões socioambientais criam interação com a sociedade e que por meio desta relação de proximidade surgem os benefícios mútuos através do ensino, da pesquisa e da extensão.

Garlet et al. (2018) encontraram práticas de sustentabilidade nas escolas analisadas, no âmbito dos três eixos: campus, currículo e comunidade. O que se confirmaram nas indicações da amostra, ao destacar ações das instituições como: busca por soluções sustentáveis; preocupações com o bem-estar e a saúde da comunidade; inovações curriculares e no campus; ações de participação da comunidade para o conhecimento e aprendizado sobre ambiente e inspiração de construções sustentáveis. Práticas que segundo os autores foram consideradas importantes para a amostra por proporcionar a comunidade, interna e externa, experiências voltadas à SA, sendo que tais experiências tendem a moldar o comportamento individual tornando-o favorável ao DS.

As afirmações de Garlet et al. (2018) corroboram com Rotta et al. (2017) ao defenderem a importância da ambientalização dos currículos acadêmicos. O que segundo os autores, significa reconfigurar o plano de ensino e introduzir neste novos conceitos capazes de aproximar a comunidade acadêmica no seu todo, às questões socioambientais. Acreditam que “esse processo consecutivo de ambientalização poderá propiciar à comunidade acadêmica [sic], vivências não só de práticas, mas também de princípios, de atitudes e valores da sustentabilidade, que sejam incorporados pela comunidade que vive além dos seus muros” (Rotta et al., 2017, p. 16).

Quanto à influência na consciencialização dos alunos universitários, no estudo de Silva e Melo (2012) demonstrou-se que os projetos desenvolvidos na IES foram considerados pela amostra como positivos para o aumento da consciência. Factos que levaram os autores a afirmarem que dependendo do modo como a organização atua, esta pode exercer influência sobre os comportamentos dos funcionários. Segundo as conclusões deste estudo, o projeto de educação ambiental favorece a consciência ecológica e fomenta uma mudança comportamental do indivíduo favorável ao meio ambiente.

Do mesmo modo, Rodríguez et al. (2021) avaliaram a metodologia do Projeto Social Inicial (PSI), uma experiência de estudo realizada no contexto das atividades curriculares do plano transversal, na Universidade Católica Silva Henríquez (UCSH). Concluíram que, embora os alunos considerarem que o projeto adota uma abordagem precoce da realidade social, demonstraram com entusiasmo que o PSI lhes permite contactar com a comunidade, permitindo-os tomar consciência do impacto das suas ações e decisões no meio envolvente. No entanto, este estudo aponta para a necessidade de formar profissionais com perfil ético, capazes de transmitirem à comunidade estudantil a noção de sujeitos socialmente responsáveis, dignos e coerentes com seus valores e decisões.

Paiva et al. (2018) também analisaram a influência do comportamento sustentável e inovador na intenção empreendedora dos alunos da Universidade Federal do Ceará, Brasil, e da Universidade do Algarve, Portugal. Constataram que há uma relação positiva entre o comportamento sustentável

dos discentes de ambas as instituições e a intenção empreendedora destes. Encontraram ainda tendências à atitude proativa dos alunos, de modo a fomentar a sensibilização de terceiros para a conservação ambiental.

Também Yamamoto et al. (2020) investigaram a compreensão da temática da sustentabilidade na ótica dos discentes de cursos de graduação em Administração da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Brasil, e concluíram que os entrevistados compreendem o conceito. No entanto, os discentes consideram, segundo este estudo, que o corpo docente, para além de ser sobrecarregado com as atividades habituais, tem falta de interesse, demonstra falta de conhecimento sobre o tema e não adotam iniciativas elucidativas no contexto. Apurou-se, ainda, que apenas um dos oito campus da universidade estudada apresenta maior mediana, 2,5, na avaliação dos métodos de ensino com menos de 10% de disciplinas que discutem a SA.

No entanto, as unidades curriculares que trabalham a SA em todos os campus da UFMS foram somente 11,77%, entre as optativas e as obrigatórias. E, 50% dos cursos analisados apresentaram apenas uma disciplina sobre SA obrigatória. Mesmo assim, os autores acreditam ser o fator responsável pelo conhecimento dos discentes na matéria. Assim, concluírem que a educação para sustentabilidade não deve passar apenas pela revisão dos currículos, “mas [que] a educação para sustentabilidade envolve outras diretrizes na área didático-pedagógica como uma política clara do curso, metodologia, integração, interdisciplinaridade e capacitação e interesse do corpo docente” (Yamamoto et al., 2020, p. 144).

Contudo, perante inúmeras iniciativas voltadas para o papel das IES diante do DS e o crescente número de instituições a aderirem a estas causas, Lozano et al. (2011) acreditam que a maioria destas instituições continuam a seguir os métodos tradicionais de ensino, apresentando resistência às mudanças, o que está associada aos comportamentos, práticas ou iniciativas. Diante disso, Aleixo et al. (2016) salientam que muitas IES estão atrasadas no processo contributivo para formar sociedades mais sustentáveis.

Achados que corroboram com Sacramento (2019), que concluiu que a IES portuguesa, do seu estudo de caso, revela padrão conservador e dificuldades de forma geral no processo de DS. De igual modo, Bronzeri e Cunha (2020), num estudo de caso, analisaram as práticas de sustentabilidade e as ações para a inclusão do tema na formação dos alunos do curso de Administração de uma IES Estadual, no Paraná, Brasil. Mostraram que considerando as indicações da UNESCO (2005), o curso analisado se encontra no estágio inicial do processo de integração das questões ambientais no plano de ensino.

Conforme revela a literatura, as ações sustentáveis das IES podem exercer impacto positivo nos seus alunos. Porém, as descobertas realçam ainda que, mesmo diante dos notáveis avanços das IES perante a problemática ambiental, é extremamente necessário superar o espírito conservador do ES e adotar a educação ambiental como prioridade nos planos de ensino, em todas as áreas de formação (Aleixo et al., 2020).

## Capítulo II – Método de investigação

A metodologia é considerada como uma sequência do raciocínio ao longo de um projeto, fornece uma visão planejada e organizada deste. Está relacionada com as etapas que interligam o trabalho empreendido, fornece explicações que sustentam a ligação das informações, a fim de dar coerência aos resultados (Bedante, 2004; Carlos et al., 2019).

Deste modo, procede-se neste capítulo à apresentação do método utilizado para responder à questão de partida deste trabalho e os objetivos traçados, o tipo de investigação adotado, os instrumentos e procedimentos de recolha e na análise dos dados, bem como a caracterização das amostras.

### 2.1. Objetivos de investigação

Após a reflexão bibliográfica apresentada, segue-se a segunda etapa desta investigação que é norteada pelo trabalho empírico e visa responder à pergunta que deu partida à mesma: **Como as Instituições de Ensino Superior têm cumprido com os seus papéis na edificação de comportamentos ambientalmente sustentáveis?**

Para responder a esta questão, definiu-se os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar as ações que as IES têm praticado de modo a trabalhar a consciencialização das comunidades e fomentar um comportamento mais sustentável;
2. Compreender, junto da UFMG e UNL, como os alunos percecionam e assimilam as ações e os conteúdos de sustentabilidade ambiental ministradas;
3. Verificar como estas instituições estão orientadas com a Agenda 2030.

Diante destes objetivos identificou-se duas populações, a UNL e UFMG, a fim de tentar compreender como estas instituições se comportam diante do compromisso que têm e como os seus discentes percecionam a temática envolvente. Ou seja, tentamos perceber o que se fez; que efeitos surtiram e que comportamentos se espera desencadear. Deste modo, esta será uma pesquisa explicativa de relação causal (Gil, 1991, in Kauark, et al., 2010).

Por uma questão de pertinência, optou-se por efetuar de seguida uma apresentação das IES sobre as quais se debruçou esta investigação.

## **2.2. Apresentação das instituições: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Nova de Lisboa (UNL)**

O critério de escolha destas instituições, UFMG e UNL, deve ao facto de serem, ambas, signatárias da Declaração de Talloires, 1990, França (ULSF, 2021). E, igualmente posicionadas no grupo da terceira melhor colocação, no ranking das melhores universidades do mundo em 2020, pela empresa The World University Rankings (ou Times Higher Education - THE), um dos rankings mais conhecidos e respeitados mundialmente.

### **2.2.1. A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**

A UFMG está localizada na região Sudeste do Brasil, no estado de Minas Gerais (MG), é a mais antiga universidade da região. Foi fundada com o nome Universidade de Minas Gerais (UMG), no dia 7 de setembro de 1927, como uma instituição privada e subsidiada pelo Estado. Somente em 1965 adotou o nome atual, Universidade Federal de Minas Gerais, tornando assim, por determinação do Governo Federal, pessoa jurídica de direito público, instituição pública de ensino superior gratuito (Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG], 2021).

A UFMG tem como objetivos gerar, desenvolver, transmitir e aplicar conhecimentos através do ensino, pesquisa e extensão, com vista educar e formar cidadãos dotados de responsabilidades sociais. Para tal, mantém cooperação académica, científica, tecnológica e cultural com outras IES nacionais, estrangeiras e internacionais, impulsionando o desenvolvimento regional, nacional e mundial, visando a sua consolidação enquanto universidade de excelência e relevância, no mundo. De modo a cumprir tais objetivos tem como missão formar cidadãos críticos e éticos comprometidos com atitudes pró-social, favorecendo o desenvolvimento económico, reduzindo as desigualdades sociais e assimetrias regionais, e por fim, o desenvolvimento sustentável (Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG], Plano de Desenvolvimento Institucional 2018 – 2023 [PDI], 2021).

Deste modo, esta instituição compromete em delinear soluções para os problemas socioeconómicos do meio onde se encontra inserida, bem como, capacitar e disponibilizar formação continuada aos sujeitos e as sociedades que alojam os seus projetos e programas (UFMG, 2021). Assim, desempenha funções nos campos da Graduação e Pós-Graduação, onde, por meio de atividades presenciais e a distância, cria conteúdos e projetos de ensino, pesquisa e extensão, em todos os ramos do conhecimento. Disponibiliza, ainda, cursos de Educação Básica e Profissional e busca difundir as suas ações nas diversas áreas, regional, nacional e internacional, apostando constantemente nos projetos académicos, científicos, tecnológicos e culturais em marcha ou em elaboração (UFMG – PDI, 2021).

É constituída por 21 unidades acadêmicas distribuídas pelos quatro *campis* e infraestruturas que dão suporte às atividades presenciais da instituição, localizados nas cidades: Belo Horizonte (Capital do estado), Montes Claros, Diamantina e Tiradentes, em MG. Nestas unidades, são organizados e lecionados cerca de 91 cursos de graduação (bacharelados, Licenciaturas e superior de tecnologia), 90 programas de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado) e 860 núcleos de pesquisa (UFMG, 2021). Os quais reúnem uma comunidade acadêmica com 34.482 estudantes de graduação, 10.556 estudantes de mestrado e doutorado, 3.202 docentes e 4.246 servidores técnico-administrativos, conforme consta no site oficial da instituição, com dados atualizados em maio de 2021 e vídeo institucional 2021 (TV UFMG, 2021; UFMG, 2021).

A UFMG participa no Estado de MG e no país de várias maneiras, como: titula e qualifica docentes de outras IES públicas, comunitárias e privadas; programas de mobilidade dos discentes internos e externos; projetos de cooperação e suas extensões à formação de centros de ensino, pesquisa e extensão; criação de projetos de integração dos seus discentes e docentes em instituições públicas e organizações não-governamentais no país e exterior. Como exemplo, as atividades de assistência ambulatoria, clínica e cirúrgica, nas mais diversas especialidades oferecidas pela UFMG nos hospitais da rede de saúde pública, SUS (Sistema Único de Saúde), Hospital das Clínicas e no HRTN (Hospital Universitário Risoleta Tolentino Neves); qualifica os profissionais da saúde pública, desenvolve pesquisa aplicada e ações de extensão nesta área no país. Destaca-se como exemplo, o “Internato Rural”, onde os discentes finais dos cursos de Enfermagem, Farmácia, Medicina e Odontologia, sob orientação de profissionais experientes, criam atividades curriculares em regiões do interior de MG. Além das ações enunciadas, a UFMG mantém cooperação acadêmica com diversas IES e órgãos de ensino e pesquisa dos distintos estados do país, por intermédio do apoio da Associação Nacional de Dirigentes das Instituições de Ensino Superior (ANDIFES) e dos Fóruns Universitários de Pró-Reitores de Graduação, Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão (UFMG – PDI, 2021).

Aposta na interiorização das suas atividades. Assim, procura fortalecer os seus *campis*, localizados no interior do estado, através da proposição de programas e projetos de extensão universitária ou de ações culturais. Bem como, consolida e amplia as suas atividades por meio da Educação a Distância (UFMG – PDI, 2021). Ainda, no contexto da extensão universitária, em 2020 a instituição somou o total de 3.800 ações desenvolvidas por áreas temáticas, saúde, educação, tecnologia e produção, trabalho, cultura e comunicação. Quanto a sua abrangência, este projeto de extensão tem como foco, prioritariamente, o estado de MG. No entanto, estende-se, também, por municípios de outros estados no Brasil, atingindo um público estimado de dois milhões de pessoas (UFMG – PDI, 2021).

A instituição marca presença em importantes redes e consórcios internacionais interuniversitários, tais como: a Asociación de Universidades Grupo Montevideu (AUGM), que engloba instituições do Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile; o Grupo Tordesilhas, de que fazem parte instituições de Espanha, Portugal e Brasil; a Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP); a Worldwide Universities Network (WUN); a Agence Universitaire de la Francophonie (AUF). Entre outras cooperações e participações a nível nacional, regional e internacional, a UFMG conta com mais de 600 acordos de cooperação internacionais, os quais envolvem diversas instituições situadas nos cinco continentes (UFMG – PDI, 2021).

Diante dos Objetivos da Agenda 2030, conforme consta no PDI 2018 - 2023, a UFMG afirma o protagonismo que as IES podem exercer diante destes objetivos, tanto pela geração de conhecimento em todas as dimensões da questão; formação e capacitação dos especialistas das diversas áreas, para que sejam capazes de atuar de forma interdisciplinar com a complexidade dos desafios e adoção de estratégias de educação ambiental para a sociedade em geral. E, declara o tópico do Ambiente e Sustentabilidade como um ponto de partida para a articulação de ações, nas suas distintas áreas académicas, ensino, pesquisa e extensão (UFMG – PDI, 2021).

Deste modo, e dentro deste contexto, a UFMG apresenta como objetivo geral a necessidade de

Constituir uma “Agenda UFMG para o Ambiente e Sustentabilidade”, integrando as diversas áreas, os diversos órgãos e setores da Instituição, visando tornar a UFMG um referencial sobre a questão ambiental para a sociedade, tanto na produção de conhecimento e formação de pessoas quanto na prática cotidiana de seu funcionamento (UFMG – PDI, 2021, p. 183).

Diante disso, delinea sete objetivos específicos, dos quais destacamos o primeiro que alega a necessidade de

Garantir uma presença significativa da temática ambiental no universo do ensino de Graduação na UFMG, que assegure que todos os egressos sejam cidadãos bem informados sobre tal temática, e que exista a possibilidade, em todos os currículos, de que o estudante obtenha um aprofundamento de estudos sobre o tema, em conexão com seu campo de formação (UFMG – PDI, 2021, p. 183).

Para tal, a UFMG delinea 19 ações a implementar entre 2018 e 2023 de modo a cumprir o supracitado. Nestas, sublinhamos a primeira que visa garantir que todos os currículos de Graduação sejam compostos por no mínimo uma disciplina voltada para a questão ambiental

(UFMG – PDI, 2021). É, deste modo, que esta IES procura firmar o seu posicionamento diante das questões ambientais e dos ODS.

### **2.2.2. A Universidade Nova de Lisboa**

Fundada a 11 de agosto de 1973, a Universidade Nova de Lisboa (UNL) surge como uma resposta às necessidades da formação académica portuguesa, em particular na zona de Lisboa. Com vista à expansão e diversificação do ensino superior, a instituição apostou num modelo inovador no âmbito do ensino português. Nos seus primeiros anos ofereceu os programas de licenciatura e especialização, tendo apostado num projeto de expansão consistente a partir de 1977 (Universidade Nova de Lisboa [UNL], 2021).

Enquanto instituição de ensino superior e conforme a alínea 1) do artigo 1.º do Despacho Normativo n.º 3/2020, de 6 de fevereiro, “a Universidade Nova de Lisboa é uma fundação pública com regime de direito privado, dotada de autonomia estatutária, científica, cultural, pedagógica, administrativa, financeira, patrimonial e disciplinar, nos termos da Constituição e da lei”. É composta por nove unidades orgânicas (UO) - Nova School of Business and Economics; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas; A NOVA Information Management School; Instituto de Higiene e Medicina Tropical; NOVA School of Law; NOVA Medical School; Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier; Faculdade de Ciências e Tecnologias; Escola Nacional de Saúde Pública – distribuídos em Lisboa, Almada e Cascais. Nestas UO, são lecionados, em diferentes áreas, 28 cursos de licenciaturas, 103 Mestrados, 12 Mestrados Integrados, 84 Doutoramentos. No entanto, e conforme consta no Guia de Cursos para 2021-2022 no site oficial da instituição, esta oferece, ainda, vários cursos de pós-graduação, alguns cursos não conferentes de grau e outros de especialização. No ano letivo 2019/2020 contou com cerca de 21.020 alunos, dos quais 3408 são estrangeiros, de 110 nacionalidades. Tem 40 unidades de investigação e somou 4655 publicações em 2019, e, 2355 docentes e investigadores (UNL, 2021).

Esta instituição desenvolveu ao longo dos anos um perfil internacional, sobretudo a partir de 2004 com o surgimento dos programas de mobilidade internacional. Neste sentido, procura ampliar as parcerias por meio da elaboração de vínculos colaborativos que apoiam e incentivam o intercâmbio científico e cultural, de modo a possibilitar que toda a sua comunidade, discentes, investigadores, docentes e não docentes tenham a oportunidade de internacionalizar-se. Pelo que, tem, atualmente, 559 parcerias de mobilidade (UNL, 2021).

Perante o lema “a NOVA é uma universidade global e cívica”, esta instituição é regida pela tripla missão: ensino, investigação e criação de valor. Tem como missão servir a sociedade, local e

global, através do conhecimento, criando ensino e investigação de excelência, agregadores de valor social e económico (Universidade Nova de Lisboa [UNL], Plano estratégico 2020 – 2030 [PE], 2021).

Para concretizar a sua missão a UNL aposta na igualdade, inclusão e na liberdade de pensamento com vista a atrair os melhores discentes, das distintas culturas para as diversas áreas de ensino. Aposta no ensino de perfil internacional, rigoroso e de qualidade em todos os ciclos; na investigação colaborativa interna e externa, nacional e internacional, com vista a resultados inovadores; na criação de valor através do conhecimento desenvolvido em cooperação com a sociedade e a economia, com vista ao desenvolvimento sustentável nos campos económico, tecnológico, cultural, social e da saúde, a nível nacional e internacional, com especial foco aos espaços europeu e lusófono (UNL – PE, 2021).

Ademais, “a cultura da NOVA baseia-se em cinco ações fundamentais: aprender, ousar, inovar, premiar a excelência e construir um mundo sustentável” (UNL – PE, 2021, p. 12). Dos quais, destacamos a última ação em que a instituição assume, em conjunto com a sua comunidade, o desejo de contribuir com os objetivos da Agenda 2030. Para tal, alega contribuir através da excelência do conhecimento e competência que produz e transmite, visando a inovação e os valores da cidadania ativa e solidária; de parcerias estratégicas, nacionais e internacionais, de qualidade, e da cooperação com as sociedades (UNL – PE, 2021).

Conforme consta no Plano Estratégico 2020- 2030 (PE) da UNL, a sua preocupação é gerar conhecimento e formar cidadãos imbuídos de responsabilidades sociais, capacitados para atuar diante dos desafios vigentes e contribuir para a edificação de um futuro melhor. Assim, e segundo afirma o Reitor João Sàágua, na sua mensagem no PE, as iniciativas delineadas neste plano estão alinhadas com os objetivos da Agenda 2030, e serão concretizados, sempre que possível, através de ações que impactarão positivamente a sociedade e as pessoas (UNL – PE, 2021).

Deste modo, o PE da UNL apresenta 7 objetivos estratégicos – especialização inteligente; talento; comunidade; ensino; investigação; criação de valor; gestão e financiamento - os quais, segundo consta neste documento, serão realizados por meio de ações, programas, plataformas e instrumentos. Conforme assegura o Reitor, na sua mensagem neste PE, as atuais estratégias abarcam iniciativas e missões nas diferentes áreas: Saúde e Bem-Estar, Igualdade de Género e de Oportunidades, Energias Renováveis e Acessíveis, Indústria, Inovação e Infraestruturas, Redução das Desigualdades, promoção de Cidades e Comunidades Sustentáveis e das Mudanças Climáticas (UNL – PE, 2021).

Para concretizar tais objetivos, a instituição desenvolveu programas transversais que pretende implementar durante os anos seguintes, como: o “NOVA *Campi* 21”, “Talent@NOVA”, “Learning@NOVA”, o “NOVA Digital”, “NOVA Impact” e o “Living@NOVA”. Destes,

destacamos o “Living@NOVA” que visa a interação entre a comunidade interna e externa da UNL, através de atividades culturais, desportivas e solidárias, promovendo a qualidade de vida nos seus *campi* pela partilha de conhecimentos (UNL – PE, 2021). Para tal, a instituição sublinha o desporto, cultura, apoios especiais, desenvolvimento humano, alojamento e alimentação como áreas a ser abordadas no programa, objetivando o conforto e bem-estar de toda a sua comunidade, principalmente dos seus discentes (UNL – PE, 2021).

No entanto, aquando da sua participação na comunidade, a UNL, conforme informações disponíveis no site desta, promove o voluntariado através de atividades curriculares e atividades de voluntariado em apoio a Instituições de Solidariedade Social e ONG’s para os discentes, docentes e colaboradores. Cada UO organiza as suas atividades, podendo envolver toda a organização na tentativa de respostas às necessidades emergentes na sociedade local. Destas iniciativas citamos como exemplos a possibilidade de colaborar na recolha de bens ou divulgação de atividades de ONG e IPSS, ou promover ações de formação e palestras de educação ambiental e responsabilidade ecológica, entre outras (UNL, 2021).

Ademais a UNL, através de parcerias com instituições culturais locais, promove a cultura por meio da correlação do conteúdo didático com as iniciativas culturais. Como exemplos o Festival NOVA Música que visa a divulgação dos talentos emergentes da música portuguesa e o Concurso de Fotografia destinado a todos os alunos da instituição, organizado pelo Gabinete de Cultura dos SASNOVA (Serviços de Ação Social da Universidade Nova de Lisboa). O mesmo gabinete dinamiza e promove atividades desportivas de competição para os seus alunos, de modo a incentivar a prática do desporto e melhorar as condições da vida académica e o sucesso escolar destes (UNL, 2021).

Conforme refere o PE, a NOVA já possui vários grupos académicos envolvidos em projetos interdisciplinares orientados pela Agenda 2030 e adota diversas práticas institucionais que promovem muitos dos ODS nos seus *campi*. Assim, entre outras plataformas interdisciplinares desenvolvidas pela instituição, com base em ambos aspetos foi criado o projeto interdisciplinar “NOVA 4 the Globe”, uma plataforma internacional permanente e transversal à NOVA. Esta visa apoiar o trabalho em conjunto entre investigadores internos e externos, na busca de conhecimento que favoreçam os ODS da Agenda 2030, a nível global, tendo como foco principal a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) (UNL – PE, 2021).

### **2.3. Métodos e instrumentos de recolha de dados**

Implementar uma investigação científica requer, de antemão, definir a metodologia a adotar na recolha e análise dos dados. Assim sendo, a metodologia qualitativa, e como assegura Stockemer

(2019), visa interpretar dados observacionais, pretende reter as opiniões e atitudes da amostra estudada, e requer ferramentas de investigação apropriadas para explorar as opiniões e sentimentos, tais como a entrevista qualitativa. O que corrobora com Moreira et al. (2021), que afirmam que a abordagem qualitativa permite *insights* mais relacionados com a aplicação prática da bibliografia especializada fornecendo maior compreensão dos fenómenos, e, com Bergano e Vieira (2020) ao salientarem que uma investigação qualitativa constrói conhecimento baseado nas vivências dos indivíduos dando lhes voz, o que permite a compreensão da complexidade das experiências vividas por estes (Bergano & Vieira, 2020).

Respeitante a investigação quantitativa, como a designação indica, permite quantificar, através de números ou estatísticas, determinados fenómenos, bem como, determinar a relação entre estes. Classifica em números as informações e opiniões tornando-os possíveis à análise por recursos e técnicas estatísticas (Kauark et al., 2010). É um processo dedutivo e orientado pela teoria, desde o início ao fim. Deste modo, o investigador quantitativo identifica as lacunas, buracos e controvérsias no conhecimento existente sobre o fenómeno estudado e procura colmatá-lo (Stockemer, 2019). Assim, conforme Tavares (2016), o método quantitativo é considerado o mais adequado para analisar temáticas e conceitos que a literatura já tenha explorado em profundidade.

A investigação científica pode combinar as vantagens de ambos os métodos, quantitativo e qualitativo, recorrendo ao terceiro modelo, à metodologia mista (Del Giacco et al., 2020). Esta técnica regista e analisa os dados quer quantitativos e qualitativos, com vista à compreensão multidimensional da questão estudada, mantendo a fiabilidade e validade em simultâneo dos resultados. A metodologia mista pode adotar quatro tipos de desenhos: o exploratório, a triangulação, o integrado e o explicativo. O desenho explicativo é uma ampliação direta do método quantitativo, cujo propósito é obter dados quantitativos, para posteriormente apostar na metodologia qualitativa e explicar os resultados adquiridos na anterior, sendo que cada dado é analisado individualmente e no final do estudo faz-se uma interpretação global destes (Sáiz-Manzanares & Escolar-Llamazares, 2021).

Foi com recurso a esta última metodologia que a presente pesquisa sucedeu. Os métodos mistos são úteis nos estudos de natureza complexa, nos trabalhos que, por envolver múltiplas facetas e realidades, requerem cobertura qualitativa e quantitativa (Sáiz-Manzanares & Escolar-Llamazares, 2021). Por outro lado, esta metodologia é intensiva, no entanto, abrange trabalhos com reduzidos números de participantes, mas possibilita a recolha de grande número de informações com elevado rigor (Del Giacco et al., 2020).

Como asseguram Sánchez-Gomez et al. (2020), a combinação de ambos os métodos evidencia benefícios, tais como: a validação do quando e como por triangulação dos dados; elucidação dos

resultados de modo complementar baseado no outro; o conhecimento de um todo e a compreensão das partes; a possibilidade de usar os resultados de um método para o desenvolvimento de outros processos; inovação na apresentação dos eventos encontrados; ampliação do conhecimento; resolução das limitações de um método pelo outro e por fim, a fiabilidade e garantia dos resultados.

Posto isto, o modelo de pesquisa adotado para a presente pesquisa consiste numa metodologia mista, que combina as vantagens qualitativa e quantitativa. Por meio da observação indireta recorre-se aos instrumentos de entrevistas semiestruturada e inquérito por questionário para recolher os dados necessários para responder os objetivos supra propostos. Instrumentos estes que, com mais cuidado, serão caracterizados nos próximos tópicos.

### 2.3.1. Entrevistas semiestruturadas

Pretendendo explorar as respostas às questões colocadas no âmbito dos objetivos traçados, numa primeira parte, recorreu-se a entrevistas semiestruturadas para recolher os dados.

A entrevista, técnica qualitativa de recolha de dados, permite recolher informações da realidade do entrevistado, bem como opiniões e pontos de vista (Carlos et al., 2019). Podendo ser executada através do tipo direto (presencial), ou indireto (por telefone, através da internet, ou outras tecnologias) (Kauark et al., 2010). Uma entrevista pode ser organizada por sondagem de opinião, semiestruturada, aberta, focalizada, projetiva, narrativa de vida ou grupo focal (Carlos et Al., (2019).

No caso da entrevista semiestruturada, esta tem as vantagens de, para além de ter previamente o questionário, permitir que consoante as respostas e as necessidades do entrevistador este especule outras questões que explorem as opiniões, argumentos e pontos de vista do entrevistado, de modo a proporcionar maior compreensão do assunto em questão (Dultra-de-Lima et al., 2020).

Posto isso, na primeira etapa da fase de observação, para o presente estudo, procedeu-se à elaboração do guião de entrevista semiestruturada. Este, que pode ser consultado em anexo (Anexo 2), foi construído através dos contributos da revisão da literatura e de Pereira (2016) e baseou-se nas seguintes categorias e subcategorias de análise:

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
<b>Conceitos de Sustentabilidade Ambiental e Desenvolvimento Sustentável</b>	Familiarização com os conceitos e com a Agenda 2030
	Relacionar o conceito de DS com as suas dimensões, por ordem de importância
	Relacionar o conceito de DS com a localização geográfica da IES
	Relacionar o conceito de DS com a natureza jurídica da IES

<b>Governança da IES</b>	Definir obrigações da IES
	Reconhecer a identidade corporativa e sua implementação.
	Reconhecer na governança da IES o seu compromisso na promoção de práticas de DS.
	Reconhecer como a instituição afirma a sua adesão à Declaração de Talloires, 1990.
	Relacionar a estratégia da IES com os ODS
<b>Desafios estratégicos e operacionais da IES</b>	Relacionar as tendências do ES com os ODS da Agenda 2030
	Relacionar as políticas de tutela no contexto das IES
	Reconhecer se o Ensino Superior pode contribuir para minimizar os problemas socioambientais
<b>Práticas de SA e DS na IES</b>	Reconhecer a valoração das experiências de SA pela IES
	Reconhecer impactos económicos e sociais da IES na região
	Reconhecer as iniciativas de SA que a IES promove
	Reconhecer se a IES pratica a SA e DS
	Identificar o foco das práticas de Sustentabilidade ambiental da IES
	Identificar vantagens internas e externas na adoção de práticas de SA e DS pela IES. Reconhecer aumentos de confiança e reputação nos colaboradores e estudantes.

Quadro 1 - Categoria e subcategoria de análise.

### 2.3.2. Inquérito por questionário

Segundo Maciel et al. (2014), um questionário é um instrumento composto por perguntas com vista à coleta de dados, como opiniões e motivações de um conjunto de indivíduos/inquiridos, de forma a generalizar as conclusões à totalidade da população. Por sua vez, de acordo com Pocinho (2012) “o inquérito é especialmente adequado no conhecimento de uma população enquanto tal: as suas condições e modos de vida, os seus comportamentos, os seus valores ou as suas opiniões” (p. 95).

Normalmente, um inquérito é composto por questões sobre: opiniões, atitudes, crenças e valores, que fornecem algumas escolhas nas respostas, como, concordo ou discordo, e visa compreender o que o respondente pensa sobre um determinado assunto, normalmente sobre o tema em estudo. As perguntas devem partir do geral para o específico, do todo ao individual e do fácil para o difícil, de modo a fazer sentido para o respondente e decorrer sem atrapalhões de uma pergunta à outra (Stockemer, 2019).

Um questionário pode ser composto apenas por perguntas abertas ou fechadas, ou, ainda, assumir um estilo misto e conter ambos os formatos. Contudo, as perguntas devem ser curtas, conter palavras e sintaxe simples, ser escritas de forma clara e precisa, e ser o mais adequado possível às prováveis habilitações literárias e ao vocabulário da amostra a que se dirige (Hill & Hill, 2002).

Esta técnica de coleta de dados está assente na abordagem quantitativa, e para além de medir a presença de atributos, visa medir a relação que estes apresentam. Tem algumas vantagens, como: custo baixo ou nulo; não depende da aproximação geográfica dos participantes; permite que o participante responda quando lhe for mais conveniente; tem a ausência do entrevistador, o que proporciona maior liberdade para ser respondido de forma mais sincera; possibilidade de inclusão de novos estímulos - sons, cores, imagens e animações. No entanto, apresenta desvantagens, como: pouca atratividade; baixa confiabilidade nos dados; baixo índice de resposta; problemas de adesão (Neves et al., 2020).

Um questionário pode ser aplicado por diferentes modalidades. Sendo atualmente a online a mais utilizada, a qual foi adotada para o presente estudo, e para além das vantagens supracitadas, acrescenta ainda a rapidez. Em contrapartida apresenta desvantagens, como, a dependência de software e desconhecimento deste pelo respondente (Neves et al., 2020).

Com base no exposto, e dada a amplitude da nossa amostra, considerou-se que o inquérito por questionário seria o instrumento mais apropriado para cumprir os objetivos delineados na presente investigação. Assim, aplicou-se um inquérito por questionário a um conjunto de alunos das instituições UFMG e UNL, para certificar se os resultados obtidos na fase exploratória, através da abordagem qualitativa, abrangem o universo de estudantes destas instituições.

### **2.3.3. Estrutura e construção do questionário**

Conforme verificado, um questionário deve ser estruturado e organizado numa sequência lógica, para evitar que o respondente tenha quaisquer dúvidas ou aborrecimentos ao preenchê-lo.

Para tal, o presente questionário, que é uma adaptação dos questionários utilizados nos estudos de Mota (2020) e Tavares (2016), fornece na primeira seção uma breve apresentação do seu objetivo e tema de estudo. E, dado que neste estudo se pretende analisar um tipo de ensino em concreto, em IES específicas, importa filtrar de antemão, os participantes com perfil adequado. Assim, salienta a importância dos sinceros contributos dos alunos e ex-alunos da UFMG e UNL em participar. Informa que os dados serão utilizados apenas para tratamento estatístico da presente investigação e garante a confidencialidade de todas as informações. Fornece, ainda, o contacto do investigador e disponibilidade total para quaisquer esclarecimentos ou interesse nas conclusões do estudo. A segunda parte é composta pelo consentimento informado, sendo um ponto de registo obrigatório para o inquirido poder avançar.

A terceira seção introduz as bases de fundação das IES e como estas são chamadas à temática da educação e sensibilização pró-ambiental. Ainda nesta etapa, é exposta uma questão fechada onde

o inquirido pode, de antemão, identificar a posição da sua instituição de ensino perante o tema, sem qualquer influência de questões prévias. Após esta etapa, é, então, colocado as questões mais específicas onde é pedido ao respondente que explique melhor o seu conhecimento, comportamento e motivações sobre o assunto.

O questionário é composto por um estilo misto de perguntas, abertas e fechadas, todas de resposta obrigatória, e está organizado em sete partes distintas: familiarização com a sustentabilidade ambiental; relação das IES com a sustentabilidade na ótica do discente; envolvimento dos alunos com as iniciativas de carácter ambiental das IES; políticas de natureza ambiental das IES; sensibilização por parte das IES para a sustentabilidade ambiental; comportamento individual face à sustentabilidade ambiental; dados sócio demográficos.

Com a primeira pergunta, composta por quatro questões fechadas, pretende-se, primeiramente, compreender se o inquirido está familiarizado com os conceitos de SA, DS, comportamento ambientalmente responsável e Agenda 2030.

Com a segunda questão tenciona medir a opinião do discente quanto à relação que as IES devem assumir diante das questões socioambientais. Para tal, recorreu-se à Escala desenvolvida por Rensis Likert, 1932, com cinco graus, (1- Discordo Totalmente, 2 - Discordo, 3 - Não concordo nem discordo; 4 - Concordo e 5 - Concordo Totalmente) (Hill & Hill 2002). É a variável ordinal mais utilizada em questionários e assume que a intensidade do saber é linear, onde há um discordar totalmente e concordar totalmente, ou seja, supõe que a atitude de um indivíduo pode ser medida e que a posição neutra desta medida não se encontra no concordo nem em discordo (Stockemer, 2019).

Após o inquirido ter identificado a sua opinião acerca do tema mencionado, pretende-se perceber os motivos que levam a este tipo de opinião. Para tal, com a terceira questão, nomeadamente com as questões fechadas de P3.1 à P3.5, visa identificar o envolvimento do inquirido com os projetos/iniciativas de carácter ambientalmente responsáveis da instituição que frequenta. Especificamente, com a questão P3.4, no caso de a primeira resposta fechada ser afirmativa, pretende-se, de seguida, identificar, através de respostas abertas, o nome da disciplina/unidade curricular de carácter ambiental existente no curso do respondente, o foco e posição desta, ou seja, se é obrigatória ou optativa.

Através da Escala de Likert com cinco graus, fez-se uma adaptação de modo que, com as questões P3.6 à P3.8, o participante avaliasse (1 = Péssimo e 5= Excelente) a abordagem que a sua instituição faz acerca da sustentabilidade ambiental, bem como a capacitação, conhecimento e empenho dos docentes que abordam a temática, em que 1= Péssimo; 2= Mal; 3= Mais ou menos; 4= Bom; 5= Excelente.

A quarta questão, composta por quatorze subquestões, pretende averiguar as políticas/práticas de natureza ambiental da IE que o inquirido frequenta. Nesta, de P4.1 à P4.14 recorre-se, ainda, à Escala de Likert com cinco graus, para medir o grau de concordância do inquirido face às políticas apresentadas. De modo a identificar outras ações que não tenham sido mencionadas, apresenta-se a P4a, pergunta fechada. Caso esta tenha a primeira resposta afirmativa, de seguida o inquirido é convidado a identificar, através de resposta aberta, outras práticas que considera pertinente.

As perguntas cinco e seis também recorrem à escala de Likert com cinco graus. Com a questão cinco pretende-se medir o grau de concordância do inquirido quanto à sensibilização para a sustentabilidade ambiental que o mesmo recebe da sua instituição. Por sua vez, a pergunta seis visa averiguar o grau de concordância do respondente quanto a sua própria conduta, ou seja, quanto a motivação e sensibilização pessoal, face à sustentabilidade ambiental. De modo a levantar alguma motivação ou sensibilização própria que tenha ficado por mencionar, apresenta-se a questão P6a, de resposta fechada. E, caso a resposta seja afirmativa, de seguida, o participante é convidado a responder abertamente os indicadores que considerar importantes.

Na última parte, pretende-se levantar a caracterização social e demográfica dos participantes. Para tal, ter-se-á em conta apenas os indivíduos que consideram ser, ou terem sido, alunos das IES, UFMG ou UNL.

O questionário completo pode ser consultado no anexo (Anexo 1).

## **2.4. Procedimentos utilizados na recolha e na análise de dados**

### **2.4.1 Entrevistas Semiestruturadas**

Inicialmente, os contactos para o pedido das entrevistas foram feitos por *e-mail* (Anexo 4), para coordenadores de cursos e diretores de algumas escolas das IES em análise. Uma vez aprovado e agendado a data e hora pelo entrevistado, foi enviado o Protocolo de Consentimento Informado (Anexo 5), para o devido preenchimento e devolução do mesmo. No entanto, e considerando os diferentes espaços geográficos entre alguns entrevistados e entrevistador, bem como, o atual contexto da pandemia, as entrevistas foram do tipo indireto, ou seja, foram realizadas via internet, com recurso ao programa de videochamadas, plataforma *Online Zoom*.

Os procedimentos realizados e tidos em conta na preparação e planificação das entrevistas, assim como na sua realização, podem ser consultados em anexo (Anexo 3).

Quanto ao processo de testagem de um instrumento de recolha de dados como o guião de entrevista, é útil para garantir a clareza e precisão das questões, assim como para o investigador

experimentar a forma de conduzir a entrevista, sendo esta ação tão ou mais importante do que as próprias questões. Essas ficam nas mãos do entrevistador e, no caso do guião de entrevista pouco estruturado, este tem a possibilidade, de no momento, reformular as questões tornando-as mais claras para o ouvinte. Mais concretamente, o sucesso de uma entrevista deste género está dependente não só das questões, mas também da concentração, conhecimento e competência do entrevistador, pelo que, é necessário testar (Pocinho, 2012).

Deste modo, e considerando que o guião do qual fez-se a adaptação foi implementado para analisar outra temática, - o alinhamento das práticas de Responsabilidade Social com o plano das IES e seu contributo para uma governação socialmente responsável (Pereira, 2016) -, foi necessário testar o nosso guião, antes da sua aplicação final. As entrevistas para os testes foram realizadas a 2 elementos: 1 elemento da ESCS-IPL e 1 elemento externo, que não pertencem a lista dos entrevistados, e, portanto, não constam no resultado final.

Com o resultado do teste verificou-se algumas melhorias a fazer no guião, nomeadamente referente à estrutura deste e a clareza das questões. Quanto à forma do investigador conduzir a entrevista, esta foi devidamente adequada e melhorada conforme aos contributos e sugestões dos entrevistados. Etapa, portanto, considerada útil no nosso caso, visto que permitiu estruturar a versão final do instrumento e garantir a sua fiabilidade.

Assim, procedeu-se à realização das entrevistas finais. As quais foram realizadas entre os dias 24 de julho de 2021 a 10 de setembro de 2021, procurou-se explorar as respostas às questões colocadas aos entrevistados de modo a alcançar os objetivos propostos inicialmente. No início das entrevistas, após aprovação do entrevistado, iniciou-se a gravação das mesmas com recurso ao gravador de um *smartphone*, sendo posteriormente transcritas, conforme anexo (Anexo 6a e 6b), de modo a proporcionar uma análise mais eficiente.

Para tal, recorreu-se à análise de conteúdo das entrevistas, usando as respostas dos entrevistados, numa perspetiva de categoria, subcategoria e frequência. Assim, desenvolveu uma grelha, conforme a grelha utilizada na estrutura do guião das entrevistas, para facilitar a interpretação das questões em cada contexto e a sua contagem. O que permitiu obter os dados necessários para responder à pergunta inicial, assim como os objetivos definidos.

#### **2.4.2 Inquérito por questionário**

Recorreu à plataforma *online* da Google Formulários, através do website <https://docs.google.com/>, para desenvolver e aplicar o questionário.

Após o desenvolvimento do questionário, procedeu-se ao teste da primeira versão, no qual participaram 16 alunos de duas IES, com as mesmas características da amostra destinada. A estes, pediu-se que identificassem quaisquer dúvidas que lhes pudessem ocorrer diante das questões. Este processo permitiu identificar alguns termos não compreendidos por todos os participantes, bem como perguntas que desmotivam a participação do inquirido, nomeadamente, demasiadas perguntas abertas, sendo, então, revisados e otimizados na versão final.

Para avaliar a confiabilidade do presente questionário, realizou testes ao Alfa de Cronbach ( $\alpha$ ), o que permitiu obter valores entre 0,82 e 0,99. Valores que, segundo Nunnally (1978), representam uma elevada consistência interna e elevada fiabilidade entre as escalas apresentadas.

Após o pré-teste, a versão final foi disponibilizada através do link [https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeR1uAirbhZ-IJci6fD1QB78ZnSgiAC\\_DT11TuqaeXgcXQIPA/viewform](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeR1uAirbhZ-IJci6fD1QB78ZnSgiAC_DT11TuqaeXgcXQIPA/viewform). Esteve ativo de 14 de julho de 2021 a 1 de setembro de 2021, e foi disseminado através da *internet*. Para este efeito, primeiramente, contactou-se, entre os dias 14 de junho de 2021 a 19 de julho de 2021, os coordenadores dos cursos, por via *e-mail*, das várias escolas, das instituições em análise, pedindo apoio e colaboração para a divulgação e disseminação do inquérito aos alunos do curso.

No âmbito da UFMG, ressalta que, cerca de 15% dos contactos efetuados aos coordenadores dos cursos desta instituição, obtiveram retorno com resposta de aprovação, informando que o link do questionário seria, conforme solicitado, encaminhado para os e-mails dos respetivos alunos do curso. Em especial, a coordenação do Curso de Graduação em Engenharia de Minas informou que o questionário seria veiculado no site <http://www.demin.ufmg.br/noticiadet.php?numaut=216>, entre os dias 18 de junho de 2021 a 31 de julho de 2021, assim como no Instagram e Moodle do curso. Todos os contactos recebidos mereceram a nossa especial atenção, pelo que, respondemos agradecendo uma vez mais a colaboração e divulgação.

Quanto à UNL, também, nas mesmas datas supracitadas, contactamos diretores de cursos de várias escolas da instituição, bem como algumas associações de estudantes. Apenas uma escola desta instituição, a NOVA SBE, mostrou-se disponível para colaborar e informou que o link, para o questionário em questão, seria partilhado através dos seus programas académicos, no *TEAMS* dos clubes de alunos e associações de estudantes. No entanto, não tendo obtido respostas significativas do questionário, procedeu-se ao contacto diretamente com alguns alunos desta instituição.

Para tal, durante a última semana de julho de 2021 e o mês de agosto de 2021, fez-se um rastreio nas páginas oficiais das diferentes escolas da NOVA através da rede social *Instagram*, onde observou-se se o perfil dos seguidores que iam interagindo com as publicações nas respetivas páginas, apresentavam perfil de aluno da instituição (Anexo 8). Para estes alunos enviou-se mensagem privada

com breve apresentação e link do questionário, obtendo assim, a participação por livre e espontânea vontade de 271 indivíduos. Sendo 139 alunos da UFMG e 132 alunos da NOVA.

Os dados recolhidos foram analisados através do software estatístico IBM SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 26. Tendo, então, primeiramente analisada a consistência interna das escalas utilizadas por meio do Alfa de Cronbach, obtendo valores entre 0,60 e 0,91. De seguida, realizou-se uma análise descritiva das variáveis, nas quais se utilizou a escala de Likert, recorrendo aos indicadores presentes na média e erro padrão. Por fim, procedeu-se à análise da variância através do Teste ANOVA, que permite analisar a variabilidade entre grupos.

Para analisar as demais variáveis, utilizou a leitura da frequência absoluta e relativa dos dados, e a leitura da tabulação cruzada com estatísticas do qui-quadrado.

## **2.5. Amostra: caracterização**

### **2.5.1 Entrevistas Semiestruturadas**

Procurou-se levantar testemunhos de dois profissionais, um da UFMG e outro da UNL, que pela posição e responsabilidades que ocupam, tivessem informações relevantes na temática em análise:

- **Ana Marques, cerca de 40 anos**

Ana Marques, nome fictício dado que a entrevistada pediu anonimato, trabalha na área dos Assuntos Educacionais na Faculdade de Farmácia da UFMG, desde 2017.

- **João Rodrigues, 38 anos**

Antigo aluno da Nova SBE, João Rodrigues começou a trabalhar na mesma escola em 2018, nas áreas de impacto e sustentabilidade. Atualmente é Diretor da Sustentabilidade na UNL, cargo que assumiu em 2020 e docente na Formação de Executivos e em alguns módulos no Mestrado na área de avaliação de impacto na Nova SBE, onde também é professor assistente em UC relacionadas com a sustentabilidade.

### **3.5.2 Inquérito por questionário**

O presente inquérito por questionário foi aplicado a uma amostra não probabilística por conveniência (N=271), composta apenas por alunos e ex-alunos das IES em análise, UFMG e UNL.

- **Instituição de ensino que frequentam**

Conforme se pode observar na Tabela 1, do total da amostra, verifica-se que 139 (51,3%) são alunos da UFMG, e, 132 (48,7%) são discentes da UNL.

**Tabela 1 - Distribuição por ES**

	Número	Porcentagem (%)
UFMG	139	51,3
UNL	132	48,7
Total	271	100,0

- **Gênero**

Conforme se pode observar na Tabela 2, dos inquiridos, 59,0%, são do gênero feminino (160), 38,7% do gênero masculino (105), 1,1% identificaram-se como “outro” (3) e 1,1% preferiram não responder (3).

**Tabela 2 - Distribuição por gênero**

	Número	Porcentagem (%)
Feminino	160	59,0
Masculino	105	38,7
Outro	3	1,1
Prefiro não responder	3	1,1
Total	271	100,0

Como demonstra a Tabela 3, do gênero feminino, 81 pertencem à UFMG e 79 à UNL. No que respeita ao gênero masculino, 56 são alunos da UFMG e 49 pertencem à UNL. No que concerne ao gênero “outro”, são todos os 3 alunos da UNL, e dos que optaram por não responder, 2 são alunos da UFMG e 1 é discente da UNL.

**Tabela 3 - Distribuição por gênero e IE**

	UFMG	UNL	Total
Feminino	81	79	160
Masculino	56	49	105
Outro	0	3	3
Prefiro não responder	2	1	3
Total	139	132	271

- **Idade**

A faixa etária dos inquiridos situa-se entre os 18 e mais de 44 anos (Tabela 4). Conforme se verifica, a maior proporção destas faixas etárias está entre os 18 anos aos 24 anos (79,0%, 214), em segundo, entre os 25 aos 34 anos (13,3%, 36), seguida dos 35 aos 44 anos (4,1%; 11), e por último, superior a 44 anos (3,7%, 10).

**Tabela 4 - Distribuição por faixa etária**

	Número	Porcentagem (%)
Entre 18 anos aos 24 anos	214	79,0
Entre 25 anos aos 34 anos	36	13,3
Entre 35 anos aos 44 anos	11	4,1
Mais de 44 anos	10	3,7
<b>Total</b>	<b>271</b>	<b>100,0</b>

Quanto à distribuição dos estudantes supramencionados, por IE, conforme Tabela 5, a maioria, dos 18 aos 24 anos, cursam na UNL (122) e 92 na UFMG. Entre os 25 aos 34 anos, 29 são da UFMG e 7 da UNL. Entre os 35 aos 44 anos, dos 11 dos inquiridos, 10 são da UFMG e 1 da UNL. Por fim, dos 10 participantes correspondentes à faixa etária superior a 44 anos, 8 são da UFMG e 2 da UNL.

**Tabela 5 - Distribuição por faixa etária e IE**

	UFMG	UNL	Total
Entre 18 anos aos 24 anos	92	122	214
Entre 25 anos aos 34 anos	29	7	36
Entre 35 anos aos 44 anos	10	1	11
Mais de 44 anos	8	2	10
<b>Total</b>	<b>139</b>	<b>132</b>	<b>271</b>

### ● Nacionalidade

As nacionalidades dos educandos são, conforme a Tabela 6, brasileira 52,4% (142), portuguesa 47,2% (128) e apenas um inquirido é natural de outra nação.

**Tabela 6 - Distribuição por nacionalidade**

	Número	Porcentagem (%)
Brasil	142	52,4
Portugal	128	47,2
Cabo Verde	1	,4
<b>Total</b>	<b>271</b>	<b>100,0</b>

Como se constata na Tabela 7, dos 142 brasileiros, 137 são estudantes da UFMG e 5 da UNL. Quanto aos portugueses, 128 participantes, 126 são alunos da UNL e 2 são da UFMG. E, o inquirido de nacionalidade cabo-verdiana é discente da UNL.

**Tabela 7 - Distribuição por nacionalidade e IE**

	UFMG	UNL	Total
Brasil	137	5	142
Portugal	2	126	128
Cabo Verde	0	1	1
<b>Total</b>	<b>139</b>	<b>132</b>	<b>271</b>

- **Curso frequentado**

Quanto à distribuição por cursos, verifica-se, (Tabela 8), que a maioria dos inquiridos (27; 10,0%) são estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo. Seguem-se Engenharia Química (21; 7,7%), Bioquímica (15; 5,5%), Ciências Biológicas (14; 5,2%) e Ciências da Comunicação (13; 4,8%). Os alunos cursam Arquivologia (11; 4,1), e, na mesma proporção, são os discípulos de Economia (11; 4,1%) e Farmácia (11; 4,1%). Ainda se observa a participação notável dos cursos de Gestão e História, ambos com cotação de 10 inquiridos em cada, o equivalente a 3,7% do total da amostra.

**Tabela 8 - Distribuição por cursos**

	Número	Porcentagem (%)
Arquitetura e Urbanismo	27	10,0
Engenharia Química	21	7,7
Bioquímica	15	5,5
Ciências Biológicas	14	5,2
Ciências da Comunicação	13	4,8
Arquivologia	11	4,1
Economia	11	4,1
Farmácia	11	4,1
Gestão	10	3,7
História	10	3,7

Ressalta-se ainda, na distribuição por cursos (Tabela 8, anexo), a participação do Mestrado Integrado em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores (8, 3,0%) da FCT da UNL, assim como, outros mestrados e Doutoramento que compõem a presente amostra.

- **Ano do curso que frequenta**

Na distribuição por ano, como se constata (Tabela 9), a maioria dos inquiridos pertencem ao primeiro ano do curso (90; 33,2%), sucedidos pelos discentes do segundo ano (66; 24,4%) e, por fim, do terceiro ano (52, 19,2%).

**Tabela 9 - Distribuição por ano de curso**

	Número	Porcentagem (%)
1	90	33,2
2	66	24,4
3	52	19,2
4	30	11,1
5	29	10,7
6	4	1,5
Total	271	100,0

No que concerne à distribuição por ano de curso e IE, observa-se que, dos 90 inquiridos que frequentam o primeiro ano de ensino, 59 são alunos da UNL e 31 da UFMG. Dos 66 alunos que frequentam o segundo ano, 34 são da UNL e 32 da UFMG. Assim como, dos 52 educandos que integram o terceiro ano, 29 deles são da UNL e 23 da UFMG (Tabela 10).

**Tabela 10 - Distribuição por ano de curso e IE**  
**Contagem**

	UFMG	UNL	Total
1	31	59	90
2	32	34	66
3	23	29	52
4	27	3	30
5	23	6	29
6	3	1	4
Total	139	132	271

- **Nível de escolaridade**

Conforme demonstra a Tabela 11, os níveis de escolaridade mais elevados são: Ensino secundário - 12.º ano de escolaridade – 134, 49,4%) e Bacharelato ou Licenciatura (117, 43,2%).

**Tabela 11 - Distribuição por nível de escolaridade**

	Número	Porcentagem (%)
Ensino secundário (12º ano de escolaridade)	134	49,4
Bacharelato ou Licenciatura	117	43,2
Pós-Graduação	6	2,2
Mestrado	10	3,7
Doutoramento	4	1,5
Total	271	100,0

- **Estado civil**

No que respeita ao estado civil dos indagados, são na sua grande maioria solteiros (252; 93,0%). Em termos de casado/união de facto, o universo é composto por 18 indivíduos (6,6%), sendo a categoria divorciado composta por uma única pessoa (Tabela 12).

**Tabela 12 - Distribuição por estado civil**

	Número	Percentagem (%)
Solteiro	252	93,0
Casado/união de facto	18	6,6
Divorciado	1	,4
Total	271	100,0

- **Agregado familiar**

Quanto ao agregado familiar da amostra (Tabela 13), apurou-se que 34,3% (93) reside com mais três pessoas, em segundo, 72 inquiridos (26,6%) afirmaram viver com mais duas pessoas e 44 participantes (16,2%) responderam que habitam com mais uma pessoa. Ainda, 36 inquiridos (13,3%) disseram que vivem com mais quatro indivíduos, e 21 (7,7%) disseram que vivem sozinhos. Por fim, apenas 5 sujeitos (1,8%) referiram que compartilham casa com mais de cinco pessoas.

**Tabela 13 - Distribuição por agregado familiar**

	Número	Percentagem (%)
1 pessoa	21	7,7
2 pessoas	44	16,2
3 pessoas	72	26,6
4 pessoas	93	34,3
5 pessoas	36	13,3
Mais de 5 pessoas	5	1,8
Total	271	100,0

## Capítulo III – Resultados: Inquérito por Questionário

### 3.1. Consistência interna das escalas

Na seguinte tabela (14) apresenta-se os resultados da análise da consistência interna das escalas das cinco variáveis em estudo:

Tabela 14 - Estatísticas de consistência interna das variáveis em estudo

Variáveis	Alfa de Cronbach	Nº de itens
Envolvimento dos alunos com as iniciativas de caráter ambiental das IES	0,812	3
Relação das IES com a sustentabilidade na ótica dos discentes	0,609	8
A sustentabilidade ambiental nas IES na ótica dos discentes	0,873	14
Sensibilização por parte das IES para a sustentabilidade ambiental na ótica dos discentes	0,914	10
Comportamento individual e sustentabilidade ambiental	0,863	15

No todo, obtiveram-se valores acima de 0,6, variando entre 0,60 (razoável), valor que segundo Nunnally (1978) é considerado aceitável, e 0,91 (muito bom), pelo que pode-se concluir que todas as variáveis em análise são consistentes e unidimensionais, uma vez que todos os itens referentes a cada variável medem a mesma adequadamente.

### 3.2. As IES e a educação para as causas ambientais

De acordo com os resultados da análise da primeira questão, cujo objetivo foi introduzir os participantes na temática em estudo (Tabela 17) dos 271 inquiridos, 235 (86,7%) consideram que a sua IES procura educar e sensibilizar para as causas ambientais. Por outro lado, 36 (13,3%) participantes consideram que a sua instituição não executa este tipo de ensino.

Tabela 17 - Prática do ensino da SA

	Número	Percentagem (%)	
Considera que a IES que frequenta pratica, ou procura praticar, este tipo de ensino?	Não	36	13,3
	Sim	235	86,7
Total	271	100,0	

Dos 235 inquiridos que responderam afirmativamente, 121 são alunos da UFMG e 114 pertencem à UNL (Tabela 18). Dos 36 (13,3%) que responderam negativamente, 18 são alunos da UFMG e 18 cursam na UNL.

Tabela 18 - Distribuição de prática do ensino da SA por IE

	UFMG	UNL	Total	
Considera que a IES que frequenta pratica, ou procura praticar, este tipo de ensino?	Não	18	18	36
	Sim	121	114	235
Total	139	132	271	

O valor do teste do qui-quadrado foi 0,868.

### 3.3. Familiarização com os conceitos:

#### 3.3.1. Sustentabilidade Ambiental

Relativamente ao conhecimento do conceito de sustentabilidade ambiental, verifica-se (Tabela 19) que 256 (94,5%) dos inquiridos demonstraram conhecer a definição, e 15 (5,5%) não se consideraram familiarizados com o mesmo.

**Tabela 19 - Conhecimento do conceito de sustentabilidade ambiental**

	Número	Percentagem (%)
Não	15	5,5
Sim	256	94,5
Total	271	100,0

Conforme a Tabela 20, do total de 256 inquiridos que estão familiarizados com o conceito SA, 127 são alunos da UFMG e 129 pertencem à UNL. Da mesma forma, dos 15 que negaram conhecer o termo, 12 são alunos da UFMG e três da UNL.

**Tabela 20 - Conhecimento do conceito de SA por IE**

		UFMG	UNL	Total
Está familiarizado com o conceito de Sustentabilidade Ambiental?	Não	12	3	15
	Sim	127	129	256
Total		139	132	271

Quanto ao teste do qui-quadrado, o valor foi = 0,022.

#### 3.3.2. Desenvolvimento Sustentável

No que respeita ao conhecimento dos alunos com o conceito de desenvolvimento sustentável, a partir dos dados da Tabela 21, verifica-se que 8 (3,0%) dos inquiridos responderam de forma negativa e 263 (97,0%) questionados consideram-se a par do mesmo.

**Tabela 21 - Conhecimento do conceito de desenvolvimento sustentável**

	Número	Percentagem (%)
Não	8	3,0
Sim	263	97,0
Total	271	100,0

Observa-se que (Tabela 22), dos 263 participantes que conhecem a definição DS, 134 são discentes da UFMG e 129 são da UNL, e, dos 8 inquiridos que responderam que não conhecem este conceito 5 são alunos da UFMG e 3 frequentam a UNL.

**Tabela 22 - Conhecimento do conceito de DS por IE**

		UFMG	UNL	Total
Está familiarizado com o conceito de Desenvolvimento Sustentável?	Não	5	3	8
	Sim	134	129	263
Total		139	132	271

Referente ao teste do qui-quadrado o valor foi = 0,520.

### 3.3.3. Comportamento Ambientalmente Responsável

Relativamente ao comportamento ambientalmente responsável, 34 (12,5%) dos inquiridos negaram conhecer o conceito, e, 237 (87,5%) responderam que compreendem o mesmo (Tabela 23).

**Tabela 23 - Conhecimento do conceito de comportamento ambientalmente responsável**

	Número	Porcentagem (%)
Não	34	12,5
Sim	237	87,5
Total	271	100,0

É possível atestar, a partir dos dados da Tabela 24, que dos 34 participantes que negaram conhecer este conceito, 26 são alunos da UFMG e 8 da UNL. Dos 237 que se consideram familiarizados com o termo, 124 pertencem à UNL e 113 cursam na UFMG.

**Tabela 24 - Conhecimento conceito comp. ambientalmente responsável por IE**

		UFMG	UNL	Total
Está familiarizado com o conceito de Comportamento Ambientalmente Responsável?	Não	26	8	34
	Sim	113	124	237
Total		139	132	271

Conforme o valor do teste do qui-quadrado (Tabela 25; sig=0,002) os dados são estatisticamente significativos.

**Tabela 25 - Conhecimento do conceito de comp. ambientalmente responsável por IE**

	Valor	df	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	9,866	1	,002
Correção de continuidade	8,747	1	,003
Razão de verossimilhança	10,363	1	,001
N de Casos Válidos	271		

### 3.3.4. Conhecimento da Agenda 2030

No que diz respeito ao conhecimento da Agenda 2030 (Tabela 26), a maioria dos inquiridos 162 (59,8%) responderam que não conhecem este documento e 109 (40,2%) inquiridos responderam afirmativamente.

**Tabela 26 - Conhecimento da Agenda 2030**

	Número	Percentagem (%)
Não	162	59,8
Sim	109	40,2
Total	271	100,0

Quanto à distribuição por IES, conforme se confirma na Tabela 27, dos 162 que não conhecem a Agenda 2030, 83 são alunos da UFMG e 79 da UNL. Dos 109 que demonstraram conhecimento deste documento, 56 são discentes da UFMG e 53 da UNL.

**Tabela 27 - Conhecimento da Agenda 2030 por IE**

		UFMG	UNL	Total
Tem conhecimento da Agenda 2030 e os objetivos desta?	Não	83	79	162
	Sim	56	53	109
Total		139	132	271

O valor do teste do qui-quadrado, referente ao conhecimento da Agenda 2030, foi = 0,982.

## 3.4. Envolvimento dos alunos com as iniciativas de caráter ambiental das IES:

### 3.4.1. Tem conhecimento das iniciativas ambientalmente responsáveis que a sua IE promove?

Quanto ao conhecimento acerca das iniciativas ambientais que as IES adotam, como valida a Tabela 28, 50,6% (137) da amostra responderam que as desconhecem e 134 (49,4%) retorquiram afirmativamente.

**Tabela 28 - Conhecimento das iniciativas de SA**

	Número	Porcentagem (%)
Não	137	50,6
Sim	134	49,4
Total	271	100,0

Dos 137 participantes que desconhecem as iniciativas, como mostra a Tabela 29, 76 são alunos da UFMG e 61 pertencem à UNL, e daqueles que afirmam conhecer estas ações, 71 são discentes da UNL e 63 pertencem à UFMG.

**Tabela 29 - Conhecimento das iniciativas por IE**

		UFMG	UNL	Total
Tem conhecimento das iniciativas ambientalmente responsáveis que a sua Instituição de Ensino promove?	Não	76	61	137
	Sim	63	71	134
Total		139	132	271

O valor do teste do qui-quadrado foi = 0,164.

Para os inquiridos que afirmaram conhecer as iniciativas ambientais que as IES desenvolvem, foi-lhes apresentado os seguintes itens: “costuma participar nas iniciativas ambientalmente responsáveis que a sua Instituição de Ensino promove?”; “considera que as iniciativas ambientalmente responsáveis, adotadas na IES que frequenta, têm alguma importância para o comportamento pró-ambiental dos alunos/sociedade?”.

### **3.4.2. Costuma participar nas iniciativas ambientalmente responsáveis que a sua Instituição de Ensino promove?**

No que respeita a participação dos alunos nas respetivas iniciativas, verifica-se que 22,1% (60) responderam afirmativamente, e 27,3% (74) responderam que não participam (Tabela 30).

**Tabela 30 - Participação nas iniciativas**

	Número	Porcentagem (%)
Não	74	27,3
Sim	60	22,1
Total	134	49,4

Conforme se pode conferir na Tabela 31, dos 74 alunos que não participam nas iniciativas, 38 são alunos da UFMG e 36 são da UNL.

Dos 60 inquiridos que assumiram marcar presença, 35 pertencem à UNL e 25 à UFMG.

**Tabela 31 - Participação nas iniciativas por IE**

		UFMG	UNL	Total
Costuma participar nas iniciativas ambientalmente responsáveis que a sua Instituição de Ensino promove?	Não	38	36	74
	Sim	25	35	60
Total		63	71	134

O valor do teste do qui-quadrado foi = 0,203.

### 3.4.3. Considera que as iniciativas ambientalmente responsáveis, adotadas na IES que frequenta, têm alguma importância para o comportamento pró-ambiental dos alunos/sociedade?

No que concerne à importância que os discentes atribuem a estas iniciativas, a partir dos dados da Tabela 32, pondera-se que 127 (46,9%) dos inquiridos consideram que as mesmas são importantes para o comportamento pró-ambiental dos alunos/sociedade.

Por outro lado, apenas 7 (2,6%) não julgam que estas ações tenham relevância neste contexto.

**Tabela 32 - Importância da iniciativas de SA**

	Número	Porcentagem (%)
Não	7	2,6
Sim	127	46,9
Total	134	49,4

A nível da distribuição pela importância dos projetos de SA por IES, observa-se na Tabela 33 que, dos 127 que consideram os mesmos relevantes, 66 são alunos da UNL e 61 da UFMG. Dos 7 alunos que não vêem mais-valias nestas ações para um comportamento individual pró-ambiental, 2 são discentes da UFMG e 5 pertencem à UNL.

**Tabela 33 - Importância das iniciativas por IE**

		UFMG	UNL	Total
Considera que as iniciativas ambientalmente responsáveis, adotadas na IES que frequenta, têm alguma importância para o comportamento pro-ambiental dos alunos/sociedade?	Não	2	5	7
	Sim	61	66	127
Total		63	71	134

Quanto ao teste do qui-quadrado, referente a esta questão, o valor foi = 0,229.

### 3.4.4. No curso que frequenta existe alguma unidade curricular/ disciplina voltada para a problemática ambiental?

Quanto a presença de UC/disciplina de âmbito ambiental nos cursos, observa-se, através da Tabela 34, que 159 (58,7%) dos inquiridos afirmaram que não têm qualquer conteúdo curricular voltado para esta temática, e 112 (41,3%) indicaram ter unidades curriculares neste âmbito.

**Tabela 34 -UC/disciplina de caráter ambiental nos cursos**

	Número	Porcentagem (%)
Não	159	58,7
Sim	112	41,3
Total	271	100,0

No que refere a distribuição das UC/disciplina nos cursos e por IES, constata-se, a partir dos dados da Tabela 35, que dos 159 inquiridos que afirmam não ter UC/Disciplina neste âmbito 57 são alunos da UFMG e 102 pertencem à UNL. Por outro lado, 82 alunos da UFMG mencionaram ter ensinamentos nesta temática, e apenas 30 elementos da UNL informaram ter nos seus currículos UC/disciplina de caráter ambiental.

**Tabela 35 - UC/disciplinas de caráter ambiental nos cursos por IE**

	UFMG	UNL	Total
No curso que frequenta existe alguma unidade curricular/ disciplina voltada para a problemática ambiental?	Não	102	159
	Sim	82	112
Total	139	132	271

Numa questão aberta, os inquiridos mencionaram alguns nomes das UC/disciplina dentro da temática, como: “bases ecológicas para desenvolvimento sustentável” e “química ambiental”, (Tabela 36, anexo).

Quando questionados sobre a opção de escolha destas UC/disciplina, os participantes indicaram ambas as possibilidades, optativas e obrigatórias (Tabela 37, anexo).

Em relação à distribuição dos conteúdos curriculares por nomes e IES (Tabela 39, anexo), foram os alunos da UFMG que mais destacaram nomes de UC/disciplina lecionadas nos seus cursos.

Por outro lado, vale ressaltar que 1 aluno da UNL alega ter no seu currículo 90% das unidades curriculares voltadas para esta temática, uma vez que cursa Engenharia do Ambiente.

Com relação ao foco das UC/disciplina, as respostas foram variadas (Tabela 38, anexo).

Ainda assim, é possível sublinhar algumas, como:

“A disciplina apresenta aos alunos as regulamentações ambientais existentes e mostra como projetar de forma realmente sustentável, dando ênfase à substituição e redução de materiais e hábitos”; “abordar os impactos antrópicos no ambiente, as consequências e formas de revertê-los” e “a disciplina de saneamento e estudos ambientais é voltada para o estudo das problemáticas ambientais na cidade atual”.

Como podemos constatar através do valor do teste qui-quadrado, Tabela 40, os dados referentes as distribuições de UC/disciplina de conteúdo ambiental, nos cursos e por IES, são estatisticamente significativos.

**Tabela 40 - Distribuição por UC/disciplina de caráter ambiental nos cursos por IES ^ Teste qui-quadrado**

	Valor	df	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	36,722	1	,000
Correção de continuidade	35,242	1	,000
Razão de verossimilhança	37,826	1	,000
N de Casos Válidos	271		

### 3.4.5. Gostaria que a sua IE desenvolvesse, mais, iniciativas ambientalmente responsáveis?

Quando questionados se gostariam que a IE que frequentam desenvolvesse mais ações no contexto da problemática ambiental, constata-se, através da Tabela 41, que 93,4% (253) dos participantes responderam afirmativamente, e apenas 6,6% (18) dos inquiridos não manifestaram tal interesse.

**Tabela 41 - Adoção de mais iniciativas ambientais**

	Número	Porcentagem (%)
Não	18	6,6
Sim	253	93,4
Total	271	100,0

A partir dos dados da Tabela 42, observa-se que dos 253 alunos que gostariam de ter mais iniciativas no contexto da problemática ambiental na sua IE, 128 são alunos da UFMG e 125 da UNL. Sendo que, dos 18 desinteressados 11 respondentes pertencem à UFMG e 7 à UNL.

**Tabela 42 - Adoção de mais iniciativas ambientais por IES**

		UFMG	UNL	Total
Gostaria que a sua instituição de ensino desenvolvesse, mais, iniciativas ambientalmente responsáveis?	Não	11	7	18
	Sim	128	125	253
Total		139	132	271

Quanto ao teste do qui-quadrado o valor foi = 0,388.

### 3.5. Envolvimento dos alunos com as iniciativas de carácter ambiental das IES

Ainda nesta dimensão, os participantes foram expostos a três itens (Como considera que a sua IES aborda o tema da problemática ambiental; Como considera a capacitação e conhecimento dos professores acerca do tema SA no seu curso; Como considera a motivação e empenho com que os professores do seu curso abordam a temática da SA) que, através da escala de concordância de 1 a 5, em que 1= Péssimo; 2= Mal; 3= Mais ou menos; 4= Bom; e 5= Excelente, permitiram medir a capacitação e empenho dos docentes no ensino da SA na ótica dos alunos.

E, como é possível constatar através da leitura da Tabela 43, a variável “Capacitação\_empenho\_docente\_SA” apresenta um valor médio, médio moderado ( $m=3,53$ ;  $e.p.=0,78$ ), visto que este valor se encontra acima do nível central da escala aplicada.

**Tabela 43 - Capacitação\_empenho\_docente\_SA<sup>a</sup>**

	Nº	Mínimo	Máximo	Média	Erro padrão
Capacitação_empenho_docente_SA	271	1,00	5,00	3,5326	,78650

a. Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 1= Péssimo; 2= Mal; 3= Mais ou menos; 4= Bom; 5= Excelente

Ao analisar a Tabela 44, vemos que as questões que mereceram maior concordância dos inquiridos, por ordem decrescente de pontuação, foram:

- “Como considera a capacitação e conhecimento dos professores acerca do tema da SA no seu curso?” ( $m=3,65$ ;  $e.p.=0,922$ );
- “Como considera que a sua IES aborda o tema da problemática ambiental?” ( $m=3,59$ ;  $e.p.=0,807$ ).

Com base nestas pontuações, conclui-se que os discentes não quiseram comprometer-se ao atribuir uma classificação positiva à capacitação dos professores no ensino da SA, assim como à abordagem que as IE fazem desta problemática, facto que revela que, na ótica dos participantes, faltam qualificações adequadas em ambos os campos.

**Tabela 44 - Capacitação\_empenho\_docente\_SA**

	Nº	Mínimo	Máximo	Média	Erro padrão
A) Como considera que a sua IES aborda o tema da problemática ambiental?	271	1	5	3,59	,807
B) Como considera a capacitação e conhecimento dos professores acerca do tema Sustentabilidade Ambiental no seu curso?	271	1	5	3,65	,922
C) Como considera a motivação e empenho com que os professores do seu curso abordam a temática Sustentabilidade Ambiental?	271	1	5	3,36	1,026
N válido (de lista)	271				

No entanto, é relevante referir que a questão “como considera a motivação e empenho com que os professores do seu curso abordam a temática da SA?” obteve valor significativo ( $m=3,36$ ;  $e.p.=1,026$ ). Pontuação que apesar de ser baixa, situa-se acima do nível médio da escala utilizada, o que permite concluir que os alunos consideram como “mais ou menos” a motivação e empenho dos docentes na temática, ou seja, demonstraram-se indiferentes a esta questão.

### 3.6. Como deve ser a relação das IES com a SA na ótica do discente (SA\_IES\_Discentes)

Verifica-se, a partir da Tabela 45, que a variável SA\_IES\_Discentes apresenta um valor médio bastante elevado ( $m=4,17$ ;  $e.p.=0,39$ ).

**Tabela 45 - Variável SA\_IES\_Discentes<sup>a</sup>**

Variável <sup>a</sup>	Nº	Mínimo	Máximo	Média	Erro Padrão
SA_IES_Discentes	271	2,00	5,00	4,1716	,39655

a. Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 1 – Discordo Totalmente;...; 5 – Concordo Totalmente

Com base na Tabela 46 (anexo) é possível sublinhar, por ordem decrescente de pontuação, os itens que os inquiridos consideraram que devem ser postos em prática pelas IES diante da problemática ambiental:

- “As IES devem esforçar-se por agir de forma mais amiga do ambiente.” ( $m=4.70$ ;  $e.p.=0,521$ );
- “As IES devem esforçar-se por cumprir os requisitos legais, leis estatais e declarações de que são signatárias.” ( $m=4.69$ ;  $e.p.=0,604$ );
- “As IES devem aproximar-se da comunidade através da criação e promoção de iniciativas que promovam a sustentabilidade ambiental.” ( $m=4.59$ ;  $e.p.=0,636$ );
- “As IES devem ter mais responsabilidade para a formação de indivíduos preparados para atuar na sociedade diante da problemática socioambiental.” ( $m=4.54$ ;  $e.p.=0,687$ );
- “As IES devem preocupar-se em preparar o aluno para atuar profissionalmente de acordo com os problemas socioambientais.” ( $m=4.44$ ;  $e.p.=0,727$ );

- “As IES devem incrementar mais conteúdos nos planos curriculares que abordem a problemática socioambiental.” (m= 4.25; e.p.=0,805);
- “As IES devem incluir iniciativas de Sustentabilidade Ambiental em todos os planos de ensino.” (m=4.15; e.p.=0,877);

Por outro lado, a variável que obteve uma menor concordância foi: “as IES devem preocupar-se em preparar o aluno para atuar apenas profissionalmente.” (m=2.01; e.p.=1,117). Deste modo, constata-se que os alunos estão de acordo que as IES devem, não apenas educar profissionalmente, mas sim atuar conforme as normas e os requisitos legais de que são signatárias e contribuir em todos os parâmetros no que diz respeito ao ensino diante das questões socioambientais.

### 3.7. Como os alunos consideram ser a relação das IES com a sustentabilidade ambiental (Práticas de SA nas IES)

Referente aos itens apresentados neste contexto, nota-se, a partir dos dados da Tabela 47, que o valor médio é considerado médio moderado em relação às práticas aqui indicadas, uma vez que se encontra pouco acima do nível central da escala utilizada (m=3,36; e.p.=0,58).

**Tabela 47 - Práticas de SA nas IES<sup>a</sup>**

	Nº	Mínimo	Máximo	Média	Erro Padrão
Práticas de SA nas IES	271	1,00	5,00	3,3690	,58958

a. Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 1 – Discordo Totalmente; ...; 5 – Concordo Totalmente

Com efeito, a partir dos dados da Tabela 48, verifica-se que quando questionados sobre as práticas de SA que as IES que frequentam adotam, atribuíram classificação positiva apenas ao seguinte item: “A minha IES preocupa-se com o bem-estar e a saúde da comunidade.” (m=4,00; e.p.=0,915).

No entanto, os seguintes itens, por ordem decrescente de classificação, embora tenham menor concordância, possuem um valor médio-alto, visto que se situam acima do nível do ponto médio moderado da escala aplicada:

- “A minha IES tem procurado inovar o seu campus tornando-o mais sustentável.” (m=3,75; e.p.=0,990);
- “A minha IES adota ações que permitem à comunidade participar e tomar conhecimento e aprendizado sobre meio ambiente e inspiração de construções sustentáveis.” (m=3,60; e.p.=0,933);

- “A minha IES incentiva a reciclagem de tudo o que não se pode reutilizar.” (m=3,54; e.p.=0,938);
- “Incentiva a redução do uso desnecessário de água.” (m=3,54; e.p.=0,926).

Pontuações que permitem concluir que, embora haja inclinação para uma concordância positiva, os alunos preferiram manter as suas opiniões neutras acerca destas questões, optando por responder “não concordo nem discordo”, ou, os mesmos desconhecem tais estímulos por parte das instituições.

Por outro lado, é pertinente sublinhar as práticas que obtiveram uma menor concordância, ainda que considerável, dizem respeito às informações, como: “A minha IES promove práticas ou novos hábitos de consumo e estilo de vida sem desperdícios.” (m=3,42; e.p.=0,899); “A minha IES procura gerar a menor quantidade de lixo possível.” (m=3,37; e.p.=0,908); “A minha IES procura combater o consumo desnecessário.” (m=3,26; e.p.=0,839); “A minha IES incentiva o consumo responsável, inculcando nos alunos o hábito de consumir apenas o que é necessário.” (m=3,25; e.p.=0,897); “A minha IES procura reduzir a quantidade de energia gasta, desligando eletrônicos e eletrodomésticos em stand by, luzes desnecessárias, entre outros.” (m=3,24; e.p.=0,947); “A minha IES não usa descartáveis nas cantinas, cafés ou outros estabelecimentos semelhantes no campus (por exemplo, palhinhas/canudinhos, talheres ou pratos de plástico)” (m=3,11; e.p.=1,269); “A minha IES procura evitar a circulação de papel (por exemplo, materiais impressos).” (m=3,07; e.p.=1,027); “A minha IES incentiva a troca ou doações de materiais impressos que já não são úteis.” (m = 3,06; e.p.= 1,024).

No entanto, sublinha-se que a prática que obteve a menor concordância dos inquiridos foi: “A minha IES incentiva a compra de materiais em segunda mão.” (m=2,96; e.p.=0,864). Deste modo, pode-se concluir que, no geral, os participantes discordam com esta afirmação, o que pode expressar que esta não é uma ação posta em prática nas IE.

Para além das práticas apresentadas, alguns inquiridos da UFMG mencionaram outras, como: “Campanhas junto a comunidade, descarte correto de pilhas e baterias”; “Por se tratar de um curso de Design, vários projetos são desenvolvidos de professores com alunos com a finalidade de transformar materiais que seriam descartados, em novos produtos”; “workshops e feiras/lojinhas junto a comunidade, para incentivo e consumo sustentável”. Assim como, certos alunos da UNL referiram: “Promoção da Utilização de bicicletas no deslocamento para a faculdade”; “Produz energia solar no campus”; “Parte da energia da FCT 2 é obtida através de um painel solar”; “Criação de copos de café reutilizáveis. Nas máquinas de café temos a opção de escolher se queremos copo ou se já temos o reutilizável. Caso já tenhamos o café fica mais barato” (Tabela 73, anexo).

### 3.8. Ensino da sustentabilidade ambiental nas IES na ótica dos discentes (Ensino\_SA\_IES\_discentes)

A partir dos dados da Tabela 49, é possível apurar que as práticas de sensibilização e ensino da SA nas IES são indiferentes por parte da amostra, na medida em que o valor médio situa-se pouco acima do nível central da escala utilizada ( $m=3,66$ ;  $e.p.=0,71$ ).

**Tabela 49 - Ensino\_SA\_IES\_discentes<sup>a</sup>**

	Nº	Mínimo	Máximo	Média	Erro Padrão
Ensino_SA_IES_discentes	271	1,00	5,00	3,6661	,71892

a. Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 1 – Discordo Totalmente;...; 5 – Concordo Totalmente

Ao analisar a Tabela 50 (anexo) é possível verificar que apenas o item “As experiências voltadas à sustentabilidade ambiental tendem a moldar o comportamento das pessoas tornando-o mais favorável à preservação do meio ambiente.” ( $m=4,05$ ;  $e.p.=0,844$ ) apresenta uma concordância superior ao quarto nível da classificação.

No entanto, com base na mesma tabela, pode-se sublinhar, por ordem decrescente de pontuação, os itens que obtiveram uma menor concordância, ainda assim considerado elevado, por ultrapassar o ponto médio da classificação e aproximar do quarto ponto desta, o primeiro ponto positivo, foram os seguintes:

- “A minha IES ajuda a reconhecer que é necessário poupar os recursos naturais para preservar o planeta.” ( $m=3,86$ ;  $e.p.=0,912$ );
- “A minha IES ajuda a reconhecer que o aquecimento global e as mudanças climáticas são reais, e procura manter-me atualizado(a) sobre estas problemáticas.” ( $m=3,78$ ;  $e.p.=0,951$ );
- “A minha IES ajuda-me a reconhecer que adotar um comportamento ambientalmente responsável contribui para a sustentabilidade ambiental.” ( $m=3,76$ ;  $e.p.=0,960$ );
- “A minha IES induz-me a preocupação com os possíveis impactos que os problemas ambientais podem ter na saúde e bem-estar da humanidade.” ( $m=3,76$ ;  $e.p.=0,938$ );
- “A minha IES ajuda a reconhecer que o aquecimento global e as mudanças climáticas são reais, e que posso contribuir de alguma forma para melhorar estas problemáticas.” ( $m=3,73$ ;  $e.p.=0,968$ );
- “As práticas pró-ambientais que a minha IES promove proporciona à comunidade, interna e externa, experiências voltadas à Sustentabilidade Ambiental.” ( $m=3,55$ ;  $e.p.=0,937$ ).

Por outro lado, os restantes três itens situam-se pouco acima do nível médio da escala, o que demonstra uma certa indiferença por parte da amostra em relação aos mesmos, são: “As iniciativas ambientalmente responsáveis que a minha IES adotada, influenciam no meu comportamento pró-ambiental.” (m=3,46; e.p.=0,984); “A minha IES sensibiliza para a dimensão da pegada ecológica de cada pessoa.” (m=3,45; e.p.=0,987); “A minha IES introduziu-me ao tipo de consumo consciente, tendo influenciado a minha motivação e sensibilização para este novo estilo de vida responsável.” (m=3,25; e.p.=1,070).

### 3.9. Comportamento individual face à sustentabilidade ambiental (Comportamento\_individual\_SA)

Quanto aos itens apresentados acerca do comportamento individual diante da SA, verifica-se, a partir dos dados da Tabela 51, que o valor médio é considerado elevado (m=4,02; e. p.=0,550).

**Tabela 51 - Comportamento\_individual\_SA<sup>a</sup>**

	Nº	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio
Comportamento_individual_SA	271	1,00	5,00	4,0290	,55083

a. Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 1 – Discordo Totalmente; ...; 5 – Concordo Totalmente

Ao analisar a Tabela 52 (anexo) verifica-se que mais de 60% dos itens apresentados obtiveram pontuação mais elevada, os quais destaca-se por ordem decrescente de pontuação:

- “Reconheço que ao consumir e praticar um estilo de vida mais sustentável contribuo positivamente para a sociedade e as gerações futuras.” (m=4,56; e. p.=0,701);
- “Preocupo-me com os possíveis impactos que os problemas ambientais podem ter na saúde e bem-estar da humanidade.” (m=4,50; e. p.=0,725);
- “Entendo que, enquanto aluno/a universitário, devo praticar o bem pela comunidade e sociedade em que me encontro inserido.” (m=4,43; e. p.=0,761);
- “Entendo que ao consumir apenas o que é necessário estou a cuidar de mim e de outros (família, amigos, comunidade no geral). (m=4,43; e. p.=0,732);
- “Sinto uma certa responsabilidade de, enquanto aluno/a universitário, contribuir para a preservação do meio ambiente.” (m=4,34; e. p.=0,823);
- “Reconheço que os meus atos e práticas de consumo resultam em benefícios para a sociedade atual, por mais pequenos que sejam.” (m=4,30; e. p.=0,810);

- “Entendo que, enquanto aluno/a universitário, devo, com mais responsabilidade, adotar comportamentos pro-ambiental.” (m=4,20; e. p.=0,904);
- “Procuro poupar a água, usando-a conscientemente.” (m=4,15; e. p.=0,889);
- “Procuro reduzir a quantidade de energia que gasto, desligando eletrônicos e eletrodomésticos em stand by, luzes desnecessárias, entre outros.” (m=4,03; e. p.=0,992);
- “Procuro inculcar nos meus familiares e amigos a importância de um estilo de vida mais amigo do ambiente.” (m=4,00; e. p.=1,011).

Por outro lado, os itens que receberam uma menor concordância, ainda que elevada, por se aproximarem do quarto nível da classificação, foram os seguintes: “Procuro gerar a menor quantidade de lixo possível” (m=3,86; e. p.=0,936); “Evito comprar bens materiais desnecessários, apostando apenas naquilo que me é essencial” (m=3,82; e. p.=1,074); “Faço a seleção e descarte do lixo que produzo. Ou seja, procuro reciclar tudo o que não já não posso reutilizar” (m=3,72; e. p.=1,224).

Por sua vez, os tópicos que obtiveram uma menor concordância, e que não representam fortes motivações para um comportamento favorável ao meio ambiente, foram; “Compro produtos em segunda mão como forma de economizar, para além de contribuir para uma menor produção de desperdícios e poupar os recursos naturais” (m=3,31; e. p.=1,121) e “Sinto pressão da parte da minha IES para praticar um consumo e estilo de vida mais consciente e amigo do ambiente” (m=2,77; e. p.=1,182) foram os que obtiveram um nível de concordância mais baixo.

Além disso, numa questão aberta, 45 (16,6%; Tabela 54, anexo) dos inquiridos indicaram outras motivações pessoais que os levam a praticar um consumo e estilo de vida mais sustentáveis, como: “A questão de economia de água e luz é importante por também ser uma questão econômica. Tais recursos são caros financeiramente.”; “Baixa renda”; “Economia de dinheiro.”; “Poupar dinheiro com contas”; “Questões financeiras”; “Racionalidade e economia”; “Razões financeiras”; “Consciência familiar”; “O gosto pela natureza e biodiversidade saudável.”; “O minimalismo enquanto estilo de vida. Com base na mesma tabela (Tabela 54; anexo), foi possível verificar que a maioria destes são discentes da UFMG.

Após a análise do valor do teste do qui-quadrado (sig=0,000; Tabela 53), verifica-se que estes dados são estatisticamente significativos.

**Tabela 53 - Motivações pessoais por IE \* Teste qui-quadrado**

	Valor	df	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	17,801	1	,000
Correção de continuidade	16,450	1	,000
Razão de verossimilhança	18,938	1	,000
N de Casos Válidos	271		

### 3.10. Análise da variância

O Teste ANOVA, análise da variância, permite apurar a existência de possíveis diferenças significativas entre as médias, assim como, averiguar se as características sociodemográficas exercem influência nas variáveis dependentes, ou seja, permite verificar a variação entre dois ou mais grupos (Mota, 2020). Deste modo, e com base nas tabelas seguintes, pode-se analisar a variabilidade entre os dois grupos em comparação, que no âmbito do presente trabalho compara-se a variável da análise de redução com o fator Instituição de Ensino que frequenta, faixa etária e sexo.

#### 3.10.1. Envolvimento dos alunos com as iniciativas de caráter ambiental das IES (“Capacitação\_empenho\_docente\_SA”)

Após a análise da variância (ANOVA; Tabela 55; sig=0,012) conclui-se que na variabilidade entre os dois grupos em comparação (Capacitação e empenho dos docentes no ensino da SA e Instituição de Ensino que frequenta) não existe diferença estatisticamente significativa, pelo que há uma grande homogeneidade na amostra.

**Tabela 55 - Anova/Capacitação\_empenho\_docente\_SA / Instituição de ensino**

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	3,925	1	3,925	6,475	,012
Nos grupos	163,092	269	,606		
Total	167,018	270			

Conclui-se (Tabela 64) que na variabilidade entre os grupos, capacitação e empenho dos docentes e o fator idade, não há diferença estatisticamente significativa.

**Tabela 64 - Anova/Capacitação\_empenho\_docente\_SA / Faixa etária**

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	3,937	3	1,312	2,149	,094
Nos grupos	163,080	267	,611		
Total	167,018	270			

Quanto à variabilidade entre os grupos, capacitação e empenho dos docentes e sexo (Tabela 65), não se verifica diferença estatisticamente significativa, havendo assim, grande homogeneidade na amostra.

**Tabela 65 - Anova/Capacitação\_empenho\_docente\_SA / sexo**

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	2,157	3	,719	1,164	,324
Nos grupos	164,861	267	,617		
Total	167,018	270			

### 3.10.2. Como deve ser a relação das IES com a SA na ótica do discente (SA\_IES\_Discentes)

Após a análise da variância (ANOVA; Tabela 56; sig.=0,011) conclui-se que não existe uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos.

**Tabela 56 - Anova/SA\_IES\_Discentes / Instituição de ensino**

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	1,011	1	1,011	6,563	,011
Nos grupos	41,447	269	,154		
Total	42,459	270			

No que refere a variabilidade entre os grupos SA\_IES\_Discentes e faixa etária, verifica-se (Tabela 66) grande homogeneidade na amostra, não existindo, assim, diferença entre os grupos.

**Tabela 66 - Anova/SA\_IES\_Discentes / Faixa etária**

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	,671	3	,224	1,430	,234
Nos grupos	41,787	267	,157		
Total	42,459	270			

De igual modo, não há diferença na variabilidade entre os grupos SA\_IES\_Discentes e o fator sexo (Tabela 67).

**Tabela 67 - Anova/SA\_IES\_Discentes / sexo**

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	,885	3	,295	1,894	,131
Nos grupos	41,574	267	,156		
Total	42,459	270			

### 3.10.3. Como os alunos consideram ser a relação das IES com a sustentabilidade ambiental (Práticas de SA nas IES)

Quanto a esta variável, de acordo com a análise da variância (ANOVA; Tabela 57; sig.=0,015) conclui-se que não existe uma diferença estatisticamente significativa entre ambos os grupos.

**Tabela 57 - Anova/Práticas de SA nas IES / Instituição de ensino**

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	,864	1	,864	2,500	,115
Nos grupos	92,991	269	,346		
Total	93,855	270			

Na variabilidade entre os grupos práticas de SA nas IES e a faixa etária (Tabela 68), não há diferença estatisticamente significativa.

**Tabela 68 - Anova/Práticas de SA nas IES / Faixa etária**

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	1,604	3	,535	1,548	,202
Nos grupos	92,250	267	,346		
Total	93,855	270			

De igual modo, na variabilidade entre os grupos práticas de SA nas IES e o fator sexo (Tabela 69) não se verifica diferença estatisticamente significativa.

**Tabela 69 - Anova/Práticas de SA nas IES / Sexo**

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	,712	3	,237	,680	,565
Nos grupos	93,143	267	,349		
Total	93,855	270			

### 3.10.4. Ensino da sustentabilidade ambiental nas IES na ótica dos discentes (Ensino\_SA\_IES\_discentes)

De acordo com a análise da variância (ANOVA; Tabela 58; sig. = 0,018) conclui-se que não existe uma diferença estatisticamente significativa entre ambos os grupos.

**Tabela 58 - Anova/Ensino\_SA\_IES\_discentes / Instituição de ensino**

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	2,903	1	2,903	5,714	,018
Nos grupos	136,645	269	,508		
Total	139,548	270			

Referente a variabilidade entre os grupos Ensino\_SA\_IES\_discentes e faixa etária, verifica-se (Tabela 70) grande homogeneidade na amostra, pelo que não existe diferença estatisticamente significativa entre os grupos.

**Tabela 70 - Anova/Ensino\_SA\_IES\_discentes / Faixa etária**

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	1,494	3	,498	,963	,411
Nos grupos	138,054	267	,517		
Total	139,548	270			

De igual modo, na variabilidade entre os grupos Ensino\_SA\_IES\_discentes e o fator sexo (Tabela 71) não há diferença estatisticamente significativa.

**Tabela 71 - Anova/Ensino\_SA\_IES\_discentes / Sexo**

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	4,378	3	1,459	2,883	,036
Nos grupos	135,169	267	,506		
Total	139,548	270			

### **3.10.5. Comportamento individual face à sustentabilidade ambiental (Comportamento\_individual\_SA)**

Com base na análise da variância (ANOVA; Tabela 59; sig.=0,390) é possível concluir que, referente a esta variável, não existe diferença estatisticamente significativa entre ambos os grupos.

**Tabela 59 - Anova/Comportamento\_individual\_SA / Instituição de ensino**

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	,225	1	,225	,740	,390
Nos grupos	81,698	269	,304		
Total	81,923	270			

A variabilidade entre os grupos Comportamento\_individual\_SA e a faixa etária, verifica-se (Tabela 72) grande homogeneidade na amostra, pelo que não há diferença estatisticamente significativa.

**Tabela 72 - Anova/Comportamento\_individual\_SA / Faixa etária**

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	,649	3	,216	,711	,546
Nos grupos	81,274	267	,304		
Total	81,923	270			

No que concerne a variabilidade entre os grupos Comportamento\_individual\_SA e o fator sexo (Tabela 73) não se verifica diferença estatisticamente significativa.

**Tabela 73 - Anova/Comportamento\_individual\_SA / Sexo**

	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Entre Grupos	3,037	3	1,012	3,426	,018
Nos grupos	78,886	267	,295		
Total	81,923	270			

## Capítulo IV- Resultados: Entrevistas semiestruturadas

Com o intuito de recolher informações que ajudassem responder à pergunta “Como as instituições de ensino superior têm cumprido com os seus papéis na edificação de comportamentos ambientalmente sustentáveis?”, os tópicos abordados nas entrevistas foram divididos em quatro categorias: Sustentabilidade Ambiental e Desenvolvimento Sustentável; Governação da IES; Desafios estratégicos e operacionais da IE; Práticas de SA e DS na IES.

### 4.1. Sustentabilidade Ambiental e Desenvolvimento Sustentável

Com esta primeira categoria, procurou-se aferir se os entrevistados estão a par dos diferentes princípios relacionados com os ODS. Informações tidas como importantes, uma vez que, como observou-se no enquadramento teórico, são considerados inúteis todos os esforços no cumprimento da Agenda 2030 sem um conhecimento geral da mesma, nomeadamente, pelas instituições de ensino superior (IES), organizações responsáveis por grande parte da educação ambiental.

De forma a recolher mais informações a este respeito, a presente categoria foi dividida em quatro subcategorias, conforme demonstra a Tabela 60.

**Tabela 60 - Divisão da categoria “Sustentabilidade ambiental e desenvolvimento sustentável”**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Frequência</b>
<b>Sustentabilidade e Ambiental e Desenvolvimento Sustentável</b>	Familiarização com os conceitos	Conhecimento da Agenda 2030	<b>2 (100%)</b>
		Conhecimento dos temas: SA e DS	<b>2 (100%)</b>
	Dimensões do DS no contexto das IES	Sugestões para as IES com base nas dimensões: económica, social e meio ambiental do DS	<b>1 (50%)</b>
		Valor das dimensões do DS no âmbito das IES	<b>2 (100%)</b>
		Outras dimensões a considerar	<b>1 (50%)</b>
	O DS e a localização geográfica da IE	A localização geográfica da IE condiciona a adesão ao DS	<b>2 (100%)</b>
	O DS e a natureza jurídica da IE	A natureza jurídica da IE condiciona a adesão a práticas de DS	<b>2 (100%)</b>

### **4.1.1. Familiarização com os conceitos**

A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável surge como um roteiro de ação global na caminhada contra a pobreza e ao bem-estar comum. Neste sentido, as entrevistas realizadas mostram que os entrevistados afirmaram que estão a par deste documento.

De igual modo, no que respeita aos conceitos de SA e DS, todos os entrevistados referiram que estão familiarizados com os temas. É de sublinhar que no âmbito da UNL, “enquanto universidade, tem uma política muito definida sobre a Agenda de 2015, portanto, sobre os ODS e sobre a sustentabilidade em geral” (João Rodrigues, 24 de agosto de 2021).

### **4.1.2. Dimensões do DS no contexto das IES**

Do ponto de vista das três dimensões do DS no contexto das IES e possíveis sugestões para estas instituições, notam-se diferentes compreensões por parte dos entrevistados, não sendo apresentada qualquer proposta sobre como estas instituições devem gerir as três vertentes. No entanto, os profissionais compararam a tríade do DS com o ensino praticado na IE a que pertencem.

Por um lado, João Rodrigues relacionou as três dimensões do DS com as três missões que, tradicionalmente, estão associadas ao ES - educação, investigação, criação de valor e impacto - e sublinhou que “todas elas estão ligadas à sustentabilidade”.

Por outro lado, a profissional da Faculdade de Farmácia da UFMG (FF) respondeu que “nesta faculdade o tema da sustentabilidade e meio ambiente é trabalhado de forma transversal nas disciplinas e conteúdos. Não há na matriz atual da faculdade nenhuma disciplina curricular que trabalhe diretamente o foco do meio ambiente” (Ana Marques, 30 de julho de 2021).

No entender de João Rodrigues, através da investigação é possível promover novas soluções para os problemas de DS, assim como, por meio da educação é possível pôr os jovens a pensar nestes problemas, de modo que quando estes estiverem no mercado de trabalho, poderão atuar na resolução dos mesmos. No entanto, afirma: “por outro lado, estes jovens no âmbito dos seus trabalhos académicos, também eles já vão resolvendo alguns destes problemas ou trabalhando para tal” (João Rodrigues, 24 de agosto de 2021).

Quanto à terceira missão, a criação de valor e impacto, João Rodrigues acredita que as IES estão cada vez mais próximas do setor privado. Segundo este profissional, nesta proximidade académica e empresarial surgem as patentes e através destas a academia desenvolve a investigação, que por sua vez vai impulsionar “a transferência do conhecimento para o mercado”. Logo, a população no geral passa a ter acesso à tecnologia investigada internamente nas IES, justifica.

Relacionado com a relevância atribuída às três dimensões do DS no âmbito das IES, é possível concluir que as respostas são, tal como na questão anterior, opostas. Por um lado, Ana Marques acredita que, talvez, por falta de experiências ou iniciativas nas outras dimensões, acabam por concentrar mais atenção na parte ambiental, como por exemplo, refere ao facto de na UFMG haver unidades académicas com foco voltado apenas para a área ambiental.

Por parte da UNL, compreende-se “que não há uma [dimensão] mais importante que a outra, são todas de igual modo relevantes” (João Rodrigues, 24 de agosto de 2021). Para este profissional, do ponto de vista académico, estas dimensões “são todas complementares entre si”, deste modo, entende que, no contexto da sustentabilidade, as IES não podem trabalhar apenas uma área em concreto e esquecer as outras.

Quanto a outras dimensões a considerar, apenas o Diretor de Sustentabilidade da NOVA destaca uma quarta dimensão, que entende ser importante no contexto da sustentabilidade e IES, que é a obrigação de ser autossustentável, tal como as outras empresas. Relacionado a esta quarta vertente, explica que a NOVA tem uma série de projetos em curso, como: “igualdade de género, alterações climáticas e eficiência energética” (João Rodrigues, 24 de agosto de 2021), para fazer o seu percurso para a sustentabilidade. Ponto de vista que permite concluir que para além das obrigações definidas nas bases de fundação das IES, estas também têm o dever de criar as suas próprias condições de sustentação.

#### **4.1.3. O DS e a localização geográfica da Instituição de Ensino (IE)**

No que respeita ao possível condicionamento à adesão do DS, devido à localização geográfica da instituição, ambos os participantes entenderam que esta posição pode interferir nas tomadas de decisões da organização.

Como referiu João Rodrigues, é natural que a NOVA, enquanto instituição europeia, acompanhe as estratégias internacionais. Por outro lado, este profissional admite que a UNL é favorecida pela proximidade histórica entre Portugal e África, uma vez que, estando próximo de áreas em desenvolvimento, é natural que as universidades procurem desenvolver trabalhos em conjunto.

Por sua vez, Ana Marques entende que o facto de a maioria das unidades académicas e dos cursos estarem concentrados no campus da UFMG, por norma, faz com que as atividades aconteçam dentro do campus e que “isso acaba por facilitar a adesão dos estudantes” (Ana Marques, 30 de julho de 2021).

Interpretações que permitem concluir que, para os entrevistados, a localização geográfica das IES interfere na adesão de práticas sustentáveis, tanto para a organização em si, quanto para os seus alunos.

#### 4.1.4. O DS e a natureza jurídica da IE

Da mesma forma, a natureza jurídica da IE, seja pública ou privada, pode condicionar a adesão às práticas de DS, conforme os entrevistados.

Exemplificando, Ana Marques alega que na FF são desenvolvidas apenas pesquisas de âmbito farmacêutico, o que leva a esta participante crer que “existem possibilidades sim deste condicionamento [jurídico]” (Ana Marques, 30 de julho de 2021).

Por sua vez, João Rodrigues realça, que a UNL é uma fundação pública de direito privado e que este privilégio beneficia a instituição de ambos os lados. Primeiro, por ser pública segue os compromissos que são assumidos pelos governos, e segundo, por ser privada é autónoma e, assim sendo, é administrada como qualquer outra organização privada. Razões que, como explica, “permitem alguma agilidade na tomada de decisão que talvez outras instituições não tenham, sendo elas totalmente públicas ou totalmente privadas” (João Rodrigues, 24 de agosto de 2021).

## 4.2. Governação da Instituição de Ensino Superior

As questões colocadas no âmbito da categoria acerca da governação das IES são consideradas importantes para o presente trabalho, pelo facto de que, para o alcance de um objetivo numa dada organização, todos os colaboradores devem estar a par das políticas e estratégias da mesma, assim como, orientados pelos mesmos princípios e valores. Neste sentido, o objetivo com esta dimensão é verificar se os entrevistados demonstram conhecimento dos princípios de administração da instituição a que pertencem. Para tal, a presente categoria foi dividida nas seguintes subcategorias, conforme se pode observar na Tabela 61.

**Tabela 61 - Divisão da categoria “Governação da IES”**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Frequência</b>
<b>Governação da IES</b>	Definir obrigações da IES	Quais devem ser as obrigações de uma IES no âmbito do DS	<b>2(100%)</b>
		Familiarização com os valores e princípios da IES	<b>2(100%)</b>

A identidade corporativa e a sua implementação	Políticas de DS na IE	<b>2(100%)</b>
	Face aos objetivos considera que são políticas de sucesso	<b>2(100%)</b>
	Promoção das políticas	<b>2(100%)</b>
Relevância da governação da IES na promoção de práticas de DS	Relevância da governação na promoção de práticas de DS	<b>2(100%)</b>
Cumprimento da Declaração de Talloires, 1990	Como a IE tem cumprido com este tratado	<b>2(100%)</b>
Estratégia da IE no âmbito dos ODS	Conhecimento da estratégia da IE	<b>2(100%)</b>
	Os ODS da Agenda 2030 na atual estratégia da IE	<b>2(100%)</b>

#### 4.2.1. Definir obrigações das IES

No que diz respeito às obrigações de uma IES, na opinião dos entrevistados, é unânime que estas instituições têm obrigações bem definidas diante dos ODS.

De acordo com Ana Marques, "as IES são agentes formadores", razão pela qual afirma que estas organizações "têm uma responsabilidade muito grande diante da sociedade, tanto na divulgação dos ODS quanto na efetivação de ações que promovam a adesão da sua comunidade universitária como também do público comum aos ODS" (Ana Marques, 30 de julho de 2021).

Por sua vez, João Rodrigues relembra que estas obrigações, conforme referiu anteriormente, são: a educação, a investigação, a criação de valor e impacto e a capacidade própria de sustento. Contudo, e no contexto dos ODS, "quando uma instituição tem na agenda a definição de uma Política de Sustentabilidade, (...) assume um compromisso maior" (João Rodrigues, 24 de agosto de 2021). Na perspetiva deste profissional, as IES podem, é, ser mais ou menos proativas em cada área e exemplifica com o campo da investigação, onde acredita que a proatividade deve ir para além da investigação em si e incentivar os assuntos a serem investigados.

#### 4.2.2. A identidade corporativa e a sua implementação

Questionados quanto ao conhecimento dos valores e princípios da IE a que pertence, os entrevistados afirmaram estar a par dos mesmos. Ainda assim, é de salientar, Ana Marques referiu

que as diferentes unidades acadêmicas da UFMG têm os mesmos princípios e valores, uma vez que são todas orientadas pelo PDI da instituição.

De acordo com João Rodrigues, quanto ao conhecimento das políticas de DS da instituição, a UNL tem uma Política de Sustentabilidade elaborada, a aguardar a aprovação do Conselho de Diretores, e que, conforme acredita, será aprovada, provavelmente, até o final de 2021.

Para além da aprovação desta política, enquanto guia de ação para os próximos anos, João Rodrigues destaca um segundo passo que está em construção que “é a realização do primeiro Relatório de Impacto da NOVA”. Segundo crê, este primeiro documento da instituição ficará concluído nos próximos três meses e futuramente será “chamado de Relatório de Sustentabilidade”. No entanto, algumas das unidades acadêmicas da NOVA já desenvolvem este documento, nomeadamente, a School of Business and Economics que publicou o primeiro relatório no âmbito da sustentabilidade em 2019, e, o segundo em 2020, lembra João Rodrigues.

Quanto ao propósito deste documento, o Diretor de Sustentabilidade da NOVA considera que “este Relatório de Impacto serve de ponto de partida para uma monitorização dos resultados da ação da universidade na área da sustentabilidade ( ... ). Entre outras coisas, neste documento poderá observar quais são os consumos da universidade ao nível da energia e da água, por exemplo” (João Rodrigues, 24 de agosto de 2021). Assim, de acordo com este profissional, através dos resultados quantitativos que se espera apurar nestes relatórios, a instituição assumirá responsabilidades para melhorar os pontos menos favoráveis.

Referente à UFMG, Ana Marques também considera que há políticas de DS na instituição e, como tal, citou “a modalidade transversal de conhecimento” que, segundo afirma, é uma política de formação que abrange todos os alunos das distintas unidades acadêmicas. Nesta modalidade, que tem várias áreas de ensino, como: direitos humanos, saberes tradicionais, empreendedorismo e divulgação científica, segundo a entrevistada, os alunos podem agregar nos seus currículos “temáticas voltadas para a sustentabilidade e para uma consciência mais ecológica” (Ana Marques, 30 de julho de 2021). Todavia, esta profissional enfatiza que “acho que a esfera que talvez a UFMG mais trabalha seja a educação de qualidade e a saúde como um bem-estar”.

Quanto ao sucesso destas políticas na ótica do entrevistado, João Rodrigues (24 de agosto de 2021) salientou que “a Política de Sustentabilidade servirá de guia, (...), mas ela carece de outras coisas que têm que ser desenhadas, como por exemplo, o tal Guia de Implementação que ao longo dos próximos anos iremos desenvolver”. Conforme referiu, cada escola da NOVA, por serem de certa forma independentes, irá desenvolver o seu próprio guia no âmbito da sustentabilidade.

Na UFMG, Ana Marques considera que estas políticas, tal como a política da transversalidade na formação, estão a avançar e espera que nos próximos anos os alunos “vão eles próprios fazendo os percursos formativos desta formação” (Ana Marques, 30 de julho de 2021).

Segundo Ana Marques, outra política em construção, embora sem indicadores de progresso, é o facto da UFMG estar de portas abertas às diferentes culturas, o que, no seu entender, acaba por levar especialistas nestas áreas para dialogar com a instituição.

Quanto à promoção destas políticas, no entender de Ana Marques, é perceptível na UFMG e está presente no *site* da instituição, assim como através da rede social *YouTube*, onde os eventos são publicados, permitindo que os mesmos sejam visualizados e partilhados posteriormente.

### **4.2.3. Relevância da governação da IES na promoção de práticas de DS**

Referente à relevância do papel da governação na promoção de práticas de DS, os entrevistados consideram que este papel é muito importante no contexto.

Conforme Ana Marques, a UFMG é organizada em reitorias e através das constantes atualizações das informações no *site* desta instituição, é possível notar a preocupação da reitoria com a divulgação científica e com a propagação do conhecimento.

De igual modo, na UNL “a assunção de responsabilidades na área de DS é uma definição estratégica da equipa reitoral, nomeadamente na pessoa do Senhor Reitor” (João Rodrigues, 24 de agosto de 2021).

### **4.2.4. Cumprimento da Declaração de Talloires, 1990**

Conforme observado no enquadramento teórico, a Declaração de Talloires, 1990, assinada pela UNL e a UFMG, elenca a importância que as IES têm diante da prática e divulgação da SA. No entanto, para além de subscrever a um tratado o mais relevante é cumpri-lo. Neste sentido, de acordo com os entrevistados, estas IES têm cumprido o compromisso assumido neste documento.

No caso da UNL, conforme João Rodrigues, as ações desenvolvidas contribuem para os ODS. Exemplificou com as bases em que estas instituições são fundadas, que no seu entender, já contribuem para o ODS nº 4, (Educação de qualidade) e este, por sua vez, contribui para o ODS nº 8 (Trabalho digno e crescimento económico). Reconhece que o campo da investigação também é um cumprimento desta declaração e destaca outras áreas, como: "Temos ainda a parte social e humana muito focada em questões relacionadas com a pobreza, igualdade de género, ou seja, temos um leque alargado de ações que fazem com que esse tratado tenha sido, naturalmente, cumprido. Deste

modo, considero que ao assinarmos esse tratado, nos últimos anos temos contribuído através da nossa investigação e ensino para os desígnios refletidos no mesmo” (João Rodrigues, 24 de agosto de 2021).

Por sua vez, Ana Marques entende que: “quando a UFMG abre as portas para que as temáticas do meio ambiente e da sustentabilidade seja dialogada no seu campus, quando as nossas unidades acadêmicas fazem eventos e projetos de extensão voltados para atender a Agenda 2030, quando nós permitimos que os investigadores façam pesquisas com esta temática e construa conhecimentos sobre esta esfera, considero que a UFMG está cumprindo com o seu papel [diante deste tratado]” (Ana Marques, 30 de julho de 2021).

#### 4.2.5. Estratégia da IE no âmbito dos ODS

Relativo ao conhecimento dos planos estratégicos das IES em análise, os entrevistados afirmaram estar a par da atual estratégia da IE a que pertence.

Quanto à presença dos ODS da Agenda 2030 na atual estratégia destas instituições, por um lado, João Rodrigues afirma que “sim, com certeza, 100% verdade.”

Por outro lado, Ana Marques refere que já leu o PDI da UFMG e, segundo afirma, a Agenda 2030 não é mencionada nele. No entanto, considera que “há [neste documento] os fundamentos da sustentabilidade, da geração de conhecimento e do desenvolvimento que atenda as necessidades atuais pensando também nas necessidades das próximas gerações, (...), mas acredito que precisamos trabalhar mais objetivamente com a temática da Agenda 2030 na universidade” (Ana Marques, 30 de julho de 2021).

#### 4.3. Desafios estratégicos e operacionais da IE

Como se observou no enquadramento teórico, a formação académica necessita de reconfigurações, urgentes, de modo a adequá-la à problemática socioambiental. Com base nesta interpretação, as questões colocadas, no âmbito da categoria desafios estratégicos e operacionais da IE, foram consideradas pertinentes para a presente investigação, por possibilitar aferir junto dos entrevistados possíveis mudanças no ES. Com o intuito de recolher algumas informações a este respeito, a presente categoria foi dividida em três subcategoria, como mostra a Tabela 62.

**Tabela 62 - Divisão da categoria “Desafios estratégicos e operacionais da IE”**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Frequência</b>
	Tendências do ES	As tendências no ES diante dos ODS	<b>2(100%)</b>

<b>Desafios estratégicos e operacionais da IE</b>		Os planos de ensino, nas distintas áreas de formação na sua instituição, estão relacionados com as tendências	<b>2(100%)</b>
	Relacionar as políticas da tutela no contexto dos ODS	As políticas da tutela estão ajustadas aos desafios das IES no âmbito do DS, e dos Objetivos da Agenda 2030	<b>2(100%)</b>
	A contribuição do ES para a minimização dos problemas socioambientais	Os problemas e desafios socioambientais podem ser minimizados através do ES	<b>2(100%)</b>

### 4.3.1. Tendências do ES

No que diz respeito às tendências do ES perante os ODS, os entrevistados consideraram a probabilidade de profundas transformações no método de ensino, acreditam mesmo que estas mudanças, de alguma maneira, já estão em curso.

Por um lado, Ana Marques (30 de julho de 2021) afirma: “acho que os currículos do ensino superior vão se tornar cada vez mais flexíveis, dando oportunidades para os alunos estudarem temáticas que são da sua curiosidade e interesse”. Por sua vez, João Rodrigues (24 de agosto de 2021) concorda: “falando em concreto da área de ensino diria que caminhamos cada vez mais para o estímulo da sustentabilidade nas várias ofertas curriculares que temos”. Conforme estas perspetivas as IES tendem a moldar os currículos com base nas necessidades da comunidade estudantil.

Importa referir que no contexto das necessidades dos alunos, Ana Marques mencionou que estas instituições estão a receber alunos de diferentes perfis, que antes não acolhiam. Na opinião desta entrevistada, este novo público chega com demandas, novos desafios e dúvidas que têm interferido nos atuais planos de ensino. Consequentemente, Ana Marques acredita ainda que estas novas características chegarão às investigações e nestas serão investigadas as temáticas que inquietam as pessoas. Entende ainda que as próprias IE passarão a acolher mais os direitos humanos, “no sentido de, não só garantir o acesso dessa nova população na formação académica, mas também de garantir que esta permaneça no ES” (Ana Marques, 30 de julho de 2021).

Corroborando, João Rodrigues também considera que futuramente o ES, focado nas temáticas socioambientais, levará a que os alunos trabalhem mais de perto com os vários assuntos, assim como, acredita que o método de ensino tradicional estará cada vez mais próximo dos ODS.

Os profissionais académicos consideraram ainda que os atuais planos de ensino estão relacionados com as tendências mencionadas. Segundo Ana Marques, na instituição a que pertence, basicamente, estas temáticas já estão a ser introduzidas nos planos de ensino. Conforme referiu, através do contacto que a instituição já tem com o novo perfil de alunos, estão a par das requisições deste público, e que

esta aproximação permite a recolha de informações úteis para a revisão do currículo. Exemplificou com uma disciplina optativa, no Curso de Farmácia, cujo objetivo é acolher os novos estudantes e familiarizá-los com as normas académicas, principalmente, aqueles alunos que não têm referências do ES e não se sentem pertencentes ao mesmo. “Posto isso, temos trabalhado com estas questões do acolhimento e de levar estes alunos a compreenderem que pertencem à unidade e temos criado estratégias para as suas permanências na formação” (Ana Marques, 30 de julho de 2021).

No âmbito das questões humanitárias, já referidas por Ana Marques, a entrevistada acrescentou, a UFMG tem a Fundação Mendes Pimentel que é responsável pela assistência estudantil aos alunos mais necessitados, razão pela qual considera “que a questão humanitária dos direitos humanos tem chamado muita atenção da UFMG” (Ana Marques, 30 de julho de 2021). Neste sentido, esta profissional enfatizou outras ações de cariz humanitário implementadas pela instituição, como, a Resolução nº 09/2015, de 07 de julho de 2015 (Resolução do Nome Social) e a Resolução Heteroidentificação Complementar, Lei nº 15.259 de 27 de julho de 2004. “Então, aos poucos a UFMG está se adaptando às exigências do novo público estudantil” (Ana Marques, 30 de julho de 2021).

O Diretor de Sustentabilidade da NOVA afirma: “Do ponto de vista estratégico temos cada vez mais a ambição de tornar os nossos alunos o mais preparados possível quanto às experiências para os desafios globais, sobre os vários pontos de vista das várias áreas do conhecimento” (João Rodrigues, 24 de agosto de 2021). Diante disso, acrescenta que na instituição existe, e já a alguns anos, a possibilidade de alunos de uma área fazerem UC optativas na área da sustentabilidade, lecionadas em outras áreas, e, em outras escolas da NOVA. No momento, conforme sublinha, o foco desta estratégia é estimular a maior quantidade de alunos a aderirem a este projeto. Para João Rodrigues (24 de agosto de 2021) "no fundo, o objetivo é que estes alunos olhem para o tema da sustentabilidade sobre várias lentes diferentes do conhecimento.”

#### **4.3.2. Relacionar as políticas da tutela no contexto dos ODS**

No que diz respeito se, na opinião do entrevistado, as políticas da tutela estão ajustadas aos desafios do ES diante dos ODS, os participantes responderam afirmativamente.

Conforme Ana Marques referiu anteriormente, este documento não está literalmente discriminado no PDI da UFMG, mas acrescentou que “vemos que há um contexto e que a temática está a ser moldada. Porém, creio que precisamos de ter uma atenção mais focada nesta temática” (Ana Marques, 30 de julho de 2021). Basicamente, entende que “talvez, ainda precisamos de adequar os nossos currículos de modo a atender a Agenda 2030, porque muitas vezes (...) [de modo a atender

outras exigências] as questões de sustentabilidade vão ficando esquecidas na hora da formatação destes” (Ana Marques, 30 de julho de 2021).

Por sua vez, João Rodrigues compreende que a NOVA tem sido muito proativa diante dos ODS, seja pela implementação da Política de Sustentabilidade, do Relatório de Impacto ou dos vários ODS para os quais a instituição contribui. Para este especialista, esta instituição, para além de desenvolver iniciativas no âmbito da sustentabilidade, dá continuidade às mesmas. Como exemplo aponta a plataforma interdisciplinar NOVA 4 The Globe que, segundo entende, é a forma como a instituição assume o seu compromisso com o Planeta. Deste modo, reconhece que os esforços diante dos ODS é um trabalho que vai dando frutos, como os resultados dos rankings internacionais, onde se pode observar os resultados através do posicionamento global que a NOVA tem assumido nos últimos anos.

#### **4.3.3. A contribuição do ES para a minimização dos problemas socioambientais**

No que diz respeito à possibilidade de o ES ser um contributo para a minimização dos problemas socioambientais, os entrevistados concordaram que sim. No entender de Ana Marques, a formação académica contribui para o desenvolvimento do indivíduo, que por sua vez, contribui para o desenvolvimento dos outros setores.

Por outro lado, João Rodrigues destaca a participação da universidade na comunidade e exemplifica com o projeto Innovation District (projeto urbanístico, desenvolvido pela FCT com o apoio da Câmara Municipal de Almada, de proprietários e investidores, que visa a criação de uma cidade sustentável com base nos ODS). “Este é um projeto que no fundo mostra o papel da universidade no Concelho de Almada, o papel central que desempenha numa determinada área do concelho pouco explorada do ponto de vista urbano” (João Rodrigues, 24 de agosto de 2021).

Paralelamente, destaca ainda a participação dos alunos da instituição na vida comunitária, de forma extracurricular, ou complementar, através do voluntariado. Exemplos que, no ponto de vista deste profissional, demonstram a forma como a instituição está a ligar o papel do ES perante a comunidade local, de forma a minimizar os problemas socioambientais.

#### **4.4. Práticas de SA e DS na IES**

Como se pôde constatar no enquadramento teórico, os especialistas consideram que as ações de SA desenvolvidas nas IES podem exercer influência sobre os comportamentos dos seus colaboradores e estudantes. Posto isto, para maior aprofundamento dos tópicos, esta quarta e última categoria foi dividida em três subcategorias, como mostra a Tabela 63.

**Tabela 63 - Divisão da categoria “Práticas de SA e DS na IES”**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Abordagens</b>	<b>Frequência</b>
<b>Práticas de SA e DS na IES</b>	Efeitos das práticas de SA na IES	As experiências voltadas à SA tendem a moldar o comportamento das pessoas	<b>2(100%)</b>
		A IE cria impactos económicos e sociais relevantes na região	<b>2(100%)</b>
	Iniciativas de SA e de DS promovidas pela IE	Criação e promoção de iniciativas de SA para a comunidade interna e externa	<b>2(100%)</b>
		Adesão das comunidades - interna e externa - nas iniciativas de SA	<b>2(100%)</b>
		A IE adota práticas de SA	<b>2(100%)</b>
		A IE adota práticas de DS	<b>1(50%)</b>
		Principais focos das práticas de SA	<b>2(100%)</b>
		Principais focos das práticas de DS	<b>0(0%)</b>
	Vantagens internas e externas na adoção de práticas de SA e DS	Vantagens que a adoção de práticas de SA tem para a IE a que pertence	<b>2(100%)</b>
		As práticas de SA aumentam a reputação e a confiança dos estudantes e colaboradores na instituição	<b>2(100%)</b>
		Principais vantagens das práticas de DS	<b>1(50%)</b>

#### **4.4.1. Efeitos das práticas de SA na IES**

Neste ponto João Rodrigues e Ana Marques defenderam que as experiências no âmbito da SA tendem a moldar o comportamento dos colaboradores e alunos, tornando-o mais favorável à preservação do meio ambiente.

De acordo com Ana Marques (30 de julho de 2021) “são experiências que ocasionam reflexões, então podem sim”. Em concordância, João Rodrigues (24 de julho de 2021) afirma que “um dos impactos mais visíveis da nossa ação é na consciência dos impactos sociais e ambientais que oferecemos, ou que tentamos oferecer aos nossos alunos, seja no âmbito das ofertas curriculares ou no âmbito das ofertas extracurriculares.”

É de salientar que Ana Marques considera que a divulgação da informação científica, por meio de diferentes saberes, pode fomentar a sensibilização individual, mas também lembra que, “no entanto, sabemos que esta consciencialização é algo individual, é uma tomada de consciência do ser” (Ana Marques, 30 de julho de 2021). De acordo com este ponto de vista, o trabalho para a

conscientização pode ser, e está a ser feito, porque as pessoas estão a ser expostas a todos os momentos a estas experiências, porém, a consciência é algo que parte dos princípios de cada sujeito.

Quanto à criação de impactos económicos e sociais relevantes na região pela IES, ambos os participantes, que de alguma forma foram identificando ao longo do diálogo os impactos que aqui questionam-se, responderam afirmativamente.

Neste contexto, Ana Marques apontou a participação da UFMG na pandemia do Covid-19, e segundo afirma, esta instituição, para além de produzir produtos de contenção do vírus, como o álcool gel, faz parte do Comitê de Monitoramento de Covid da Prefeitura de Belo Horizonte. Exemplos pelos quais a entrevistada acredita que a UFMG cria um impacto de transformação muito grande na comunidade onde está inserida. Além disso, afirma que “a UFMG não impacta apenas a região local, mas todo o Brasil” (Ana Marques, 30 de julho de 2021). De acordo com esta profissional, as repercussões ocorrem também através dos alunos que, ao concluírem a formação, regressam para os territórios de onde são oriundos, transformando-as com base no conhecimento adquirido, assim como, através das pesquisas que a instituição desenvolve com outras universidades de várias partes do país e do mundo.

De igual modo, João Rodrigues exemplifica com o projeto Innovation District Almada, que envolve empresas, investidores privados e ambiciona atrair empresas estrangeiras. Segundo o entrevistado, esse projeto envolve um impacto financeiro gigante a nível local, mas também a nível nacional. Afirma ainda, que o Innovation District Almada estimula uma área sustentável do município, o que contribui diretamente com o ODS nº 11, Cidades Sustentáveis e impacta outros níveis, como, melhorias de acesso e novas oportunidades, tanto para os alunos quanto para a comunidade local. “Portanto estamos a falar de questões de pobreza, de energia, (...) com o futuro destes [jovens e], com a sua saúde mental” (João Rodrigues, 24 de julho de 2021).

#### **4.4.2. Iniciativas de SA e de DS promovidas pela IE**

Referente à criação e promoção de iniciativas de SA e DS para as diferentes comunidades, ambos os entrevistados afirmaram que a instituição a que pertence adota tais práticas.

De acordo com Ana Marques, na UFMG "há muitas iniciativas voltadas para a SA" para a comunidade interna, como, a campanha interna de conscientização para o uso da energia nas instalações. E, conforme alega, “para a comunidade externa, esta temática é trabalhada através de extensão e cada unidade académica cria os seus projetos” (Ana Marques, 30 de julho de 2021). Como exemplo, afirmou que a FF cria os seus próprios eventos voltados para a saúde, como: Saúde da

Mulher; Saúde dos Rins; Semana de Saúde Mental, onde a comunidade externa é convidada a participar, e o Laboratório de Água, destinado a ajudar os proprietários de poços a analisar a qualidade da água.

De igual forma, João Rodrigues considera que a NOVA também desenvolve iniciativas suas e que cada escola tem autonomia para criar as suas próprias ações. Segundo afirma, há várias ações a acontecer na instituição, tanto no âmbito administrativo como comunitário. Quanto aos projetos de cariz administrativo, aponta para a recolha de garrafas de plástico na instituição, onde os alunos poderão receber o valor que anteriormente pagaram pela garrafa. No âmbito comunitário, destaca o voluntariado e, uma vez mais, o projeto Innovation District, Almada. No entanto, salienta que a NOVA faz parte de várias redes, como o projeto Eco Escolas, onde estão envolvidas quatro escolas da instituição. Conforme entende, são projetos que, só por si, obrigam a NOVA a criar iniciativas concretas e estar focada nas questões socioambientais, de modo a ter direito aos prémios que a iniciativa atribui, nomeadamente, as bandeiras verdes.

Quanto às práticas concretas de SA que a IE adota, no caso da UFMG, Ana Marques destacou iniciativas como: a coleta seletiva de papel; projetos focados na qualidade de vida dos indivíduos dentro do campus; a coleta seletiva de medicamentos; e a coleta de resíduos laboratoriais.

No âmbito da UNL constatou-se que, segundo João Rodrigues, a instituição adota práticas muito concretas, como, trabalhar a inclusão de indivíduos portadores de deficiência na sociedade e a igualdade de género. De acordo com o mesmo, é possível observar a preocupação da instituição quanto à igualdade de género na nova equipa reitoral, recentemente aprovada e que está equilibrada entre os géneros.

Falando especificamente nas práticas de DS, verificou-se que segundo João Rodrigues, as estratégias da NOVA apontam para uma direção, mas cada escola da instituição tem independência para criar as suas próprias iniciativas. Segundo afirmou este profissional, a Política de Sustentabilidade da UNL, ao ser aprovada, dará coerência ao todo, porém, cabe a cada escola desenvolver o seu próprio Guia de Implementação dessa mesma política.

De acordo com os conhecimentos de Ana Marques, e no contexto da FF da UFMG, a escola “Não [adota práticas de DS]. São apenas essas que já mencionei” (Ana Marques, 30 de julho de 2021).

Segundo os entrevistados, a comunidade interna costuma participar nas iniciativas supracitadas. Neste contexto, João Rodrigues destaca a participação dos alunos, docentes e outros funcionários no projeto Eco Escolas, no entanto, lembra que o próprio projeto, obriga a que os alunos estejam representados no conselho do mesmo. Acrescenta que, por meio das associações de estudantes, os alunos têm acesso a outras ofertas não curriculares que dão incentivos, como, por exemplo, o

voluntariado que recompensa os participantes com uma menção de cidadania no currículo. No entanto, acredita que mesmo sem recompensa, tradicionalmente, os alunos participam no voluntariado, “portanto (...) acabam por durante o seu curso aderirem a estas ações, que não interessam exatamente as motivações pelas quais as fazem, mas a verdade é que as fazem e estas são muito variadas na forma como eles interagem com as suas comunidades locais” (João Rodrigues, 24 de julho de 2021).

Em concordância, Ana Marques considera que os alunos aderem às iniciativas porque as temáticas do meio ambiente e da responsabilidade social são dos seus interesses.

Quanto à participação do público externo, vale ressaltar que por comunidade externa, João Rodrigues considera os ex-alunos da instituição, as empresas, o Estado e as suas várias instituições com as quais interagem e acredita que todos estão cada vez mais próximos das IES. No entender deste entrevistado, a relação da NOVA com a comunidade externa ocorre da seguinte maneira:

- As empresas têm se aproximado cada vez mais das IES, porque reconhecem a importância destas, nomeadamente, no campo da investigação e transferência do conhecimento para o mercado. Ao contrário, essa relação oferece oportunidade de financiamento para as IES;
- Através do sentimento de pertença, os ex-alunos que estão nas empresas, com as quais a NOVA quer trabalhar e vice-versa, favorecem a comunicação entre ambas as partes, bem como tendem a apoiar os projetos dos atuais alunos;
- Em conjunto com algumas instituições estatais, a universidade auxilia no desenvolvimento de políticas. Como tal, referiu “um exemplo interessante na área do ambiente, é o papel que a UNL desempenhou na criação do roteiro para a neutralidade carbónica que foi aprovado pelo Estado português e que obriga o Estado a atingir determinados objetivos até 2050” (João Rodrigues, 24 de julho de 2021).

Respeitante ao foco das principais práticas de SA, no âmbito da UFMG, como afirmou Ana Marques (30 de julho de 2021), “os focos das nossas práticas são mais voltados para os recursos naturais. Para a preservação e conscientização do uso dos recursos naturais e para a questão da reciclagem do lixo e dos solventes”. Em discordância, João Rodrigues afirma que, na NOVA, não há um foco neste contexto, mas sim, um trabalho global nos vários contextos que colaboram para a sustentabilidade. Neste sentido, considera que, o facto de a instituição ter várias escolas, dentro das várias áreas do conhecimento, é natural que consigam abraçar a maioria dos ODS, ou até mesmo todos.

### **4.4.3. Vantagens internas e externas na adoção de práticas de SA e DS**

Referente às vantagens que a adoção de práticas sustentáveis pode trazer para a instituição, verificou-se diferentes compreensões entre os respondentes. Por um lado, Ana Marques (30 de julho de 2021) respondeu que “eu acho que é para a formação de opinião das pessoas, da conscientização, e essa, por sua vez, gera o engajamento onde essas pessoas levam as reflexões para o seu dia-a-dia.” Por outro lado, “eu diria que a principal vantagem é moral, é nós ensinarmos aos nossos alunos aquilo que fazemos, é no fundo, lidarmos pelo exemplo e isso é muito importante na parte do ensino podermos mostrar (...) como estamos a trabalhar de acordo com o que ensinamos nas áreas da sustentabilidade” (João Rodrigues, 24 de julho de 2021). Além de que, para João Rodrigues, as gerações mais novas estão cada vez mais preocupadas com as políticas das organizações diante das questões socioambientais. Deste modo, acredita que o foco da NOVA na área da sustentabilidade atrai os estudantes interessados nestas temáticas e isto é uma vantagem para a instituição, porque, afinal, esta vive dos alunos e sem estes a sua própria sustentabilidade estaria ameaçada.

De acordo com os testemunhos recolhidos, é possível afirmar que o comprometimento das IES para com as causas que inquietam a sociedade, sem dúvida, eleva a confiança de todos os seus intervenientes, comunidade interna e externa, incluindo a comunidade científica e internacional, logo, aumenta também a reputação da instituição.

## Capítulo V – Discussão dos resultados

Após a análise dos resultados obtidos por via de uma metodologia mista (inquéritos e entrevistas), procede-se, agora, à discussão dos resultados obtidos. Importa relembrar que a presente investigação norteou-se pela seguinte questão de partida: **"Como as Instituições de Ensino Superior têm cumprido com os seus papéis na edificação de comportamentos ambientalmente sustentáveis?"**, pretendendo compreender, junto de duas IES, a UFMG e a UNL, como os alunos percecionam e assimilam as ações e os conteúdos de sustentabilidade ambiental ministradas, e verificar como estas instituições estão orientadas com a Agenda 2030.

Neste sentido, foram realizadas duas entrevistas, uma com uma profissional da área dos Assuntos Educacionais da Faculdade de Farmácia (FF) da UFMG, e outra com o diretor de sustentabilidade da UNL. Além disso, aplicou-se um inquérito por questionário a uma amostra não probabilística por conveniência (N=271), composta por alunos e ex-alunos da UFMG (139; 51,3%) e da UNL (132; 48,7%).

Começando pelo último objetivo, foi possível observar que de acordo com as informações recolhidas junto dos entrevistados, as políticas das IES, em análise, encontram-se ajustadas aos ODS da Agenda 2030. No contexto da UNL, constatou-se que a instituição tem uma Política de Sustentabilidade definida a aguardar a aprovação do Conselho de Diretores, assim como está em construção o seu primeiro Relatório de Impacto. Além disso, conforme apurado junto do entrevistado, cada UO desenvolverá o seu próprio relatório, no final analisarão todos e com base nos dados quantitativos que se esperam apurar, adotarão estratégias para melhorar os pontos menos favoráveis à sustentabilidade. Entretanto, a UNL tem um plano de apoio à gestão, o Plano Estratégico 2020-2030 (PE), onde explana-se sete objetivos estratégicos para concretizar nos próximos anos no âmbito dos ODS.

No contexto da UFMG, apurou-se através do site, que esta tem um Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e conta com um Departamento de Gestão Ambiental (DGA). Com atuações abrangentes e multidisciplinares, o DGA aborda a sustentabilidade com destaque nas áreas energética, ambiental e híbrida (UFMG Sustentável, [UFMGS], 2021). Contudo, a profissional desta universidade alegou que a instituição, apesar de ter políticas de DS que permitem que os alunos integrem nos seus currículos temáticas ambientais, necessita de trabalhar mais a temática da Agenda 2030 nos seus campi. Declarações que podem estar associadas ao baixo nível de conhecimento deste tratado por parte dos alunos, como se observou nos resultados do inquérito, que a maioria, 59,8% (162), da amostra afirmou que não conhece a Agenda 2030. Destes indivíduos, 83 são alunos da UFMG e 79 pertencem à UNL. Dados que permitem afirmar que o tema dos ODS é desconhecido

para a maioria dos inquiridos em ambas as universidades. Lacuna que pode estar relacionada à frequência com que estes alunos estão a ser expostos à temática, conforme verificado nos resultados do inquérito. Notou-se que mais da metade dos inquiridos (58,7%) não tem nenhuma UC/disciplina de caráter ambiental no curso que frequenta, e como se pôde observar na distribuição destes participantes por IE, 57 indivíduos estudam na UFMG e 102 são alunos da UNL. Dados que vão ao encontro das informações recolhidas através das entrevistas e que dão ênfase à existência de UC/disciplinas optativas na área da sustentabilidade, em ambas as instituições em análise, em que o aluno, por sua própria vontade, decide se participa ou não, assim como a ausência de qualquer UC/disciplina da temática nos planos de ensino da FF-UFMG, conforme afirmou a entrevistada. Autonomia que, como se constatou nos estudos de Petrelli e Colossi (2006), Batista et al. (2020) e Rodrigues et al. (2021), não é, de forma alguma, a mais indicada diante dos desafios das IES no âmbito dos ODS. Conforme as conclusões dos estudos citados, é necessário reavaliar e reformular o método tradicional do ES e apostar mais na responsabilidade socioambiental, atualizar e renovar os currículos, de forma a atender os desafios da Agenda 2030. Deste modo, conclui-se que as IES em análise têm dado preferência pela implementação do DS nos seus métodos de ensino por meio da via vertical, apontada por Aleixo et al. (2020), e integrado a temática socioambiental através de formação específica e optativa, enquanto a via horizontal, onde ocorre a inclusão da temática da sustentabilidade em todos os cursos do plano curricular, fica à parte. Afirmações que vão ao encontro da declaração da entrevistada, ao afirmar que na hora da formatação dos currículos é necessário atender outras exigências, como as características dos próprios cursos e do Plano Nacional de Ensino e a temática do meio ambiente acaba por ficar esquecida. Alegações que contradizem o enunciado no PDI da UFMG que expõe, como primeiro objetivo específico, garantir que o universo do ensino de Graduação na instituição tenha presença significativa da temática ambiental e para tal, aponta ações a implementar entre 2018 e 2023, sendo uma delas garantir que seja integrado em todos os currículos de Graduação, no mínimo, uma disciplina de cariz ambiental.

Outra fragilidade, apontada pela literatura especializada e confirmada no questionário, prende-se com a capacitação e o conhecimento do corpo docente acerca das questões socioambientais. Os especialistas têm alertado para a necessidade de redefinir o corpo docente no ES, de modo a torná-lo mais flexível, interconectado e diversificado. O mesmo pôde-se concluir após a análise dos dados quantitativos do presente estudo, em que os discentes consideram que o conhecimento e a capacitação dos docentes no ensino da sustentabilidade são inferiores ao esperado, uma vez que a média equivale a um valor de 3,65. Assim como, acerca da motivação e empenho com que os docentes abordam o assunto, em que a média apresenta um valor de 3,36. Deste modo, no âmbito do presente estudo, conclui-se que os alunos estão pouco satisfeitos com os seus professores na abordagem que fazem ao tema em apreço. Esta inferência pode ser preocupante, e deve ser avaliada com atenção pelas IES,

uma vez que a insatisfação pode fomentar uma baixa participação por parte dos alunos com as interações institucionais ao longo da formação, ou até mesmo levar a que este abandone a universidade, assim como, impedir que os estudantes recomendem o curso ou a IE para os amigos ou familiares. São constatações que vão ao encontro dos estudos de Rossato et al. (2020), que também observaram baixo grau de satisfação por parte da amostra que estudaram em relação aos mesmos requisitos acerca dos professores. As conclusões corroboram ainda com as afirmações de Yamamoto et al. (2020) ao afirmarem que o corpo docente da IE que estudaram demonstra falta de interesse e conhecimento sobre o tema, e com Rodrigues et al. (2021) que destacaram a necessidade de formar o corpo docente com perfil ético e capacidade para disseminar no meio dos alunos o sentimento de indivíduos socialmente responsáveis.

Importa ainda salientar que os inquiridos demonstraram modesta concordância referente ao modo com que o tema da problemática ambiental é abordado nas suas IEs, uma vez que o valor da média equivale a um valor de 3,59. Este resultado está alinhado com as conclusões do estudo de Aleixo et al. (2020), segundo os quais afirmaram que as IES que analisaram, embora reconheçam a importância dos ODS ainda não adotaram na íntegra uma política de SA nos planos de ensino.

No que respeita às práticas de SA e de DS promovidas pelas IES, verificou-se que ambas as instituições criam e promovem iniciativas dentro do contexto, para as comunidades interna e externa. No caso da UFMG, observou-se junto da entrevistada a existência de muitas iniciativas para a comunidade interna, como por exemplo, uma campanha interna para o uso consciente da energia dentro das instalações e a coleta seletiva de resíduos laboratoriais. Para a comunidade externa constatou-se que a temática é trabalhada através da extensão, onde cada escola, de acordo com a área de especialização, desenvolve os seus projetos, como exemplo, a FF que cria iniciativas no âmbito da saúde. Neste sentido, e de acordo com as informações disponibilizadas no site da instituição, foi possível verificar vários projetos desenvolvidos no âmbito social, dos quais destacamos o projeto Proex, Pró-Reitoria de Extensão. Formado atualmente por um conjunto de cinco Redes, - Participa UFMG; Cidades UFMG; Direitos Humanos; Juventude e Saúde Mental -, o Proex tem como objetivo reunir e coordenar laboratórios, equipas e centros de extensão, ensino e investigação da UFMG à volta dos assuntos emergentes e pertinentes das sociedades atuais. Cada Rede agrega um conjunto de ações voltadas para o seu tema, como exemplo, o programa Participa UFMG/ Mariana-Rio Doce que, através da colaboração dos docentes investigadores da UFMG, colabora, por meio do conhecimento técnico, com a reconstrução da região afetada pelo rompimento da barragem do Fundão, no distrito de Bento Rodrigues em Mariana, no estado de Minas Gerais. Também como consta no PDI, a instituição colabora com várias redes internacionais e nacionais interuniversitárias no campo da investigação, entre outras participações.

Dentro do contexto supracitado, verificou-se junto do entrevistado da UNL, que esta instituição também desenvolve iniciativas, tanto de âmbito comunitário como administrativo. Neste último referiu o projeto Innovation District Almada, assim como a participação da instituição em várias redes, como o projeto Eco Escolas. No contexto comunitário apontou a participação da comunidade académica nos voluntariados promovidos pela UNL. Entretanto, constatou-se ainda no PE desta IE a existência de programas transversais que esta pretende pôr em ação nos próximos anos, como: o “NOVA Campi 21” com vista a eliminar as barreiras externas entre a instituição, as suas UO e as comunidades, tornando-os cada vez mais interligados, de forma física ou virtual; o “Talent@NOVA” que visa atrair, fixar, capacitar e fazer desenvolver sujeitos de elevado potencial e talento; e o “NOVA 4 the Globe”, referido pelo entrevistado como sendo o posicionamento da instituição perante os ODS, entre outros.

Embora as iniciativas apontadas demonstrem trabalho concreto favorável aos ODS, não é possível assegurar que na prática, efetivamente, são. Isto porque através dos dados recolhidos no inquérito constatou-se disparidade entre o efeito destes trabalhos e a relação da IES com a sustentabilidade ambiental, sob o ponto de vista dos alunos. Estes demonstram uma certa indiferença em relação ao modo com que esta dimensão é encarada pelas IES, ou seja, de facto há questões que apresentam uma concordância positiva, como o item referente à preocupação das IES com o bem estar e a saúde da comunidade, com a média de 4,00 valores, mas apesar disso, os inquiridos são, de alguma maneira, contraditórios nas suas afirmações ao atribuírem uma concordância mais modesta em relação às questões, como: a IE procura inovar as instalações tornando-as mais sustentáveis (m=3,75); a IE permite que a comunidade participe e tome conhecimento sobre o meio ambiente de modo a adquirir inspirações sustentáveis (m=3,60); a IE incentiva para o consumo responsável (m=3,25); a IE incentiva para a redução da quantidade de energia gasta (m=3,24); e a IE incentiva a compra de materiais em segunda mão (m=2,96). Com base no com base nos resultados postos em evidência, é perfeitamente seguro garantir que há uma certa ausência de compromissos com estratégias voltadas para o consumo responsável no meio académico. Conclusão que corrobora com o estudo de Araújo et al. (2021), que de igual modo destacaram tais lacunas como sendo barreiras à massificação do consumo sustentável, devido a lacunas na administração global e de interesses superiores.

No entanto, importa referir que os inquiridos mencionaram outras práticas desenvolvidas pelas IES, como: projetos que são desenvolvidos no curso de Design para a restauração de materiais descartados; workshops e feiras abertos à comunidade e que incentivam para o consumo sustentável; e produção de energia solar no campus da universidade.

Os resultados obtidos em ambos os métodos, referente aos contributos da formação académica para os ODS, são unânimes. O ensino de excelência, voltado para as questões ambientais, tende a moldar o comportamento do indivíduo tornando-o mais favorável ao meio ambiente (m=4,05). O que corrobora com as considerações dos estudos de Aleixo et al. (2020), Batista et al. (2020), Bronzeri e Cunha (2020) e Rohrich e Takahashi (2019) que alegam que as IES, para além das bases em que são fundadas, têm obrigação moral de fomentar um ensino capaz de promover o bem-estar das atuais e futuras gerações. Todavia, diante de questões, como: a IE contribui para o reconhecimento da necessidade de poupar os recursos naturais de modo a preservar o planeta (m=3,86); contribui para a conscientização de que o aquecimento global e as mudanças climáticas são reais, e mantém os indivíduos atualizados sobre o tema (m=3,78); ajuda a reconhecer que é importante adotar um comportamento ambientalmente correto e contribuir para a SA (m=3,76), verificou-se um grau de concordância entre médio moderado. No caso de questões, como: “a minha IES sensibiliza para a dimensão da pegada ecológica de cada pessoa” (m=3,45) e “a minha IES introduziu-me ao tipo de consumo consciente, tendo influenciado a minha motivação e sensibilização para este novo estilo de vida responsável” (m=3,25), verificou-se um nível de concordância ainda menor. Por uma ou por outra causa, os alunos preferiram não concordar e nem discordar com o assunto apresentado. No entanto, é possível verificar que essa disparidade entre causa e efeito pode estar associada a outras questões, como ao facto de do total da amostra, 137 afirmaram que não conhecem as iniciativas ambientais promovidas pelas instituições, e dos 134 que demonstraram conhecimento de tais práticas, apenas 22,1% afirmaram que participam nas mesmas. Não obstante, esta lacuna pode ter relação com o facto de a maioria dos alunos pertencerem ao primeiro ano letivo do curso (33,2%) e ainda não terem tido contacto com as informações. No entanto, esta inferência revela uma certa contradição com as informações recolhidas junto dos entrevistados, em que ambos afirmaram que a comunidade estudantil costuma participar nas referidas iniciativas e que estas instituições fazem o trabalho de divulgação das mesmas. Deste modo, é possível concluir que, embora seja notório o envolvimento e comprometimento das IES para com os ODS, no que toca à conscientização e fomento ao comportamento ambientalmente correto, é necessário um trabalho mais robusto que permita que toda a comunidade universitária, principalmente os alunos, tenham contacto com as temáticas socioambientais desde os primeiros anos na formação. Até porque, como se constatou na literatura especializada, mudar padrões de comportamento é algo que requer tempo, determinação e persistência, e, no entender de Beuron et al. (2020), é algo que inicia com a conscientização, que por sua vez fomenta os princípios individuais e grupais em prol do meio ambiente.

No que respeita ao comportamento individual face à SA, verificou-se que os inquiridos, para além de reconhecerem que os problemas socioambientais são reais, reconheceram a importância do papel individual para as soluções destes problemas (m=4,02). Reconheceram ainda que o consumo e

estilo de vida sustentável contribui para a sustentabilidade das próximas gerações (m=4,56), demonstraram preocupação com os impactos que os problemas ambientais podem ter na saúde das pessoas (m=4,50) e assumiram que enquanto alunos do ES devem praticar o bem pela comunidade (m=4,43), tal como, reconheceram que consumir apenas o necessário revela cuidado pessoal e social (m=4,43). São dados que permitem concluir que a amostra inquirida demonstra tendências para um comportamento pró-ambiental. Estes resultados estão alinhados com as conclusões do estudo de Côrtes et al. (2016) que encontram a mesma tendência na amostra que estudaram. Outro atributo constatado foi a atitude proativa da amostra para o estímulo do comportamento ambientalmente correto, procurando incentivar os familiares e amigos próximos (m=4,00). Conclusão que corrobora com os estudos de Paiva et al. (2018) que encontram esta mesma atitude empreendedora na amostra que estudaram.

No entanto, diante de questões que revelam a transposição do conhecimento para a prática, como: procuro produzir menos lixo (m=3,86); evito comprar o que é desnecessário, compro apenas o essencial (m=3,82); seleciono e descarto adequadamente o lixo que produzo (m=3,72), observou-se que os inquiridos demonstraram uma certa indiferença em relação às afirmações e preferiram por não se comprometer. Estes indicadores demonstram alguma relação com o testemunho recolhido junto da entrevistada, no sentido de que a informação científica pode fomentar a sensibilização individual e contribuir para um comportamento ambientalmente correto, mas a conscientização, em si, é algo individual, que parte dos princípios da pessoa. Ponto de vista que corrobora com o estudo de Afonso et al. (2016), ao concluir que apesar de haver ações de conscientização para tal comportamento, não há possibilidades de consolidar a consciência ambiental em massa, uma vez que, embora os indivíduos estarem cada vez mais informados e conscientes dos problemas ambientais, há outros fatores internos e externos que influenciam nas suas tomadas de decisões entre o conhecimento e a prática. Apesar disso, com base no baixo nível de concordância por parte dos inquiridos, concluiu-se que esta disparidade entre a consciência e a prática prende-se com a baixa colaboração das universidades no incentivo ao consumo mais consciente e amigo do ambiente (m=2,77). O que no entender de Araújo et al. (2021), prende-se com as características da própria sociedade consumista, e Zaneti et al. (2009) consideram ser a face oculta do sistema capitalista. Ainda assim, vale ressaltar que os inquiridos que assumiram praticar comportamentos favoráveis ao meio ambiente destacaram algumas motivações pessoais para tal, entre elas a baixa renda. Achado que vai ao encontro das conclusões do estudo de Silva et al. (2016), em que estes destacaram que o nível económico define o relacionamento do sujeito com os recursos, naturais ou não.

No que respeita a relação que as IES devem adotar para com a SA na ótica dos inquiridos, verificou-se, de uma forma geral, que os alunos demonstraram um nível de concordância bastante

elevado, em que a média situa-se no valor 4,17, em relação aos itens apresentados. Conclusões que vão ao encontro dos resultados obtidos através das entrevistas. Como referiu o entrevistado, quando uma IE tem uma política de sustentabilidade definida, para além da tríade em que é fundada, assume um compromisso muito maior nesta área. Esta mesma visão é partilhada pelos inquiridos, que demonstraram alto nível de concordância diante de questões, como: as IES devem cumprir os requisitos legais de que são signatárias (m=4,69). Ainda neste sentido, vale lembrar, uma vez mais, que as próprias IES, ao reconhecerem o papel que têm diante das sociedades, firmaram as suas responsabilidades na temática em diversos tratados internacionais e nacionais, sendo o primeiro deles a Declaração de Talloires, 1990. Ademais, os especialistas têm vindo a alertar para as atitudes concretas que estas instituições devem adotar diante dos problemas socioambientais. De igual modo, os alunos também demonstraram a mesma compreensão de que as IES devem agir em conformidade com o meio ambiente (m=4,70). Como constatou-se junto da entrevistada, as IES são agentes formadores e têm responsabilidades na divulgação dos ODS, bem como, na efetivação de ações que fomentem a adesão destes por parte das comunidades, declaração que corrobora com os inquiridos. Estes concordaram que as IES devem desenvolver iniciativas que as aproximem das comunidades (m=4,59). São considerações que vão ao encontro das opiniões de Bronzeri e Cunha (2020), Rohrich e Takahashi (2019) e Tauchen (2007) ao afirmarem que estas instituições devem ser um exemplo para a sociedade.

Outra apreciação dos inquiridos, que não deve passar despercebida, está relacionada com a introdução da temática da SA em todos os planos de ensino (m=4,15). Os alunos concordaram que todos os planos de ensino devem estar ligados às questões socioambientais. Perspetiva que corrobora com as afirmações de Aleixo et al. (2020), no sentido de que as IES devem introduzir a SA em todos os planos de ensino de todos os cursos regulares. Neste sentido, através das entrevistas verificou-se possíveis reformas no meio académico, no futuro, seja pela flexibilidade nos currículos, dando aos alunos a oportunidade de agregar nas suas formações as temáticas interessadas, ou pela aproximação do método tradicional do ensino aos ODS, levando os alunos a trabalharem mais próximos dos problemas socioambientais. A propósito, conforme foi possível verificar no PDI da UFMG, a universidade delineou dezanove ações a implementar até 2023, e uma delas é garantir a presença de, pelo menos, uma disciplina voltada para a questão ambiental em todos os currículos de Graduação.

Não sendo possível verificar esta possibilidade no PE da UNL, conclui-se que o objetivo estratégico desta instituição, dentro do contexto, para os próximos anos, passa apenas por estimular os alunos de uma área a aderir mais às UC de carácter ambiental que são lecionadas noutras áreas, como constatado junto do entrevistado. A juntar-se a isto, dos 159 (58,7%) inquiridos que afirmaram que não têm UC/disciplina desta temática nos seus cursos, 102 participantes são alunos da UNL. São

indicadores que permitem afirmar que a UNL tende a conservar o padrão tradicional dos currículos, e transmite a responsabilidade da formatação dos mesmos, dentro da temática estudada, aos próprios alunos. Conclusão que corrobora com Sacramento (2019), ao afirmar no seu estudo que as IES portuguesas revelam padrão conservador e dificuldades na demanda dos ODS.

Por fim, diante de todos os construtos analisados, “as IES devem preocupar-se em preparar o aluno para atuar apenas profissionalmente” (m=2,01) foi o que mereceu menor nível de concordância por parte da amostra. Apreciação negativa que revela o perfil inovador e diferenciador dessa Geração Z. Nesta perspectiva, quando questionados se gostariam que a IES que frequentam desenvolvesse mais iniciativas de cunho ambiental, do total dos inquiridos, 93,4% responderam afirmativamente, revelando assim determinação e anseios por reformas concretas nos sistemas acadêmicos. Estas constatações corroboram com os testemunhos da entrevistada, ao sublinhar que as universidades têm vindo a receber alunos com perfis diferenciados do habitual e que estes chegam com novas exigências e dúvidas, interferindo no modelo de ensino, que por sua vez tende a ser moldado em função das necessidades destes novos alunos. O que permite concluir com certeza de que esta geração Z, atuais alunos universitários, apresenta uma predisposição favorável ao comportamento socioambiental correto. Estas considerações vão ao encontro das conclusões de Santos et al. (2020), que caracterizam esta geração como, inovadores, colaboradores e exigentes com as relações funcionais.

## Capítulo VI – Conclusões gerais

Perante a atualidade e relevância da temática socioambiental, e o papel que as IES assumem diante do desenvolvimento individual e coletivo, na presente investigação propusemo-nos estudar como a UNL e a UFMG têm cumprido com os seus papéis na edificação de comportamentos mais favoráveis ao meio ambiente, buscando compreender como os alunos têm percebido e assimilado as metodologias ministradas na área da SA, assim como, perceber como estas instituições estão orientadas com a Agenda 2030.

Para tal, de modo a obter informações, as mais fidedignas possíveis, recorreu-se à metodologia mista, qualitativa e quantitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas, aos profissionais das respetivas instituições de ensino, e à aplicação de um inquérito por questionário, aos discentes destas universidades.

Com a triangulação das informações recolhidas, concluiu-se, de antemão, que, em função da questão de partida, “como as instituições de ensino superior têm cumprido com os seus papéis na edificação de comportamentos ambientalmente sustentáveis?”, as IES, em análise, desempenham trabalhos concretos na efetivação deste tipo de comportamento. Vale sublinhar que ambas as universidades são especializadas em diversas áreas das ciências, pelo que têm um leque alargado de possibilidades para abraçar os vários temas que inquietam as sociedades. Neste seguimento, e com base na análise combinada dos resultados recolhidos, são perceptíveis, nos dois casos, diferentes projetos em ação, desde iniciativas voltados para a saúde e o bem estar das comunidades, investigação e transferência do conhecimento, inovações tecnológicas, e desenvolvimento de práticas e ações voltadas para as comunidades, interna e externa, com vista à conscientização para as boas condutas ambientais, formalizar a educação e serem modelos de exemplos para as sociedades, entre outros.

Contudo, os resultados das entrevistas confirmados com os dados do inquérito mostram que estas organizações, no que refere a reformulação e adaptação dos currículos aos desafios socioambientais, como demandam os especialistas, ainda se encontram na fase inicial do cumprimento das suas obrigações e deveres. Como se constatou, a maioria dos currículos de ambas as universidades não possuem nenhum conteúdo voltado para a SA, sendo que no caso da UNL esta lacuna foi mais perceptível. O que permitiu concluir que a UNL tende a resistir à inovação e reformulação da matriz curricular, e, embora ter UC de cariz ambiental disponível, o maior objetivo da instituição, passa por incentivar os alunos a aderirem este tipo de formação, transferindo, assim, para os discentes, as responsabilidades de agregarem conteúdos de caráter ambiental às suas formações, salvo nos cursos que, por sua natureza, estão ligados à temática. Com base no conhecimento adquirido, esta prática não é, de todo, a mais indicada, uma vez que, para além de os alunos também assumirem responsabilidades neste contexto, são as universidades os líderes, e como

tal devem ser elas a assumirem as responsabilidades de aproximar os currículos ao meio envolvente e não o contrário. Além de que, como se constatou nos dados do inquérito, os próprios alunos consideram que os planos curriculares devem estar associados à temática do meio ambiente. Portanto, estas instituições devem, com seriedade, reavaliar esta lacuna e adotar estratégias de melhorias neste campo.

Com base na análise dos resultados do inquérito, concluiu-se ainda que há outra lacuna, em ambas as instituições, por resolver, mais concretamente no que concerne à abordagem da temática socioambiental por parte do corpo docente. Os alunos demonstraram-se poucos satisfeitos com o conhecimento, capacitação, motivação e empenho com que os professores lecionam a temática. Assim, e considerando que para qualificar os discentes primeiramente os docentes devem estar qualificados, estas instituições devem adotar estratégias que permitam uma formação adequada aos professores no âmbito da SA.

Ainda em função dos objetivos definidos para a presente investigação, conclui-se, através da análise dos dados quantitativos, que os alunos demonstraram uma certa indiferença acerca das iniciativas e os conteúdos de sustentabilidade ambiental ministrados, principalmente no que refere ao incentivo por parte das IES para o consumo responsável. Consumo este que, como verificado na literatura científica, tem sido constantemente alertado como sendo um dos principais pontos a trabalhar diante dos ODS. Deste modo, verificou-se que as universidades, em análise, necessitam de trabalhar, com mais rigor, a questão do consumo desenfreado e desnecessário, porque como indicam os críticos, o consumo leva sempre ao desgaste de alguma fonte, e conseqüentemente contribui para a degradação do meio ambiente.

De igual modo, os resultados do inquérito demonstraram que os alunos reconhecem a importância da problemática socioambiental e tendem a adotar atitudes favoráveis face à preservação do meio ambiente, no entanto, demonstraram resistências na efetivação deste tipo de comportamento. Pelo que, conclui-se que as IES devem implementar mais ações que trabalhem esta consciencialização, uma vez que os indivíduos mais cômicos são os mais propensos a adotar o comportamento pró-ambiental. E, sobretudo, devem desenvolver estas estratégias envolvendo os alunos desde os seus primeiros anos da sua formação, em continuidade por todo o seu percurso formativo, posto que, conforme os dados do inquérito, os alunos demonstraram interesses em que as universidades desenvolvam mais ações de caráter ambiental.

Por fim, de um modo geral, conclui-se que a UFMG e a UNL, mostram-se orientadas, empenhadas e comprometidas a colaborar com a Agenda 2030. Para tal, dispõem de estratégias e práticas que visam a edificação do comportamento ambientalmente sustentável, contudo, embora os alunos reconheçam este empenho, consideram que estas instituições podem e devem esforçar-se ainda

mais no ensino da SA. Seja pela urgência das questões socioambientais ou pelas exigências destes estudantes, a geração Z, conclui-se, com este trabalho, que para alcançar o verdadeiro ensino da SA ainda há um caminho a percorrer, até então, com obstáculos por resolver. Dos principais supracitados, talvez o mais importante seja a necessidade de estas instituições reconhecerem que os anjos e os demônios do meio ambiente são frutos das suas criações, e são elas as responsáveis por estimular e ouvir os anjos, assim como educar os demônios, de modo a assegurar a harmonia entre o homem e o meio ambiente.

Analisando os contributos desta dissertação para a área científica de estudo onde se enquadra aferimos que contribui para um maior conhecimento, principalmente no contexto da geração Z, sobre consumidores diferenciados e exigentes que buscam por inovação, mais mudanças práticas e efetivas e menos intenções que, por vezes, não chegam a ver a luz do dia. Principalmente em Portugal, esta investigação é relevante por ajudar suprir a lacuna dos poucos estudos disponíveis no âmbito da SA no contexto universitário, como se constatou na literatura especializada, e por incentivar as IES a cumprir com os seus papéis diante dos ODS. No mais, disponibiliza informações relevantes para o marketing e a comunicação do meio académico, uma vez que estas organizações vivem dos alunos, devem apostar numa comunicação que visa firmar as suas imagens enquanto IES comprometidas com os assuntos que inquietam este público, mostrando-se preparadas para proporcionar a formação superior que esses consumidores procuram.

No que refere às limitações, dada a relevância e a atualidade da temática, a literatura especializada, com maior destaque a nível internacional, tem se dedicado muito a esta área, e, em contrapartida em Portugal tais estudos são, ainda, muito reduzidos. Assim, a primeira limitação sentida prende-se com as dificuldades de filtragem das informações mais relevantes, pertinentes e necessárias para este trabalho. A segunda e principal limitação, refere-se às dificuldades encontradas tanto para divulgação e disseminação do questionário, quanto profissionais disponíveis para as entrevistas, dado o contexto da pandemia. Em tempos normais, acreditamos que os resultados seriam mais ricos, tanto acerca das entrevistas, que pelo menos uma poderia ter sido presencial, assim como pela participação dos alunos, uma vez que poderíamos adotar estratégias presenciais para a partilha e disseminação do questionário, obtendo participações mais elevadas.

Posto isto, para os futuros trabalhos sugere-se, para a partir de 2023, investigações no âmbito da UFMG que analisem se os planos de ensino das diferentes áreas de formação desta instituição foram reformulados conforme explana o atual PDI. No que refere à UNL, futuramente será relevante investigar se a Política de Sustentabilidade, que no momento aguarda aprovação, foi, de facto, aprovada e se a instituição, bem como as suas unidades académicas adotaram na prática a realização dos relatórios de impacto desta política. Além disso, é relevante estudar, nos próximos anos, se os

planos de ensino da UNL sofreram alterações favoráveis aos ODS ou se permanecerão resistentes à mudança. É, sobretudo necessário que os investigadores apostem em estudos com vista à disseminação das ações socioambientais das IES, por dois motivos. Primeiro, conforme o conhecimento adquirido na literatura científica, estas pesquisas tendem a barrar possíveis resistências destas instituições face ao ensino ambiental, e segundo contribui para o conhecimento do estado da temática no meio envolvente.

## Capítulo VII – Bibliografia

- Aleixo, A. M, Azeiteiro, U. & Leal, S. (2020). Are the Sustainable Development Goals being implemented in the Portuguese Higher Education Formative Offer? *International Journal of Sustainability in Higher Education*, 21(2), 336-352. <https://doi.org/10.1108/IJSHE-04-2019-0150>
- Aleixo, A. M., Leal, S. & Azeiteiro, U. M. (2016). Conceptualization of sustainable higher education institutions, roles, barriers, and challenges for sustainability: An exploratory study in Portugal. *Journal of Cleaner Production*, 172(2018), 1664-1673. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2016.11.010>
- Aloise, P. G. (2017). Relações entre ética organizacional, inovações ambientais e sustentabilidade. *R. Adm. FACES Journal Belo Horizonte*, 16(2), 77-95. <http://dx.doi.org/10.21714/1984-6975FACES2017V16N2ART4001>
- Andriato, M. F. & Castilho, M. L. (2020). Análise da sustentabilidade de cooperativas de materiais recicláveis selecionadas: alternativas para o tratamento de resíduos sólidos urbanos. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 42. Doi: 10.4025/actascihumansoc.v42i1.51002
- Antunes, J., Nascimento, V. S. & Queiroz, Z. F. (2020). Como os estudantes percebem a sustentabilidade na educação superior? Um estudo quali-quantitativo sobre a Universidade Federal do Cariri –CE. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande*, 37(3), 138-161. <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/9798>
- Afonso, T., Zanon, M. Â. G., Locatelli, R. L. & Afonso, B. P. D. (2016). Consciência Ambiental, Comportamento Pró-Ambiental e Qualidade de Gerenciamento de Resíduos em Serviços de Saúde. *Journal of Environmental Management and Sustainability – JEMS Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade – GeAS*, 5(3). DOI: 10.5585/geas.v5i3.631
- Araújo, A. C. M., Oliveira, V. M. & Correia, S, É, N. (2021). Consumo sustentável e inovação social: o caso da moeda social do Banco Palmas. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 20(1), 140-170. <http://dx.doi.org/10.21529/RECADM.2021005>
- AULSF Association of University Leaders for a Sustainable Future (AULSF) (2021, janeiro). *Talloires Declaration Signatories List*. <http://ulsf.org/talloires-declaration/>
- Bataglin, M. & Ferreira, J. C. E. (2020). A modularization method based on the triple bottom line and product desirability: A case study of a hydraulic product. *Journal of Cleaner Production*, 271. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2020.122198>

- Batista, A. S., Albuquerque, J. L., Mandú, M. J. S., Moraes, I. C. & Neto, J. S. C. (2020). A dimensão ambiental como estratégia de gestão na unidade acadêmica de serra talhada da universidade federal rural de pernambuco. *Revista Metropolitana de Sustentabilidade - RMS, São Paulo, 10(1)*, 62-86. <https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/2221/pdf>
- Bedante, G. N. (2004). *A influência da consciência ambiental e das atitudes em relação ao consumo sustentável na intenção de compra de produtos ecologicamente embalados* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3904>
- Bergano, S. & Vieira, C. C. (2020). Do pessoal ao político: as metodologias de investigação qualitativa como aliadas da ação. *Ex æquo, 41*, 15-25. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2020.41.01>
- Bergel, E., Brandão, M. M., Freire, O. L. & Bizárrias, F. S. (2015). Relação entre marketing e RSAE nos congressos da ANPAD: estudo bibliométrico de 1998-2012. *Revista de Administração da UNIMEP, 13(1)*. DOI: 10.15600/1679-5350/rau.v13n1p189-219
- Beuron, T. A., Borges, G. R., Borges, S. C., Castilho, C. H., Garlet, V., Madruga, L. R. R. G. (2020). A Preocupação com a Sustentabilidade na Ótica de Alunos, Docentes e Funcionários de uma Universidade Brasileira. *UFAM BUSINESS REVIEW, Manaus, AM, Brasil, 2(3)*. <https://10.47357/ufambr.v2i3.7913>
- Boca, G. D. (2021). Factors Influencing Consumer Behavior in Sustainable Fruit and Vegetable Consumption in Maramures County, Romania. *Sustainability, 13*, 1812. <https://doi.org/10.3390/su13041812>
- Bogdezevicius, C. R., Silva, A. G. & Faganello, C. R. F. (2019). Marketing verde e legislação ambiental no processo de alteração do comportamento de consumo: uma análise de percepção dos fatores verdes. *RMS Revista Metropolitana de Sustentabilidade, 9(3)*, 96-122. <https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/1934/pdf>
- Bottega, G. S. S., Oliveira, J. K., Balzan, K. L., Pilz, S. E., Dalcanton, F. & Costella, M. F. (2020). A percepção da consciência ambiental na construção em estudantes de engenharia civil. *Revista Metropolitana de Sustentabilidade - RMS, São Paulo, 10(2)*, 5-31. <https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/2042/pdf>
- Bronzeri, M. S. & Cunha, J. C. (2020). Ensino e prática para a sustentabilidade em IES: estudo de caso. *Brazilian Journals of Business, Curitiba, 2(4)*, 3435-3450. DOI: 10.34140/bjbv2n4-005

- Brundtland, G. H. (1987). UN World Commission on Environment and Development, ed., Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future. In The Environment & Society Portal. *Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future*. <http://www.un-documents.net/our-common-future.pdf>
- Carlos, F., Teixeira, W. O. R., Oliveira, K. & Queiroz, K. (2019). O método qualitativo norteando a pesquisa social. *HOLOS*, (5). DOI: 10.15628/holos.2019.4752
- Carson, R. (Ed.) (2019). *Primavera Silenciosa*. Editora Gaia.
- CAED - Centro de Apoio à Educação a Distância, Prograd, Pró-reitoria de Graduação, UFMG. (2021, junho). *Quem somos*. <https://www.ufmg.br/ead/index.php/caed/quem-somos-2/>
- CEDECOM, UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais. (2021, julho). *UFMG e federais do Espírito Santo e de Ouro Preto criam observatório do desastre de Mariana*. <https://www.ufmg.br/online/arquivos/045239.shtml>
- COPERNICUS, The University Charter For Sustainable Development. (2021, janeiro). *Site da The International Institute for Sustainable Development (IISD)*. <https://www.iau-hesd.net/sites/default/files/documents/copernicus.pdf>
- Côrtes, P. L., Dias, A. G., Fernandes, M. E. S. T. & Pamplona, J. M. V. (2016). Comportamento ambiental: estudo comparativo entre estudantes brasileiros e portugueses. *Ambiente & Sociedade*, XIX (3), 11-134. [https://www.scielo.br/pdf/asoc/v19n3/pt\\_1809-4422-asoc-19-03-00113.pdf](https://www.scielo.br/pdf/asoc/v19n3/pt_1809-4422-asoc-19-03-00113.pdf)
- Costa, H. K. M., Simões, A. F., Santos, E. M. & Beck, R. T. (2013). Reflexão sobre o Conceito de Sustentabilidade e a Proposição de sua Integralidade. *INTEGRATING CLEANER PRODUCTION INTO SUSTAINABILITY STRATEGIES, São Paulo – Brazil – 22 – 24*. [http://www.advancesincleanerproduction.net/fourth/files/sessoes/6A/6/costa\\_hkm\\_et\\_al\\_work.pdf](http://www.advancesincleanerproduction.net/fourth/files/sessoes/6A/6/costa_hkm_et_al_work.pdf)
- Costa, H. K. M., Weber, N. A. B. & Santos, M. E. (2017). Reflexões sobre o conceito de sustentabilidade sua adjetivação e a unicidade humana. *6th International Workshop / Advances in Cleaner Production – Academic Work*, 24-26. [http://www.advancesincleanerproduction.net/sixth/files/sessoes/4B/2/costa\\_hkm\\_et\\_al\\_academic.pdf](http://www.advancesincleanerproduction.net/sixth/files/sessoes/4B/2/costa_hkm_et_al_academic.pdf)
- Damázio, L. F., Coutinho, L. A. N. & Shigaki, H. B. (2020). Comportamento do consumidor em relação a produtos sustentáveis: uma revisão sistemática de literatura. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 19(3), 374-392. <http://dx.doi.org/10.21529/RECADM.2020016>

- Del Giacco, L., Anguera, M.T., & Salcuni, S. (2020). The Action of Verbal and Non-verbal Communication in the Therapeutic Alliance Construction: A Mixed Methods Approach to Assess the Initial Interactions With Depressed Patients. *Frontiers in Psychology, 11*(234). doi: 10.3389/fpsyg.2020.00234
- Despacho Normativo n.º 3/2020*, de 6 de fevereiro. Diário da República, 2.ª série – Nº 26.
- Dultra-de-Lima, R. G., Chen, Yen-Tsang., Oyadomari, J. C. T. & Baptista, J. R. (2020). Fatores que contribuem ao sucesso ou fracasso em projetos: uma abordagem qualitativa. *Revista do Programa de Pró-Graduação em Administração, 16*(31). <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/OC/article/view/8799/pdf>
- Elkington, J. (2018). 25 years ago I coined the phrase “triple bottom line.” Here’s why it’s time to rethink it. *Harvard Business Review*. <https://eds.a.ebscohost.com/eds/pdfviewer/pdfviewer?vid=2&sid=4acebfd5-66c9-4107-a962-79c698aa9b91%40sessionmgr4006>
- Faria, A. C., Silva, L. S., Silva, D. & Filho, M. A. F. M. (2018). Influência do Conhecimento sobre Sustentabilidade nas Atitudes, Comportamentos e Consumo de Estudantes de Administração. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa. Curitiba-PR, Brasil, 17*(2), 239-260. <http://dx.doi.org/10.21529/RECADM.2018010>
- Farinha, C., Caeiro, S. & Azeiteiro, U. (2019). Sustainability Strategies in Portuguese Higher Education Institutions: Commitments and Practices from Internal Insights. *Sustainability, 11*. doi:10.3390/su11113227
- Fernandes, S. B., Filho, A. B. O. & Oliveira, G. C. S. (2018). Consciência ambiental e desenvolvimento de práticas sustentáveis: a percepção de universitários Marajoaras, Pará, Brasil. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Rio Grande, 35*(2), 87-104. <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/7646>
- Garlet, V., Beuron, T. A., Balsan, L. A. G., Madruga, L. R. R. G., Vieira, C. O. & Saraiva, S. D. (2018). As perspectivas da sustentabilidade aplicada em diferentes faculdades de uma universidade brasileira. *Revista Pensamento & Realidade, 33*(4), 20-36. <https://eds.b.ebscohost.com/eds/pdfviewer/pdfviewer?vid=1&sid=585f426b-9c4e-4bab-ab21-6e519ef4715c%40pdc-v-sessmgr06>
- Gov.Br. Governo Federal. Ministério das Relações Exteriores. (2020, janeiro). *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)*. <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/desenvolvimento->

[sustentavel-e-meio-ambiente/desenvolvimento-sustentavel/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-ods](#)

- Gov.Br. (2014, janeiro). Negociações da Agenda de Desenvolvimento Pós-2015: elementos orientadores da posição brasileira. *Site Gov.Br.* <https://www.gov.br/mre/pt-br/arquivos/documentos/clima/ODSposbras.pdf>
- Gov.Br. (2021, janeiro). Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. 70 a ONU forte. Um mundo melhor. *Site do Governo Federal, Pátria Educadora.* <https://www.gov.br/mre/pt-br/arquivos/documentos/clima/20160119ODS.pdf>
- Groot, E. (2020). Quem dá valor aos selos de qualidade? Informação impacta nas preferências dos consumidores? *Revista FSA*, 17(9), 84-111. <http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.9.5>
- Headley, S. S. & Souza, M. A. S. (2020). As informações dos rótulos influenciam a escolha de produtos sustentáveis? Um estudo sobre comportamentos de compra entre os jovens universitários. *Revista Metropolitana de Sustentabilidade*, 10(2), 119-145. <https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/search/search?simpleQuery=AS+INFORMA%C3%87%C3%95ES+DOS+R%C3%93TULOS+INFLUENCIAM+A+ESCOLHA+DE+PRODUTOS+SUSTENT%C3%81VEIS%3F+UM+ESTUDO+SOBRE+COMPORTAMENTO+DE+COMPRA+ENTRE+OS+JOVENS+UNIVERSIT%C3%81RIOS&searchField=query>
- Hill, M. M. & Hill, A. (2002). *Investigação por questionário*. Edições Sílabo.
- Jugend, D. & Figueiredo, J. (2017). Integrating environmental sustainability and project portfolio management: case study in an energy firm. *Gest. Prod., São Carlos*, 24(3), 526-537. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-530X3451-16>
- Jusbrasil. (2021, janeiro). *Lei da Educação Ambiental - Lei 9795/99 | Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999.* <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/110259/lei-da-educacao-ambiental-lei-9795-99>
- Kauark, F. S., Manhães, F. C., & Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia da pesquisa: Um guia prático.* <https://biblioteca.isced.ac.mz/bitstream/123456789/713/1/Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf>
- Kouaib, A., Mhiri, S. & Jarboui, A. (2020). Board of directors' effectiveness and sustainable performance: The triple bottom line. *Journal of High Technology Management Research* 31 (2020) 100390. <https://doi.org/10.1016/j.hitech.2020.100390>

- Kotler, P. & Kartajaya, H. (2010). *Marketing 3.0 as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano* (A. B. Rodrigues, Trad.). Elsevier Editora Ltda. (Obra original publicada em 2010)
- Kraus, C. B., Ricci, R. M. G., Santos, G. & Santos, P. (2018). Pesquisa empírica: turismo em áreas naturais e o uso do marketing sustentável. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 6(2), 251-269. <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/15632/10937>
- Lara, P. T. R. (2012). Sustentabilidade em instituições de ensino superior. *Monografias Ambientais*, 7(7), 1646 – 1656. <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/viewFile/5341/3308>
- Lima, M. C., Vaz, S. R. A., Barbosa, T. F. C. & Oliveira, V. F. (2018). O consumo de produtos de moda baseado na vertente da sustentabilidade ambiental. *DAPesquisa, Florianópolis*, 13(21), 25-42. <http://dx.doi.org/10.5965/1808312913212018025>
- Loiola, N. V., Souza, M. J. B., Hoffmann, E. M. (2021). Comportamento de compras sustentáveis e consciência social dos consumidores. *Pretexto*, 22(1), 53-70. <https://eds.b.ebscohost.com/eds/detail/detail?vid=1&sid=393b6e78-0e30-49c3-907b-62c193954b34%40sessionmgr101&bdata=Jmxhbm9cHQtcHQmc2l0ZT1lZHMtbGl2ZSZzY29wZT1zaXRl#AN=149346697&db=bth>
- Loviscek, V. (2021). Triple Bottom Line toward a holistic framework for sustainability: A systematic review. *Revista de Administração Contemporânea*, 25(3). [doi.org/10.1590/1982-7849rac2021200017.en](https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2021200017.en)
- Lozano, R., Lukman, R., Lozano, F. J., Huisinigh, D. & Lambrechts, W. (2011). Declarations for sustainability in higher education: becoming better leaders, through addressing the university system. *Journal of Cleaner Production, Elsevier*, 48. [doi:10.1016/j.jclepro.2011.10.006](https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2011.10.006)
- Maciel, O., Nunes, A. & Claudino, S. (2014). Recurso ao inquérito por questionário na avaliação do papel das Tecnologias de Informação Geográfica no ensino de Geografia. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, (6). <http://cegot.org/ojs/index.php/GOT/article/view/2014.6.010/93>
- Mainginski, F. E., Campos, D. B., Christo, M. M. S. & Resende, L. M. M. (2017). Sustentabilidade na formação profissional: a percepção de estudantes de Engenharia. In *Joinville/SC – 26 a 29 de Setembro de 2017, UDESC/UNISOCIEESC, “Inovação no Ensino/Aprendizagem em Engenharia” COBENGE, XLV Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia*.

- Mantilla-Falcón, M., Benítez-Gaibor, M. K., Loor-Intriago, M. A. & Vásquez-Acuña, L. G. (2020). La ecoeficiencia en el sector de la educación superior. Una línea base para su implementación. *Contabilidad y Negocios*, 15 (29). <https://doi.org/10.18800/contabilidad.202001.004>
- Massuga, M., Doliveira, S. L. D., Korocoski, S. R., Jesus, F. J., Mascarenhas, L. P. G. & Matos, R. D. (2019). Sustentabilidade versus capitalismo ou capitalismo sustentável? Uma revisão sistemática da tendência secular. *Revista Metropolitana de Sustentabilidade - RMS*, São Paulo, 9(3), 194-219. <https://search.proquest.com/openview/8b86ac11e011a0382253f96ef5174efb/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2035014>
- Mesquita, R. F., Intravaia, D., Júnior, J. O. L., Santos, J. S. & Matos, F. R. N. (2020). Divulgação da responsabilidade social e desempenho de universidades brasileiras. *Gestão e Desenvolvimento*, 17 (1). DOI: <https://doi.org/10.25112/rgd.v17i1.2022>
- Moreira, A. C., Pinto, B. F. & Ribau, C. P. (2021). Implicações da pandemia de COVID-19 no relacionamento sede-filial. Uma abordagem qualitativa. *Estudios Gerenciales*, 37(159), 280-293. <https://doi.org/10.18046/j.estger.2021.159.4311>
- Morioka, S. N. & Carvalho, M. M. (2016). Sustentabilidade e gestão de projetos: um estudo bibliométrico. *Production*, 26(3). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6513.058912>
- Mota, M. C. P. (2020). *Um consumo sem desperdícios em Portugal: características e motivações*. [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa. <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/13096>
- Nações Unidas. (2021, janeiro). *Acordo de Paris sobre as Alterações Climáticas visa estabilidade ambiental no longo prazo*. <https://unric.org/pt/acordo-de-paris-sobre-as-alteracoes-climaticas-visa-estabilidade-ambiental-no-longo-prazo/>
- Neto, A. R. V., Silva, A. W.P., Caldas, M. V.A., Barreto, L. K. S. & El-Aouar, W. A. (2020). Environmental marketing: the green appeal of certified products and consumer perceptions. *Revista em Agronegócio e Meio Ambiente, Maringá (PR)*, 13(4), 1365-1390. DOI:10.17765/2176-9168.2020v13n4p1365-1390
- Neves, C., Augusto, C. & Terra, A. L. (2020). Questionários online: análise comparativa de ferramentas para a criação e aplicação de e-surveys. *AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento*, 9(2), 69-78. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/atoz.v9i2.75826>
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric Theory*. McGraw-Hill.

- Oliveira, A. G., Assis, O. F. G., Duarte, R. G. & Tassigny, M. M. (2016). Avaliação da aplicação do triple botton line. Estudo de caso: comunidade do Caldeirão de Santa Cruz/CE. *Revista Metropolitana de Sustentabilidade - RMS, São Paulo*, 6(1), 104-117. <https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/699/pdf>
- Oliveira, K. S., Campos, F. I., Tavares, G. G. & Ferreira, R. M. (2018). Cidades Médias e Sustentabilidade Ambiental: Caracterização e Atuação Regional. *HALAC – Historia Ambiental, Latinoamericana y Caribeña*, 8(1), 184-212. <https://halacsolcha.org/index.php/halac/article/view/303>
- Oliveira, L. R., Medeiros, R. M., Terra, P. B. & Quelhas, O. L. G. (2012). Sustentabilidade: da evolução dos conceitos à implementação como estratégia nas organizações. *Produção*, 22(1). DOI: doi: 10.1590/S0103-65132011005000062
- Paiva, L. E. B., Lima, T. C. B., Rebouças, S. M. D. P., Ferreira, E. M. D. M. & Fontenele, R. E. S. (2018). Influence of sustainability and innovation on the entrepreneurial intention of Brazilian and Portuguese university students. *Cad. EBAPE.BR*. 16(4), 732-747. <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395167527>
- Paiva, L. E. B., Bandeira, E. L., Arruda, H. R. & Romero, C. B. A. (2020). Atitude para o consumo colaborativo: um estudo baseado na consciência ambiental. *Revista de Gestão e Secretariado*, 11(2). <http://dx.doi.org/10.7769/gesec.v11i1.1086>
- Pereira, P. S. S. (2016). *Alinhamento das práticas de responsabilidade social com a estratégia das instituições de ensino superior: um referencial de governação socialmente responsável gerador de confiança e reputação organizacional* [Dissertação de Doutorado, Universidade de Évora]. Repositório Universidade de Évora. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/19527>
- Petrelli, C. M. & Colossi, N. (2006). A quarta via das instituições de ensino superior: a responsabilidade social. *Revista Catarinense da Ciência Contábil - CRCSC. Florianópolis*, 5(13). <http://dx.doi.org/10.16930/2237-7662/rccc.v5n13p71-83>
- Pessini, L. & Sganzerla, A. (2016). Evolução histórica e política das principais conferências mundiais da ONU sobre o clima e meio ambiente. *Revista Iberoamericana de Bioética*, 01, 01-14. DOI:10.14422/rib.i01.y2016.009
- Pinheiro, L. V. S., Machado, D. Q., Nascimento, J. C. H. B., Peñaloza, V. & Pinheiro, J. Q. (2020). Comportamento ecológico em tempo de (in) sustentabilidade. *R. Adm. FACES Journal Belo Horizonte v. 19(3)*, 08-25. <http://revista.fumec.br/index.php/facesp/article/view/6188>

- Pocinho, M. (2012). *Metodologia de Investigação e Comunicação do Conhecimento Científico*. Lidel.
- Pozzetti, V. C. & Caldas, J. N. (2019). O descarte de resíduos sólidos no âmago da sustentabilidade. *Revista de Direito Econômico e Socioambiental, Curitiba, 10(1)*, 183-205. doi:10.7213/rev.dir.econ.soc.v10i1.24021
- Proex Pró-Reitoria de Extensão UFMG. (2021, julho). *Redes UFMG*. <https://www2.ufmg.br/proex/Redes>
- Rodrigues, W. D. S., Sousa, F. R. L., Silva, M. D. S., Frade, S. M. & Soares, A. F. (s.d.). Educação ambiental e sustentabilidade no ensino superior: a necessidade dessa temática na grade curricular para a formação do administrador. [https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/educacao\\_ambiental\\_e\\_sustentabilidade\\_no\\_ensino\\_superior\\_0.pdf](https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/educacao_ambiental_e_sustentabilidade_no_ensino_superior_0.pdf)
- Rodríguez, S. B., Porra, L. B. & Ochoa, L. R. (2021). La metodología de proyecto social en la educación superior: una oportunidad para armonizar el proyecto de vida con el proyecto de sociedad. *Educación XXX*. (58). 107-127. <https://doi.org/10.18800/educacion.202101.005>
- Rossato, V. P., Pinto, N. G. M. & Müller, A. P. (2020). Satisfação acadêmica de estudantes de ensino superior: o caso de um campus universitário. *Revista Gestão e Secretariado (GeSec)*, 11(3). 185-211. DOI: <http://dx.doi.org/10.7769/gesec.v11i3.1082>
- Royer, M. R. & Petik, V. C. F. (2019). Pegada ecológica: que marcas os estudantes de biologia de uma universidade pública brasileira deixarão no planeta?. *Bio-grafía. Escritos sobre la Biología y su Enseñanza*. 672 – 682. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7561545>
- Rotta, M., Batistela, A. C. & Ferreira, S. R. (2017). Ambientalização curricular no ensino superior: formação e sustentabilidade nos cursos de graduação. *Revista Electrónica Actualidades Investigativas en Educación*, 17(2), 1-20. <http://dx.doi.org/10.15517/aie.v17i2.28676>
- Rohrich, S. S. & Takahashi, A. R. W. (2019). Sustentabilidade ambiental em Instituições de Ensino Superior, um estudo bibliométrico sobre as publicações nacionais. *Gestão & Produção*, 26(2). <https://doi.org/10.1590/0104-530X2861-19>
- RUPEA. (2021, janeiro). *Carta de Princípios da Rede Universitária de Programas de Educação Ambiental*. <http://www2.uefs.br/rupea/carta.htm>
- Sacramento, S. E. (2019). *O Papel das Instituições de Ensino Superior na Construção de um Futuro Sustentável através do Ensino* [Dissertação de Mestrado, Escola de Ciências Sociais e Humanas

do Departamento de Economia Política do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa].  
Repositório do ISCTE-IUL. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/19704>

Sáiz-Manzanares, M. C. & Escolar-Llamazares, M. C. (2021). Efectividad de los métodos mixtos en investigación contextual en salud y educación. *NTQR*, 5. <https://doi.org/10.36367/ntqr.5.2021.28-40>

Salgado, M. F. M. A. & Cantarino, A. A. A. (2006). O papel das instituições de ensino superior na formação socioambiental dos futuros profissionais. *XXVI ENEGEP - Fortaleza, CE, Brasil, 9 a 11 de outubro*. [http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2006\\_TR560372\\_8269.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2006_TR560372_8269.pdf)

Sánchez-Gomez, M. C., Martín-Cilleros, M. V., Sá. P. & Costa, A. P. (2020). Reflexiones en torno a la investigación con métodos mixtos. *Rev baiana enferm*, 34(31851). DOI 10.18471/rbe.v34.31851

Santos, J. S., Santos, E. M. & Del Mouro, G. C. F. (2020). As diferentes faces da sustentabilidade: uma análise bibliométrica. *Brazilian Journal of Development*. 6(7), 52829-52847. DOI:10.34117/bjdv6n7-797

Santos, S. S. S., Olivo, A. M., Petry, D. R. & Oro, I. M. (2020). Satisfação e motivação no trabalho: Insights sobre percepção da justiça distributiva e remuneração estratégica por indivíduos da Geração Z. *Revista de Ciências da Administração* 21(54). <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2019.e60409>

Senado Federal. (2021, janeiro). *Atividade Legislativa. Título VIII Da Ordem Social Capítulo VI Do Meio Ambiente*. [https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988\\_26.06.2019/art\\_225\\_.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_26.06.2019/art_225_.asp)

Silva, M. L., Sandri, E. C., Rovaris, N. R. S., Brandalise, L. T. (2019). Percepção ambiental dos clientes de um restaurante universitário, sobre a análise do ciclo de vida (ACV) das refeições. *Revista Metropolitana de Sustentabilidade - RMS, São Paulo*, 9(2), 37-52. <https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/1702/pdf>

Silva, M. E. & Melo, R. C. B. (2012, 15-18 de outubro). *Os reflexos de práticas socioambientais organizacionais sobre as atitudes individuais: uma compreensão à luz da teoria do comportamento planejado*. XXXII Encontro Nacional de Engenharia de Produção, Desenvolvimento Sustentável e Responsabilidade Social: As Contribuições da Engenharia de Produção Bento Gonçalves, RS, Brasil. [http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2012\\_TN\\_STO\\_167\\_968\\_20155.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2012_TN_STO_167_968_20155.pdf)

- Silva, Í. P., Veloso, M. N., Barroso, J. A., Pinto, L. A. & Torres, E. F. (2016). Consciência ambiental versus as práticas de comportamento pró-ambiental de acadêmicos de graduação. *Revista Gestão. Org.* 14, 59-74. <http://dx.doi.org/10.21714/1679-18272016v14Esp.p59-73>
- Silveira, A., Nascimento, S. & Riboldi, L. (2018). Sustentabilidade e intenção empreendedora: Estudo com discentes do curso de Administração da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc). *Revista de Gestão e Secretariado, GESEC.* 9(2), 59-74. <https://doi.org/10.7769/gesec.v9i2.769>
- Smith, G., Block, L. B., Ajami, N., Pombo, A. & Velasco-Aulcy, L. (2020). Trade-offs across the water-energy-food nexus: A triple bottom line sustainability assessment of desalination for agriculture in the San Quintín Valley, Mexico. *Environmental Science and Policy* 114. 445–452. <https://doi.org/10.1016/j.envsci.2020.08.008>
- Sousa, A. C. & Abdala, K. O. (2020). Sustentabilidade, do conceito à análise. *Revista Metropolitana de Sustentabilidade - RMS, São Paulo, 10(2), 146-166.* <https://eds.a.ebscohost.com/eds/detail/detail?vid=1&sid=90aa6e67-a3b6-4e37-8b8a-ff4c499f6fcd%40sessionmgr4008&bdata=JkF1dGhUeXBIPWlwLHN0aWIsdWlkJmxhbmc9cHQtcHQmc2l0ZT1lZHMtbGl2ZSZzY29wZT1zaXRl#AN=146571186&db=edb>
- Stockemer, D. (2019). *Quantitative methods for the social sciences. A practical introduction with examples in SPSS and stata.* Springer International Publishing AG 2019. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-99118-4>
- Tauchen, J. A. (2007). *Um modelo de gestão ambiental para implantação em Instituições de Ensino Superior* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Engenharia e Arquitetura Universidade de Passo Fundo]. TEDE UPF Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações. <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/222>
- Tavares, P. A. O. (2016). *As Marcas como Agentes Políticos: O impacto da Responsabilidade Social Corporativa na intenção de compra. Estudo de Caso – Missão Continente.* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa. <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/6951>
- Telocken, S. G., Garlet, V., Favarin, R., Madruga, L. R. & Trevisan, M. (2017). O consumo consciente entre os alunos de Administração de uma Universidade Federal brasileira sob a ótica da educação para a sustentabilidade. *Revista Gestão e Desenvolvimento, Novo Hamburgo, 14 (1), 100-113.* <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/1124>

- The World University Rankings. (2020, maio). *The World University Rankings 2020*. [https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/2020/world-ranking#!/page/0/length/25/sort\\_by/rank/sort\\_order/asc/cols/stats](https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/2020/world-ranking#!/page/0/length/25/sort_by/rank/sort_order/asc/cols/stats)
- Toledo, A. M. & Santiago, M. R. (2019). Instrumentos alternativos de solução de conflitos como medidas de sustentabilidade, calcadas na solidariedade social. *Revista de Direito Econômico e Socioambiental, Curitiba, 10*(1), 52-72. doi: 10.7213/rev.dir.econ.soc.v10i1.23531
- TV UFMG. (2021, maio, 14). *Vídeo Institucional UFMG 2021* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=oEY7tJp0EPM&t=180s>
- ULSF. (2021, maio). *Talloires Declaration Signatories List*. <http://ulsf.org/96-2/#top>
- United Nations. (1945). *Growth in United Nations membership*. <https://www.un.org/en/about-us/growth-in-un-membership>
- United Nations. (2021, janeiro). *Resolution adopted by the General Assembly on 25 September 2015*. [https://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E](https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E)
- Universidade Federal de Minas Gerais. (2021, julho). *UFMG em números. UFMG 93 anos*. <https://ufmg.br/a-universidade/apresentacao/ufmg-em-numeros>
- Universidade Federal de Minas Gerais. (2021, julho). *Professores da UFMG recebem Medalha da Inconfidência*. <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/professores-da-ufmg-recebem-medalha-da-inconfidencia>
- Universidade Federal de Minas Gerais. (2021, outubro). *UFMG Sustentável*. <https://www.ufmg.br/sustentabilidade/quem-somos/apresentacao/>
- Universidade Federal de Minas Gerais. (2021, julho). *Plano de Desenvolvimento Institucional 2018 – 2023*. [https://ufmg.br/storage/c/e/c/9/cec964e64ae9ba1b073e4c169c50165f\\_15525812888029\\_1368629454.pdf](https://ufmg.br/storage/c/e/c/9/cec964e64ae9ba1b073e4c169c50165f_15525812888029_1368629454.pdf)
- Universidade Nova de Lisboa. (2021, agosto). *Factos e números*. <https://www.unl.pt/nova/factos-e-numeros>
- Universidade Nova de Lisboa. (2021, agosto). *Plano Estratégico 2020-2030*. [https://www.unl.pt/sites/default/files/plano\\_estrategico\\_2020-30\\_-\\_versao\\_sintese.pdf](https://www.unl.pt/sites/default/files/plano_estrategico_2020-30_-_versao_sintese.pdf)
- Walker, K., Yu, X. & Zhang, Z. (2020). All for one or all for three: Empirical evidence of paradox theory in the triple-bottom-line. *Journal of Cleaner Production, 275*. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2020.122881>

- White, K., Hardisty, D. J. & Habib, R. (2019). *The Elusive Green Consumer*. Harvard Business Review. <https://hbr.org/2019/07/the-elusive-green-consumer>
- Yamamoto, V. S., Leite, R. M., Machado, N. S. & Freitas, W. R. S. (2020). Sustentabilidade no Ensino: Um Diagnóstico dos Cursos de Graduação em Administração da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. *Revista FSA, Centro Universitário Santo Agostinho*, 17(3). <http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.3.8>
- Zaneti, I. C. B. B., Sá, L. M. & Almeida, V. G. (2009). Insustentabilidade e produção de resíduos: a face oculta do sistema do capital. *Sociedade e Estado, Brasília*, 24 (1), 173-192. <https://www.scielo.br/j/se/a/NM3wCNdJqZnM5kXvvVWQCxz/?lang=pt#>

# Anexos

## Anexo 1 – Questionário completo

Para uma dissertação do Mestrado em Publicidade e Marketing, a decorrer na Escola Superior de Comunicação Social (ESCS), do Instituto Politécnico de Lisboa, objetiva-se realizar, junto de duas IES (Universidade Nova de Lisboa - UNL, e, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG), uma investigação cujo tema é: As instituições de ensino superior enquanto agentes formadores para uma sociedade ambientalmente sustentável.

Para tal, e porque o seu contributo é muito importante, se é ou foi aluno(a) da UNL ou UFMG, pedimos-lhe o favor de dedicar alguns minutos a responder às questões que se seguem. Todas as respostas são igualmente importantes para este trabalho, pelo que pedimos a maior sinceridade possível, nas mesmas.

Salienta-se que todas as informações aqui recolhidas são anónimas e confidenciais, sendo analisadas de forma agregada, com fins apenas e exclusivamente estatísticos e académicos para o presente tema.

Caso surja alguma dúvida e/ou se desejar apresentar algum comentário sobre o estudo, bem como interesse em obter acesso às conclusões desta investigação, por favor contacte a responsável, Alessandra Meireles, por e-mail: 12136@alunos.escs.ipl.pt

Muito obrigada, desde já, pela sua valiosa colaboração.

Alessandra Meireles.

Escola Superior de Comunicação Social - Instituto Politécnico de Lisboa.

<https://www.escs.ipl.pt/>

---

### **Consentimento informado, livre e esclarecido para participação em estudo de investigação. De acordo com a Lei 58/2019 de 26 outubro.**

Na qualidade de participante no estudo suprarreferido, declaro que compreendi todos os objetivos da minha participação no mesmo, pelas informações escritas que me foram fornecidas pela responsável da investigação. Garantiu-se a confidencialidade e anonimização dos dados, bem como a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecimentos de dúvidas. Desta forma, aceito de livre vontade participar neste estudo e permito a utilização dos dados que, de forma

voluntária, forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação, aceitando também a divulgação dos resultados obtidos no meio científico, garantindo sempre o anonimato.

- Declaro que li e aceito as condições acima indicadas

---

**Tendo em conta as bases em que as Instituições de Ensino Superior (IES) são fundadas, os movimentos ambientalistas vêm atribuindo a estas instituições grande parte da responsabilidade para a educação e sensibilização pró-ambiental, de modo a tornar o planeta mais sustentável (Petrelli & Colossi, 2006).**

**Considera que a IES que frequenta pratica, ou procura praticar, este tipo de ensino?**

- Sim
- Não

**Grupo 1 - Familiarização com a Sustentabilidade Ambiental.**

P1. Nesta primeira parte do questionário, pedimos, que, por favor, caracterize a sua relação com os conceitos de:

P1.1. Está familiarizado com o conceito de Sustentabilidade Ambiental?

- Sim
- Não

P1.2. Está familiarizado com o conceito de Desenvolvimento Sustentável?

- Sim
- Não

P1.3. Está familiarizado com o conceito de Comportamento Ambientalmente Responsável?

- Sim
- Não

P1.4. Tem conhecimento da Agenda 2030 e os objetivos desta?

- Sim
- Não

**Grupo 2 - Relação das IES com a sustentabilidade na ótica do discente**

**P2. Avalie, por favor, cada uma das seguintes afirmações:**

1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Não concordo nem discordo; 4 – Concordo; 5 – Concordo totalmente.

- 2.1. As IES devem ter mais responsabilidade para a formação de indivíduos preparados para atuar na sociedade diante da problemática socioambiental.
- 2.2. As IES devem incrementar mais conteúdos nos planos curriculares que abordam a problemática socioambiental.
- 2.3. As IES devem esforçar-se por agir de forma mais amiga do ambiente.
- 2.4. As IES devem aproximar-se da comunidade através da criação e promoção de iniciativas que promovam a sustentabilidade ambiental.
- 2.5. As IES devem incluir iniciativas de Sustentabilidade Ambiental em todos os planos de ensino.
- 2.6. As IES devem esforçar-se por cumprir os requisitos legais, leis estatais e declarações de que são signatárias.
- 2.7. As IES devem preocupar-se em preparar o aluno para atuar profissionalmente de acordo com os problemas socioambientais.
- 2.8. As IES devem preocupar-se em preparar o aluno para atuar apenas profissionalmente.

### **Grupo 3 - Envolvimento dos alunos com as iniciativas de caráter ambiental das IES**

**P3. Nesta terceira parte do questionário, pedimos que, por favor, caracterize a sua relação com os projetos ou iniciativas de caráter ambientalmente responsáveis da IES que frequenta.**

P3.1. Tem conhecimento das iniciativas ambientalmente responsáveis que a sua Instituição de Ensino promove?

P3.2. Costuma participar nas iniciativas ambientalmente responsáveis que a sua Instituição de Ensino promove?

\_ Sim

\_ Não

P3.3. Considera que as iniciativas ambientalmente responsáveis, adotadas na IES que frequenta, têm alguma importância para o comportamento pró-ambiental dos alunos/sociedade?

\_ Sim

\_ Não

P3.4. No curso que frequenta existe alguma unidade curricular/ disciplina voltada para a problemática ambiental?

\_ Sim

\_ Não

Caso o inquirido respondeu sim na questão anterior:

Unidade curricular/ disciplina voltada para a problemática ambiental

1. Qual é o nome da unidade curricular/ disciplina?
2. É obrigatória ou optativa?
3. Como define o foco desta unidade curricular/ disciplina?

P3.5. Gostaria que a sua instituição de ensino desenvolvesse, mais, iniciativas ambientalmente responsáveis?

\_ Sim

\_ Não

P3.6. Como considera que a sua IES aborda o tema da problemática ambiental?

1= Péssimo; 2= Mal; 3= Mais ou menos; 4= Bom; 5= Excelente

P3.7. Como considera a capacitação e conhecimento dos professores acerca do tema Sustentabilidade Ambiental no seu curso?

1= Péssimo; 2= Mal; 3= Mais ou menos; 4= Bom; 5= Excelente

P3.8. Como considera a motivação e empenho com que os professores do seu curso abordam a temática Sustentabilidade Ambiental?

1= Péssimo; 2= Mal; 3= Mais ou menos; 4= Bom; 5= Excelente

#### **Grupo 4 - A sustentabilidade ambiental nas IES**

**P4. Avalie, por favor, cada uma das seguintes afirmações:**

1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Não concordo nem discordo; 4 – Concordo; 5 – Concordo totalmente

4.1. A minha IES promove práticas ou novos hábitos de consumo e estilo de vida sem desperdícios.

4.2. A minha IES tem procurado inovar o seu campus tornando-o mais sustentável.

4.3. A minha IES procura gerar a menor quantidade de lixo possível.

4.4. A minha IES preocupa com o bem-estar e a saúde da comunidade.

4.5. A minha IES adota ações que permitem à comunidade participar e tomar conhecimento e aprendizado sobre meio ambiente e inspiração de construções sustentáveis.

4.6. A minha IES procura evitar a circulação de papel (por exemplo, materiais impressos).

4.7. A minha IES incentiva a troca ou doações de materiais impressos que já não são úteis.

4.8. A minha IES incentiva a compra de materiais em segunda mão.

4.9. A minha IES não usa descartáveis nas cantinas, cafés ou outros estabelecimentos semelhantes no campus (por exemplo, palhinhas/canudinhos, talheres ou pratos de plástico).

4.10. A minha IES incentiva a reciclagem de tudo o que não se pode reutilizar.

4.11. A minha IES procura reduzir a quantidade de energia gasta, desligando eletrônicos e eletrodomésticos em stand by, luzes desnecessárias, entre outros.

4.12. Incentiva a redução do uso desnecessário de água.

4.13. A minha IES incentiva o consumo responsável, inculcando nos alunos o hábito de consumir apenas o que é necessário.

4.14. A minha IES procura combater o consumo desnecessário.

P4a. Para além das práticas anteriores, considera que a sua IES adota outras que tenham ficado por mencionar?

\_ Sim

\_ Não

Caso o inquirido respondeu sim na pergunta anterior:

Quais?

### **Grupo 5 - Sensibilização por parte das IES para a sustentabilidade ambiental**

**P5. Tendo em consideração as iniciativas de sustentabilidade ambiental que a sua IES promove, como avalia a importância destas iniciativas na motivação e sensibilização dos alunos para um consumo ambientalmente sustentável:**

1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Não concordo nem discordo; 4 – Concordo; 5 – Concordo totalmente

5.1. A minha IES ajuda a reconhecer que o aquecimento global e as mudanças climáticas são reais, e procura manter-me atualizado(a) sobre estas problemáticas.

5.2. A minha IES ajuda a reconhecer que o aquecimento global e as mudanças climáticas são reais, e que posso contribuir de alguma forma para melhorar estas problemáticas.

5.3. A minha IES ajuda a reconhecer que é necessário poupar os recursos naturais para preservar o planeta.

5.4. A minha IES sensibiliza para a dimensão da pegada ecológica de cada pessoa.

5.5. A minha IES ajuda-me a reconhecer que adotar um comportamento ambientalmente responsável contribui para a sustentabilidade ambiental.

5.6. A minha IES induz-me a preocupação com os possíveis impactos que os problemas ambientais podem ter na saúde e bem-estar da humanidade.

5.7. A minha IES introduziu-me ao tipo de consumo consciente, tendo influenciado a minha motivação e sensibilização para este novo estilo de vida responsável.

5.8. As iniciativas ambientalmente responsáveis que a minha IES adota, influenciam no meu comportamento pró-ambiental.

5.9. As práticas pró-ambientais que a minha IES promove proporcionam à comunidade, interna e externa, experiências voltadas à Sustentabilidade Ambiental.

5.10. As experiências voltadas à Sustentabilidade Ambiental tendem a moldar o comportamento das pessoas tornando-o mais favorável à preservação do meio ambiente.

### **Grupo 6 - Comportamento individual face à sustentabilidade ambiental**

**P6. No que diz respeito à motivação e sensibilização pessoal para um consumo ambientalmente sustentável, avalie, por favor, as seguintes afirmações:**

1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Não concordo nem discordo; 4 – Concordo; 5 – Concordo totalmente

6.1. Reconheço que os meus atos e práticas de consumo resultam em benefícios para a sociedade atual, por mais pequenos que sejam.

6.2. Reconheço que ao consumir e praticar um estilo de vida mais sustentável contribuo positivamente para a sociedade e as gerações futuras.

6.3. Entendo que ao consumir apenas o que é necessário estou a cuidar de mim e de outros (família, amigos, comunidade no geral).

6.4. Sinto uma certa responsabilidade de, enquanto aluno/a universitário, contribuir para a preservação do meio ambiente.

6.5. Entendo que, enquanto aluno/a universitário, devo, com mais responsabilidade, adotar comportamentos pro-ambiental.

6.6. Preocupo-me com os possíveis impactos que os problemas ambientais podem ter na saúde e bem-estar da humanidade.

6.7. Entendo que, enquanto aluno/a universitário, devo praticar o bem pela comunidade e sociedade em que me encontro inserido.

6.8. Sinto pressão da parte da minha IES para praticar um consumo e estilo de vida mais consciente e amigo do ambiente.

6.9. Compro produtos em segunda mão como forma de economizar, para além de contribuir para uma menor produção de desperdícios e poupar os recursos naturais.

6.10. Procuo gerar a menor quantidade de lixo possível.

6.11. Faço a seleção e descarte do lixo que produzo. Ou seja, procuro reciclar tudo o que não já não posso reutilizar.

6.12. Procuo poupar a água, usando-a conscientemente.

6.13. Procuo reduzir a quantidade de energia que gasto, desligando eletrónicos e eletrodomésticos em stand by, luzes desnecessárias, entre outros.

6.14. Evito comprar bens materiais desnecessários, apostando apenas naquilo que me é essencial.

6.15. Procuo incutir nos meus familiares e amigos a importância de um estilo de vida mais amigo do ambiente.

P6a. Para além das motivações que avaliou na questão anterior, existe mais alguma razão pessoal que o/a levam a praticar um consumo e estilo de vida sem desperdício?

Sim

Não

Quais?

## **Grupo 7 - Dados sócio demográficos**

### **P1. Faixa etária**

Entre os 18 e os 24 anos

Entre os 25 e os 34 anos

Entre os 35 e os 44 anos

Mais de 44 anos

### **P2. Género**

Masculino

Feminino

Outro

Prefiro não responder

### **P3. Nacionalidade**

Portuguesa

Brasileira

Outra

### **P4. Instituição de Ensino que frequenta? (Resposta aberta)**

\_\_\_\_\_

### **P5. Qual é o curso que frequenta? (Resposta aberta)**

\_\_\_\_\_

### **P6. Ano do curso que frequenta? (Resposta aberta)**

\_\_\_\_\_

### **P7. Nível de escolaridade / Habilitações Literárias**

Ensino secundário (12 anos de escolaridade)

Bacharelato ou Licenciatura

Pós-Graduação

Mestrado

Doutoramento

### **P8. Estado Civil**

Solteiro

Casado/União de facto

\_ Divorciado

\_ Viúvo

**P9. Agregado Familiar (incluindo o inquirido)**

\_ 1 pessoa

\_ 2 pessoas

\_ 3 pessoas

\_ 4 pessoas

\_ 5 pessoas

\_ Mais de 5 pessoas

Fim.

Muito obrigada pelo seu tempo e valiosa colaboração para a conclusão deste trabalho!

---

**Anexo 2 – Guião de entrevistas**

**Guião de entrevistas**

Esta entrevista se insere no âmbito da dissertação de Mestrado em Publicidade e Marketing, para obtenção do grau de Mestre, a decorrer na Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

O objetivo é explorar, através de uma metodologia mista, questões na área do ensino da sustentabilidade ambiental, com vista a tentar compreender como as Instituições de Ensino Superior têm cumprido com os seus papéis na edificação de comportamentos ambientalmente sustentáveis. Os dados recolhidos são para fins exclusivamente académicos e no âmbito do presente trabalho.

Tipo de Entrevista: não presencial/Indireto

Data da Entrevista: a definir

Hora de Início: a definir

Hora de Fim: a definir

Programa ou aplicação utilizado: Plataforma online Zoom

Material utilizado para recolha de dados: Telemóvel para gravação e bloco de notas

Entrevistadora: Alessandra Meireles

Entrevistado: a definir

**Procedimentos iniciais**

1. Agradecer ao entrevistado o tempo despendido
2. Apresentar o trabalho e os seus objetivos

3. Confirmar autorização para efetuar a gravação da entrevista
4. Ao iniciar a entrevista deve-se reforçar que o ideal é que as respostas sejam o mais completas e desenvolvidas possível, uma vez que, não existem respostas corretas ou incorretas.

### **Tópicos e questões a abordar**

1. Apresentação dos critérios de escolha das instituições

Breve apresentação dos critérios de escolha da UFMG e UNL para o presente trabalho.

#### **Questão 1:**

A Agenda 2030, documento intitulado como: Transformando o nosso mundo, foi assinado em 2015 pelos representantes dos Estados-membros da ONU e é, no fundo, um plano de ação que busca fortalecer a paz universal. Esta indica os 17 ODS e 169 metas, para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos, dentro dos limites do planeta.

1.1 Está a par desta Agenda?

1.2 Os temas da SA e do DS são lhe familiares?

#### **Questão 2:**

As dimensões do DS têm a natureza económica (onde o objetivo principal visa a obtenção de lucro); a social (que aborda os recursos promotores da equidade na partilha de bens e rendimentos, a fim de melhorar os direitos e as condições de vida das pessoas) e a ambiental (onde o foco é investigar a relação de práticas com o meio ambiente de modo a evitar ou amenizar os impactos negativos neste).

1.1 Partindo destes princípios, e no contexto das instituições de ensino superior, o que é que lhes sugere?

1.2 No âmbito das IES, valoriza alguma dimensão em particular ou são todas igualmente relevantes?

1.3 Identifica mais alguma dimensão relevante?

#### **Questão 3:**

Considera que a localização geográfica da sua instituição condiciona a adesão ao DS?

#### **Questão 4:**

Considera que a natureza jurídica da sua instituição de ensino condiciona a adesão a práticas de DS?

#### **Questão 5:**

Na sua opinião quais devem ser as obrigações de uma IES no âmbito do DS?

#### **Questão 6:**

Está familiarizado/a com os valores e princípios da IES a que pertence?

6.1 Tem conhecimento se existem na instituição políticas de DS?

6.2 Face aos objetivos considera que são políticas de sucesso?

6.3 Nos últimos tempos tem havido ações de promoção destas políticas?

**Questão 7:**

Considera que o papel da governação da IES é relevante na promoção de práticas de DS? Como?

**Questão 8:**

A UFMG - UNL é signatária da Declaração de Talloires, 1990.

Na sua opinião como é que a sua IES tem cumprido com este tratado?

**Questão 9:**

Conhece a estratégia da UFMG - NOVA? Os ODS da Agenda 2030 fazem parte da atual estratégia?

De que forma?

**Questão 10:**

Quais as tendências no ensino superior diante dos ODS? Os atuais planos de ensino, nas distintas áreas de formação na sua instituição, estão relacionados com as tendências?

De que forma?

**Questão 11:**

Na sua opinião as políticas da tutela estão ajustadas aos desafios das IES no âmbito do DS, e dos Objetivos da Agenda 2030? Como?

**Questão 12:**

Considera que os problemas e desafios socioambientais podem ser minimizados através do ensino superior?

De que forma?

**Questão 13:**

Concorda que as experiências voltadas à Sustentabilidade Ambiental tendem a moldar o comportamento dos colaboradores e estudantes tornando-o mais favorável à preservação do meio ambiente?

Porquê?

**Questão 14:**

Considera que a IES a que pertence cria impactos económicos e sociais relevantes na região? Quais?

**Questão 14.1:**

(Caso a resposta anterior não seja direcionada para este âmbito).

A IES que pertence cria e promove iniciativas de Sustentabilidade Ambiental para a comunidade interna? E já agora para a comunidade externa?

Pode, por favor, especificar algumas em concreto?

Como a comunidade interna reage a estas iniciativas?

E já agora a comunidade externa?

**Questão 15:**

A IES a que pertence adota práticas de Sustentabilidade Ambiental - SA?

E de Desenvolvimento Sustentável- DS?

**Questão 16:**

Quais são os principais focos das práticas de SA na IES que pertence?

E do DS?

**Questão 17:**

Na sua opinião quais as vantagens que a adoção de práticas de SA tem para a IE a que pertence?

Considera que estas práticas aumentam a reputação e a confiança dos estudantes e colaboradores na IES?

Quanto às práticas de DS, quais são as principais vantagens?

**Procedimentos finais:**

1. Agradecer ao entrevistado a colaboração, participação e disponibilidade.
2. Mencionar o questionário como método de recolha dados dos discentes e perguntar se teria interesse e se estaria disposto a partilhar o mesmo.
3. Questionar se teria interesse em ver o trabalho final, aquando da sua publicação.
3. Agradecer novamente e despedir do entrevistado.

---

## **Anexo 3 - Preparação e planificação das entrevistas**

### **Preparação e planificação das entrevistas**

1. Enquadramento e propósito das entrevistas. Pretendeu-se responder à pergunta que deu partida a presente investigação: **“Como as Instituições de Ensino Superior têm cumprido com os seus papéis na edificação de comportamentos ambientalmente sustentáveis?”**

Tratando-se de uma realidade em que se faz urgente as ações concretas a favor do meio ambiente e considerando as bases em que as IES são fundadas, torna-se relevante estudos nesta área. Para isso é pertinente recorrer a testemunhos de pessoas que lidam com estas temáticas, dentro das próprias instituições, ou que contribuem para o cumprimento deste tipo de responsabilidade.

2. Quanto aos objetivos finais das entrevistas, estes correspondem aos objetivos específicos da pesquisa. Visam aferir como os alunos, das IES analisadas, percecionam e assimilam as ações e os conteúdos de sustentabilidade ambiental ministradas; e compreender como estas instituições estão orientadas com a Agenda 2030.

3. As categorias de análise a discutir foram estruturadas com base nos objetivos desejados. Por sua vez, com as subcategorias de análise pretendeu-se maior aprofundamento dos tópicos de cada dimensão. Portanto, para a organização do guião e a elaboração das suas questões seguiu-se as categorias e subcategorias de análise supracitadas.

No entanto, uma vez mais, importa salientar que o guião adotado para a entrevista do presente estudo foi adaptado do estudo para obtenção do Grau de Doutor em Gestão, apresentado à Universidade de Évora por Pereira (2016).

4. Referente a elaboração do documento Protocolo de Consentimento Informado, (anexo 5), teve em conta as seguintes informações:

- Breve apresentação do estudo, sua autoria, instituição e orientador;
- Referência às explicações previamente dadas no e-mail de pedido de entrevista;
- Menção à participação e colaboração voluntária no estudo, sendo possível a desistência a qualquer momento, caso considerar conveniente;
- Menção a confidencialidade das informações prestadas e anonimato da identidade em estudos que não o presente, ao menos que seja autorizado por escrito;
- Nome, assinatura e data.

5. Quanto às escolhas dos entrevistados priorizou-se os coordenadores de cursos, uma vez que estes estão mais próximos dos conteúdos lecionados.

6. O prazo para realização das entrevistas foi estipulado até fins da primeira quinzena de setembro de 2021. Sendo o dia e hora específicos estipulados pelo entrevistado.

7. Primeiramente contactou-se com alguns diretores de cursos de ambas instituições, UFMG e UNL. O contacto foi feito por e-mail (anexo 4), na primeira quinzena de julho de 2021.

No âmbito da UFMG buscou entrevistar coordenadores de duas áreas distintas, Faculdade de Farmácia e Escola de Engenharia. No contexto da UNL, contactou-se coordenadores de cursos distintos, NOVA'sbe e XXX, no entanto, fomos direcionados por ambos para o atual Diretor de Sustentabilidade da instituição.

No caso da UNL, os diretores de cursos contactados responderam salientando que, dado os fins e contexto do estudo, seria o atual Diretor de Sustentabilidade da Instituição adequado a prestar a entrevista. Assim, o contacto ao mesmo foi enviado por um coordenador de curso de umas das suas Unidades Orgânicas. Posteriormente, recebemos um e-mail do, então, Diretor de Sustentabilidade da UNL disponibilizando para a participação, propondo, ainda, data e hora conforme a sua disponibilidade, o qual foi respondido de imediato confirmando o agendamento da realização da entrevista. No mesmo e-mail reforçou-se os objetivos da entrevista, agradeceu-se a participação e colaboração, e enviou o Protocolo de Consentimento Informado (anexo 5), o qual pediu-se a gentileza

de ser assinado e devolvido para a responsável do estudo antes da efetivação da entrevista. No caso da UFMG, e considerando a amplitude desta, optou-se por contactar o Diretor da Faculdade de Farmácia, por esta área da ciência ser, consideravelmente, oposta às outras áreas mais ligadas ao ambiente, e ao Diretor da Escola de Engenharias. Quanto à Faculdade de Farmácia foi-nos direcionado para outro profissional da mesma faculdade, o qual com muito bom grado forneceu a entrevista respondendo todas as questões expostas, no entanto, pediu o anonimato da sua identidade. Melhorar este ponto quanto aos entrevistados da UFMG.

---

## **Anexo 4 - Primeiro contacto para pedido das entrevistas**

### **Primeiro contacto para pedido das entrevistas**

[Endereço do entrevistador]

12136@alunos.escs.ipl.pt

[Contacto telefónico do entrevistador]

Lisboa, 02 julho 2021

Exmo. Senhor Coordenador de curso XXXX da UNL| UFMG

Sou Alessandra Meireles, aluna do curso Mestrado em Publicidade e Marketing, a decorrer na Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, e no âmbito do projeto "As Instituições de Ensino Superior enquanto agentes formadores para uma sociedade ambientalmente sustentável", com vista à minha dissertação final, orientado pela Prof<sup>ª</sup>. Doutora Sandra Miranda, solicito uma entrevista com o Exmo. Senhor Coordenador ....

O trabalho visa aprofundar o conhecimento acerca do ensino da sustentabilidade ambiental. Norteado pela questão de partida: "Como as Instituições de Ensino Superior têm cumprido com os seus papéis na edificação de comportamentos ambientalmente sustentáveis?", tem como principal objetivo aferir, junto de duas IES, Universidade Nova de Lisboa (UNL) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como os alunos percecionam e assimilam as ações e os conteúdos de sustentabilidade ambiental ministradas, bem como, em que medida, estas instituições estão orientadas com a Agenda 2030.

Para tal, o nosso trabalho recai sobre a UNL e UFMG, por serem ambas signatárias da Declaração de Talloires de 1990, e, igualmente posicionadas no grupo da terceira melhor colocação, no ranking das melhores universidades do mundo em 2020, pela empresa *Times Higher Education*.

Tendo em conta a sua vasta experiência e papel que desempenha, é de elevada importância para a nossa investigação a sua colaboração. Para tal, solicitamos a sua disponibilidade a fim de nos proporcionar uma entrevista, por telefone ou via Zoom, com a duração de cerca de uma hora, em data e hora ajustada à sua disponibilidade.

Desde já agradecemos a atenção prestada e estamos à sua disposição para qualquer esclarecimento.

Com os melhores cumprimentos,

Alessandra F. Meireles.

---

## **Anexo 5 - Protocolo de Consentimento Informado - Entrevista Semiestruturada**

### **Protocolo de Consentimento Informado - Entrevista Semiestruturada**

Eu, \_\_\_\_\_ aceito participar de livre vontade no estudo da autoria de Alessandra Ferreira Meireles (Aluna da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa), orientado pela Professora Doutora Sandra Miranda (Professora Associada e Vice-Presidente na Escola Superior de Comunicação Social), no âmbito da dissertação de Mestrado Integrado em Publicidade e Marketing, na área do ensino da sustentabilidade ambiental.

Foram-me explicados e compreendo os objetivos principais deste estudo que constam do protocolo de consentimento informado anteriormente assinado por mim. Para além dos questionários, referidos no protocolo anterior, entendi e aceito responder a uma entrevista que explora questões sobre como as Instituições de Ensino Superior têm cumprido com os seus papéis na edificação de comportamentos ambientalmente sustentáveis.

Compreendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim.

Ao participar neste trabalho, estou a colaborar para o desenvolvimento da investigação na área da sustentabilidade ambiental, não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Entendo, ainda, que toda a informação obtida neste estudo será estritamente confidencial e que a minha identidade nunca será revelada em qualquer relatório ou publicação, ou a qualquer pessoa não relacionada diretamente com este estudo, a menos que eu o autorize por escrito.

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

## **Anexo 6 - Transcrição das entrevistas**

### **Anexo 6a – Transcrição da entrevista Ana Marques**

Ana Marques (nome fictício). Assuntos Educacionais - Faculdade de Farmácia - Universidade Federal de Minas Gerais.

**Tipo de Entrevista:** Não presencial/Indireto

**Data da Entrevista:** 30 de julho 2021

**Hora de Início:** 14h30 horário de Brasília - BR/ 18h30 horário de Lisboa - PT.

**Hora de Fim:** 15h25 horário de Brasília - BR/ 19h25 horário de Lisboa - PT.

**Programa ou aplicação utilizado:** Plataforma *online* Zoom.

**Material utilizado para recolha de dados:** Smartphone para gravação e bloco de notas para apontamentos.

**Entrevistadora:** Alessandra Meireles

**Entrevistado:** Ana Marques

**Alessandra Meireles (AM): 1 - A Agenda 2030, documento intitulado “Transformando o Nosso Mundo”, foi assinado em 2015 pelos representantes dos Estados-membros da ONU e é, no fundo, um plano de ação que busca fortalecer a paz universal. Esta indica os 17 ODS e 169 metas, para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos, dentro dos limites do planeta.**

**AM: 1.1 - Está a par da Agenda 2030?**

**Faculdade de Farmácia da UFMG (FF):** Sim, tenho conhecimento desta.

**AM: 1.2 - Os temas da SA e do DS são lhe familiares?**

**AM:** Sim, são familiares.

**AM: 2 - As dimensões do DS têm a natureza económica (onde o objetivo principal visa a obtenção de lucro); a social (que aborda os recursos promotores da equidade na partilha de**

**bens e rendimentos, a fim de melhorar os direitos e as condições de vida das pessoas) e a ambiental (onde o foco é investigar a relação de práticas com o meio ambiente de modo a evitar ou amenizar os impactos negativos neste).**

**AM: 2.1 - Partindo destes princípios, e no contexto das instituições de ensino superior, o que é que lhes sugere?**

**AM:** Posso falar no contexto da unidade académica que pertença, que é a Faculdade de Farmácia (FF). Nesta faculdade o tema da sustentabilidade e meio ambiente é trabalhado de forma transversal nas disciplinas e conteúdos. Não há na matriz atual da faculdade nenhuma disciplina curricular que trabalhe diretamente o foco do meio ambiente. Não há nenhuma disciplina obrigatória. Já houve no curso de Farmácia duas disciplinas optativas no âmbito do meio ambiente, que foram Pedagogia e Meio Ambiente; Meio Ambiente e Análise das Águas. No entanto, a professora que lecionava ambas as disciplinas recentemente aposentou e ainda não foi designado outro docente para assumir o trabalho desta professora. E, os alunos aderiam a estas disciplinas, acho que pelo interesse próprio, pelo meio ambiente e a responsabilidade social, porque são temas que acabam por incentivar os estudantes a aderir aos conteúdos. Também temos na FF um laboratório de água que faz pesquisa referente a este recurso natural, ajudando proprietários de poços de água a analisar a qualidade da água. Fazemos ainda na FF a coleta dos solúveis que são trabalhados nos laboratórios e a coleta seletiva de medicamentos, mas não temos nada de muito específico na área do meio ambiente.

**AM: 2.2 - No âmbito das IES, valoriza alguma dimensão em particular ou são todas igualmente relevantes?**

**AM:** Acho que acabamos voltando mais para a dimensão ambiental, talvez por falta de experiências ou iniciativas nas outras esferas. Na UFMG existem unidades académicas com cursos que são mais voltados para estas áreas e há o papel de divulgação das atividades, quando estas são realizadas, como as atividades culturais no Centro Cultural da UFMG. Por exemplo, a faculdade de Ciências Económicas que também promove eventos e palestras acerca da conscientização e faz a divulgação, mas no âmbito da FF não temos atividades do gênero.

**AM: 3 - Considera que a localização geográfica da sua instituição, neste caso da FF, condiciona a adesão ao DS?**

**AM:** Sim. O fato das atividades por norma acontecerem no campus da UFMG e no campus, normalmente, é onde está concentrado a maioria das unidades académicas e dos cursos, acho que isso facilita. A maioria das atividades acontecem dentro do campus, então isso acaba por facilitar a adesão dos estudantes. A UFMG só tem a Faculdade de Direito que ainda está fora do campus e parte da Faculdade de Medicina com os cursos de medicina, fonoaudiologia e radiologia, e acho que Gestão

de Saúde também que são fora. Mas as outras ciências estão todas dentro do campus, então é uma efervescência cultural muito grande. Às vezes você fica sabendo de acontecimentos que chamam a atenção e acaba aderindo e participando.

**AM: 4 - Considera que a natureza jurídica da sua instituição de ensino, neste caso da FF, condiciona a adesão a práticas de DS?**

**AM:** Sim, eu creio que sim. Existem pesquisas na Farmácia, na pós-graduação por exemplo, pesquisas com fitoterápicos, pesquisas com a vegetação ativa usada como medicação. Então existem possibilidades sim deste condicionamento.

**AM: 5 - Na sua opinião quais devem ser as obrigações de uma IES no âmbito do DS?**

**AM:** As IES são agentes formadores e por isso considero que elas têm uma responsabilidade muito grande diante da sociedade, tanto na divulgação dos ODS quanto na efetivação de ações que promovam a adesão da sua comunidade universitária como também do público comum aos ODS. Acho que é uma responsabilidade sim. E que o fato de estarmos participando hoje desta conversa, já nos chamou a atenção o fato de não termos na nossa matriz curricular uma disciplina voltada para esta temática, apesar desta ser trabalhada de forma transversal pelo currículo e os professores de outras disciplinas terem essa noção e perspectiva. No entanto, acho que, sem dúvida, a universidade pode fazer uma aproximação maior da população com esta temática.

**AM: 6 - Está familiarizada com os valores e princípios da IES a que pertence?**

**AM:** Sim. As nossas unidades acadêmicas têm os mesmos princípios. A UFMG tem um PDI que é um plano plurianual e que as unidades acadêmicas acoplam a este plano, têm conhecimento do mesmo, e partilhamos os mesmos valores e princípios.

**AM: 6.1 - Tem conhecimento se existem na instituição políticas de DS?**

**AM:** Sim, a instituição tem, por exemplo, posso citar a modalidade transversal de conhecimento em que esta consiste numa formação que o aluno, de qualquer unidade acadêmica, pode fazer. Essa formação tem várias vertentes, como de direitos humanos, saberes tradicionais, empreendedorismo e divulgação científica. Então os alunos podem acoplar na sua formação temáticas voltadas para a sustentabilidade e para uma consciência mais ecológica. Acho que a esfera que talvez a UFMG mais trabalhe seja a educação de qualidade e a saúde como um bem-estar.

**AM: 6.2 - Face aos objetivos, considera que são políticas de sucesso?**

**AM:** Considero que sim. Estamos avançando e acho que com o passar do tempo esta política da transversalidade na formação que mencionei, vai se consolidando e as pessoas vão tendo mais conhecimento acerca desta que vai tendo maior adesão dos estudantes, que vão eles próprios fazendo os percursos formativos desta formação. E também o fato da UFMG ser este local de efervescência de cultura que acaba trazendo eventos, palestrantes, pessoas notórias e experientes na área para vir dialogar conosco. É uma política que está em construção, pelo que, não temos ainda indicadores que demonstrem percentagens de progresso desta. Pelo menos não tenho conhecimento.

**AM: 6.3 - Nos últimos tempos tem havido ações de promoção destas políticas?**

**AM:** Sim. Se você for dar uma olhada no site da UFMG, no histórico das publicações, você vai ver vários eventos que aconteceram na universidade com esta temática. Talvez, ainda precisamos de adequar os nossos currículos de modo a atender a Agenda 2030, porque muitas vezes também já temos que adequar os currículos para atender outras exigências do Conselho Nacional de Educação, das Diretrizes didáticas curriculares dos próprios cursos e às vezes as questões de sustentabilidade vão ficando esquecidas na hora da formatação do currículo. Porém, quanto aos eventos e promoções de atividades no contexto é perceptível na nossa universidade. Talvez os cursos mais voltados para esta área possam ter maior enfoque na temática, como, disciplinas e organizações mais voltadas para a temática. Também, com o passar dos tempos os números de horas de formação dos cursos, vêm reduzindo cada vez mais, então torna-se difícil adicionar ao currículo tudo aquilo que gostávamos de colocar. Por isso, às vezes há temáticas que passam a ser trabalhadas ou de forma transversal, ou na extensão, ou na pesquisa.

**AM: 7 - Considera que o papel da governação da IES é relevante na promoção de práticas de DS?**

**AM:** Sim.

**AM: Como?**

**AM:** A UFMG é organizada em reitorias e vemos sim a preocupação da reitoria com a divulgação científica, com a propagação do conhecimento. Recebemos no site constante atualização das informações. Temos os canais no *YouTube* que são os canais da universidade onde é feita a divulgação dos eventos, e como ficam gravados podemos assistir em outros momentos, podendo ainda divulgar para os alunos. Então, às vezes, não acontece de forma prevista curricular, mas os alunos têm contacto com a temática, devido os eventos e programas que acontecem na universidade.

**AM: 8 - A UFMG - UNL é signatária da Declaração de Talloires, 1990. Na sua opinião como é que a sua IES, a UFMG, tem cumprido com este tratado?**

**AM:** Quando a UFMG abre as portas para que as temáticas do meio ambiente e da sustentabilidade seja dialogada no seu campus, quando as nossas unidades acadêmicas fazem eventos e projetos de extensão voltados para atender a Agenda 2030, quando nós permitimos que os investigadores façam pesquisas com esta temática e construa conhecimentos sobre esta esfera considero que a UFMG está cumprindo com o seu papel.

**AM: 9 - Conhece a estratégia da UFMG?**

**AM:** Sim.

**AM: 9a - Os ODS da Agenda 2030 fazem parte da atual estratégia?**

**AM:** Já li o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e lá não é mencionado literalmente a Agenda 2030. Há os fundamentos da sustentabilidade, da geração de conhecimento e do desenvolvimento que atenda as necessidades atuais pensando também nas necessidades das próximas gerações, isso tudo consta no PDI, mas acredito que precisamos trabalhar mais objetivamente com a temática da Agenda 2030 na universidade.

**AM: 10 - Quais as tendências no ensino superior diante dos ODS?**

**AM:** Acho que os currículos do ensino superior vão se tornar cada vez mais flexíveis, dando oportunidades para os alunos estudarem temáticas que são da sua curiosidade e interesse. Então acredito que vamos acabar diversificando mais os temas abordados nos nossos percursos curriculares. Vejo também que a universidade está cada vez, devido a diversidade do perfil populacional - aqui no Brasil temos quotas para estudantes de escolas públicas, para deficientes - então está adentrando na universidade um público que antes não tinha direito a ela e este público vem com demandas, com questões, com novos desafios e problemáticas que vão interferir com os atuais planos. Estas demandas irão chegar até as pesquisas, e as pessoas quererão pesquisar temáticas do seu entorno, daquilo que lhes causa angústia e preocupações. Então acredito que as próprias temáticas da investigação sofrerão mudanças com a chegada deste novo público chegando na universidade. Por sua vez, a universidade vai ter que se voltar mais para os direitos humanos, no sentido de não só garantir o acesso dessa nova população na formação acadêmica, mas também de garantir que esta permaneça no ensino superior. Acredito que as questões cada vez mais voltadas para os direitos humanos irão ser temáticas na formação superior.

**AM: 10.1 - Os atuais planos de ensino, nas distintas áreas de formação na sua instituição, estão, ou não, relacionados com as tendências?**

**AM:** Eu acho que sim.

**AM: De que forma?**

**AM:** Basicamente, já temos vindo colocando estas temáticas nos planos de ensino e também na FF contamos com um serviço de Escuta Académica. Ou seja, este serviço ouve os estudantes durante a sua formação, procura apoiá-lo e estar mais próximo dele. Portanto, temos tido contacto com este novo perfil de estudantes e estamos a par das suas demandas. Temos nos aproximado mais destes alunos e vemos que esta aproximação vai nos dando informações que de alguma forma nos possibilita rever e repensar o currículo. Por exemplo, no Curso de Farmácia há uma disciplina optativa que faz o acolhimento dos novos estudantes. Nessa é tratado com os alunos assuntos sobre as normas académicas e do quê é essa transição do ensino médio para o ensino superior. Isto porque notamos que o perfil do aluno que está chegando na universidade é um perfil que na sua formação familiar não tem pessoas que tenham vivenciado o ensino superior. São alunos que não têm referências do que é o ensino superior, então estas pessoas apresentam mais dificuldades para se adaptar e ver que a universidade é um espaço para elas também. Muitos alunos que vêm de escolas públicas, no primeiro e segundo período de ensino, quando ainda não estão adaptados, nos dizem que não têm perfil da UFMG, por esta ser uma universidade de excelência, que tem uma exigência muito grande em relação aos estudantes. Então, quando conversamos com estes alunos é notório esta carência de não se vê pertencentes à UFMG. Posto isso, temos trabalhado com estas questões do acolhimento e de levar estes alunos a compreenderem que pertencem à unidade e temos criado estratégias para as suas permanências na formação. Temos a Fundação Mendes Pimentel, que fornece esta assistência estudantil aos alunos mais carentes. Então acho que a questão humanitária dos direitos humanos tem chamado muita atenção da UFMG. Recentemente foram feitas as resoluções tratando sobre a questão da heteroidentificação dos estudantes que conseguiram acesso à esta instituição por serem afro descendentes, negros, há resoluções sobre o nome social para os alunos que são trans e usam outro nome que não o do registo de nascimento. Então aos poucos a UFMG está se adaptando às exigências do novo público estudantil. Portanto considero que o fato de estarmos abertos ao diálogo e dar visibilidade a estas temáticas já é um avanço significativo, porque através da visibilidade surgem as pesquisas sobre as temáticas e adoções de políticas públicas para estas questões.

**AM: 11 - Na sua opinião as políticas da tutela estão ajustadas aos desafios das IES no âmbito do DS, e dos Objetivos da Agenda 2030?**

**AM:** Sim, embora não esteja discriminada literalmente, como mencionei anteriormente.

**AM: Como?**

**AM:** Vemos que há um contexto e que a temática está a ser moldada. Porém, creio que precisamos de ter uma atenção mais focada nesta temática.

**AM: 12 - Considera que os problemas e desafios socioambientais podem ser minimizados através do ensino superior?**

**AM:** Sim, com certeza.

**AM: De que forma?**

**AM:** Somos formadores de opinião, de conhecimento. E o fato de o Governo, através das quotas, está dando oportunidades para uma população que não tinha acesso ao ensino superior passar a fazer parte dele vai trazer novas temáticas, e isso vai contribuir para o desenvolvimento humano como para o desenvolvimento em outros setores.

**AM: 13 - Concorda que as experiências voltadas à Sustentabilidade Ambiental tendem a moldar o comportamento dos colaboradores e estudantes tornando-o mais favorável à preservação do meio ambiente?**

**AM:** Sim. Eu acho que trabalha muito com a sensibilização e com a aquisição da informação científica. Então, ao a universidade trabalhar com esta divulgação usando de diferentes ciências, diferentes saberes, isto pode ocasionar uma sensibilização no indivíduo, então este indivíduo está sendo colocado a todos os instantes, a todos os momentos, a situações que colaboram para esta sensibilização. No entanto, sabemos que esta conscientização é algo individual, é uma tomada de consciência do ser. Então podemos fazer a divulgação e o trabalho para a conscientização, mas a consciência mesmo é do indivíduo. Mas a parte da divulgação e do trabalho com a temática está sendo feita sim.

**AM: Porquê?**

**AM:** Porque são experiências significativas, não é? São experiências que ocasionam reflexões, então podem sim. Existe, por exemplo, a mobilidade tanto internacional - o intercâmbio - em que os alunos podem fazer um ano ou ano e meio de curso fora, quanto a mobilidade interna. Nesta mobilidade interna, por exemplo, os alunos de Farmácia de Minas Gerais podem fazer períodos de estudos em outras universidades de Farmácia, em outros estados do Brasil. Há assim, uma transferência de cultura e conhecimentos.

**AM: 14 - Considera que a IES a que pertence cria impactos económicos e sociais relevantes na região?**

**AM:** Sim. Sim.

**AM: Quais?**

**AM:** O exemplo disso foi agora na pandemia do Covid-19. A UFMG produz álcool gel e está fazendo parte do processo de identificação dos exames laboratoriais de covid. O Comitê de Monitoramento de Covid da Prefeitura de Belo Horizonte tem pesquisadores da universidade, então esta universidade traz um impacto de transformação muito grande onde ela está inserida. E temos essa noção de que os

egressos, de que os alunos que concluem os seus cursos, porque recebemos estudantes de vários estados do Brasil, então os alunos que concluem os cursos e regressam para as suas regiões, que estes também impactam as regiões onde exercem as suas profissões. Então, a UFMG não impacta apenas a região local, mas todo o Brasil. No curso de farmácia, por exemplo, temos estudantes até do Amapá e várias outras partes e o conhecimento que adquirem neste curso acabam levando para os seus lugares de origem. Também, na questão da pós-graduação, porque a universidade incentiva que os seus alunos prossigam a formação e existe diálogo com universidades do mundo inteiro, pesquisas feitas em parcerias. Então, acho que é um impacto muito grande, um impacto que ainda não podemos mensurar, porque o ensino superior transforma uma vida e esta vida, por si, transforma o seu entorno no local onde está inserida.

**AM: 14.1 - A IES cria e promove iniciativas de Sustentabilidade Ambiental para a comunidade interna?**

**AM:** Sim sim. Há muitas iniciativas voltadas para a SA.

**AM: 14.2- E já agora para a comunidade externa?**

**AM:** Para a comunidade externa esta temática é trabalhada através de extensão e cada unidade académica cria os seus projetos. Por exemplo, no âmbito da Farmácia, por exemplo, temos projetos voltados para a saúde da mulher, projetos voltados para a saúde dos rins e há semanas de saúde que participamos no campus e aí a comunidade externa é convidada para vim pro campus participar dos nossos eventos.

**AM: 14.3 - Pode, por favor, especificar algumas em concreto?**

**AM:** Por exemplo, a campanha para o uso consciente da energia nas nossas instalações. Esta campanha é da UFMG em que o aluno quando ingressa na instituição e no dia da sua receção é passado um vídeo de conscientização desta política que há na UFMG de uso consciente da energia. E, também as unidades académicas trabalham esta conscientização no dia-a-dia.

**AM: 14.5 - E já agora a comunidade externa?**

**AM:** Sim, participa.

**AM: 15 - Embora a Faculdade de Farmácia não adote política de Desenvolvimento Sustentável, esta unidade académica adota práticas de Sustentabilidade Ambiental - SA?**

**AM:** Sim, sim. Aí posso dizer, por exemplo, no âmbito da Faculdade de Farmácia, a coleta seletiva que realizamos, também a reciclagem do cartão que é usado na unidade académica. Assim como, a questão do melhoramento da vivência das pessoas dentro da unidade académica e a coleta de resíduos dos laboratórios. Então, sim, temos práticas conscientes, como também a campanha para o uso consciente para a energia do edifício, que mencionei.

**AM: 15.1 - E de Desenvolvimento Sustentável- DS?**

**AM:** Não. São apenas essas que já mencionei.

**AM: 16 - Quais são os principais focos das práticas de SA na IES que pertence, da FF?**

**AM:** Os focos das nossas práticas são mais voltados para os recursos naturais. Para a preservação e conscientização do uso dos recursos naturais e para a questão da reciclagem do lixo, dos solventes, como já mencionei, ou seja, para onde que vai o lixo produzido pela FF onde é feita a coleta seletiva para o correto tratamento deste.

**AM: 17 - Na sua opinião quais as vantagens que a adoção de práticas de SA tem para a IE a que pertence?**

**AM:** Eu acho que é para a formação de opinião das pessoas, da conscientização, e essa, por sua vez, gera o engajamento onde essas pessoas levam as reflexões para o seu dia-a-dia. Por isso, eu acho que é a formação de uma consciência voltada para a sustentabilidade, de modo a tornar o Planeta mais sustentável e perceber que somos todos um.

**AM: 17.1 - Considera que estas práticas aumentam a reputação e a confiança dos estudantes e colaboradores na IES?**

**AM:** Sim, porque é a fala do comprometimento da universidade com o meio ambiente, com o Planeta e com a humanidade. Então vendo o interesse da universidade em preservar e fazer o uso económico sustentável vai trazer credibilidade também para a instituição.

Ainda estamos em construção, na FF estamos passando por reformas curriculares e talvez seja o momento de agente conversar e chamar a atenção para a temática da sustentabilidade já que tivemos a oportunidade de ter esse contacto com o seu estudo, de agente poder repensar sobre a sustentabilidade no âmbito do currículo da Farmácia.

---

**Anexo 6b - Transcrição da entrevista João Loureiro Rodrigues.**

**Diretor de Sustentabilidade da Universidade Nova de Lisboa, João Loureiro Rodrigues.**

**Tipo de Entrevista:** Não presencial/Indireto

**Data da Entrevista:** 24 de agosto de 2021

**Hora de Início:** 12h | **Hora de Fim:** 13h05

**Programa ou aplicação utilizado:** Plataforma *online* Zoom

**Material utilizado para recolha de dados:** Gravador do programa Zoom e bloco de notas

**Entrevistadora:** Alessandra Meireles

**Entrevistado:** João Loureiro Rodrigues

**Alessandra Meireles (AM): Por favor, pode falar um pouco sobre si?**

**João Loureiro Rodrigues (JR):** Tenho 38 anos, estudei na NOVA no início do século, em 2001 foi quando entrei na UNL, na Nova SBE. Estudei até 2007, depois estive muitos anos ligado à banca e voltei para esta universidade em 2018, completando agora, em setembro, três anos. Aqui, comecei a trabalhar na Nova SBE nestas áreas de impacto e da sustentabilidade e mais recentemente, no ano passado, assumi a responsabilidade de liderar a área da sustentabilidade na UNL. Também sou professor assistente na Nova SBE, portanto, trabalho com outros professores em algumas cadeiras, nomeadamente, cadeiras que estão relacionadas com a sustentabilidade. Depois tem algumas cadeiras na formação de executivos e também nalguns módulos no Mestrado, nomeadamente, na minha área de trabalho, que é avaliação de impacto, que são lecionadas por mim, sozinho.

**AM: 1 - A Agenda 2030, documento intitulado como: Transformando o nosso mundo, foi assinado em 2015 pelos representantes dos Estados-membros da ONU e é, no fundo, um plano de ação que busca fortalecer a paz universal. Esta indica os 17 ODS e 169 metas, para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos, dentro dos limites do planeta.**

**AM: 1.1 - Está a par desta Agenda?**

**JR:** Sim, claro que sim.

**AM: 1.2 - Os temas da SA e do DS são lhe familiares?**

**JR:** Sim, são completamente. Enquanto universidade temos uma política muito definida sobre a Agenda de 2015, portanto, sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e sobre a sustentabilidade em geral. Aliás, o nosso site está completamente orientado para os ODS e, portanto, sim. Assim como, o nosso Plano Estratégico. Temos também feito a nossa Política de Sustentabilidade a qual estamos a tentar provar no Conselho de Diretores e provavelmente será aprovada no próximo mês.

**AM: 2 - As dimensões do DS têm a natureza económica (onde o objetivo principal visa a obtenção de lucro); a social (que aborda os recursos promotores da equidade na partilha de bens e rendimentos, a fim de melhorar os direitos e as condições de vida das pessoas) e a ambiental (onde o foco é investigar a relação de práticas com o meio ambiente de modo a evitar ou amenizar os impactos negativos neste).**

**AM: 2.1 - Partindo destes princípios, e no contexto das instituições de ensino superior, o que é que lhes sugere?**

**JR:** Diria que a missão da universidade está dividida em três, diria até três mais um nesta área da sustentabilidade, onde as três missões são educação, investigação e criação de valor e impacto. Portanto, estas três missões que são tradicionalmente missões relacionadas com o Ensino Superior todas elas estão ligadas à sustentabilidade. Ou seja, através da investigação nós conseguimos promover novas soluções para os problemas de desenvolvimento sustentáveis que estão inscritos nos ODS e que são debatidos mundialmente, mas também através da educação o podemos fazer porque colocamos por um lado os jovens que educamos, portanto os nossos alunos, a pensar nestes problemas uma vez que poderão vir a ser eles também atores na resolução destes problemas através do mercado de trabalho, por outro lado, porque estes jovens no âmbito do seu trabalho académico também eles já vão resolvendo alguns destes problemas ou trabalhando para tal e portanto isto seria relacionado com o pilar da educação. Quanto a terceira missão, a criação de valor e impacto, porque as universidades têm cada vez mais aproximado do setor privado, ou seja, das empresas, e através das patentes que desenvolvemos internamente através de investigação, a transferência do conhecimento para o mercado permite o acesso da tecnologia que é investigada internamente o acesso ao mercado e as pessoas e população em geral. Aqui já temos a três missões muito bem definidas, diria que na área da sustentabilidade nós temos uma quarta que é enquanto organização, tal como as empresas, também temos a obrigação de ser sustentáveis nós próprios e portanto temos uma série de ações a desenvolver para fazer esta caminhada para a sustentabilidade, nomeadamente na parte social, pronto, é natural, todas as temáticas com as quais as empresas se preocupam nós também nos preocupamos, desde a igualdade de género, a inclusão na componente social, mas na componente ambiental, as questões das alterações climáticas, eficiência energética, portanto, também temos estas preocupações. E governança que no fundo é o terceiro pilar geralmente percecionado quando se fala em sustentabilidade, portanto a parte social, parte ambiental e a parte de governança nós também temos isso bastante bem definido na nossa ação.

**AM: 2.2 - No âmbito das IES, valoriza alguma dimensão em particular ou são todas igualmente relevantes?**

**JR:** Elas, na verdade, são todas complementares entre si, portanto não podemos trabalhar apenas uma das dimensões e esquecer as outras. Do ponto de vista académico costumamos falar muito bem, por exemplo, se as alterações climáticas contribuem diretamente para alterações do planeamento, por exemplo, agrícola que é feito a nível mundial, parte da alimentação. Esta por sua vez, está relacionada com a pobreza e, portanto, não conseguimos dissociar uma das dimensões das outras quando se fala da sustentabilidade. Pelo que, diria que não há uma mais importante que a outra, são todas de igual modo relevantes.

**AM: 3 - Considera que a localização geográfica da sua instituição, NOVA, condiciona a adesão ao DS?**

**JR:** Diria que sim, claramente. Por um lado, é fundamental perceber que nós enquanto instituição europeia e tendo a Europa estas preocupações persistentes marcadas, nomeadamente através da União Europeia, é natural que acompanhemos estratégias internacionais. Estamos num continente que valoriza muito e tem definido políticas no sentido de se aproximar dos critérios definidos pelas Nações Unidas nos ODS e, portanto, temos este privilégio de fazer parte da Europa e enquanto país estarmos inseridos na União Europeia e esse é um dos pontos muito importante. Depois, outro ponto que também favorece a NOVA é termos uma atividade muito próxima de África historicamente. E, estando próximos de contexto em desenvolvimento é natural que enquanto país e universidade, porque enquanto universidade também temos bastante trabalho desenvolvido aí, nomeadamente através de uma das nossas escolas, o Instituto de Higiene e Medicina Tropical conseguimos estar próximos das grandes temáticas de desenvolvimento e isto torná-los numa instituição privilegiada para trabalhar estas temáticas.

**AM: 4 - Considera que a natureza jurídica da sua instituição de ensino condiciona a adesão a práticas de DS?**

**JR:** Do ponto de vista jurídico nós somos uma fundação pública de direito privado e eu diria que temos, através deste plano jurídico o melhor dos dois mundos que é beneficiarmos por ser uma instituição pública e como tal acompanhamos os compromissos assumidos pelos governos do país e, portanto, se o país está voltado para estas temáticas nós acompanhamos. Por outro lado, também temos o bom de sermos regidos e trabalhar de forma autónoma como qualquer outra organização privada pelo Estatuto especial de fundação que temos. Considero que isto é bom porque nos permite alguma agilidade na tomada de decisão que talvez outras instituições não tenham, sendo elas totalmente públicas ou totalmente privadas.

**AM: 5 - Na sua opinião quais devem ser as obrigações de uma IES no âmbito do DS?**

**JR:** De alguma maneira acho que já referi através dos três mais um as principais obrigações que temos. Agora, de facto podemos ser mais ou menos proativos em cada um dos referidos pilares, pelo que eu diria que enquanto uma instituição que tem na sua agenda a definição de uma política de sustentabilidade, como aquela que referi que aguarda aprovação, a partida, assume um compromisso maior, porque em princípio poderíamos naturalmente dizer que a investigação numa universidade só por si já contribui para o DS não é. Agora, podemos sermos ainda mais proativos e irmos para além da investigação só por si e estimular as temáticas sobre as quais a investigação recai. Neste contexto diria que a NOVA tem uma proatividade bastante significativa porque para além da Política de

Sustentabilidade suprarreferida, ela aparece dando continuidade a uma iniciativa que já foi desenvolvida anteriormente, e que no fundo é a nossa marca para a sustentabilidade que é a Plataforma NOVA 4 The Globe e que de alguma forma estou a gerir num plano mais operacional, não num plano de investigação, mas operacional. Esta plataforma é no fundo a forma como nós assumimos o compromisso com o Planeta, como o próprio nome indica, e por isso diria que qualquer IES tem, naturalmente, influência nos ODS e nos desafios globais, depois pode ser mais ou menos prioritário e eu diria que a NOVA definiu rapidamente uma estratégia de tornar prioritária esta ação.

**AM: 5.1 - E considera que esta estratégia tem sido eficaz?**

**JR:** Diria que sim. É um caminho que se faz caminhando. A NOVA 4 The Globe foi criada em 2018, portanto é uma ação com cerca de dois anos. Grande foco da nossa atenção recai na investigação, só mais recentemente que começamos desenvolver também algumas ações do ponto de vista da operação e portanto o tal mais um que anteriormente referi, em que nós enquanto instituição sermos também sustentáveis, e este é um trabalho que vai dando frutos, ou seja, diria que em 2020, apesar da pandemia, foram dados passos muito importantes neste sentido, com resultados práticos como os resultados que viemos a obter através dos rankings, como aquele que a levou nos escolher para a sua investigação. No entanto, existe um ranking de impacto anual onde podemos ver refletidos os resultados da nossa ação e vale a pena referir que de 2020, por exemplo, para 2021 é dado um salto muito significativo no nosso posicionamento global. Ou seja, se em 2020 estávamos na posição geral entre o número 100 e o número 200, suponhamos, nós agora, orgulhosamente, assumimos uma posição de 53 a nível mundial que é a sexta entre jovens universidades europeias.

**AM: 6 - Está familiarizado/a com os valores e princípios da IES a que pertence?**

**JR:** Sim.

**AM: 6.1 - Tem conhecimento se existem na instituição políticas de DS?**

**JR:** Diria que há dois processos a acontecer no momento, para além da aprovação que são muito importantes e que de certa forma são complementares, que é por um lado a aprovação da política que é um guia de ação, que na verdade é uma assunção de responsabilidades, ou uma estratégia, para os próximos anos, isso só por si já é um primeiro passo. Depois, o segundo passo que importa fazer, e que também já estamos a fazer, diria que para ser concluído nos próximos dois ou três meses, é a realização do primeiro Relatório de Impacto da NOVA, que no fundo, antecede aquilo que virá no futuro a ser chamado de Relatório de Sustentabilidade, mas nesta fase inicial chamaremos de Relatório de Impacto. Algumas das nossas escolas já têm vindo a desenvolver este relatório, nomeadamente a escola de negócios, a School of Business and Economics, já publicou em 2019 o primeiro, em 2020 publicou o segundo e a Universidade irá publicar o seu, em princípio, ainda em

2021. Este Relatório de Impacto serve de ponto de partida para uma monitorização dos resultados da ação da universidade na área da sustentabilidade. Consegue estabelecer o ponto de partida, por exemplo, no tal quarto pilar, o mais um, que referi inicialmente, da sustentabilidade operacional. Entre outras coisas, neste documento poderá observar quais são os consumos da universidade ao nível da energia e da água, por exemplo. E, uma vez que tendo dados quantitativos nestas áreas, bem apresentados, podemos eventualmente assumir responsabilidades futuras para a nossa ação na melhoria destes indicadores. Ou seja, talvez, por exemplo, na definição de políticas de energia e água futuras. Eventualmente poderá comprar alguns painéis solares e produzir alguma da energia que consumimos, mas para isso precisávamos deste documento como um ponto de partida para uma monitorização eficaz da nossa ação.

**AM: 6.2 - Face aos objetivos, considera que são políticas de sucesso (neste caso que será uma política de sucesso)?**

**JR:** Bem, a Política de Sustentabilidade servirá de guia, ou apontador, de uma direção a seguir, mas ela carece de outras coisas que têm que ser desenhadas, como por exemplo, o tal guia de implementação que ao longo dos próximos anos iremos desenvolver. Ou seja, não interessa dizer para onde é que se vai, interessa dizer é como é que lá chegaremos. As nossas escolas, do ponto de vista orgânico têm muita independência, de alguma forma, em algumas das dimensões e portanto no âmbito da sustentabilidade terão o seu próprio guia de implementação, porque cada caso é um caso e portanto, podemos esperar nos próximos anos, na sequência da aprovação da Política de Sustentabilidade da NOVA, o desenvolvimento destes guias de implementação individualizados para cada Unidade Orgânica, mas também teremos o próprio guia de implementação da Universidade Nova de Lisboa como um todo e isto estará mais a minha responsabilidade nos próximos anos.

**AM: 7 - Considera que o papel da governação da IES é relevante na promoção de práticas de DS?**

**JR:** É fundamental.

**AM: Como?**

**JR:** Como falávamos, esta estratégia vem diretamente do Senhor Reitor, portanto a assunção de responsabilidades na área de DS é uma definição estratégica da equipa reitoral, nomeadamente na pessoa do Senhor Reitor.

**AM: 8 - A UFMG - UNL é signatária da Declaração de Talloires, 1990. Na sua opinião como é que a sua IES tem cumprido com este tratado?**

**JR:** Sim. Voltando atrás, no ponto anterior referido, diria que as universidades naturalmente pelas suas ações já contribuem para os ODS. Não podemos esquecer do papel que elas têm, pelos menos no ODS n. 4, na educação de qualidade, e no acesso ao mercado de trabalho dos seus alunos e, portanto, aí poderíamos referir a importância que o ODS 4 tem para o ODS 8 que no fundo contribuem diretamente para o desenvolvimento económico e portanto, e para o emprego. Depois, do ponto de vista da investigação, naturalmente, também tem sido feito e aí já depende muito das áreas de investigação. Temos nove escolas que estão distribuídas por três grandes áreas, uma área mais tecnológica, na qual temos envolvidas três escolas - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Escola de Informação e Gestão e o Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier/ ITGB - , temos uma parte na área das Ciências Humanas - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Nova School of Business and Economics e a Faculdade de Direito e na área da saúde temos um posicionamento muito forte com a Nova Medical School, o Instituto de Higiene e Medicina Tropical e Escola Nacional de Saúde Pública. Estas três áreas, a parte da saúde está claramente dedicada ao ODS nº três, portanto, naturalmente através da investigação que é feita nestas escolas estamos a contribuir para a saúde de qualidade refletida no ODS nº três e no bem-estar. No campo da ciências e tecnologia poderíamos ter um leque grande de ODS para os quais contribuimos, desde a água ODS nº 6 a energia eficiente, ODS nº 7, alterações climáticas e etc. são todas áreas trabalhadas pelas nossas áreas de tecnologia. Temos ainda a parte social e humana muito focada em questões relacionadas com a pobreza, igualdade de género, ou seja, temos um leque alargado de ações que fazem com que esse tratado tenha sido, naturalmente, cumprido. Deste modo, considero que ao assinarmos esse tratado, nos últimos anos temos contribuído através da nossa investigação e ensino para os desígnios refletidos no tratado.

**AM: 9 - Conhece a estratégia da UFMG - NOVA?**

**JR:** Sim, sim.

**AM: 9.1 - Os ODS da Agenda 2030 fazem parte da atual estratégia?**

**JR:** Sim, com certeza, 100% verdade

**AM: 10 - Quais as tendências no ensino superior diante dos ODS?**

**JR:** Falando em concreto da área de ensino diria que caminhamos cada vez para o estímulo da sustentabilidade nas várias ofertas curriculares que temos, a dois níveis. Por um lado, criando cadeiras curriculares, como já foram criadas muitas, focadas nestas temáticas e que levam os nossos formandos a trabalharem de perto com os temas, nomeadamente através do estímulo do empreendedorismo e portanto, da capacidade dos jovens resolverem problemas sociais, o chamado empreendedorismo

social. Por outro lado, cada vez mais existe a preocupação, nas ofertas curriculares tradicionais, de se aproximar o currículo dos ODS, cada vez mais, esta ligação se torna mais explícita.

**AM: 10.1 - Os atuais planos de ensino, nas distintas áreas de formação na sua instituição, estão relacionados com as tendências?**

**JR:** Estão sim.

**AM: De que forma?**

**JR:** Do ponto de vista estratégico temos cada vez mais a ambição de tornar os nossos alunos o mais preparados possível quanto às experiências para os desafios globais, sobre os vários pontos de vista das várias áreas do conhecimento. Ou seja, temos como objetivos estratégicos a possibilidade de estimular alunos de uma escola a fazerem cadeiras na área da sustentabilidade que sejam lecionadas noutras escolas, portanto, noutras áreas, por exemplo, alunos da Escola de Negócios fazerem cadeiras na Faculdade de Direito e vice e versa. No fundo, o objetivo é que estes alunos olhem para o tema da sustentabilidade sobre várias lentes diferentes do conhecimento. E, portanto, cada vez mais, acho que o ensino irá relacionar-se com os desafios globais.

**Am: 10. 2 - Esta estratégia que desafia os alunos participarem em cadeiras de ensino numa formação que não seja a sua é optativa ou obrigatória?**

**JR:** É optativo e já é possível a alguns anos. A única diferença neste momento relacionando com o tópico da sustentabilidade é a possibilidade de se vir cada vez mais a estimular esta decisão do lado do aluno.

**AM: 11 - Na sua opinião as políticas da tutela estão ajustadas aos desafios das IES no âmbito do DS, e dos Objetivos da Agenda 2030?**

**JR:** Sim, sim.

**AM: 12 - Considera que os problemas e desafios socioambientais podem ser minimizados através do ensino superior?**

**JR:** Sim, sim. Claramente.

**AM: De que forma?**

**JR:** Lá está, as três mais um, as três missões mais a última que referir, cada vez mais reforçarão o papel das universidades nesse trabalho dos ODS. Temos vários exemplos disso, pensamos, por exemplo, que cada vez mais temos alunos que de forma extracurricular, ou complementar fazem voluntariado, como na Escola de Negócios, em Consultoria para organizações da sociedade civil, de

forma gratuita. É apenas um exemplo da forma como estamos a ligar o ensino aos resultados práticos e ao papel das universidades em envolver os seus alunos com as comunidades locais. Também alguns projetos foram recentemente lançados e destacaria o projeto do Innovation District em Almada. Este é um projeto que no fundo mostra o papel da universidade no Concelho de Almada, o papel central que desempenha numa determinada área do concelho pouco explorada do ponto de vista urbano. E, é interessante ver o papel das universidades neste trabalho junto das comunidades locais.

**AM: 13 - Concorda que as experiências voltadas à Sustentabilidade Ambiental tendem a moldar o comportamento dos colaboradores e estudantes tornando-o mais favorável à preservação do meio ambiente?**

**JR:** Eu diria que sim.

**AM: Porquê?**

**JR:** Um dos impactos mais visíveis da nossa ação é na consciência dos impactos sociais e ambientais que oferecemos, ou que tentamos oferecer aos nossos alunos. Seja no âmbito das ofertas curriculares ou no âmbito das ofertas extracurriculares que a pouco referir, que dei como exemplo o voluntariado, que nós também enquanto universidades estimulamos do ponto de vista estratégico.

**AM: 14 - Considera que a IES a que pertence cria impactos económicos e sociais relevantes na região?**

**JR:** Sim

**JR:** Aí voltaria a dar aquele exemplo do Innovation District Almada. Ou seja, a possibilidade de estimular uma área sustentável do município de Almada para já contribui diretamente com o ODS nº 11, das cidades sustentáveis, portanto aí temos uma relação direta com o DS. Mas depois também podemos observar todos os impactos que têm a vários níveis, o facto de nos relacionarmos com comunidades vizinhas que são mais desfavorecidas do concelho de Almada vai talvez contribuir para a melhoria do acesso, algumas oportunidades que não existiam anteriormente, estimular a relação dos alunos com estas mesmas comunidades também vai permitir dar-lhes outras opções e oportunidades, mais uma vez. Portanto estamos a falar de questões de pobreza, de energia, de questões relacionadas com a ambição destes jovens, com o futuro destes, com a sua saúde mental. Pelo que eu diria que temos aqui várias formas de interação que permitem claramente demonstrar o peso da nossa ação quando estamos a trabalhar com as nossas comunidades e com os seus vários intervenientes. Através deste projeto de Almada conseguimos desenvolver empresas, investidores privados, este projeto tem ainda a ambição de atrair empresas estrangeiras, ou seja, estamos a falar de um impacto financeiro

económico gigante a nível, talvez mais do que local, mas sim a nível nacional, até pelos montantes envolvidos de investimentos neste projeto global que ascende cerca de 800 milhões de euros.

**AM: 14.1 - (Conforme resposta anterior). A IES que pertence cria e promove iniciativas de Sustentabilidade Ambiental para a comunidade interna?**

**JR:** Eu diria que a NOVA cria iniciativas suas. Cada escola, lá está, tem autonomia para criar várias iniciativas e temos várias a acontecer, umas mais administrativas e outras mais comunitárias. Se falarmos dos voluntários que já referir estamos a falar de coisas mais da comunidade NOVA que envolve alunos e eventualmente antigos alunos, mas depois também há ações mais administrativas, de políticas, como por exemplo na Escola de Negócios houve recentemente uma parceria com uma empresa chamada Tómar e com a Câmara Municipal de Cascais em que se está a organizar um projeto piloto para a recolha de garrafas de plástico. Ou seja, um depósito das garrafas em troco de dinheiro, dinheiro este que anteriormente foi pago pelo aluno, no fundo a máquina devolve este valor em troco da garrafa de plástico. Pronto, é uma iniciativa mais administrativa que também é desenvolvida. Voltando à pergunta eu diria que há várias iniciativas que são desenvolvidas internamente, mas depois a NOVA faz parte de uma série de redes que elas próprias estimulam a nossa ação. Aqui destacaria quatro das nossas escolas que estão envolvidas no programa Eco Escolas, que é um programa global, que em Portugal é desenvolvido pela ABAE (Associação Bandeira Azul da Europa) e este programa, o Eco Escolas só por si já obriga a NOVA, para ter realmente os tais selos, as bandeiras que a iniciativa cria, a desenvolver uma série de iniciativas e a ter a sua comunidade focada nas temáticas ambientais.

**AM: 14.2 - E já agora para a comunidade externa?**

**JR:** Sim, sim.

**AM: 14.3 - Pode, por favor, especificar algumas em concreto?**

**JR:** Aqui daria novamente o exemplo do projeto de Almada que mencionei anteriormente.

**AM: 14.4 - Como a comunidade interna reage a estas iniciativas?**

**JR:** Sim, participam. Por exemplo, o programa do Eco Escolas obriga a que alunos estejam representados no tal conselho Eco Escolas e, portanto, temos aí uma representatividade não só de alunos, mas também de docentes e outros funcionários na própria iniciativa de uma forma ativa. E depois os alunos de uma forma individual, através das associações de estudantes têm acesso a um conjunto de ofertas não curriculares, mas que muitas vezes até têm suporte curricular, como por exemplo, os alunos que fazem voluntariado têm uma menção rosa no seu currículo/diploma final e, portanto, essa menção de cidadania é um incentivo para eles participarem destas ações. Mas mesmo

que este incentivo não exista os alunos, tradicionalmente, têm sempre vontade de no âmbito curricular fazerem voluntariado durante a sua jornada académica. Isto por várias razões, acho que porque as gerações em termos de mentalidade estão a mudar, mas também porque o mercado de trabalho cada vez exige que os alunos tenham mais experiências profissionalizantes e algumas até de cariz social. Portanto os alunos acabam por durante o seu curso aderirem a estas ações, que não interessam exatamente as motivações pelas quais as fazem, mas a verdade é que as fazem e estas são muito variadas de facto na forma como eles interagem com as suas comunidades locais. Muitas vezes o voluntariado pode ser feito na organização externa, numa organização parceira da universidade, mas também pode ser feita com os alunos a trabalhar em grupo, nomeadamente com um projeto de consultoria por exemplo, com uma destas organizações e, portanto, aí o aluno não interage com o beneficiário principal dos projetos dessas organizações, mas ajuda a organização a ajudar melhor.

#### **AM: 14.5 - E já agora a comunidade externa?**

**JR:** Por comunidade externa podemos considerar, por exemplo, os ex-alunos da NOVA, as empresas e ainda o Estado e suas várias instituições com as quais nós interagimos. Eu diria que todas elas, de uma forma ou de outra, estão cada vez mais próximas da universidade. As empresas estão cada vez mais próximas da universidade na parte da investigação e na transferência do conhecimento para o mercado. Hoje podemos assistir o impacto que as inovações tecnológicas têm na sustentabilidade e não nos podemos esquecer que geralmente há um projeto de investigação que está por trás dessas inovações e teve que chegar às empresas e portanto, reconhecendo o valor das universidades as empresas cada vez se aproximam mais e o contrário também é verdade porque a relação com as empresas é também uma oportunidade de financiamento para as universidades. Os antigos alunos estão também cada vez mais próximos da universidade porque de alguma forma estão a trabalhar nas empresas com as quais a universidade quer trabalhar e vice versa, e porque também existe algum sentimento de pertença e a NOVA enquanto marca tem essa preocupação de incutir nos seus antigos alunos essa ideia de pertença e portanto, é interessante verificar que muitos deles depois de entrarem no mercado de trabalho continuam a apoiar os atuais alunos a desenvolverem os seus projetos. Falta também falar nalgumas instituições do próprio Estado que nós enquanto universidade apoiamos no desenvolvimento das suas políticas. Isso é muito comum acontecer a universidade estar da política na definição de estratégias de ação. Um exemplo interessante na área do ambiente é o papel que a UNL desempenhou na criação do roteiro para a neutralidade carbónica que foi aprovado pelo Estado português e que obriga o Estado a atingir determinados objetivos até 2050.

#### **AM: 14.5.1 - Então basicamente a própria universidade tende a levar o Governo a adotar políticas favoráveis ao meio ambiente?**

**JR:** Sim. Eu diria que ambas as coisas acontecem, não só por iniciativa da universidade, mas também por iniciativas do próprio Estado que reconhece na universidade o valor para esse apoio.

**AM: 15 - A IES a que pertence adota práticas de Sustentabilidade Ambiental - SA?**

**JR:** Sim sim. coisas muito concretas, como já falamos na questão do ensino, podemos dar outro tipo de exemplo, como, procuramos trabalhar a inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, é o exemplo de uma das nossas escolas, a Nova SBE. Temos projetos que visam apoiar a sociedade a trabalhar melhor a temática. E isto é um exemplo interessante porque coincide com uma mudança na Lei portuguesa que obriga a que as organizações com um determinado número de colaboradores tenham uma percentagem da sua força de trabalho de pessoas com deficiência ou incapacidade. E, nós enquanto instituição também temos os nossos próprios objetivos de cumprir a Lei neste caso, mas também de cumprir aquilo que os nossos projetos internos ajudam a desenvolver. Outro exemplo é a igualdade de géneros, que fazem parte dos ODS, foi recentemente aprovada uma nova equipa reitoral onde podemos observar a preocupação da igualdade de género. Quando olhamos para os grupos de reitores e vice-reitores vemos um equilíbrio de género, portanto, tudo isso são manifestações da organização que mostram essa preocupação do ponto de vista da gestão com a sustentabilidade.

**AM: 15.1 - E de Desenvolvimento Sustentável- DS?**

**JR:** É isso que eu tinha dito a pouco, ou seja, enquanto universidade temos uma visão estratégica que aponta um determinado caminho, mas cada escola tem muita independência no desenvolvimento das suas iniciativas e, portanto, todas as escolas vão desenvolvendo iniciativas. A Política de Sustentabilidade irá, de uma certa forma, dar uma coerência ao todo, mas depois caberá a cada UO desenvolver o seu guia de implementação dessa mesma política.

**AM: 16 - Quais são os principais focos das práticas de SA na IES que pertence?**

**JR:** Nós não distinguimos a importância relativa de cada um dos pilares da sustentabilidade. Ou seja, depende muito, por exemplo, na área da investigação, depende muito dos professores, e como falámos temos várias escolas voltadas para várias áreas do conhecimento, portanto é natural que consigamos cobrir com o nosso trabalho grande parte dos ODS, senão mesmo todos. Pelo que, diria que não há um foco, há sim, um trabalho global nas várias dimensões que contribuem para a sustentabilidade.

**AM: 17 - Na sua opinião quais as vantagens que a adoção de práticas de SA tem para a IE a que pertence?**

**JR:** É uma boa pergunta... Eu diria que a principal vantagem é moral, é nós ensinarmos aos nossos alunos aquilo que fazemos, é no fundo, lidarmos pelo exemplo e isso é muito importante na parte do ensino podermos mostrar aos nossos discentes como estamos a trabalhar de acordo com o que

ensinamos nas áreas da sustentabilidade. Esse é um ponto muito importante. E, depois também me parece que as gerações mais novas, como também leciono na NOVA SBE, na escola de negócios, me parece que cada vez mais as gerações mais novas têm preocupações que vão para além do salário que irão receber, no futuro, e do ranking das universidades nos padrões tradicionais. Cada vez mais os alunos preocupam-se com a política da universidade nestas áreas tal como se preocupam com o futuro quando integrarem no mercado de trabalho. Cada vez mais se preocupam com a política da empresa para onde vão trabalhar e também fazem, cada vez mais, na escolha da universidade. E eu diria que o posicionamento da nossa universidade na área da sustentabilidade contribui também, de certa forma, para a atração de alunos, pela capacidade de estes alunos na nossa casa poderem, cada vez mais, trabalhar estas temáticas e no fundo mudar o mundo. Isso parece muito importante para a universidade porque na verdade estas vivem dos alunos que atraem para as suas escolas, pelo que é uma situação em que todos ganham.

**AM: 17.1 - Considera que estas práticas aumentam a reputação e a confiança dos estudantes e colaboradores na IES?**

**JR:** Sim, com certeza. Na sequência do supracitado está também esta questão da reputação e de visibilidade para a nossa investigação que é um dos nossos pilares da sustentabilidade. Não só da nossa comunidade, mas também da comunidade científica porque o facto de estarmos a trabalhar temáticas que interessam a comunidade científica e a comunidade internacional em geral faz elevar a nossa reputação. Temos estado ligados às grandes temáticas, por exemplo, agora tivemos uma ação muito forte na temática do Covid-19 com muitas escolas a trabalharem neste âmbito, não só do ponto de vista de investigação, e tudo isso é só reputação que trazemos para o mercado internacional.

**AM: 17.2 - Quanto às práticas de DS, quais são as principais vantagens?**

**JR:** Sim, sim, claro. Tem todas estas vantagens que temos vindo a falar até aqui.

---

## **Anexo 8 - Perfil de aluno da UNL na rede social Instagram**

### **Rastreio de indivíduos com perfil de aluno da UNL na rede social Instagram**



---

## **Anexos - Tabelas com resultados do inquérito por questionário**

## Tabela 8 – Distribuição por cursos

Tabela 8 - Distribuição por cursos

	Número	Porcentagem (%)
Arquitetura e Urbanismo	27	10,0
Engenharia Química	21	7,7
Bioquímica	15	5,5
Ciências Biológicas	14	5,2
Ciências da Comunicação	13	4,8
Arquivologia	11	4,1
Economia	11	4,1
Farmácia	11	4,1
Gestão	10	3,7
História	10	3,7
Enfermagem	9	3,3
Mestrado Integrado em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores	8	3,0
Geografia e Planeamento Regional	7	2,6
Engenharia Ambiental	6	2,2
Controladoria e Finanças	5	1,8
Engenharia Florestal	5	1,8
Licenciatura em Ciências da Nutrição	5	1,8
Direito	4	1,5
Engenharia de Alimentos	4	1,5
Gestão de Informação	4	1,5
Medicina	4	1,5
Mestrado Integrado em Engenharia de Micro e Nanotecnologias	4	1,5
Sociologia	4	1,5
Administração	3	1,1
Biologia Celular e Molecular	3	1,1
Ciência Política e Relações Internacionais	3	1,1
Design	3	1,1
Gestão de Serviços de Saúde	3	1,1
Licenciatura em Educação do Campo	3	1,1
Ciências Musicais	2	,7
Engenharia de Sistemas	2	,7
Engenharia Eletrotécnica e de Computadores	2	,7
Gestão Pública	2	,7
Licenciatura em Engenharia de Micro e Nanotecnologias	2	,7
Mestrado em Arqueologia	2	,7
Química Tecnológica	2	,7
Zootecnia	2	,7
Arqueologia	1	,4
Biomedicina	1	,4
Doutoramento em Bioquímica	1	,4
Engenharia Biomédica	1	,4
Engenharia de Minas	1	,4
Engenharia Metalúrgica	1	,4
Estudos Portugueses	1	,4
Filosofia	1	,4
Gestão do Território	1	,4
Licenciatura em Dança	1	,4
Licenciatura em Música	1	,4
Mestrado em Biotecnologia	1	,4
Mestrado em Ciências da Comunicação	1	,4
Mestrado em Ciências da Documentação e Informação	1	,4
Mestrado em Direito e Mercados Financeiros	1	,4
Mestrado em Direito Público	1	,4
Mestrado em Ensino da História	1	,4
Mestrado em Estatística e Gestão de Informação	1	,4
Mestrado em Gestão	1	,4
Mestrado em Jornalismo	1	,4
Mestrado Integrado em Engenharia Civil	1	,4
Mestrado Integrado em Engenharia de Materiais	1	,4
Mestrado Integrado em Engenharia e Gestão Industrial	1	,4
Mestrado Integrado em Engenharia Informática	1	,4
Mestrado Microbiologia Clínica e Doenças Infecciosas Emergentes	1	,4
Total	271	100,0

## Tabela 46 – SA\_IES\_Discentes

**Tabela 46 - SA\_IES\_Discentes**

SA_IES_Discentes	Nº	Mínimo	Máximo	Média	Erro padrão
[2.1. As IES devem ter mais responsabilidade para a formação de indivíduos preparados para atuar na sociedade diante da problemática socioambiental.]	271	1	5	4.54	.687
[2.2. As IES devem incrementar mais conteúdos nos planos curriculares que abordam a problemática socioambiental.]	271	2	5	4.25	.805
[2.3. As IES devem esforçar-se por agir de forma mais amigável ao ambiente.]	271	3	5	4.70	.521
[2.4. As IES devem aproximar-se da comunidade através da criação e promoção de iniciativas que promovam a sustentabilidade ambiental.]	271	1	5	4.59	.636
[2.5. As IES devem incluir iniciativas de Sustentabilidade Ambiental em todos os planos de ensino.]	271	1	5	4.15	.877
[2.6. As IES devem esforçar-se por cumprir os requisitos legais, leis estaduais e declarações de que são signatárias.]	271	2	5	4.69	.604
[2.7. As IES devem preocupar-se em preparar o aluno para atuar profissionalmente de acordo com os problemas socioambientais.]	271	2	5	4.44	.727
[2.8. As IES devem preocupar-se em preparar o aluno para atuar apenas profissionalmente.]	271	1	5	2.01	1.117
N válido (de lista)	271				

# Tabela 36 – Nomes das UC/Disciplina

Tabela 36 - Nomes das UC/Disciplina		Número	Porcentagem (%)
"Conforto Térmico e Climatização de Ambientes" e "Saneamento e Estudos Ambientais"		1	.4
"Ecodesign e Meio Ambiente"		1	.4
1		1	.4
1 - MANEJO DAS ÁGUAS 2-SISTEMAS PREDIAIS PARA CONSTRUÇÕES SUSTENTÁVEIS 3- PAISAGEM E MEIO AMBIENTE		1	.4
1 / Saneamento e Estudos Ambientais / Planejamento urbano / Conforto ambiental		1	.4
1)Saneamento e estudos ambientais 2)acon ambiente constr. e sustentabilidade 3)topicos em estudos sociais e ambientais 4)ecodesign e meio ambiente entre outros		1	.4
50% das mesmas uma vez que sou Engenheiro do Ambiente		1	.4
ACR035; TAL035; TAL022; SOA022; TAL048; TAL070		1	.4
Alguns PFLERs abordam essa temática, também sei da disciplina Legislação Ambiental e TAL081		1	.4
Ambiente e Desenvolvimento Sustentável		1	.4
Ambiente e Planejamento Urbano / Dinâmicas do Espaço Rural		1	.4
Arquitetura vernacular		1	.4
Avaliação de Impacto ambiental		1	.4
Bases ecológicas para o desenvolvimento sustentável		1	.4
Bases Ecológicas Para o Desenvolvimento Sustentável		1	.4
Bases ecológicas para o desenvolvimento sustentável		2	.7
Bases Ecológicas para o Desenvolvimento Sustentável		1	.4
Bases Ecológicas Para o Desenvolvimento Sustentável		1	.4
Bases ecológicas para o desenvolvimento sustentável, entre outras		1	.4
Bases ecológicas para o desenvolvimento sustentável, Ecologia 1 e 2; Recuperação de ambientes degradados		1	.4
Bases para desenvolvimento sustentável		1	.4
Biotecnologia ambiental		2	.7
Biotecnologia Ambiental		1	.4
Biorremediação		1	.4
Ciência, tecnologia e sociedade		1	.4
Clima e Alterações Climáticas		1	.4
Contabilidade Ambiental		1	.4
Direito ambiental		1	.4
É sobre licenciamento ambiental		1	.4
Ecodesign e meio ambiente		1	.4
Ecodesign, Biotica e Biomimética, Design e Território		1	.4
Ecologia		1	.4
Ecologia (obrigatoria)/ desenvolvimento sustentável (optativa), gestão ambiental (optativa) e outras optativas		1	.4
Ecologia e Desenvolvimento Sustentável		1	.4
Ecologia Florestal		1	.4
Ecologia Geral		1	.4
Ecologia Humana		3	1.1
Ecologia I e II		1	.4
Economia Sustentável		1	.4
Educação ambiental/Bases ecológicas para o desenvolvimento sustentável		1	.4
Educação e interpretação ambiental		1	.4
Ética e responsabilidade social		1	.4
Existem várias disciplinas de conteúdo socioambiental no curso de Engenharia de Minas (http://www.demim1.br/afsc.php)		1	.4
Fundamentos Complementares em Química Ambiental		1	.4
Fundamentos de Ecologia		1	.4
Geomorfologia/Climatologia/Geografia Urbana		1	.4
Gestão Ambiental e Tratamento de resíduos de indústria de alimentos		1	.4
Gestão de projetos com impacto		1	.4
Há algumas, como disciplinas de Saneamento. Mas vou citar uma que estou cursando atualmente: Clima e Planejamento Urbano		1	.4
Há disciplinas que permeiam o assunto, mas não tem nenhuma específica		1	.4
IBD / Biotecnologia		1	.4
Impacto Ambiental		1	.4
Inclúdos florestas		1	.4
Introdução à Engenharia Ambiental		1	.4
JUN		1	.4
Licenciamento ambiental, oficina de sub-bacias, sustentabilidade ambiental		1	.4
Licenciatura em educação do campo		1	.4
Managing Impactful Projects		1	.4
Meio ambiente		1	.4
não sei exatamente, mas existe uma com esse título		1	.4
não sei o nome específico		1	.4
Nutrição		1	.4
Planejamento Ambiental/Gestão de Resíduos/Outras		1	.4
Problemas Globais do ambiente		1	.4
Processos ambientais		1	.4
Processos Para Proteção Ambiental		1	.4
Produção primária dos alimentos, Alimentação Humana, Nutrição Humana		1	.4
Projetos de Impacto sócio-ambientais		1	.4
Projetos de Impacto Socioambiental		1	.4
Projetos para preservação e uso sustentável do patrimônio cultural e natural (Pfler), Urbanismo I, Interfaces para a articulação socio-espacial no espaço comum do córrego Cercadinho		1	.4
Proteção ambiental		1	.4
Química ambiental		1	.4
Química Ambiental		1	.4
Química ambiental		1	.4
Química Ambiental		2	.7
Química ambiental C		2	.7
Química Ambiental C		1	.4
Química Bacharelado / Biotecnologia Ambiental, Radioatividade e Meio Ambiente, Química Orgânica Ambiental, Reciclagem e Tratamento de Resíduos Sólidos Industriais		1	.4
Química Verde		1	.4
Saneamento, Hidráulica		1	.4
Saúde ambiental		1	.4
Saúde Ambiental		1	.4
Saúde ambiental vigilância da saúde, saúde e trabalho		1	.4
Saúde Coletiva		1	.4
Saúde Coletiva, Microbiologia Aplicada a Enfermagem, Epidemiologia, Políticas de Saúde no Brasil, Parasitologia Humana, Capacitação Pedagógica Aplicada a Enfermagem		1	.4
Saúde e Ambiente		1	.4
Seleção de materiais e sustentabilidade		1	.4
Sociologia do ambiente		1	.4
Sociologia do Ambiente		1	.4
Sociologia do Desenvolvimento e da sustentabilidade, e Sociologia do Ambiente		1	.4
Sustentabilidade e ambiente construído		1	.4
Sustentabilidade e análise do ciclo de vida		1	.4
Sustentabilidade e Análise do Ciclo de Vida		1	.4
TAL022 TÓPICOS EM CONFORTO AMBIENTAL		1	.4
TAL080 - Tecnologia da 1 ; TAL075 - Materiais II; TAL075 Conforto Ambiental; TAL077 Iluminação		1	.4
Tecnologia das Energias Renováveis		1	.4
TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO E SUSTENTABILIDADE		1	.4
TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO E SUSTENTABILIDADE / LEGISLAÇÃO URBANA E AMBIENTAL / URBANIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE		1	.4
Tecnologia do ambiente construído e sustentabilidade / Licenciamento ambiental / Eficiência energética das edificações / Manejo de resíduos / Manejo das Águas / Manejo de efluentes / Oficina de planejamento integrado de sub-bacias		1	.4
Tópicos em Nutrição III (Ecologia Humana)		1	.4
Tópicos em sustentabilidade		1	.4
Tópicos em Sustentabilidade		1	.4
Tópicos temáticos de Engenharia Ambiental - Crise climática: Outras disciplinas também abordam, como a de Sistema de Abastecimento de água		1	.4
Tratamento de Resíduos		1	.4
Tratamento de Resíduos Agronômicos		1	.4
Várias disciplinas discorrem sobre o tema.		1	.4
Total		112	41.3

## Tabela 37 – Opção de participação nas UC/disciplina de âmbito ambiental

Tabela 37 - Opção de participação nas UC/disciplina de âmbito ambiental

	Número	Porcentagem (%)
	159	58,7
1)obrigatória, todas as outras são optativas	1	,4
5 obrigatórias e 1 optativa	1	,4
Algumas são obrigatórias; outras, optativas.	1	,4
Ambas	2	,7
Ambas obrigatórias	1	,4
Apenas ecologia 1 e 2 são obrigatórias	1	,4
As duas primeiras pertencem ao grupo de optativas do curso diurno, e a ultima é obrigatória	1	,4
Explicado na questão acima	1	,4
Há obrigatórias e optativas	1	,4
Obrigatoria	1	,4
obrigatória	6	2,2
Obrigatória	31	11,4
Obrigatória	1	,4
Obrigatória para alguns cursos e optativa para outros	1	,4
Obrigatória.	1	,4
Obrigatórias	3	1,1
Obrigatórias e optativas.	1	,4
Obrigatórias, mas existem optativas sobre o tema para todas as áreas de estudo	1	,4
Obrigatório	2	,7
Opcional	3	1,1
Opt	1	,4
optativa	7	2,6
Optativa	31	11,4
optativa (5)	1	,4
Optativa / obrigatória / optativa	1	,4
Optativa, mas dentro de um grupo de 3 cadeiras, em que temos de escolher 2, e que todas têm algum temática ambiental.	1	,4
Optativa.	1	,4
Optativa. Acredito que a maioria seja.	1	,4
Optativas	1	,4
Optativas.	1	,4
Pode ser os dois	1	,4
Todas Obrigatorias	1	,4
Todas optativas.	1	,4
Todas são optativas	1	,4
Topicos tematicos é optativa	1	,4
Total	271	100,0

# Tabela 38 – Foco das UC/disciplina

Tabela 38 – Foco das UC/disciplina		Número	Porcentagem (%)
		159	58,7
7		1	,1
	Conceitos ecológicos, fundamentais para os diferentes aspectos do desenvolvimento sustentável. Concentração de problemas e soluções para a crise ambiental contemporânea (1) (ver na sua classificação UC000715510)	1	,1
	1 - planejamento sustentável do manejo de águas para abastecimento urbano e sistematização da malha urbana para o correto escoamento de água de chuva. 2 - projeto 3 - paisagístico	1	,1
8		1	,1
	A disciplina apresenta aos alunos as regulamentações ambientais existentes e mostra como aplicar de forma realista sustentável, dando ênfase à substituição e redução de matérias-primas	1	,1
	A disciplina consiste na criação de um projeto em colaboração com uma empresa à escolha dos alunos. O objetivo é criar um projeto com impacto menor zero. Apesar da disciplina não estar especificamente focada nos atuais problemas ambientais, o tema chega a ser abordado nos aulas finais em conjunto com outros tipos de interesse (não relacionados com os objetivos de desenvolvimento sustentável) através da apresentação geral das questões ambientais. O projeto final desta disciplina pode ser especificamente sobre o tema dos problemas ambientais se os alunos assim o preferirem	1	,1
	A disciplina de saneamento e estudos ambientais é voltada para a análise dos processos ambientais no ciclo da água	1	,1
	A disciplina foca no cálculo de energia incorporada e emissão de carbono de uma construção, e segunda sobre as legislações urbanas 1 e como se relacionam a algumas legislações ambientais, e terceira foca em práticas e sistemas sustentáveis de projetos urbanos	1	,1
	A primeira unidade para ambientes com conforto climático, que apresenta o uso de energia para este fim, e a segunda tem foco na questão do saneamento abordando cuidados com a água, e solo, etc.	1	,1
	Aborda questões relacionadas com a forma como o ser humano usa os recursos naturais, entre outras temáticas semelhantes	1	,1
	Aborda os impactos ambientais no ambiente, as consequências e formas de evitá-los	1	,1
	Aborda que foca nos impactos ambientais e como podemos entendê-los e solucioná-los	1	,1
	agropecuária	1	,1
	Anda não curar	1	,1
	Anda não curar a disciplina	1	,1
	Anda não estudar	1	,1
	Anda não faz	1	,1
	Anda não posso responder	1	,1
	Anda não vive, então não posso dizer	1	,1
	Aborda a sustentabilidade ambiental	1	,1
	apresenta os conceitos básicos para a formação da rede de água e esgoto no Brasil urbano e atuação em projetos específicos	1	,1
	Apartar as bases ecológicas que sustentam o ciclo da vida, desde como as principais poluentes advindos da intervenção humana disruptiva afeta esse sistema, além da perspectiva legalística de terra, e aborda pelo aspecto socioeconômico os desafios da preservação e mitigação de água	1	,1
	apresenta algumas legislações, normas e foca no ciclo de vida de produtos e equipamentos e processo	1	,1
	Aproximando da aplicação da sustentabilidade na arquitetura	1	,1
	Aproximando da relação entre os fatores biológicos e morfológicos que afetam a saúde humana com a atuação da humanidade no meio ambiente	1	,1
	Aborda a sustentabilidade para os quais o curso é focado	1	,1
	Avaliação responsável	1	,1
	Básico	1	,1
	Bastante bom	1	,1
	Bom	2	,7
	Ciências Sociais e Humanidades	1	,1
	Como já está sendo tratado nos artigos dos materiais e todos os recursos enviados antes deles chegarem à obra e como escolher melhor para fazer uma arquitetura menos agressiva ao meio ambiente	1	,1
	Concepção de alimentos, da nutrição e da fitoterapia. Ciclos biogeoquímicos. Legislação ambiental, estudo dos principais poluentes e resíduos no ecossistema. Preservação, tratamento, reciclagem e análise de água	2	,7
	Compreender a situação climática e ambiental e de que modo as tecnologias do design, 1 podem ser relevantes neste contexto.	1	,1
	Conceitos ecológicos, fundamentais para os diferentes aspectos do desenvolvimento sustentável. Concentração de problemas e soluções para a crise ambiental contemporânea	1	,1
	Conhecer e discutir acerca dos movimentos de desenvolvimento urbano-ambiental	1	,1
	Conhecer melhor o ambiente e correlatos como a sustentabilidade e os impactos humanos que o ser humano tem no ambiente	1	,1
	Conhecimento geral sobre as normas da União Europeia sobre o meio ambiente	1	,1
	Condição meio sustentável	1	,1
	Criação de projetos de impacto socio ambiental	1	,1
	Debate sobre a ecologia de ecossistemas visando o uso sustentável	1	,1
	Dependendo das UCs, mas pode ser desde o urbano, economia circular, criação de ecossistemas, gestão da produção e da qualidade...	1	,1
	Deixa como conteúdo introdutório em termos de ciclo, fluxos, de calor, etc.) na prática de planejamento e design urbano. Já que inicialmente ainda não aprendemos no ensino tradicional do urbanismo.	1	,1
	É uma disciplina optativa de segundo ou terceiro ano para quem ainda não é bio	1	,1
	Ecologia ambiental	1	,1
	Ecológica pública ambiental	1	,1
	Éa nos de os conceitos ecológicos do desenvolvimento sustentável, nos conscientiza dos problemas e nos ajuda com soluções para as crises ambientais	1	,1
	Elucida as pressões sobre a prática ambiental	1	,1
	Entender a que sustentabilidade é e que é ciclo de vida de um produto	1	,1
	Exercícios para os alunos e sustentabilidade como prioridade para com o meio-ambiente nos diversos âmbitos de atuação	1	,1
	Esta baseada em projetos de ecodesign e realização de matérias	1	,1
	Estou a tirar férias. O curso procura incorporar a sustentabilidade naquilo que designamos uma alimentação equilibrada. Já tivemos muitas atividades, inclusive avaliações, que nos foram úteis e organizamos planos alimentares e outros que seguem a prática de um desenvolvimento sustentável. Em Produção Fitária dos Alimentos, está era o principal núcleo	1	,1
	Estudar os ciclos biogeoquímicos e o impacto antropogênico sobre eles	1	,1
	Estudar vários temas relacionados ao meio ambiente e os impactos causados.	1	,1
	Fase de projeto ambiental, sustentabilidade, vida e sociedade	1	,1
	Fala sobre alguns conceitos, o seu ciclo de vida e os seus mecanismos e formas de regeneração	1	,1
	Fala sobre como o ambiente e a qualidade de vida afetam a saúde da população naquele meio	1	,1
	Fenômenos ambientais	1	,1
	Foco em temas atuais e artigos de desenvolvimento sustentável, sua relação na história com a política, os movimentos sociais, o artigo se questiona mais especificamente que explica os problemas ambientais que estamos passando atualmente. Aborda ao final discute projetos de sustentabilidade atuais	1	,1
	focou-se sobretudo nos ODS	1	,1
	Foco em Sustentabilidade	1	,1
	Foco em tratar os resíduos Agrícolas de forma a melhorar aspectos ambientais	1	,1
	Foco na problemática das questões ambientais que envolvem a mudança do clima	1	,1
	Implementação de projeto analítico em áreas mais sensíveis em termos de ocupação (Linha técnica de ambiente urbano creditado dentro de uma bacia hidrográfica / Compreensão da dinâmica do ciclo com o ciclo físico e como impactar a população local e compreender de como abastecer, como se relacionar com a cidade, sempre buscando a autonomia dos moradores	1	,1
	importante, mas é evolutiva, logo não profunda sobre o tema	1	,1
	Interação com o mundo ambiente e os principais focos de atuação causados pelo ser humano	1	,1
	Matéria informativa	1	,1
	Materiais, evolução da procura, novos materiais relacionados a sustentabilidade, etc	1	,1
	Muito bom Foco pertinente e bem explicado	1	,1
	Muito relacionado aos meios de contato e desenvolvimento sustentável	1	,1
	Muito grande	1	,1
	Muito útil para a sensibilização dos problemas ambientais	1	,1
	No perspectiva do meio ambiente, da agricultura convencional insustentável e nutrição	1	,1
	Não chegar a curso	1	,1
	Não é exclusivamente voltado a questão ambiental, mas aborda questões ambientais que favorecem ou prejudicam a saúde, tendo em conta os efeitos da atuação humana no meio ambiente	1	,1
	Não sei	2	,7
	Não sei, ainda não curar a disciplina	1	,1
	Não sei, não curso nenhuma delas.	1	,1
	O foco da disciplina é em análises ambientais para estudo da produção existente na hidrografia, atmosfera e fitoflora. Os temas são discutidos no sentido analítico (realização de experimentos e no sentido legislativo (normas e regulamentações existentes no Brasil referentes ao meio ambiente). Existe, nesse sentido, discussões sobre sustentabilidade e segurança ambiental	1	,1
	O foco da disciplina são os microrganismos como possibilitadores de reações de remediação de determinados problemas ambientais. Sendo que uma parte da cadeia foca nas reações e microrganismos que podem ser aplicados, e de que maneira, para tratamento de água residual (descartamento de água, etc). Para além disso, a disciplina ainda foca a possibilidade de utilizar os microrganismos como forma de degradação de plásticos compostáveis	1	,1
	O foco em produtos de uso único a nível do desenvolvimento sustentável e de que forma é e praticado	1	,1
	O modo como o meio ambiente se relaciona com o homem e as suas decisões políticas	1	,1
	O objetivo da disciplina é criar os estudantes dos conhecimentos e fundamentos necessários para compreender e atuar no novo paradigma da gestão pública, baseada na integração de ODS, de energia renovável e gestão distribuída	1	,1
	Os efeitos dos impactos ambientais e a sua mitigação	1	,1
	Para além da componente técnica que a disciplina fornece à vida de conceitos, nomeadamente referidos no início do questionário, a disciplina é dada de forma a alimentar uma iniciativa prática, através de uma investigação e de decisões de modo inovador, que nos impõe a tomar decisões	1	,1
	Passo entre o foco da disciplina como problemas ambientais/climáticos que devem ser conhecidos pelos engenheiros/florestais para que possam trabalhar de maneira a evitá-los	1	,1
	Prática teórico e experimental	1	,1
	Preferem orientar acerca de problemas ambientais, a importância da sustentabilidade e como construir e projetar de modo sustentável, e ensinar acerca de legislações ambientais, entre outros	1	,1
	Prevenção de riscos	1	,1
	Principais focos em estratégias para que se possa cumprir os objetivos de Desenvolvimento Sustentável	1	,1
	Problemas socio-ambientais e alterações climáticas	1	,1
	Procuram privilegiar a temática, mas algumas obrigações exigidas temáticas ambientais dentro do plano de ensino	1	,1
	Qualitativa analítica e pouco resolve os problemas ambientais	1	,1
	Relação entre o ser humano e o ambiente	1	,1
	Relações da Química com as problemáticas ambientais da bioquímica, hidrografia e solo	1	,1
	Saúde Ambiental/ saúde humana e ambiental/ saúde no trabalho e ambiental	1	,1
	Seu foco	1	,1
	Seu objetivo	1	,1
	Sociedade	1	,1
	Tecnologia da Construção e Materiais e Sustentáveis	1	,1
	Todos as relações que envolvem planejamento urbano e ambiente construído com meio ambiente e sustentabilidade, além da legislação ambiental relacionada	1	,1
	Todos têm suas especificidades, mas o ather para a sustentabilidade e o desenvolvimento de projetos relacionados ao meio ambiente são pontos em comum	1	,1
	Tudo da construção ambiental e do conhecimento que o engenheiro químico deve usar para preservar o ambiente	1	,1
	Tratamento de resíduos sólidos	1	,1
	Varia de acordo com o semestre	1	,1
	Varia em cada disciplina, mas costumam ser bastante artísticas com a problemática ambiental	1	,1
	Via propor ao aluno a atuação de conhecimentos, habilidades e atitudes na área de Química Ambiental com a formação específica	1	,1
	Voltado totalmente a sustentabilidade e meio ambiente	1	,1
	x	1	,1
	Total	271	100,0

# Tabela 39 – Distribuição de UC/disciplina por IE

Tabela 39 - Distribuição de UC/disciplina por IE

	UFMG	UNL	Total
"Conforto Térmico e Climatização de Ambientes" e "Saneamento e Estudos Ambientais"	57	102	159
"Ecodesign e Meio Ambiente"	1	0	1
1	1	0	1
1 - MANEJO DAS ÁGUAS 2-SISTEMAS PREDIUM PARA CONSTRUÇÕES SUSTENTÁVEIS 3- PAISAGEM E MEIO AMBIENTE	1	0	1
1 / Saneamento e Estudos Ambientais / Planejamento urbano / Conforto ambiental	1	0	1
1/Saneamento e estudos ambientais 2)con.ambiente const. e sustentabilidade 3)topicos em estudos sociais e ambientais 4)ecologia e meio ambiente entre outras	1	0	1
90% das normas uma vez que sou Engenheiro do Ambiente	0	1	1
ACR026; TAU035; TAU022; SQ4022; TAU046; TAU070	1	0	1
Alguma PFEIX aborda essa temática, também sei da disciplina Legislação Ambiental e TAU081	1	0	1
Ambiente e Desenvolvimento Sustentável	0	1	1
Ambiente e Planejamento Biológico / Dinâmicas do Espaço Rural	0	1	1
Arquitetura vernácula	1	0	1
Avaliação de Impacto ambiental	1	0	1
Bases ecológicas para desenvolvimento sustentável	1	0	1
Bases Ecológicas Para Desenvolvimento Sustentável	1	0	1
Bases ecológicas para o desenvolvimento sustentável	2	0	2
Bases Ecológicas para o Desenvolvimento Sustentável	1	0	1
Bases Ecológicas Para o Desenvolvimento Sustentável	1	0	1
Bases ecológicas para o desenvolvimento sustentável; entre outras	1	0	1
Bases ecológicas para o desenvolvimento sustentável; Ecologia 1 e 2; Recuperação de ambientes degradados	1	0	1
Bases para desenvolvimento sustentável	1	0	1
Bioética ambiental	0	2	2
Bioética Ambiental	0	1	1
Biorremediação	0	1	1
Ciência, tecnologia e sociedade	0	1	1
Clima e Alterações Climáticas	0	1	1
Contabilidade Ambiental	0	0	1
Curso ambiental	0	1	1
É sobre licenciamento ambiental	1	0	1
Ecodesign e meio ambiente	1	0	1
Ecodesign; Biorética e Biomimética; Design e Território	1	0	1
Ecologia	0	1	1
Ecologia (obrigatoria)/desenvolvimento sustentável (optativa), gestão ambiental (optativa) e outras optativas	1	0	1
Ecologia e Desenvolvimento Sustentável	0	1	1
Ecologia Florestal	0	0	1
Ecologia Geral	1	0	1
Ecologia Humana	0	3	3
Ecologia I e II	1	0	1
Economia Sustentável	0	1	1
Educação ambiental/Bases ecológicas para o desenvolvimento sustentável	1	0	1
Educação e interpretação ambiental	1	0	1
Ética e responsabilidade social	1	0	1
Existem várias disciplinas de conteúdo socioambiental no curso de Engenharia de Minas (http://www.demex1.ufmg.br/disciplinas)	1	0	1
Formação Complementar em Química Ambiental	1	0	1
Fundamentos de Ecologia	0	1	1
Geonofisiologia/Climatologia/Geografia Urbana	0	1	1
Gestão Ambiental e Tratamento de resíduos de indústria de alimentos	1	0	1
Gestão de projetos com impacto	0	1	1
Há algumas, como disciplinas de Saneamento. Mas vou citar uma que estou cursando atualmente: Clima e Planejamento Urbano	1	0	1
Há disciplinas que permeiam o assunto, mas não tem nenhuma específica	1	0	1
ICB / Biorética	1	0	1
Impacto Ambiental	1	0	1
Incêndios florestais	1	0	1
Introdução à Engenharia Ambiental	1	0	1
Juh	0	1	1
Licenciamento ambiental, oficina de sub-bacias, sustentabilidade ambiental	1	0	1
Licenciatura em educação de campo	1	0	1
Managing Impactful Projects	0	1	1
Meio ambiente	1	0	1
não sei exatamente, mas existe uma com esse intuito	1	0	1
Não sei o nome específico	1	0	1
Nutrição	1	0	1
Planejamento Ambiental/Gestão de Resíduos/Outras	1	0	1
Problemas Globais do ambiente	0	1	1
Processos ambientais	1	0	1
Processos Para Proteção Ambiental	1	0	1
Produção primária dos alimentos, Alimentação Humana, Nutrição Humana	0	1	1
Projetos de Impacto sócio ambiental	1	0	1
Projetos de Impacto Socioambiental	1	0	1
Projetos para preservação e uso sustentável do patrimônio cultural e natural (PFEIX), Urbanismo 1, Interfície para a articulação socio-espacial no espaço comum do córrego Cercadinho	1	0	1
Proteção ambiental	1	0	1
Química ambiental	0	1	1
Química Ambiental	1	0	1
Química ambiental	1	0	1
Química Ambiental	2	0	2
Química ambiental C	2	0	2
Química Ambiental C	1	0	1
Química Bacharelado / Biotecnologia Ambiental, Radioatividade e Meio Ambiente, Química Orgânica Ambiental, Reciclagem e Tratamento de Resíduos Industriais	1	0	1
Química Verde	0	1	1
Saneamento, Hidráulica	1	0	1
Saúde ambiental	1	0	1
Saúde Ambiental	1	0	1
Saúde ambiental,vigilância da saúde, saúde e trabo	1	0	1
Saúde Coletiva	1	0	1
Saúde Coletiva, Microbiologia Aplicada a Enfermagem, Epidemiologia, Políticas de Saúde no Brasil, Parasitologia Humana, Capacitação Pedagógica Aplicada a Enfermagem	1	0	1
Saúde e Ambiente	1	0	1
Seleção de materiais e sustentabilidade	0	1	1
Sociologia do ambiente	0	1	1
Sociologia do Ambiente	0	1	1
Sociologia do Desenvolvimento e da sustentabilidade; e Sociologia do Ambiente	0	1	1
Sustentabilidade e ambiente construído	1	0	1
Sustentabilidade e análise do ciclo de vida	1	0	1
Sustentabilidade e Análise do Ciclo de Vida	1	0	1
TAU022 TOPICOS EM CONFORTO AMBIENTAL	1	0	1
TAU090 - Tecnologia da 1 ; TAU076 - Materiais II; TAU075 Conforto Ambiental ; TAU77 Rumação	1	0	1
Tecnologia das Energias Renováveis	0	1	1
TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUIDO E SUSTENTABILIDADE	1	0	1
TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUIDO E SUSTENTABILIDADE / LEGISLAÇÃO URBANA E AMBIENTAL / URBANIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE	1	0	1
Tecnologia do ambiente construídos e sustentabilidade / Licenciamento ambiental / Eficiência energética das edificações / Manejo de resíduos / Manejo das águas / Manejo de efluentes / Oficina de planejamento integrado de sub-bacias	1	0	1
Temas em Nutrição II (Ecologia Humana)	1	0	1
Temas em sustentabilidade	1	0	1
Temas em Sustentabilidade	1	0	1
Temas temáticos da Engenharia Ambiental - Crise climática. Outras disciplinas também abordam, como a de Sistemas de Abastecimento de água	1	0	1
Tratamento de Resíduos	1	0	1
Tratamento de Resíduos Agrícolas/Outras	1	0	1
Várias disciplinas decorrem sobre o tema.	1	0	1
<b>Total</b>	<b>139</b>	<b>132</b>	<b>271</b>

## Tabela 48 – Práticas de SA nas IES

Tabela 48 - Práticas de SA nas IES

	Nº	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio
[4.1. A minha IES promove práticas ou novos hábitos de consumo e estilo de vida sem desperdícios.]	271	1	5	3,42	,899
[4.2. A minha IES tem procurado inovar o seu campus tornando-o mais sustentável.]	271	1	5	3,75	,990
[4.3. A minha IES procura gerar menor quantidade de lixo possível.]	271	1	5	3,37	,908
[4.4. A minha IES preocupa com o bem-estar e a saúde da comunidade.]	271	1	5	4,00	,915
[4.5. A minha IES adota ações que permitem a comunidade participar e tomar conhecimento e aprendizado sobre meio ambiente e inspiração de construções sustentáveis.]	271	1	5	3,60	,933
[4.6. A minha IES procura evitar a circulação de papel (por exemplo, materiais impressos).]	271	1	5	3,07	1,027
[4.7. A minha IES incentiva a troca ou doações de materiais impressos que já não é útil.]	271	1	5	3,06	1,024
[4.8. A minha IES incentiva a compra de materiais em segunda mão.]	271	1	5	2,96	,864
[4.9. A minha IES não usa descartáveis nas cantinas, cafés ou outros estabelecimentos semelhantes no campus (por exemplo, palhinhas/canudinhos, talheres ou pratos de plástico).]	271	1	5	3,11	1,269
[4.10. A minha IES incentiva a reciclagem de tudo o que não se pode reutilizar.]	271	1	5	3,54	,938
[4.11. A minha IES procura reduzir a quantidade de energia gasta, desligando eletrônicos e eletrodomésticos em stand by, luzes desnecessárias, entre outros.]	271	1	5	3,24	,947
[4.12. Incentiva a redução do uso desnecessário de água.]	271	1	5	3,54	,926
[4.13. A minha IES incentiva o consumo responsável, incutindo nos alunos o hábito de consumir apenas o que é necessário.]	271	1	5	3,25	,897
[4.14. A minha IES procura combater o consumo desnecessário.]	271	1	5	3,26	,839
N válido (de lista)	271				

## Tabela 50 – Ensino\_SA\_IES\_discentes

Tabela 50 - Ensino\_SA\_IES\_discentes

	Nº	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio
[5.1. A minha IES ajuda reconhecer que o aquecimento global e as mudanças climáticas são reais, e procura manter-me atualizado(a) sobre estas problemáticas.]	271	1	5	3,78	,951
[5.2. A minha IES ajuda reconhecer que o aquecimento global e as mudanças climáticas são reais, e que posso contribuir de alguma forma para melhorar estas problemáticas.]	271	1	5	3,73	,968
[5.3. A minha IES ajuda reconhecer que é necessário poupar os recursos naturais para preservar o planeta.]	271	1	5	3,86	,912
[5.4. A minha IES sensibiliza para a dimensão da pegada ecológica de cada pessoa.]	271	1	5	3,45	,987
[5.5. A minha IES ajuda-me reconhecer que adotar um comportamento ambientalmente responsável contribui para a sustentabilidade ambiental.]	271	1	5	3,76	,960
[5.6. A minha IES induz-me a preocupação com os possíveis impactos que os problemas ambientais podem ter na saúde e bem-estar da humanidade.]	271	1	5	3,76	,938
[5.7. A minha IES introduziu-me ao tipo de consumo consciente, tendo influenciado a minha motivação e sensibilização para este novo estilo de vida responsável.]	271	1	5	3,25	1,070
[5.8. As iniciativas ambientalmente responsáveis que a minha IES adotada, influenciam no meu comportamento pro-ambiental.]	271	1	5	3,46	,984
[5.9. As práticas pro-ambiental que a minha IES promove proporciona a comunidade, interna e externa, experiências voltadas à Sustentabilidade Ambiental.]	271	1	5	3,55	,937
[5.10. As experiências voltadas à Sustentabilidade Ambiental tendem moldar o comportamento das pessoas tornando-o mais favorável à preservação do meio ambiente.]	271	1	5	4,05	,844
N válido (de lista)	271				

## Tabela 52 – Comportamento\_individual\_SA

Tabela 52 - Comportamento\_individual\_SA

	Nº	Mínimo	Máximo	Média	Erro Padrão
[6.1. Reconheço que os meus atos e práticas de consumo resultam em benefícios para a sociedade atual, por mais pequenos que sejam.]	271	1	5	4,30	,810
[6.2. Reconheço que ao consumir e praticar um estilo de vida mais sustentável contribuo positivamente para a sociedade e as gerações futuras.]	271	1	5	4,56	,701
[6.3. Entendo que ao consumir apenas o que é necessário estou a cuidar de mim e de outros (família, amigos, comunidade no geral).]	271	1	5	4,43	,732
[6.4. Sinto uma certa responsabilidade de, enquanto aluno/a universitário, contribuir para a preservação do meio ambiente.]	271	1	5	4,34	,823
[6.5. Entendo que, enquanto aluno/a universitário, devo, com mais responsabilidade, adotar comportamentos pro-ambiental.]	271	1	5	4,20	,904
[6.6. Preocupo-me com os possíveis impactos que os problemas ambientais podem ter na saúde e bem-estar da humanidade.]	271	1	5	4,50	,725
[6.7. Entendo que, enquanto aluno/a universitário, devo praticar o bem pela comunidade e sociedade em que me encontro inserido.]	271	1	5	4,43	,761
[6.8. Sinto pressão da parte da minha IES para praticar um consumo e estilo de vida mais consciente e amigo do ambiente.]	271	1	5	2,77	1,182
[6.9. Compro produtos em segunda mão como forma de economizar, para além de contribuir para uma menor produção de desperdícios e poupar os recursos naturais.]	271	1	5	3,31	1,121
[6.10. Procuro gerar a menor quantidade de lixo possível.]	271	1	5	3,86	,936
[6.11. Faço a seleção e descarte do lixo que produzo. Ou seja, procuro reciclar tudo o que não já não posso reutilizar.]	271	1	5	3,72	1,224
[6.12. Procuro poupar a água, usando-a conscientemente.]	271	1	5	4,15	,889
[6.13. Procuro reduzir a quantidade de energia que gasto, desligando eletrónicos e eletrodomésticos em stand by, luzes desnecessárias, entre outros.]	271	1	5	4,03	,992
[6.14. Evito comprar bens materiais desnecessários, apostando apenas naquilo que me é essencial.]	271	1	5	3,82	1,074
[6.15. Procuro incutir nos meus familiares e amigos a importância de um estilo de vida mais amigo do ambiente.]	271	1	5	4,00	1,011
N válido (de lista)	271				

## Tabela 54 – Motivações pessoais por IE

Tabela 54 - Motivações pessoais por IE  
Contagem

	UFMG	UNL	Total
	103	123	226
	0	1	1
A questão de economia de água e luz é importante por também ser uma questão econômica. Tais recursos são caros financeiramente.	1	0	1
A sustentabilidade da natureza e visar o próximo que passa necessidade	1	0	1
Acreditar que precisamos conservar e cuidar daquilo que Deus deixou para nós, como responsabilidade (minha crença)	1	0	1
Acredito a sustentabilidade é um posicionamento contra a sociedade capitalista e a busca por uma sociedade justa. Talvez para alguns a temática ambiental não esteja tão presente na vida, mas a simples ideia de uma sociedade justa sim. Esse futuro socialmente justo também só será possível através da mudança da nossa relação com o meio ambiente. Os problemas ambientais também afetam primeiramente aqueles com piores condições de vida, os mais pobres. etc.	1	0	1
Acredito que um consumo sustentável afete diretamente em economia financeira.	1	0	1
Ajudar o planeta, tentando reduzir o número de extinções de outros animais antes da inevitável extinção dos humanos.	1	0	1
Além de buscar um consumo consciente e evitar o desperdício e descarte, sigo um estilo de vida vegano devido à problemática ambiental da agropecuária e ao respeito com os animais	1	0	1
Baixa renda	1	0	1
Caso a sociedade humana não mude, o Planeta está perdido. Já deveria ter começado controle de natalidade global e meios de reduzir a população atual.	1	0	1
Consciência familiar	0	1	1
Creio que o consumismo exagerado faz mal para a saúde mental das pessoas, pois as levam a acreditar que sempre precisar de mais bens, nunca estando felizes com o que possuem. Ao procurar reduzir meu consumo, não apenas poupo dinheiro e pratico um comportamento mais ambientalmente saudável, mas também contribuo para a minha própria felicidade.	1	0	1
Economia de dinheiro.	1	0	1
Economia e minimalismo	1	0	1
Excesso de lixo produzido e cadeia de produção que possivelmente utiliza da mão de obra de pessoas que estão em situação de vulnerabilidade	1	0	1
Influência familiar e educação ambiental desde a infância	1	0	1
Não consumo carne e estou organizada num coletivo que pauta a questão ambiental. Acredito que mudanças estruturais na sociedade precisam ser feitas para termos uma possibilidade de existência nas próximas gerações.	1	0	1
o bem estar não somente das pessoas, mas de quaisquer seres vivos	1	0	1
O gosto pela natureza e biodiversidade saudável.	0	1	1
O medo do futuro, um pensamento muito frequente para quem aos 20 anos está a começar a vida. Notícias sobre catástrofes. Civismo.	0	1	1
O minimalismo enquanto estilo de vida.	1	0	1
O sucesso da raça humana como espécie depende não apenas do sucesso reprodutivo, mas também da utilização sustentável dos recursos do meio ambiente. Atualmente essa balança não está equilibrada, é hora de frear o consumismo e dizer chega para as indústrias e governos que são alheios ou mesmo contribuem deliberadamente para a destruição dos ecossistemas, e isso se equivale, na minha perspectiva, ao genocídio. Como diria Greta thunberg "o crescimento econômico eterno é um conto de fadas". Enquanto o PIB e o lobby continuarem valendo mais que a consciência socioambiental, inviabilizaremos a consolidação das próximas gerações ( não porque eles morrerão virgem tal qual Newton, mas porque o apocalipse não o da Bíblia, mas o de Darwin virá) e nem mesmo as "fadas" do crescimento econômico poderão te salvar	1	0	1
Pegada ecológica, problemas relacionados com a destruição de ecossistemas, limpeza e pureza do ar e das ruas da minha localidade, entre outros	0	1	1
Pensamento a longo prazo, o mundo que deixarei para futuras gerações	1	0	1
Pensar na desigualdade social e que o consumo exagerado de bens materiais só da mais recursos para grandes empresas gerar lucro aumentando mais a desigualdade social. Procuo comprar sempre de pequenas empresas ou de artesãos.	1	0	1
Por motivo de economia financeira, usar mais energia, água desnecessariamente paga se mais pelo serviço, que foi desperdiçado.	1	0	1
Poupar dinheiro com contas	1	0	1
Preocupação com a situação climática global e como isso pode afetar as futuras gerações e meus descendentes	1	0	1
Preocupar com o bem estar do planeta e das gerações futuras	1	0	1
Principalmente pressão social. No caso da roupa, por exemplo, devo estar sempre bem apresentada.	0	1	1
Quando parei de comer carne, passei a me inteirar mais das causas ambientais	1	0	1
Questões éticas, saber que há pessoas que vivem em condições miseráveis por todo o planeta e que os recursos devem ser mais bem geridos para evitar isso	0	1	1
Questões financeiras	1	0	1
Racionalidade e economia.	1	0	1
Razões financeiras	0	1	1
Satisfação, prazer e organização. Se consumo o que o preciso gero economia financeira, poupo recursos e retribuo mesmo que pouco para evitar piorar ainda mais nossa qualidade de vida.	1	0	1
Se optar por consumo sustentável for mais barato também existe um incentivo	1	0	1
Ser aluna de Geografia e Planejamento Regional, obtendo conhecimentos essenciais para a mudança do meu comportamento perante o ambiente	0	1	1
ser uma pessoa melhor	1	0	1
Sou Bióloga e trabalho com ecologia.	1	0	1
veganismo	1	0	1
Vegetarianismo	1	0	1
Ver os impactos que já estamos tendo no mundo, como derretimento das geleiras, ondas de calor e de frio etc, já são suficientes para que pratique um consumo e estilo de vida sem desperdício, uma vez que, não quero em hipótese alguma que esse cenário se agrave.	2	0	2
Vou caminhando p Universidade, evito o consumo de combustível; Evito festas desreguladas na Universidade, pois no fim gera acumulo de lixo e usos de drogas; Uso a leitura digital p evitar gerar copias de papel; Evito uso drogas (cigarro/maconha) comum nos corredores e patios da 1; Evito pixações nas paredes da 1, comum no campus	1	0	1
Total	139	132	271

## Tabela 73 – Práticas elencadas

Tabela 73 - Práticas elencadas pelos alunos por IES

Contagem	UFMG	UNL	Total
"taxa de plástico". a compra de um produto com plástico (eg: garrafa), implica ao pagamento de uma taxa.	0	1	1
A minha IES (1) realiza o manejo de duas das maiores áreas verdes de Belo Horizonte, mantendo diversos programas de recuperação da fauna e flora local. Também realiza outras ações no jardim zoológico de Belo Horizonte, pesquisa relativas à manutenção e manejo de parques e reservas em todo o Estado de Minas Gerais. Também há projetos de requalificação de escolas municipais de Belo Horizonte com a instalação de sistemas de energia solar. Todas as ações com equipes compostas por estudantes voluntários e bolsistas, que tem sua formação acadêmica e atuação profissional pautada pelas experiências mencionadas.	1	0	1
A proteção da fauna e flora da IES, EcoCampus, Reutilização e restauração de materiais antigos	0	1	1
A sustentabilidade sempre é abordada em disciplinas, principalmente as que não são o foco do assunto	1	0	1
Adoção de projetos como o Thirst Project, utilização de autocolantes que apelam ao desligar das luzes quando não são necessárias...	0	1	1
Atividades de pesquisas avançadas em prol da sustentabilidade	1	0	1
<b>Campanhas junto a comunidade, descarte correto de pilhas e baterias</b>	1	0	1
Comida saudáveis, promove projetos como do manuelzao	1	0	1
Compostagem	1	0	1
Conscientização de que as mudanças devem ser aplicadas não apenas no contexto individual, mas também nos grandes poluidores: fábricas e transportes. Apelo à circulação através de meios não poluentes (ou menos poluentes).	0	1	1
<b>Criação de copos de café reutilizáveis. Nas máquinas de café temos a opção de escolher se queremos copo ou se já temos o reutilizável. Caso já tenhamos o café fica mais barato.</b>	0	1	1
Divulgação científica acerca do tema, adaptando a linguagem para que a mensagem chegue e cause impacto nas comunidades onde a desigualdade e o acesso a informação limitam a consciência socioambiental acerca dos hábitos individuais de preservação e consumo sustentável.	1	0	1
Eco-cinzeiros disponibilizados pela AE, organização de manifestações estudantis em defesa do meio ambiente	0	1	1
Exemplo: coleta de eletrônicos, como circuitos, computadores velhos, para reciclagem.	1	0	1
Há projetos mais específicos que lidam com essas temáticas e abordam essas discussões. Projetos de pesquisa e extensão, por exemplo.	1	0	1
Incentiva algumas feiras ecológicas, com venda de produtos sustentáveis de produção pequena.	1	0	1
Incentivar alunos para reduzir o lixo produzido	0	1	1
Limpezas da praia por parte de alguns alunos	0	1	1
Lixos para matérias recicláveis	2	0	2
Minha IES (1 - Brasil) compõe equipes para auxiliar a fiscalização dos efeitos pós-tragédia das rupturas de barragens de minério de ferro em Minas Gerais. São acompanhados os impactos ambientais e sociais imediatos e tardios. Os relatórios das observações auxiliam os governos e a justiça. // Minha IES mantém em todos os campus uma rede de coleta de pilhas, baterias e equipamentos eletrônicos que não estão mais em uso.	1	0	1
Não conheço	1	0	1
Não deitar beatas para o chão	0	1	1
não sei explicitar	0	1	1
<b>Parte da energia da FCT 2 é obtida através de um painel solar</b>	0	1	1
Por exemplo, a redução no uso de plástico no cotidiano	0	1	1
<b>Por se tratar se um curso de Design, vários projetos são desenvolvidos de professores com alunos com a finalidade de transformar materiais que seriam descartados, em novos produtos.</b>	1	0	1
<b>Produz energia solar no campus</b>	0	1	1
Projeto de utilização de água do lençol freático nas situações que não exige o uso água potável. Preservação de área verde no campus principal da IES que ocupa cerca de 70% da área, sendo a maior fração desta área arborizada foi transformada em um Parque Ecológico.	1	0	1
Projetos de extensão que os alunos ajudam e desenvolvem ações para o meio ambiente	1	0	1
Projetos de Recuperação ambiental (manuelzao/Rios)	1	0	1
<b>Promoção da Utilização de bicicletas no deslocamento para a faculdade</b>	0	1	1
Promoção dos ODS pelo campus	0	1	1
Promove ações de educação ambiental para a comunidade em geral, principalmente crianças da rede pública de ensino	1	0	1
recolha de lixo na praia	0	1	1
Temos sempre, ao longo do ano, atividades que nos permitem doar roupa, brinquedos, comida aos que necessitam. Para além desta, todos os produtos usados em aulas são 100% reutilizados caso possível e reciclados.	0	1	1
Uh	0	1	1
Utilização de energia solar.	0	1	1
<b>workshops e feiras/lojinhas junto a comunidade, para incentivo e consumo sustentável</b>	1	0	1
<b>Total</b>	<b>139</b>	<b>132</b>	<b>271</b>